UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Filologia e Língua Portuguesa

Aspectos lingüísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas.

Iraildes Almeida Sales

São Paulo
2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Filologia e Língua Portuguesa

Aspectos lingüísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas.

Iraildes Almeida Sales

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Orientadora (a): Profa. Dra. Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais

São Paulo
2007

À Sofia, minha filha,
tão pequena e tão grande.

Agradecimentos

Para além do que aqui ficará registrado, deixo meus sinceros agradecimentos aos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu pudesse vencer as etapas que me levaram à escrita desta dissertação.

À frente, eternos agradecimentos à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Aparecida Torres. Especialmente, pelos estímulos e também pela confiança na minha capacidade; com muito respeito, acentuo o carinho que tenho por ela, crescido no reconhecimento grato a cada situação em que a vida particular forçou-me a recorrer à sua generosidade e tolerância.

A meus pais, irmãos e à minha tia avó Iva Maria, presentes durante todo o curso, apoiando-me em todos os segmentos de minha vida, minha consideração distinta, que será sempre expressa pelo amor que lhes dedico, esse que nos une e nos faz fortes e vitoriosos na solidariedade entre nós.

Não deixaria de acentuar meus agradecimentos a todas as pessoas (familiares, amigos, vizinhos, informantes diretos e indiretos) que me ajudaram na constituição do *corpus*. Não apenas pela contribuição decisiva para a realização do meu trabalho, mas pelas virtudes com elas re-aprendidas, nobres ensinamentos para a vida. Aqui, não comportaria listar nomes, mas saibam que estão bem gravados na minha memória.

À Secretaria de Educação do Estado da Bahia, pelo respeito e atenção a meus direitos, especialmente àqueles envolvidos no meu pedido de licença e pela agilidade no seu tratamento. Nesse quadro, gostaria de destacar a ilustre Secretária de Educação**,** Profa. Anaci Bispo Paim.

À Universidade de São Paulo (USP) à Coordenação de Assistência Social (COSEAS), ao Conjunto Residencial da USP (CRUSP), inúmeros agradecimentos pelas contribuições.

À CAPES, agradeço pela assistência financeira.

Aos professores do Departamento de Letras Clássicas da USP. Agradeço, especialmente, aos professores Ataliba de Castilho (USP) e Ilza Ribeiro (UFBA) pelas observações feitas no processo de minha Qualificação. Incluo ainda as professoras Célia Lopes (UFRJ) e Zenaide Carneiro (UEFS), pelas contribuições na produção inicial desse trabalho.

Aos amigos, aqui mencionados ou não, integrantes inesquecíveis em minha trajetória, com atuação imensamente reconhecida por mim, ficam**,** as muitas boas lembranças, as quais somente fortalecem a nossa amizade. Ao Alan Brito, parceiro, cúmplice, encorajador da rotina "uspiana", minhas mudas palavras por não ter como revelar meus sinceros e profundos agradecimentos. Por tudo, eis a nossa AMIZADE, embalagem da nossa relação, consagrada principalmente pela comunhão de nossas idéias e princípios. À Ilnara Brandão, gratidão carinhosa pelos estímulos e votos de confiança, esses que alimentaram as minhas determinações para iniciar essa etapa de estudo. À Helânia Carneiro, distante, mas incondicionalmente presente e participativa em tudo**,** meu obrigada –especialmente- pelas alegrias, tão necessárias ao meu perfil psicológico.

À Andréa Colsato, eternos agradecimentos pelas sugestões maduras e pela companhia em momentos acadêmicos e extra-acadêmicos, esses que aqueceram os invernos paulistanos. A Adílson Góes e Maria Maia, colegas admiráveis, um abraço saudoso na forma de gratidão pelo carinho e pela contribuição na minha maneira de ler e viver o mundo. À Érika Inoue, abraços calorosos pelo companheirismo e contribuição nos estudos.

À Margoth Vigo e Renata Toscano, companheiras, guardarei as melhores imagens dos nossos dias e, na expressão de um sorriso calado, fica consagrada a alegria e gratidão pela sua participação, colorindo meus últimos semestres no CRUSP.

E, finalmente, os mais fervorosos agradecimentos à minha filha, Sofia, tão pequenina e tão forte, crescendo junto aos meus esforços! Pela sua admirável resistência às situações difíceis, pela compreensão e muito ânimo perante toda e qualquer situação, quer fosse agradável ou ameaçadora à sua comodidade.

E, a Deus, na figura e forma particular de tê-lo comigo, imensa gratidão pelo merecimento de toda e qualquer vitória que se somam e que se projetam a partir desta etapa.

Resumo

A pesquisa apresenta a organização de um *corpus* inédito constituído de cartas pessoais da Bahia escritas nos anos 40 do século XX. A partir desse *corpus* foram reunidos fatos sociais que contam a história da região, ao mesmo tempo em que foram observados fatos lingüísticos que caracterizam o dialeto dos informantes e que representam características próprias do português brasileiro (PB). Dentre os fenômenos lingüísticos observados no *corpus* e que representam particularidades dialetais, os pronomes pessoais destacam-se com registros marcantes. Esse fato motivou e definiu o objeto de estudo desse trabalho: os pronomes pessoais. Apresento uma amostra de dados que reúnem os usos efetivos dos pronomes pessoais no *corpus* e os observo a partir de um modelo de análise empírica com tratamento quantitativo e qualitativo. Trago também para o cenário desse trabalho dados secundários como as cartas pessoais do Conde do Pinhal, quem fundou, em 1857, a cidade de São Carlos, nos sertões da Província de São Paulo. Parto dessa referência, o Conde do Pinhal, que escreve para Anna Carolina (Naninha), sua esposa, pois são pessoas da elite, de condição social nobre e escolaridade supostamente[1] avançada, e observo até que ponto seria possível associar a forma do uso dos pronomes pessoais dos meus informantes à condição de sua escolaridade. Por meio desses dados e de resultados de pesquisas que tratam do sistema pronominal do PB, busco refletir sobre como o uso dos pronomes pessoais se manifesta de modo comum nas variedades do português brasileiro padrão e não-padrão.

Palavras-Chave: História social; Organização de *corpus*; Português não-padrão; Mistura de tratamento; Variação pronominal

SALES, Iraildes Almeida. Aspectos lingüísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas. 2007. 366 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

[1] Observa-se realização de concordância e regência verbal de acordo com os ditames da gramática tradicional, além da ortografia revelar bons conhecimentos notacionais.

Abstract

This research work presents the achievements for an unreleased corpus with personal letters written in Bahia during 1940s in XX century. From that *corpus* social aspects were joined together which tell us the region history as well as were observed linguistics aspects which characterize the informers' dialectic and represents characteristics of Brazilian Portuguese – "PB". Among the linguistics phenomena observed in the *corpus* and represents dialectic particularities, the personal pronouns highlight themselves with significant registers. This reason motivated and defined the object of research of this work: the personal pronouns. I present a select of data which join the effective usages of the personal pronouns the *corpus and I observe* them from a pattern of an empiric analysis with quantitative and qualitative approaches. I also bring to this work scenery personal other data as Conde do Pinhal's personal letters who founded São Carlos town in 1857, in the "sertões" of São Paulo. Conde do Pinhal writes to his wife, Ana Carolina, they are noble, wealthy and well-educated people and then I observe that up to what level is possible to associate the usage of personal pronouns of my informers to the condition of their education. Through these aspects and the results of the research that studies the system of the pronouns of PB, aims to reflect about as the usage of personal pronouns shows themselves in an usual way in the variations of the Brazilian Portuguese standard and non-standard.

Keywords: Social History; Organization of *corpus*; Effective Usage of the Personal Pronouns

SALES, Iraildes Almeida. Social and Linguistics aspects of the personal pronouns usage in personal bahiana letters. 2007. (Master in Portuguese Language) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Sumário

INTRODUÇÃO ---------- 09

CAPITULO I

1 Fundamentos teóricos e metodológicos ---------- 13

CAPÍTULO II

1 Estudos Sobre História Social ---------- 18

2 Apresentação do Município de Riachão do Jacuípe – Bahia – configuração atual 19

3 Primeiros informes sobre a região: origens e povoamento ---------- 20

4 Evolução política e social de Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe e a formação dialetal dos jacuipenses ---------- 28

4.1 Aspectos culturais que influenciaram a formação dialetal da população jacuipense ---------- 30

4.2 Mobilidade social no sertão baiano em início do Séc. XX ---------- 32

5 Sobre a educação formal em Riachão do Jacuípe: as primeiras instruções educacionais, condição e acesso ao letramento ---------- 34

6 Subsídios gerais para a descrição da modalidade lingüística nos manuscritos pessoais ---------- 40

CAPÍTULO III

1 Estudos Lingüísticos - motivação inicial ---------- 44

2 Os pronomes pessoais: objeto de estudo ---------- 45

2.1 Sobre os pronomes pessoais: norma e uso no português brasileiro ---------- 46

2.1.1 Tradição gramatical ---------- 46

2.1.2 Algumas considerações sobre o normativismo com o uso dos pronomes pessoais ---------- 48

2.1.3 Usos efetivos dos pronomes pessoais: resultados de pesquisas lingüísticas ---------- 50

CAPÍTULO IV

1 O *Corpus* ---------- 66

1.2 Constituição ---------- 67

1.2.1 Escolaridade dos informantes: condição e acesso ao letramento ---------- 71

1.2.2 Principais remetentes e destinatários > Carlinda e Roque, um pouco de sua história ---------- 72

2. Participação dos informantes na produção dos documentos ---------- 73

2.1 Participação de autores Femininos (F) e Masculinos (M) no universo das correspondências ---------- 73

2.1.1. Estratégias usadas considerando-se o sexo dos informantes ---------- 74

2.2 Critérios para leitura dos manuscritos ---------- 81

2.2.1 Apresentação e leitura dos manuscritos---------- 82

CAPÍTULO V

1 Análise dos dados---------- 115

2 Variedades das estratégias utilizadas para referência ao interlocutor ---------- 116

2.1 Participação das variedades de estratégias: resultados empíricos---------- 116

3 Presença dos pronomes no contexto dos manuscritos---------- 125

3.1 Comportamento dos pronomes pessoais no cenário do *corpus*---------- 127

4 Participação dos pronomes na função de sujeito ---------- 128

4.1 Presença x ausência dos pronomes na função de sujeito de acordo com o período ---------- 131

4.2 Presença dos pronomes pessoais realizados na função de sujeito---------- 133

5 Participação dos pronomes pessoais na função de complemento---------- 139

5.1 Complementos de verbos ---------- 139

5.2 Complementos de preposição ---------- 151

6 Os pronomes possessivos no universo do *corpus*---------- 155

CONSIDERAÇÕES FINAIS 159

Referências---------- 162

Anexo A ---------- 169

Anexo B ---------- 172

Anexo C ---------- 178

Anexo D ---------- 180

Anexo E ---------- 236

Anexo F ---------- 353

Anexo G ---------- 363

1 Introdução

Nos últimos anos, diversos estudos têm sido desenvolvidos com base em dados do português brasileiro (PB). Grande número de pesquisadores tem voltado sua atenção para fenômenos lingüísticos que apontam diferenças entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE). Os resultados de pesquisas incentivam cada vez mais a busca de amostras de usos lingüísticos que favoreçam a descrição de características próprias da variante brasileira.

Dentre as particularidades observadas sobre o português brasileiro, os pronomes pessoais destacam-se pelos usos inovadores que deles têm feito seus falantes. Dessa forma, sistema pronominal vem sendo objeto de estudo de vários trabalhos que atendem aos objetivos do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB).

O estudo que ora desenvolvo abrange os três campos de atividades nos quais se estruturou o referido projeto PHPB, a saber: organização de *corpora*; estudos sobre história social lingüística e estudos sobre mudança gramatical.

O *corpus*, parte que integra essa pesquisa, é constituído por manuscritos inéditos datados da década de 40, século XX, provenientes da cidade de Riachão do Jacuípe-BA. Esse material não somente favorece a descrição da variedade lingüística que cobre os próprios manuscritos, mas também permite viabilizar deduções mais amplas sobre os usos da língua por parte da comunidade de onde se originam os documentos. É composto predominantemente de cartas pessoais. Bilhetes e dedicatórias cuja autoria é de informantes da mesma região e algumas composições poéticas, usadas em eventos escolares, também o integram.

Os bilhetes, por seus conteúdos informativos, apresentam-se como instrumentos essenciais de comunicação entre as pessoas de convívio muito próximo na região. Assim sendo, não poderiam ser excluídos.

As dedicatórias e cartões atuam como relatos, simples registros de eventos ou lembranças pessoais.

Os poemas, considerei-os também importantes para a organização do *corpus* por serem textos reproduzidos por informantes da região e comportarem marcas dialetais em sua composição.

As tipologias textuais que constituem o *corpus* apresentam-se como um recurso representativo da comunicação entre os informantes. A escrita de cartas era a forma mais usada para estabelecer interação entre pessoas que residiam até mesmo a curtas distâncias. Observa-se que os informantes mantiveram entre si um contato epistolar relativamente constante:1940-1949.

Constituído então o *corpus*, feita a organização dos documentos pessoais e redigida a descrição dos mesmos com objetivo de identificar suas particularidades lingüísticas, pesquisei a formação sócio-histórica da região, no intuito de contar a história social da comunidade. Uma parte desse trabalho concentra a pesquisa que apresenta a história da cidade de Riachão do Jacuípe, pequena cidade do interior baiano, situada na faixa do semi-árido nordestino.

Trago também para o cenário desse trabalho as cartas pessoais do Conde do Pinhal, que escreve para Anna Carolina, sua esposa. Ao ler suas cartas, chamou-me a atenção os usos dos pronomes. O Conde do Pinhal, proprietário da Fazenda Pinhal, que herdou de seu pai, fundou, em 1857, juntamente com seus irmãos, a cidade de São Carlos, nos sertões da Província de São Paulo. Antonio Carlos foi político, fazendeiro, dono de muitas terras.

Faço uso dessas cartas a fim de comparar as realizações pronominais feitas pela figura do Conde com as realizações feitas pelos informantes no meu *corpus*. O objetivo é checar suas semelhanças e/ou diferenças. As cartas do Conde são correspondências simples, com características de uma escrita realizada ao correr da pena, espontâneas, assim como as cartas de Carlinda e Roque, informantes principais do meu *corpus*.

Observando a realização dos pronomes pessoais, pergunto: será que os usos percebidos nas cartas do Conde são muito diferentes dos usos que fazem meus informantes?

Parto desta referência, o Conde do Pinhal, que escreve para Anna Carolina, sua esposa, pois são pessoas da elite, de condição social nobre e escolaridade avançada, para observar até que ponto seria possível associar a forma do uso dos pronomes pessoais dos meus informantes à condição de sua escolaridade.

Para essa análise, a variação *tu/você* na referência ao interlocutor num mesmo contexto discursivo, a mistura no uso das formas *tu/você*, *tu/lhe*, *você/te-ti*, *teu/seu* é o enfoque principal. Esse cenário é a base para as indagações:

i. no contexto dos pronomes pessoais, qual o contraste ou semelhanças entre os usos de falantes que não tiveram acesso à educação formal e os usos de falantes que tiveram acesso e dominam a variedade do português-padrão?

ii. qual a representação do PB não-padrão, realizado por pessoas escolarizadas, em meio a dialetos falados pela massa populacional?

iii. há, no *corpus*, fatos lingüísticos com evidências de ter sofrido mudanças no contexto do PB?

Essas indagações serão discutidas durante a análise dos dados.

Os estudos desse trabalho envolvem, portanto, coleta de correspondências pessoais e descrição desses manuscritos; levantamento de informações da história da região de onde esses documentos se originam, além de uma descrição de como as formas pronominais se expressam no *corpus*.

Dessa forma, o presente trabalho pretende representar mais uma contribuição à descrição do PB.

A fim de atender às propostas da pesquisa e para facilitar o manuseio das partes, apresento essa dissertação em dois volumes: o primeiro, é composto de introdução, 5 capítulos, considerações finais e referências; o segundo, dos anexos.

O primeiro capítulo apresenta os fundamentos teóricos e metodológicos que deram norte ao desenvolvimento das pesquisas.

O segundo capítulo constitui-se dos estudos sobre História Social. Nessa parte, apresento a história da cidade de Riachão do Jacuípe-BA destacando aspectos sociolingüísticos no seu processo de formação.

No terceiro capítulo, apresento o objeto de estudo. Faço uma breve descrição dos pronomes pessoais, sob noções gerais do tradicionalismo da gramática normativa (brasileira) e acrescento algumas observações feitas por estudiosos do assunto. Também (nesse capítulo) abordo alguns resultados de pesquisas lingüísticas sobre os pronomes pessoais. Em diálogo com esses resultados, são citados alguns aspectos das formas que aparecem em uso no *corpus* deste trabalho e que compartilham da descrição dos estudos acadêmicos. É também nesse momento que relato sobre aspectos em comum com as cartas do Conde do Pinhal.

O capítulo 4 concentra o *corpus*. Nesse capítulo, apresento a natureza, constituição e metodologia utilizada para a organização do *corpus*, informo sobre os critérios de identificação dos manuscritos e faço uma apresentação geral dos informantes principais e secundários. Em seguida, disponho a leitura e descrição dos documentos.

O capítulo 5 é composto pela análise dos dados. Nele, exploro os usos efetivos dos pronomes pessoais no *corpus* por meio de uma análise quantitativa e qualitativa com apresentação dos resultados.

Por fim, esboço minhas considerações finais levando em conta as análises e discussões que nortearam e deram subsídios para os estudos aqui realizados.

Na parte anexos, apresento as fotografias da cidade de Riachão do Jacuípe-BA, os mapas da região, as plantas das fazendas endereçadas nas cartas, a codificação e quantificação dos dados, a versão fac-símile e transcrição do *corpus*, o álbum dos informantes e registros de nascimento e casamento de alguns informantes.

CAPITULO I

1 Fundamentos teóricos e metodológicos

Investigar a língua falada, por meio de textos escritos situados no passado, é uma tentativa que implica interferências de determinadas dificuldades. Uma dessas grandes dificuldades, tema de discussões no âmbito do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB[1]) é exatamente a constituição e qualidade do *corpus* a ser utilizado para as análises.

Consciente disso, considerei indispensável voltar às orientações que norteiam estudos que tratam da formação de *corpora* e de investigação sócio-histórica da língua. Frente às propostas que definem o PHPB, fortaleci a noção de que o conjunto de manuscritos de que disponho apresenta-se como útil e importante para estudos lingüísticos que caracterizam o português brasileiro (PB) .

Destaco algumas considerações de pesquisadores que expõem suas idéias sobre planos de pesquisa, pois nelas encontrei fundamentos para a noção de que o *corpus*, embora de língua escrita, retrata bem a realidade lingüística de seus informantes e, por isso, poderia subsidiar investigações mais abrangentes sobre o dialeto de sua região. Ressalto, inicialmente, as palavras de Torres Morais (2002, p.69) quando assinala:

> Uma das grandes dificuldades para quem está envolvido com estudos diacrônicos, em particular com a mudança sintática, é o da formação de um *corpus* que defina um conjunto da documentação representativa, o qual expresse desde uma linguagem mais informal, geralmente veiculada em cartas particulares e narrativas pessoais, até a mais formal, ou elaborada, típica dos documentos oficiais e da produção de cunho literário.

Acrescento, ainda, posicionamentos de Lopes (2004, p.3) que, no tratamento dessas dificuldades, afirma:

[1] De modo breve, pode-se dizer que o referido projeto constitui-se de trabalhos que tratam de temas que remetem à consideração necessária de fatos de ordem histórica, social e lingüística para uma compreensão efetiva da formação do Português Brasileiro-PB.

> A análise de fenômenos de mudança lingüística, com base em textos escritos, apresenta diversos entraves quanto à interpretação dos dados históricos, à dificuldade de identificação do perfil do informante, à qualidade do *corpus* utilizado nas análises e à tradição textual.

Essa mesma autora, em seu estudo sobre as formas de tratamento em textos escritos no Brasil - séculos XVIII e XIX -, conclui que, em determinados casos, os estudos históricos deveriam levar em conta *corpora* diversificados em termos de tipologia textual e de gêneros discursivos, como cartas oficiais e pessoais, peças teatrais, etc., para que se tenha uma visão mais ampla do objeto de estudo.

Também Castilho (1998), ao referir-se à constituição de *corpus*, toma como as melhores fontes escritas para a pesquisa histórica aquelas que mais se aproximam da linguagem corrente. Portanto, penso que o material que subsidia minha pesquisa pode contribuir com uma amostra de dados lingüísticos de uma gramática representativa do dialeto do semi-árido baiano.

Para a organização do *corpus*, disponho os manuscritos em ordem cronológica com seqüência que privilegia a predominância e natureza das tipologias (cartas, bilhetes, dedicatória em santinho, cartão, relato pessoal, dedicatória em fotografia e poemas).

A fim de apresentar uma descrição mais completa possível dos manuscritos e dos autores, busquei dados sociolingüísticos como naturalidade, qualidade, filiação, data de nascimento, estado civil, idade, função social, nível de escolaridade dos informantes. Além disso, algumas particularidades dos manuscritos como procedência, destino e serviço de transporte de sua entrega também são dados explorados para sua descrição.

Para tanto, foi crucial o levantamento de fatores lingüísticos e extralingüísticos para uma adequada compreensão das manifestações expressivas do português deste espaço brasileiro, pequeno trecho do semi-árido baiano, ora delimitado para minha pesquisa.

Quando da descrição dos manuscritos, observo as expressões, o vocabulário, as declarações que denunciam a rotina, os quais são marcas específicas e reveladoras de certos valores e costumes que norteavam a pena, retratando o português da comunidade. Considero também

a presença da cultura religiosa , uma vez que atuou como motivação para o aprendizado da leitura, além de estimular as comunidades rurais na participação de eventos como cultos, missas e festas regionais. No âmbito das famílias que praticavam liturgias bíblicas, restritas aos pais, filhos e parentes mais próximos, os costumes adquiridos por fidelidade aos princípios religiosos marcavam o diferencial entre as pessoas. Nos momentos de preces, sermões e agradecimentos destacavam-se aquelas que tinham um pouco de desenvoltura nas práticas lingüísticas.

Para abordagem da história social, parti de uma investigação de cunho histórico a fim de colher informações a respeito do território de onde se origina a amostra. Ao pensar num roteiro de pesquisa, percebi a necessidade de um envolvimento com estudos de História da Bahia e Geografia, haja vista a precariedade e/ou escassez de dados históricos precisamente regionais e situados no momento dos anos 40[2].

Nesse plano, cabe resgatar as afirmações de Mattos e Silva (1998, p.33-34) quando da apresentação de propostas referentes à reconstrução e à escrita de uma história do português brasileiro (PB):

> (...) na minha compreensão a reconstrução histórica do português brasileiro se movimentará em direção à reconstrução tanto histórico-social quanto lingüística do Brasil; e aí teremos de estar ancilares à historiografia sobre o Brasil (grifo meu). Palmilharemos os caminhos de ars interpretandi, palmilharemos também os caminhos da sociolingüística histórica ou sócio-história lingüística, tentando estabelecer –o que é difícil, e muito, para o passado- a correlação entre fatores extralingüísticos e lingüísticos; palmilharemos, ainda, os caminhos previstos por teorias de mudança intralingüística, quer sejam segundo os modelos teóricos explicativos e considerados científicos da teoria da gramática de orientação chomshiana, quer sejam caminhos interpretativos que outras vertentes da lingüística nos possam fornecer, mesmo que hoje considerados não-científicos, porque meramente descritivos.

Concebendo tal posicionamento, reforço a importância e a necessidade de ter enveredado pela historiografia da região destacada. Reuni, então, todas os dados disponíveis em livros, memoriais, arquivos públicos que comportavam informações que eu pudesse selecionar para contar a história de Riachão do Jacuípe – Bahia. Essa parte da pesquisa teve uma motivação

[2] Nas poucas obras sobre a região, não se encontram registros especificamente voltados para a sua origem.

maior que é dar uma contribuição ao memorial da cidade, uma vez que foram condensadas informações e disponibilizados alguns conhecimentos mais abrangentes do que os até então disponíveis sobre o município de Riachão do Jacuípe-BA.

Mesmo tratando de um trecho geográfico pouco extenso, os limites territoriais da cidade de Riachão do Jacuípe, quando se passa a considerar o espaço e os limites circunvizinhos, onde moravam e/ou transitavam os informantes dos manuscritos, é plausível destacarem-se, ao lado de aspectos sociais, as variedades das realizações lingüísticas que interagiam neste pequeno núcleo comunitário da Bahia.

Para abordar as variedades lingüísticas, utilizei os conceitos estabelecidos por Melo (2002), usados para distinguir, no português brasileiro, duas variedades:

> - a não-padrão, que compreende duas modalidades: (i)dialetos falados pela massa populacional que pouco ou nenhum acesso teve à educação escolar; (ii) dialetos falados por pessoas que dominam variedades dialetais padrão, mas se expressam em português não-padrão em contextos relaxados, íntimos, familiares;
>
> - e a variedade do português-padrão, modalidade predominantemente utilizada nos contextos de interação formal por uma parcela da população que teve acesso à educação formal.

O ponto de partida para a interpretação de aspectos gramaticais, no caso os usos das formas pronominais, os quais representam singularidades dialetais dentro do Português Brasileiro (PB), foi uma retomada das orientações da gramática tradicional sobre os usos dos pronomes pessoais. Em seguida, apresento alguns aspectos desses usos contrapondo as descrições normativistas feitas pelos gramáticos com considerações de pesquisadores que vêm desenvolvendo estudos lingüísticos com análises centradas no sistema pronominal do PB.

A delimitação do uso dos pronomes pessoais como objeto de estudo parte da noção de que o *corpus* dispõe de uma série de fenômenos que sugerem a evidência de mudanças, algumas em curso e outras plenamente realizadas, no sistema pronominal do PB.

A análise dos fenômenos lingüísticos inicia-se com uma identificação das formas pronominais que atuam como estratégias de referência no contexto discursivo[3] dos interlocutores. Observo e apresento dados estatísticos sobre as formas utilizadas para referência ao interlocutor no universo do *corpus*. Em seguida, descrevo os usos efetivos dos pronomes pessoais de acordo com a função sintática e apresento os dados em forma de tabelas para então proceder às suas interpretações.

Os fenômenos lingüísticos destacados no *corpus* foram observados atendendo a um modelo de análise empírica com tratamento quantitativo e qualitativo dos dados.

Aspectos lingüísticos como sujeito nulo X sujeito realizado, variação entre *tu/você* na realização plena do sujeito, não-realização dos clíticos acusativos *o/a*, participação dos clíticos nas funções de complemento e a produtividade do clítico *lhe* como acusativo são fenômenos observados no *corpus.*

No tratamento da realização do sujeito pronominal, lexicalmente realizado ou foneticamente nulo, abordo as noções sobre Parâmetro do Sujeito Nulo, também conhecido como parâmetro pro-drop. Segundo esse parâmetro, o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) se distinguem em relação aos valores que lhes são atribuídos. Enquanto o português europeu é marcado positivamente, o PB é marcado negativamente, diferença que motivou diversos estudos.

Na análise dos dados, dialogo sempre com resultados de pesquisas lingüísticas que tratam do sistema pronominal brasileiro. Portanto, através dos dados do *corpus* e de resultados apresentados em vários trabalhos, artigos e livros, busco refletir sobre como o uso efetivo dos pronomes pessoais se manifesta de modo comum nas variedades do português-padrão e não-padrão do PB.

[3] Considero como contexto discursivo as próprias correspondências.

CAPÍTULO II

1 Estudos Sobre História Social

Neste capítulo, busco correlacionar fatores da história da cidade de Riachão do Jacuípe – Bahia com a configuração lingüística dos manuscritos – cartas pessoais e demais documentos – nos anos 40.

Esta etapa do trabalho não só exigiu acesso à escassa bibliografia com estudos sobre o processo de exploração e povoamento do semi-árido baiano, como também me levou a entrevistar pessoas mais velhas da cidade e buscar fontes em arquivos públicos e privados, acervos e museus locais.

Voltei-me às informações sobre as origens e processos de colonização que constituíram povos e comunidades no interior baiano. Após buscar, na história da Bahia, as raízes da colonização do sertão baiano, delimitei a região que compreende o território jacuipense[4]

[4] Gentílico atribuído ao natural da cidade de Riachão do Jacuípe-BA.

para narrar a origem da formação de suas famílias, a formação cultural da comunidade e suas etapas de constituição municipal.

Mesmo que um pouco restritos, penso que os dados históricos disponíveis foram eficazes para contar a história dos jacuipenses e para entender como a sua formação cultural, gentílica e econômica atuou como fatos que influenciaram a sua formação lingüística. Uma vez que tentarei apresentar estudos de variação e mudança ao lado de estudos históricos não poderei, conforme orienta Mattos (1999), excluir os fatores sócio-políticos na compreensão da questão.

Além disso, se tenho intenção de realizar um estudo lingüístico que se funde em base de dados datados e localizados, para tratar de fenômenos gramaticais resultantes de variedades lingüísticas que interagiram no decorrer do tempo, não poderia deixar de considerar que tais variedades apresentam uma história de interação entre a fala do luso e a fala do nascido e criado na terra.

Em virtude de não haver fontes substanciais a respeito de Riachão do Jacuípe, busquei dados com auxílio da Geografia e, na História, a sua formação. O critério utilizado para a sistematização desses dados segue, portanto, fatos históricos como constituição de Povoado, evolução de Arraial para Capela e – posteriormente – Freguesia, Vila para enfim Município (ou Cidade) conforme os processos envolvidos nas circunscrições religiosas e jurídicas que segmentavam a evolução política de um determinado lugar. Por vezes, o leitor será convidado a observar os mapas que acompanham essa parte da pesquisa.

2 Apresentação do Município de Riachão do Jacuípe – Bahia – configuração atual

Riachão do Jacuípe faz parte da região identificada como “O Sertão dos Tocós”. Da extensão territorial baiana de 567.295 km^2 e dos 12 (doze) milhões 646 (seiscentos e quarenta e seis) mil habitantes, Riachão detém a extensão territorial de 1.227 Km^2. Localizada no centro de uma microrregião de mais de 81.000 (oitenta e um mil) habitantes,

a cidade está inteiramente incluído no “Polígono das Secas”, localizado na Zona Fisiográfica de Feira de Santana-BA, que está a 75 km (setenta e cinco quilômetros), pela BR 324. O último censo, realizado em 1997, registrou um índice populacional de 31.300 (trinta e um mil e trezentos) habitantes para a cidade de Riachão. A sede municipal dista da Capital Salvador, em linha reta, 160 km (cento e sessenta quilômetros) e, pela rodovia 324, a 183 km (cento e oitenta e três quilômetros). Faz limite com os municípios de Nova Fátima, Conceição do Coité, Ichu, Candeal, Serrinha, Serra Preta, Ipirá, Pé de Serra, Tanquinho e Feira de Santana[5].

A configuração espacial de Riachão-BA segue os modelos de cidades do interior. A construção das casas mais antigas são realizações da experiência dos mestres-de-obras mais velhos, sem projeções arquitetônicas planejadas sob influências de modelos clássicos. As praças localizadas nas áreas centrais da cidade lembram seu passado e ainda se constituem como pontos de transportes intermunicipais. Os bairros que circundam o centro vão se diferenciando nos aspectos de sua organização espacial e denunciando a condição sócio-econômica da população[6].

Na integração de 417 (quatrocentos e dezessete) municípios, Riachão do Jacuípe encontra-se na 89ª. posição no que se refere ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), segundo Gladston Silva (s/d). Até 2003, o Órgão Fundo das Nações Unidas para a Infância informou que, num universo de 5.000 (cinco mil) adolescentes entre 12 e 17 anos, 5,7% são de analfabetos[7].

A economia do município se sustenta pela agricultura e pela pecuária, além de setores secundários como a cerâmica, na exploração de argila; a indústria, como de cristal; além da comercialização de produtos e serviços.

Assim se pode apresentar Riachão do Jacuípe, pequena cidade do interior baiano.

[5] Ver mapa V, Anexo B.
[6] Ver Anexo A
[7] Informações presentes no livro Riachão Recente.

3 Primeiros informes sobre a região: origens e povoamento

As memórias do município não dispõem de referências muito precisas em torno da penetração primitiva local. Considerei, então, relatos pessoais feitos pelas pessoas mais velhas do local e informações que se encontram registradas no livro tido como memorial da cidade, disponível na sede da prefeitura local.

Entre as informações passadas de geração a geração, está a de que as famílias mais antigas de Riachão do Jacuípe eram os Gonçalves e os Mascarenhas, provavelmente de origem portuguesa. A literatura oral fornece suposições de que a fixação primitiva do elemento branco às margens do rio Jacuípe[8], rio que corta a cidade, foi remanescente de alguma "bandeira" que por lá penetrou há muito tempo.

Com base na tradição oral, diz-se que, na região, viveram negros escravos explorados na plantação e cultivo do milho, feijão, fumo e mandioca e, principalmente, servindo aos grandes fazendeiros na criação de gado bovino e caprino. Quando da abolição, os escravos continuaram a trabalhar nas fazendas dos coronéis. Moravam em casas construídas em terras dos fazendeiros, para quem trabalhavam e a quem deviam obediência.

Conta-se também que, na região do rio Tocós[9], rio que corta fazendas de fronteiras com a cidade de Riachão, encontraram-se vestígios de cultura indígena.[10]

---

[8] Ver mapa IV, Anexo B.

[9] Ver mapa V, Anexo B.

[10] No entanto, pelo o que se tem disponível em literatura editada, percebe-se que a memória coletiva não acentua lembranças marcantes de presença de negros e índios. Confecciona-se uma memória com homens "grandes", famílias construídas através de laços harmônicos de casamentos e amizades. As trocas de favores são vistas como beneficiando a todos. Nos estudos apresentados, em dissertação de mestrado sobre poder e política no século XIX na cidade de Conceição do Coité-BA –localizada - com acesso pela BA 120 - a 30 km de Riachão do Jacuípe-BA, Iara Nancy Araújo (2003), diz que eram todas famílias boas e poderosas, sem conflitos e desentendimentos. E também –contraditoriamente- sem escravos. Nesse momento, a autora está tecendo uma crítica ao que é veiculado através das obras sobre a região. Segundo ela, não só nos poucos estudos realizados, como também na vivência cotidiana das pessoas, há ausências de informações sobre a presença e atuação do elemento negro e do índio. Referindo-se à cidade de Coité-BA, Araújo:2003, p. 44) diz: "*Até a bem pouco tempo atrás, a sociedade coiteense alegava veementemente que na "cidade bem bonita, orgulho do sisal*" (trecho do acróstico oferecido à cidade feito por João Durval Pinto, personalidade política da Bahia) não houvera escravidão negra, nem problemas locais, reproduzindo os valores que balizaram as primeiras obras referentes à região."

Segundo a tradição oral, índios "tocoiós" fixaram-se nessa região e influenciaram a denominação do rio. Jacuípe é também de origem indígena, donde se conclui que o povoamento se deu, inicialmente, com os índios que desenvolveram uma agricultura de subsistência às margens dos rios Tocós e Jacuípe. Jacuípe vem de jacuhy, jacu-y, que quer dizer, segundo Teodoro Sampaio, "*no rio dos jacus*" e pode também proceder de yacui, "*rio enxuto*", ou "*no rio temporário"*. Esses informes, reproduções populares, se não satisfatórios, também não discrepam dos registros de pesquisadores. [11]

As narrativas de Gabriel Soares de Souza[12] relatam que os Tapuias, índios de uma das tribos que ocupavam a faixa de terra próxima ao mar, espalharam-se para poente oitenta léguas do mar e para os sertões duzentas léguas[13], área na qual se enquadra Riachão do Jacuípe[14]. Leia-se

> Os primeiros povoadores que vieram na Bahia de Tomé de Souza e sua Comarca, segundo informações que se tem de índios mais antigos, foram os tapuias[15], que é uma casta de gentio muito antigo, de que direis adiante em seu lugar. Estes tapuias foram lançados fora da terra da baía e da vizinhança do mar dela, por outro gentio seu contrário, que descem do sertão, a fama da fartura e nas dessas províncias, que se chama tupinaês, e fizeram guerra um gentio a outro, tanto tempo quanto gastou para os tupinaês vencerem e desbaratarem aos tapuias, e lhes fazerem despejar a ribeira do mar, e irem-se para o Sertão, sem poderem tornar a possuir mais esta terra de que eram senhores, a qual os tupinaês possuíram e senhoresrem muitos anos, tendo guerra ordinária pela banda do Sertão com

[11] Para o estudo do quadro pronominal, esse fato não representa relevância visto que não há influência da participação do indígena nesse aspecto lingüístico. No entanto, considerei importante abordar a presença do índio já que sua figura encontra-se na memória coletiva como pessoas que viveram na região e deixaram suas marcas nos nomes dos rios, dos lugares e em algumas narrativas contadas em rodas de histórias. Observa-se que a manifestação da cultura indígena manifesta no léxico, na produção e uso de objetos como o *caçuá* – trançado com cipó e usado para pendurar nas cangalhas dos burros-, *a esteira*- trançada com folhas de palmeiras nativas-, *bocapio ou mocó* –sacola de mão usada para carregar compras nas feiras livres-, balaios, cestos, armadilhas de pesca e caça.

[12] Foi senhor de engenho na Bahia tendo chegado ao Brasil em 1569. Foi um dos primeiros cronistas da terra tendo destaque sua produção Tratado Descritivo, onde constam fontes de informação sobre o Brasil de seu tempo.

[13] 1 légua de sesmaria corresponde a 130.680 m2 e equivale a 13.068 hectares.

[14] Riachão do Jacuípe está a 160 km de Salvador-BA, considerando-se em linha reta. O mapa IV (Anexos B) melhor situará o leitor.

[15] Na escola de Carlinda, nossa informante, cantava-se uma poesia cujo tema era a indagação da presença de uma índia tapuia, considerada perdida nas matas do sertão baiano. Os primeiros versos tenho ouvido minha avó assim cantar: *formosa tapuia que andas fazendo/ nas matas perdidas do agreste sertão /cabelos compridos / sua cor tão bonita / mais fica mal vista vestindo algodão.* E assim responde a índia: *não quero carinho / pois na mata eu cresci / se não gosta da mata / o que faz aqui.*

> os tapuias, primeiros possuidores das fraldas do mar. Souza (1938 *apud* Franco, 1996, p. 21-22)

Ao descrever a Bahia seiscentista, o historiador Luiz Henrique Dias Tavares (1981) aborda que a conquista desse território começou na primeira metade do século XVI. Em "História da Bahia" (2001), o autor narra que a conquista e posse da terra, colonização e povoamento do território baiano ocorreram lentamente, a partir da segunda metade desse século, com os colonos "enfrentando obstáculos naturais, rios, matas e serras, e a resistência dos que já a habitavam: Tupis, Cariris e Jês, tribo posteriormente conhecida por Tapuia."[16].

Conta-nos esse historiador que foi com a ajuda dos primeiros governos-gerais que os colonos expulsaram os índios dos arredores de Salvador e seguiram para o interior:

> Massacrado o índio e destruída a comunidade tribal, o colono plantou algodão, mandioca e cana-de-açúcar. (TAVARES, 2001, p.154)

No século XVII, no recôncavo[17], já havia diversas fazendas (atuais municípios de São Francisco do Conde, Cachoeira, Candeias, Maragojipe, Santo Amaro, Nazaré das Farinhas e Jaguaripe) com escravos sendo explorados nos engenhos de açúcar, plantações de cana e de mandioca. No início desse período, diversos sertanistas adentraram ainda mais o interior baiano, a fim de guerrear com os índios e capturá-los, apreender escravos fugitivos, procurar minérios e pedras preciosas.

A história narra que, com medo de represália por parte dos colonos, os índios afastavam-se do litoral, em caráter de fuga, distanciando-se cada vez mais das proximidades praianas, iam rumo ao interior e alojavam-se numa área de terra onde pudessem se adaptar com toda a tribo. E assim se acredita ter acontecido com os índios Tocós: fugiram do litoral e estabeleceram-se às margens de um rio, depois batizado pelo nome de "Tocós"[18]. Por esse topônimo, ficou conhecida tal região durante muito tempo.

---

[16] Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Ano XXIII. pág. 71.

[17] Ver mapa IV (Anexo B) o trecho com fundo diferenciado apresenta a extensão de terra que cobre o recôncavo baiano.

[18] Esta localização, durante muito tempo, foi conhecida como Sertão dos Tocós e apresenta duas interpretações: a primeira refere-se à importância do Rio Tocós na formação de canais de água nas fazendas Pindá, Tucano, Aracy (Raso), Coité, Serrinha e Riachão do Jacuhype, e a segunda seria devido à existência de

Antonio José de Araújo (1926, p.3), narrando o povoamento do sertão baiano em seu livro "A família de Serrinha", assim descreve o local ao falar dos percursos dos colonizadores e dos frades no processo de catequese e de colonização:

> Os rios foram os caminhos que tiveram. Quando chegaram ás suas cabeceiras e as grandes vastidões territoriais ainda se estendiam por ellas afóra, começaram a abrir trilhos que os pusessem em comunicação com os rios de curso mais longo que os contornavam alem, ou mais facilmente unissem os logares que melhor se affeiçoassem ao genero de sua actividade, agricola, pastoril ou mineira. Surgem as primeiras aldeias de naturaes do paiz sob a direcção espiritual do frade, apparecem as mais antigas fazendas de criar, despontam os sitios lavoura.

Estrategicamente,

> Foi seguindo o curso do rio Paraguaçu, por um lado, e pelo outro subindo a costa norte que os colonos chegaram ao sertão do rio São Francisco na segunda metade do séc. XVI. (TAVARES, 2001, p.55)

Lembremos, ainda, a famosa expedição[19] que partiu do recôncavo em 1590, de Gabriel Soares de Souza, cuja história conta-nos que teve sua entrada pelo rio Jacuípe.

Acuando e matando os índios que encontravam, no século XVII os colonizadores já haviam avançado as descobertas[20] do sertão, com o objetivo de expandir cada vez mais seu patrimônio. Observe-se

> Nas distâncias e solidões do sertão baiano surgiram fazendas e povoados que evoluíram sob condições diversas dos engenhos e lavouras do recôncavo. (TAVARES, 2001, p. 156)

Esse processo de descoberta, exploração e fixação do colonizador nas novas terras foi responsável, mais adiante, pela abertura de estradas em favor da exploração das minas de ouro de Jacobina e do Rio de Contas. Além disso, para facilitar a condução de boiadas dos

---

uma suposta tribo indígena, os Tocós, que poderiam também ter servido como inspiração na denominação do rio.

[19] Gabriel Soares de Souza estava deslumbrado pelas expectativas de imensos descobrimentos, então planejou uma expedição em grande escala, metodicamente organizada. Transportou-se para Europa a fim de requerer do rei certos favores chamando-lhe a atenção para os perigos de perder os valores da terra. Obtidos os favores e honrarias, Gabriel Soares voltou à Bahia e iniciou a expedição.

grandes criadores de gado. Antes, tais estradas eram caminhos primitivos, "velhas picadas". Uma dessas estradas foi aberta por Garcia D´ Ávila[21] e outros, entre os anos de 1654 a 1698, e cortava o Sertão dos Tocós – adiante de Cuyaté, tomava às direitas para Tiuba, ou Itiuba, como se diz hoje, e Joazeiro, no rio São Francisco, e às esquerdas para Jacobina -, conforme Araújo (1926, p.7)

Em recompensa aos serviços prestados à Coroa Portuguesa, os chefes das expedições receberam grandes lotes de terra, denominados sesmarias. Sobre isso, encontramos o seguinte relato, em Tavares (2001, p.156):

> Às vezes, no imediato, e em outras, anos depois, dirigiam-se ao rei de Portugal (de 1580 a 1640, aos Filipes da União Ibérica) pedindo as terras conquistadas como prêmios ou recompensa. Essas manobras levaram à famosa conclusão de Capistrano de Abreu: "Para adquirir estas propriedades imensas, bastou apenas papel e tinta em requerimento de sesmarias".

Segundo Tasso Franco[22], neste período do século XVII, foram concedidas grandes sesmarias nos sertões da Bahia, gerando conflitos incontroláveis entre sesmeiros, arrendatários, aventureiros, índios e missionários. Os sesmeiros preferiam matar os índios e ocupar suas terras; aos curraleiros e pecuaristas aventureiros interessavam os bois e o dinheiro; aos missionários, a alma do gentio. Esse fato culminou na necessidade de instituir-se um poder judiciário e um corpo de polícia para coibir as atrocidades que se multiplicavam pelos sertões de Jacobina[23]. Então, ações violentas foram autorizadas resultando em muitos extermínios como o das aldeias dos indíos paiaiás. Permanecendo ainda a disputa pela ocupação das terras, a Coroa portuguesa cuidou de nomear autoridades para fiscalizar as sesmarias do Brasil a fim de obter relatos da situação em que estas se encontravam. Com essa medida, os colonizadores foram forçados a declarar e a provar que eram os legítimos donos das terras.

---

[21] Garcia D' Ávila, segundo o historiador Pedro Calmon, em seu livro História da Casa da Torre –Uma Dinastia de Pioneiros- foi o moço que se destacou entre os 320 homens de armas na missão de Tomé de Souza, governador, um dos melhores soldados do rei quando da fundação do Brasil.

[22] FRANCO, Tasso. SERRINHA: A Colonização Portuguesa numa Cidade do Sertão da Bahia. Salvador: EGBA / Assembléia Legislativa do Estado, 1996. Nesse livro, a vida e os costumes de uma região do Estado são retratados trazendo informações do município de Serrinha-BA, cidade atualmente localizada a 66 km de Riachão do Jacuípe-BA, com acesso pela BA 120.

[23] A Comarca de Jacobina compreendia as terras desde o rio São Francisco até Minas Gerais. O mapa IV (Anexo B) ajudará o leitor a ter noção sobre a extensão territorial.

A sesmaria dos Tocós foi uma das primeiras a ser concedida aos portugueses, conforme declarou Antônio Guedes de Brito[24], senhor de posse de grande extensão de terras da Bahia:

> Possuo as Fazendas dos Tocós por hum título de sesmaria dado a minha mãy Maria Guedes, ao padre Manoel Guedes Lobo, a Sebastiana de Brito e a Anna Guedes, em 14 de Dezembro de 1612, pelo Governador D. Diogo de Menezes[25]. E, o dito Padre, meu thio me fez doação do que lhe tocava em 9 de Setembro de 1651. E, o Capm. Francisco Barboza de Paiva, marido da minha thia Sebastiana de Brito, fizerão venda, a meu pay do que lhe pertencia na dita datta em 16 de Junho de 1652, as quais terras povoei, discubrindo-as fazendo estradas, e pazes com os índios Cariocas, Orizes, Sapoyas e Carapaus descendo Aldeias para as mesmas terras, com qual se segurarão as fronteiras do Inhambupe e Natuba, que por algumas vezes tinhão infestado os Bárbaros rebeldes.[26](sic)

Ao referido Antonio Guedes de Brito (primeiro Conde da Ponte) tinham-lhe designado a incumbência de expulsar ladrões de gado, contrabandistas de ouro, negros aquilombados e outros aventureiros. Pela missão, recebera da Coroa uma propriedade descrita na sua declaração enviada à Coroa:

> Nestes mesmos Tocós, pedi ao conde de Vila Pouca, governador deste Estado,[27] a confirmação desta terra, de doze léguas em quadra nos mesmos Tocós, logo ao conde Attoguia, governador deste Estado,[28] lhe pedia data, em 2 de março de 1655, confrontada entre os rios Jacuípe e Itapicuru por eles acima, por serem os ditos Tocós muito faltos de água, haverem muitos matos, caatingas infrutíferas, e por lá ter sido feita a primeira estrada até Jacobina pela parte do Norte, e, sendo de mais de 40 léguas não achar sítio algum que pudesse cultivar-se, nem em todo o tempo se poder passar pela falta de água e dita estrada, sendo que serviu de grande utilidade as ditas suas fazendas, que pôs nos Sertões as tropas, levas que se fizeram ao Sertão pelos primeiros paulistas, pelo capitão-mor Gaspar Rodrigues, pelo capitão-mor Tomé Dias Laco, pelo capitão Manoel da Costa Monteiro,

---

[24] "Antonio Guedes de Brito era filho do português Antonio Brito Correia e Maria Guedes e não se tem notícias das datas exatas do seu nascimento e morte, sabendo-se ter sido batizado em 13 de fevereiro de 1627. Casou-se com a viúva Guiomar Ximenes de Aragão com quem não teve filhos. Também não se conta por quais caminhos isso conseguiu com Serafina de Souza, de gente da melhor cepa, com quem teve uma filha de nome Isabel Maria Guedes de Brito e como tal, legalmente reconhecida como filha, tudo lhe herdara. Foi feito capitão por portaria de 18-02-1664, capitão de infantaria em fevereiro de 1667, sargento-mor em outubro de 1667, e mestre de campo em 31-01-1671. Sua filha Izabel casou-se com o coronel Antonio da Silva Pimentel com quem teve uma filha, Joana da Silva Pimentel Guedes de Brito. Joana casou-se em primeiras núpcias com D. João de Mascarenhas e quando viúva com D. Manoel de Saldanha da Gama" – Anais do Arquivo Público, Vol XXXII, Guedes de Brito, o povoador, por Antonio Costa, [s.d.], p. 318 e 331.

[25] Diogo de Menezes foi o 8º. governador e chegou à Bahia em 1º. de fevereiro de 1607. Governou até 21 de dezembro de 1612 e deu muitas sesmarias pelos sertões circunvizinhos ao Recôncavo.

[26] Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Ano XXIII. Pág. 71

[27] O Conde de Vila Pouca foi o 20º. governador da Bahia e chamava-se Antonio Teles de Menezes. Governou entre 28-12-1647 a 10-03-1650.

[28] O Conde de Attouguia foi o 22º. governador da Bahia e chamava-se D. Jerônimo de Ataíde, que tomou posse em 06-01-1654 e governou até 18-07-1657.

> pelo ajudante Luis Alves, pelo ajudante Antonio de Matos, pelo ajudante Manoel Fernandes e pelo padre da Companhia de Jesus, Rafael Cardoso.[29]

Estas terras, terras dos Tocós, situam-se "entre os rios Jacuípe e Itapicuru, por eles acima, por serem os ditos Tocós muito faltos de águas, haverem muito matos, caatingas infrutíferas (...)"[30]. A formação de uma sociedade urbana jacuipense, bem como a organização de núcleos comunitários rurais, como se vê, começavam na base da presença dos portugueses como articuladores de todo um processo social e político.

No trabalho do já citado Antonio José de Araújo (1926), encontrei informações da região dos Tocós, no século XVIII, sendo tratada também por Pindá e compreendendo o arraial de Água Fria, as fazendas Sacco do Moura, Serrinha, Tambuatá, Massaranduba, Pindá, Cuyaté. Mais adiante, com informações exatamente sobre a obtenção das terras do sertão por Antonio Guedes de Brito, o Sertão dos Tocós abrange os atuais municípios de Queimadas, Tucano, Aracy (Raso), Coité, Serrinha e **Riachão do Jacuhype**[31]. Destaquemos:

> O mestre de campo Antonio Guedes de Britto, bisavô de D. João de Saldanha, conde da Ponte, sertanista como seu pae Antonio Correia de Britto, - o qual já havia tido muitas sesmarias e posteriormente teria ainda de haver varias outras mais importantes, - por carta régia de 21 de Julho desse anno, 1609, obteve todas as terras existentes entre os rios Itapicurú e Inhambupe, nas cabeceiras das que já possuía nos nascentes dos rios Real e Piagoay, e, para o sertão, mais dez léguas medidas rumo direito com todas as pontas, enseadas, mattos, aguas e mais pertences. (Felisberto Freire, Hist. Terit. do Brasil. P. 28). (ARAUJO, 1926, p.9)

No final do século XVIII, em se tratando do Sertão dos Tocós, esse já era bastante habitado, considerando-se a presença de muitas fazendas próximas umas das outras e moradores ligados quase sempre por laços de parentescos.

Mesmo assim, dentro da divisão territorial da Bahia -em 1827[32]- a região concebida como sertão localizava-se ao oeste e é apresentada como uma extensão de terra que não tinha limites, era o desconhecido, o despovoado, o vazio e a terra dos índios, esses que, a cada

[29] Anais do Arquivo Público do Estado, Vol. XXII, Pág. 324.
[30] Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Ano XXIII. Vol. XI. Nº. 42. Imprensa Oficial do Estado da Bahia. 1916. Págs. 69-74
[31] Ver mapa IV. Anexo B.
[32] Conforme apresentada no mapa I, Anexo B.

etapa de povoamento, teriam-se afastado mais um pouquinho do litoral. A área geográfica de Riachão do Jacuípe, embora não assim tão distante do litoral, também integrava o referido sertão baiano.

Sobre a supracitada divisão territorial e suas relações com a formação dos lugares, estudos realizados sobre a configuração do passado e atual Estado da Bahia, explorando datas históricas, estatística e leis territoriais, realizados pelo CEPLAB – Centro de Planejamento da Bahia, informam que

> A Divisão Territorial da Bahia, até 1827, fez-se de conquista em conquista, das quais participaram o agricultor, o boiadeiro, o bandeirante aventureiro à busca de ouro e pedras preciosas. As etapas da ocupação da terra eram marcadas através da conquista das cabeceiras dos rios. As vilas, embriões de municípios, surgiram não só como fator de permanente ocupação da terra, mas visando principalmente uma administração que recuperasse para a Coroa, os benefícios do escoamento dos produtos de uma economia embrionária, porém rendosa; essas vilas eram, na realidade, grandes postos fiscais. (Atlas do Estado da Bahia-CEPLAB/SEPLANTEC, C-04)

A professora Kátia M. de Queirós Mattoso[33], em seu trabalho – *Bahia Século XIX, Uma Província no Império*, constata:

> A estrutura agrícola e agrária herdada da colônia, fundada nas monoculturas, nos latifúndios e na escravidão, constituía premissa fundamental para análise da sociedade brasileira do século XIX. Assim, o grupo econômico era quase completamente identificado como o grupo de parentela, ampliado pela presença de dependentes e de escravos cujo conjunto formava a imensa família patriarcal. (FRANCO, 1996, p.15)

Pelo visto, Riachão do Jacuípe não ficou à margem desse modelo: as famílias dos antepassados jacuipenses tinham hábitos tais. Sofriam influências da cultura branca européia e do negro africano. Mediante esse histórico, pressupomos que as classes sociais estabelecidas favoreceram que o cume da pirâmide social, constituído pela classe mais privilegiada econômica e politicamente, tenha mesmo sido a dos brancos. No caso dos jacuipenses, os coronéis e seus descendentes, grandes fazendeiros ocupantes e

[33] Kátia de Queirós Mattoso é professora titular de História do Brasil na Universidade de Paris IV, Sorbonne. Foi professora da UCSAL –Universidade Católica de Salvador - e da UFBA –Universidade Federal da Bahia – e professora visitante das Universidades de Minesota e Colúmbia (EUA). É autora de vários livros sobre história do Brasil e da Bahia.

manipuladores dos cargos políticos. As funções sociais que eram geralmente delegadas por essas autoridades deviam também ser representadas por pessoas de cor branca.

As atividades agrícolas, desenvolvidas nas fazendas, eram centradas na produção de bens primários: plantio e cultivo de cereais, mandioca, batata, e a pecuária era crescente. Nesse segmento econômico, teve-se a mão-de-obra escrava e, quando da abolição, a recompensa pelo trabalho ainda continuava em caráter tal.

É, portanto, dentro dessa segmentação de fatos históricos que foi se definindo a política e que se deu a evolução social do município de Riachão do Jacuípe.

4 Evolução política e social de Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe e a formação dialetal dos jacuipenses

Consta no caderno dos “Primeiros Informes do município de Riachão do Jacuípe” que foi da sesmaria doada a Antonio Guedes de Brito que se desmembrou uma área de terra para João dos Santos Cruz, que a transformou numa grande fazenda de criação de gado, denominada Riachão, situada à margem esquerda do rio Jacuípe.

O histórico do município informa que, ao ter começo a povoação do local, foi levantada uma capela consagrada a Nossa Senhora da Conceição, elevada à categoria de Freguesia pela Lei Provincial 276, de 25 de maio de 1847, com o orago de Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe. O arraial foi elevado à categoria de Vila em 1º. de agosto de 1878, tendo como principal autoridade o Tenente Coronel Marcolino Gonçalves Mascarenhas, que foi nomeado 1º. Intendente de Riachão. Formou-se um povoado, várias casas foram construídas e foram utilizados os ofícios de outras pessoas, tais como: pedreiros, carpinteiros, pintores, etc., que recebiam pagamento pelos serviços. Foram surgindo casas comerciais e os primeiros funcionários públicos. Destaque-se:

> No período compreendido entre 1827 a 1889[34], ou seja, o período que vai, aproximadamente, da Independência política do Brasil à instalação do regime republicano, criaram-se 61 (sessenta e um) municípios na Bahia, em média de um por ano, o que significa a instalação, na época, de 18% do total atual dos municípios do Estado. O ritmo de crescimento da criação de municípios, em relação ao período anterior, é de quase 100%, uma vez que, no período de 1534/1827, a média de criação de municípios (vilas) foi de 0,1% por ano.[35]

Pode-se, então, inferir, do ponto de vista lingüístico, que o semi-árido baiano se beneficiou da conseqüência dos fatores que explicam o fenômeno mencionado acima: a efetivação da ocupação da margem esquerda do rio São Francisco, antiga zona de litígio, e a expansão das vias de comunicação, inclusive no tocante a estradas de ferro, das quais as mais importantes ligavam Salvador à Chapada Diamantina e ao Rio São Francisco (Juazeiro). A introdução do novo tipo de transporte de passageiros e cargas, já em curso na Europa e nos Estados Unidos, favoreceu a aposentadoria de ao menos uma parcela das tropas de burros que abasteciam a localidade e constituíam-se no principal meio de transporte no século XVIII e boa parte do século XIX. O trem, que passava a 66 km[36] de Riachão, representava civilidade e deve ter contribuído para com a mudança do perfil da sociedade.

Certamente, esse momento colaborou para a povoação dos locais onde o processo de colonização ocorria de forma mais lenta. Nesse sentido, a instalação de novos moradores no local começou a firmar-se. Essa realidade é fato que influenciou a socialização das variedades lingüísticas próprias dos falantes e, ao mesmo tempo, criou condições favoráveis para a consolidação de formas gramaticais comungadas pelo uso de toda a comunidade.

Na divisão administrativa de 1911, o local estava constituído de distrito único, o de Riachão do Jacuípe. Em 14 de agosto de 1928, a Vila de Riachão do Jacuípe passou à categoria de cidade e, um ano depois, o Intendente, autoridade principal, passou a ser chamado de Prefeito, eleito com um mandato de quatro anos. Passou por um período como município anexado ao de Conceição do Coité, sendo criada uma subprefeitura em sua sede. Em 24 de junho de 1933 foi reinstalado o município.

---

[34] Ver mapa II, Anexo B.
[35] Atlas do Estado da Bahia-CEPLAB/SEPLANTEC, C-05
[36] Considerando-se acesso pela rodovia BA 120.

O modelo de sociedade baseou-se numa organização de cunho colonial adaptada: nobreza, clero e povo. À medida que a localidade ia crescendo, a divisão de classes sociais, sutil e paralelamente, estabelecia-se: acima, os coronéis, que exerciam total influência na vida da comunidade, na Igreja, na política, nas festas, na justiça, constituindo-se assim na classe mais alta e poderosa. A classe dos comerciantes e funcionários públicos formava a camada intermediária. Os vaqueiros ou agregados, os empregados domésticos e os jagunços constituíam a classe popular que não tinha vez nem voz. Principalmente para esses, a rotina sertaneja era de trabalho árduo desde o raiar até o pôr-do-sol.

Segundo depoimentos populares, o contato entre as diferentes classes dava-se em favor das necessidades e respeitando-se as "diferenças" entre os indivíduos. Tasso Franco (1996, p.168) descreve:

> A sociedade nos sertões era muito fechada, patriarcal. Se assemelhava as unidades familiares ao Norte de Portugal e distinguia-se da sociedade opulenta dos engenhos do Recôncavo e dos nobres e comerciantes da capital
>
> (...)
>
> Os fazendeiros residiam em suas casas grandes como verdadeiros senhores e só iam à vila para tratar de negócios, assistir às festas religiosas e participar de atos políticos. As propriedades dispunham de quase tudo para se viver, a exceção de sal, querosene, tecidos e medicamentos.

Conforme já mencionado, as pessoas em geral constituíam famílias mediante consagração do matrimônio através do registro civil e religioso. Os laços afetivos que aproximavam as pessoas eram os próprios graus de parentesco. Fora isso, as pessoas se ligavam pela classe social, pelos costumes e –até- pela cor de pele e pelo uso da língua cujos dados a que os falantes estavam expostos manifestam-se com características distantes do modelo lingüístico imposto pelo sistema de ensino, além de as diferenças sociais não favorecerem que todas as classes tivessem acesso a esse ensino.

Observa-se, portanto, que a formação dialetal dos jacuipenses esteve diretamente relacionada com o desenvolvimento político-social da cidade.

4.1 Aspectos culturais que influenciaram a formação dialetal da população jacuipense

A cultura do povo jacuipense, predominantemente incentivada pela religião, mobilizava movimentos sociais na comunidade. Assim sendo, portadora das peculiaridades comunitárias, atuava como forte elemento de incentivo às variedades lingüísticas. As festas do calendário religioso reuniam pessoas de toda a redondeza e oportunizavam que elas compartilhassem histórias de suas rotinas. Eram momentos extraordinários para as moças e os rapazes, pois se desvinculavam da atmosfera de seriedade que norteava as trocas de conversas nas visitas familiares.

A filarmônica denominada Sociedade Lira 8 de Setembro, fundada em 1910, estimulava os ânimos dos freqüentadores. Nos anos 40, já se comemorava, com brios da tradição, a festa que sempre teve significativa expressão na vida do município, a de "Nossa Senhora da Conceição", padroeira da comunidade, realizada a 8 de Dezembro, com celebração de novenas, missa solene e a tradicional procissão.

Além dessa, a festa de "São Roque", a de "*Corpus* Christis", O Natal, Semana Santa e demais comemorações de ordem religiosa. Essas festas, ressaltando, favoreciam os encontros entre vizinhos, parentes, namorados etc. Manifestações populares também registram a cultura e as antigas tradições da comunidade através dos violeiros, dos cantores do samba de reis e de roda, sanfoneiros e das festas de vaqueiros. O bumba-meu-boi, auto-pastoril de forte conotação popular, as cantigas de aboio, os cordéis com versos de encantamento, festas de argolinha e vaquejada compõem as manifestações que foram criadas pela cultura representativa do local e disseminadas pela ótica sertaneja.

Quando havia secas prolongadas, saíam procissões da zona rural, mudando imagens de uma igreja ou de uma casa para outra, ao som de cânticos, pedindo chuvas. Quando vinham as chuvas, outra procissão, mais numerosa e mais vibrante acontecia com hinos e preces de gratidão, sendo tudo centrado na fé cristã católica.

A conseqüência lingüística desses movimentos foi a de promover condições para que o falar das pessoas mais conservadoras, das famílias mais privilegiadas, com acesso ao português-padrão, encontrasse um ambiente descontraído, interagindo com o falar – português não-padrão - de pessoas comuns.

Nestes momentos festivos, o fazendeiro dialogava com o advogado e com o médico; o vaqueiro trocava idéias com o comerciante; a costureira, que também cuidava da lavoura, narrava suas experiências para a Ministra da igreja, os seminaristas inspiravam os jovens à dedicação pela disciplina religiosa e assim os níveis sociais se cruzavam com os níveis de escolaridade. Além disso, amigos, amigas, parentes e namorados teciam combinações a respeito das festas, através de bilhetes, cartas, como veremos por meio dos manuscritos. Depois dos acontecidos, trocavam-se fotos e lembranças das comemorações com dedicatórias manuscritas.

Com a descrição dos manuscritos deste trabalho vou reforçar a noção de que os registros do cotidiano das pessoas geram recursos para a descrição de sua linguagem, não se podendo, portanto, desconsiderá-los.

4.2 Mobilidade social no sertão baiano em início do Séc. XX[37]

O estudo proposto nesse trabalho focaliza os anos 40. Essa é uma década intermediária de uma nova fase de desenvolvimento econômico de Riachão do Jacuípe-BA.

Foi no início do século XX quando o município recebeu as primeiras mudas de sisal[38], fato que mobilizou o comércio local e, conseqüentemente, influenciou na interação entre as variedades lingüísticas que caracterizavam os grupos sociais. A região vive mais intensamente as peculiaridades locais, constituindo um perfil próprio, fruto das misturas que até hoje se manifestam também na linguagem cujos traços caracterizam os diversos falares baianos.

[37] Algumas dessas informações disponíveis no site www.prefeituraderiachao.com.br
[38] Arbusto típico da vegetação local.

No início do séc. XX, as estradas eram precárias e fora os caminhões que transportavam, em lotação, passageiros para Feira de Santana, não havia meios públicos de transportes disponíveis aos jacuipenses que quisessem ter acesso às cidades, vilas e arraiais circunvizinhos. Viajava-se de um lugar para outro a pé, a cavalo, a carro de bois e em tropa de burros. O primeiro carro de passeio – uma "limusine" - foi de propriedade do Cel. Aurélio Rodrigues Mascarenhas, Intendente em Riachão do Jacuípe durante 1923-1926 e, mais tarde, prefeito no período de 1950-1954. Aos poucos, foram surgindo outros veículos adquiridos pelos economicamente mais favorecidos.

As notícias demoravam dias para chegar ao destino. Eram transmitidas pelos caixeiros viajantes, tropeiros ou pelos vaqueiros que tocavam gados para outras regiões. Os tropeiros, figuras típicas nos sertões, funcionavam também como elemento de informação, levando novidades dos centros mais avançados. As costureiras, mulheres domésticas, recebiam revistas de moldes e modelos da moda vigente. Essas revistas eram de autoria francesa e chegavam na língua de origem – o francês-, desconhecido pela comunidade.

Na década de 20, dispunha-se dos serviços públicos dos Correios e Telégrafos, sendo nomeado o primeiro funcionário do Correio em 1º/08/1928**,** para prestar serviços tanto na zona urbana quanto na zona rural. Em 05 de fevereiro de 1949, foi inaugurada uma nova Agência, que deixou de funcionar em casas e passou a ter sede própria. O uso dos serviços dos correios era mais voltado para transporte de correspondências de caráter oficial e, quanto às correspondências pessoais, predominava o costume do transporte pessoal, feito por alguém da confiança de quem remetia, como foi com as cartas do *corpus* com o qual desenvolvo esse trabalho.

A partir da década de 80, muitos vaqueiros – homens de confiança dos fazendeiros –, aqueles que cuidavam dos animais, das pastagens, da terra e dos equipamentos – e trabalhadores da zona rural passaram a utilizar bicicletas e carros para seus deslocamentos à cidade, nos dias de feiras-livres. Os carros-de-boi (transportes muito usados até a década de 60) começaram a ser substituídos pelos caminhões e caminhonetes, conhecidos popularmente como paus-de-arara.

Além da rádio Rádio Jacuípe LTDA, canal 1500khz - AM, tinha-se o serviço de auto-falante exposto na praça principal. Esse serviço que foi um dos primeiros veículos de comunicação de massa da cidade. Era a “A Voz Jacuipense”, com o famoso Plínio Enódio. Em 1984-1986 perdurou o “A Prensa”, jornal da cidade. Mais tarde, 1989, surge o “Folha Regional”, jornal também local.

Nessa época, anos 80, o rádio era veículo de comunicação usado por todas as classes e tinha um significativo papel enquanto tal. Era através do rádio e também do auto-falante que as pessoas comunicavam as notícias sobre falecimento de parentes, ficavam informadas sobre eventos festivos e religiosos, além de ser uma fonte de entretenimento, principalmente para quem residia na zona rural, no caso do rádio.

Nesse trânsito, sem guia normativo, o vernáculo – português popular brasileiro – circulava com suas características locais, numa dinâmica que contrariava as políticas oficiais sobre a língua que deveria ser usada aqui no Brasil, fundada na variedade de um português culto, com base num modelo cujo padrão era o português europeu. A dificuldade e, porque não dizer, impossibilidade de aquisição dessa norma, reflete-se na ascensão do vernáculo das comunidades.

Nos anos 40 do século XX, Riachão do Jacuípe já oferecia mais escolas. Nessa época, já havia escolas também na zona urbana. Ainda que, neste momento, o acesso à modalidade culta do português através do ensino já estivesse, proporcionalmente às suas instâncias dos anos passados, menos precária, lembremos que os mestres eram pessoas, na sua maioria, com formação básica do magistério. Além disso, a interação histórica com o modelo formal do português, conforme nos alerta Ilza Ribeiro (2002, p.362), passou pelo fato de que “muitos portugueses que para cá vieram eram adultos, analfabetos ou semi-analfabetos e pobres”. Certamente, os portugueses que por lá passaram e/ou se instalaram não deixaram outros rastros lingüísticos senão sob essa condição.

Busquei investigar a inserção da educação formal em Riachão do Jacuípe para averiguar também a inserção da modalidade padrão do português em seu contexto social. Nesse sentido, veremos que a educação formal por meio do ensino público foi muito pontuada em

relação a espaço e tempo no contexto geográfico do semi-árido baiano. Acentuo, nesse ínterim, que, geralmente, o nível de instrução dos professores era de fato o mais básico.

Dessa forma, muito pouco -ou quase nada- as instruções do ensino tradicional se refletem na oralidade e na escrita do dialeto baiano, mais precisamente nos limites territoriais de Riachão do Jacuípe.

5 Sobre a educação formal em Riachão do Jacuípe: as primeiras instruções educacionais, condição e acesso ao letramento

O povo jacuipense, inclusive as pessoas mais velhas, que guardam memórias da cidade e as transmitem às gerações descendentes, não detém informações precisas sobre as primeiras instruções educacionais vindas para o município. A literatura popular fala da educação leiga, nas próprias casas, com conteúdos descontínuos e sem qualquer ligação entre as disciplinas estudadas. No entanto, nos atos de instrução dos governadores no APEB[39], consta:

> Ato do Governo da Província de 3 de dezembro de 1861 – Restabelece as cadeiras de primeiras letras em diversas localidades: vila da Tapera, e das freguesias da Amargosa, Pedra Branca, Coité, **Riachão do Jacuípe**, Monte Gordo e Açu da Torre, continuando no ensino delas os respectivos professores. (p.108);
>
> Ato de 2 de novembro de 1866 – Remove o professor Manuel Augusto Nepomuceno Machado da cadeira do **Riachão do Jacuípe** para a dos Afligidos (p.133);
>
> Ato de 5 de novembro de 1866 – Nomeia a Ângelo Ambrosio de Figueredo para reger a cadeira do **Riachão do Jacuípe** (p.135);
>
> Ato de 27 de novembro de 1868 – Nomeia Inspetores Paroquiais para as freguesias de: Inhambupe, o dr. Candido José de Figueredo; **Riachão do Jacuípe**, o tenente Antonio Justino da Silva Carneiro; Prazeres, o dr. Domingos Gomes Ferreira Veloso e Vila da Tapera, o coronel João de Oliveira Guedes (p. 304);

[39] APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia) – Seção de Arquivo Colonial e Provincial. Maço 963. 1ª. Seção – Atos do Governo da Província, 1835-1848. 371 p., sendo as vinte primeiras de índice.

Ato de 19 de outubro de 1870 – Suprime a cadeira primária do sexo masculino da freguesia de **Riachão do Jacuípe** (p.248);

Ato de 16 de março de 1874 – Nomeia o cidadão Manuel Acestes Idomeneu da Fonseca, professor efetivo da cadeira da capela das Mercês, que se acha vaga, a seu pedido, depois dele ter prestado exame, como único concorrente, para a cadeira da freguesia de **Riachão do Jacuípe** (p.104);

Ato de 1º. de abril de 1874 – Nomeia o cidadão Lupércio Teófilo da Silva para professor efetivo da cadeira pública primária de 1ª. classe do **Riachão do Jacuípe** (p. 118);

Ato de 30 de abril de 1874 – Concede a remoção, a pedido, do professor da cadeira de 1ª. classe da freguesia do **Riachão do Jacuípe**, Lupércio Teófilo da Silva para a cadeira de igual categoria da freguesia de N. S. dos Remédios (p. 162);

Ato de 2 de maio de 1874 – Nomeia Domingos Jerônimo de S. Tiago para professor efetivo da cadeira pública primária de 1ª. classe da Ilha dos Frades, de que era substituto e à qual concorreu; Ângelo Ambrosio de Figueredo para a cadeira de 1ª. classe da freguesia do **Riachão do Jacuípe**, ficando os alunos-mestres João Marques Pereira, Herão Lisdório de Magalhães e André da Cruz Fernandes, que, como os anteriores também foram aprovados no referido concurso, habilitados para serem providos em qualquer cadeira que requererem (p.164);

Ato de 16 de maio de 1874 – Nomeia a aluna mestra d. Maria Joaquina de Moura para a cadeira do sexo feminino de 1ª. classe da vila de Tapera, criada por ato de 11 de fevereiro último; d. Hermelina Maria da Silva para a cadeira do **Riachão do Jacuípe**, criada pela lei provincial no. 1.389 de 4 do corrente, ficando as demais aprovadas no concurso para a cadeira da Tapera – d. Maria Virginia David e a aluna mestra d. Rita Augusta de Bittencourt Santos – habilitadas para serem nomeadas, quando o requererem, para quaisquer outras cadeiras de 1ª. classe (p.222);

Ato de 20 de maio de 1881 – Nomeia as Comissões Literárias para as freguesias dos municípios de Feira de Santana (Santana da Feira, Santana dos Remédios, Santa Bárbara, Santo Antonio do Tanquinho, Senhor do bonfim, N. S. do Bom Despacho, N. S. dos Humildes, S. José das Itapororocas); **Riachão do Jacuípe (N. S. da Conceição de Riachão do Jacuípe**, N. S. da Conceição do Coité, N. S. da Conceição do Gavião); Purificação (N. S. da Purificação dos Campos, SS Coração de Maria, SS Coração de Jesus do Pedrão, S. João das Ouriçangas); Serrinha (Santana); Camisão (Santana do Camisão, N. S. da Conceição da Baixa Grande, N. S. Bom Conselho da Serra Preta, N. S. do Rosário do Orobó); Monte Alegre (N. S. das Dores de Monte Alegre, N. S. da Conceição do Mundo Novo) (p. 174-7)

> Ato de 27 de agosto de 1881 – Nomeia membros de Comissões Literárias das freguesias: Divino Espírito Santo de Abrantes, **N. Sra. do Riachão de Jacuípe** e S. Bento de Monte Gordo (p. 269);
>
> Ato de 14 de abril de 1882 – Remove, por conveniência do serviço público, o professor Ângelo Ambrosio de Figueiredo, da cadeira de 1ª. classe da freguesia do Riachão do Jacuípe para a de igual categoria da vila de Olivença, passando, também por conveniência do serviço público, o professor desta, José Ferreira de Carvalho Cunha, para aquela. (p.70)
>
> Ato de 7 de junho de 1888 – Remove a professora da cadeira da vila do **Riachão do Jacuípe**, d. Jovina Dulce dos Santos Oliveira para a da freguesia de Paramirim (p. 85);
>
> Ato de 23 de agosto de 1889 – Remove, por conveniência do serviço público, o professor da freguesia do S. S. Coração de Maria, João Guimarães, para a vila do Prado, e a professora da vila do Prado, d. Maria Izabel Caissara de Mattos, para a do Pedrão, passando os professores desta vila, João Luiz Barreiros e D. Corintha Amélia da Fonseca Barreiros para as cadeiras do S. S. Coração de Maria; e, para a freguesia do Pedrão, o professor Francisco Antonio Caynumi (p.386). No que se refere ao casal Barreiros, este ato foi tornado sem efeito por outro de 11 de novembro deste ano, em que os mesmos professores são transferidos para as cadeiras da vila do **Riachão do Jacuípe**, passando, também a pedido, os desta Vila, Gregório Aurelino Gabão e D. Anna Guimarães de Oliveira Gabão para o S. S. Coração de Maria (p. 515).

Embora os atos transcritos comprovem que a escolarização em Riachão do Jacuípe-, por volta da segunda metade do século XIX, já existia, por meio de professores régios, nomeados pela Coroa, sabemos que não foi suficiente para embasar a formação de uma comunidade com educação escolar ascendendo proporcionalmente ao desenvolvimento social e político do município. Ribeiro (2002, p.367), em sua abordagem sobre a evolução do ensino no Brasil, mais precisamente sobre os ISE (Institutos Superiores de Educação), relata

> Pode-se imaginar que o ritmo acelerado de desenvolvimento nem sempre preservou a qualidade do ensino: não havia número suficiente de professores qualificados para atender a demanda, muitos cargos eram assumidos por pessoas indicadas por padrinhos políticos, sem preocupações com a real formação acadêmico-profissional dos afilhados.

Se a realidade descrita era característica do Ensino Superior, considere-se então como deveria acontecer com o Ensino Primário e Ginasial no sertão baiano.

Consta no caderno dos “Primeiros Informes do Município de Riachão do Jacuípe” (1988, p 21) que o Cel. João Paulo da Silva fez, já em 1927, a seguinte análise sobre o município:

> O município não oferece até o presente, o desenvolvimento que fora para desejar, quer quanto à sua lavoura, quer quanto à indústria pastoril, devido, principalmente, aos preconceitos da rotina seguida pelos seus habitantes, alheios e refratários aos ensinamentos da ciência...
>
> A falta de instrução e a incompetência também dos que a ministram são, certamente, a causa do atraso em que se encontram este e a quase totalidade dos municípios do interior do Estado.

Nesse sentido, a realidade atesta o discurso do coronel. Os primeiros e, por alguns anos, únicos profissionais liberais de Riachão foram filhos do Cel. Teodomiro Mascarenhas e netos do Cel. Marcolino Gonçalves Mascarenhas: Dr. Manoel dos Santos Mascarenhas (Dr. Neco + 01.01.1908 – 31.10.1976), advogado, e Dr. Pedro Paulo Mascarenhas (+ 29.06.1905 - 30.12.1958), médico. Ambos foram educados na Capital do Estado –Salvador-, estudaram no Colégio Ipiranga, obtiveram título de universitários pela Faculdade de Direito e Medicina da Bahia e eram considerados os mais cultos do lugar.

Em vista do que se apresenta, até meados do séc. XX, a situação da educação escolar ainda era muito precária: não havia prédios escolares em número necessário e algumas escolas funcionavam em casas residenciais. O livro adotado era o de Felisberto de Carvalho. Quando o aluno terminava de ler o 5º livro, estava com o curso primário concluído, realidade dos mais abastados da zona urbana. Na zona rural, poucas famílias reuniam os filhos em alguma residência sob orientação de alguma professora, que priorizava ensinar aos alunos a assinatura do nome próprio.

O ensino de leitura e tabuada era para poucos e de condições econômicas mais favoráveis, pois o custo era de responsabilidade do interessado. Era forte a influência da igreja católica sobre o interesse das pessoas pelo aprendizado da leitura. Os poucos textos que circulavam eram, na maioria, de caráter religioso, além de o conhecimento bíblico ter representação essencial para a formação dos valores familiares e sociais. A fé católica também era reforçada a cada contato que o cristão fizesse com os ensinamentos bíblicos, independentemente da possibilidade de uma interpretação textual aguçada. Portanto, a

formação cristã influenciava a existência da escola, espaço também de ensinamentos catequéticos. Os catecismos eram adotados para aulas de religião e os ensinamentos eram tomados com mais seriedade (haja vista as famosas sabatinas) do que as contas de tabuada ou as cópias de textos.

Quando Riachão era composto por apenas cinco arraiais, com uma população superior a dezoito mil habitantes, existiam somente quatro escolas. Dessas, duas eram localizadas na sede do município; uma no Distrito de Gavião e outra em Candeal e eram mantidas pelo governo do Estado. A outra era de responsabilidade do município. As circunstâncias sociais forçavam o acesso à escola de modo hierárquico: primeiro, para as famílias mais abastadas e que almejavam dar aos filhos um conhecimento mais apurado das *letras*, pois normalmente essas pessoas já saíam de casa com noções de leitura e de conhecimentos básicos da matemática; segundo, para os que conseguiam conciliar a rotina da sobrevivência com a participação na escola; terceiro, para os leigos que pretendiam alcançar a capacidade de registrar seu nome.

Essa situação gera um efeito lingüístico: uma vez que consideramos que os integrantes da escola pertenciam a grupos sociais diferentes, com linguagem própria de sua condição social, fundem-se variedades lingüísticas e, consequentemente, difundiam-se outras sob influência dos contatos lingüísticos e do ensino.

Um avanço considerável no sistema educacional em Riachão começa mesmo por volta da segunda metade do séc. XX, quando a cidade recebe professores com formação mais privilegiada. Em 1944, chegou de Feira de Santana-BA a professora Ivete Marques de Cerqueira; em 1945, proveniente de Salvador, veio a professora Maria Dagmar de Miranda ocupar vaga da professora Hildete Carneiro que fora transferida para a cidade de Jequié.

Em 1948, chegou de Feira de Santana a professora Eutália Oliveira de Ribeiro. Mesmo assim, o método de ensino ainda continuava tradicional e as escolas ainda funcionavam em casas residenciais alugadas pelo Estado. Só na década de 50 foi construída a primeira escola de Riachão: o Grupo Escolar Osvaldo Cruz. Foi exatamente no ano de 1950 que a nossa informante, Oscarlita Cedraz, tomara posse como professora do curso primário. Oscarlita

teve formação escolar em nível do 5º. Ano primário, tendo sido professora do município de Riachão do Jacuípe-BA entre os anos de 1950 - quando tomou posse - a 1968, lecionando o curso primário para alunos da zona rural.

A escola funcionava na própria Fazenda e o salário da professora era de responsabilidade da prefeitura do município. Oscarlita prestou serviço, também como educadora, para a Agência de Estatística (órgão federal), quando lecionou o curso supletivo, que inclusive funcionava na sua fazenda, em horário noturno e era direcionado a um público adulto e analfabeto. Viabilizar a educação escolar através do funcionamento em residências particulares foi uma realidade que ainda persistiu com casos na zona rural até os anos 80.

De acordo com o recenseamento de 1950, a população encontrada era de 41391 habitantes dos quais 20448 homens e 20943 mulheres, sendo que existiam em todo o município 3418 homens e 2877 mulheres sabendo ler e escrever, no grupo de cinco anos e mais. Na cidade, a população somava 1552 habitantes e de 1266 pessoas em idade de 5 anos e mais, 342 homens e 356 mulheres sabiam ler e escrever. O quadro rural abrigava 38148 habitantes do município, o que correspondia a 82% da população total.

Em 1956, o ensino primário era realizado por 14 (catorze) escolas estaduais e 25 (vinte e cinco) municipais, com matrícula de 1700 (um mil e setecentos alunos) alunos. Nessa época, a cidade dispunha de duas mini-bibliotecas, sendo uma pertencente à Prefeitura Municipal e a outra mantida pela Agência de Estatística: a Biblioteca Machado de Assis.

Constatamos, assim, o reflexo da realidade brasileira descrita em Cunha (1978), na sua pesquisa sobre a escolarização e ressaltada por Ribeiro (2002, p.367):

> ... o número total de crianças com 7 anos de idade, zonas urbana e ruaral, só 30,9% freqüentavam a 1ª. série em 1964 e só 34,4%, em 1970. Além disso, o autor ressalta que, em 1960, de 1.000 alunos matriculados na 1ª. série, só 63 chegaram à 3ª. série colegial; desses só 48 alcançaram a 1ª. série superior (Cunha 1978:130). Para 1971, do número total de ingressos na 1ª. série, apresentando-se índices de 28,3% de reprovação e de 13,1% de evasão. Quando é observado o número de matrícula na 2ª. série, para 1972, constata-se ainda um uma evasão de 35,7% durante as férias. Assim, há um afunilamento desde o curso primário, sendo mínimo o número dos que conseguem ingressar no ensino superior.

6 Subsídios gerais para a descrição da modalidade lingüística nos manuscritos pessoais

Os fatos apresentados sobre as origens, povoamento e evolução política da região de Riachão do Jacuípe subsidiam informações para a compreensão das modalidades lingüísticas presentes nos manuscritos.

O processo que envolveu a organização social da cidade de Riachão do Jacuípe-BA e seus arredores é parceiro da construção da identidade lingüística de seus habitantes. Com base nessa observação, busquei os aspectos sociais que subsidiaram e caracterizaram a fase dos anos 40 do século XX no semi-árido baiano, tais como:

i. o povoamento dos núcleos rurais;

ii. principais fatos de natureza social responsáveis pela organização da comunidade, como eventos que reuniam pessoas;

iii. as explorações a que estava sujeita a população;

iv. a intensidade dos movimentos migratórios,

As primeiras observações sobre a região delimitada para estudo indicam que ela é constituída de uma área cuja intensidade de povoamento nos anos 40 - dentro do panorama do sistema capitalista e do mundo moderno - era mínima. Esse fato denuncia um modo de sobrevivência comum a seus habitantes.

As correspondências pessoais, as missivas, que ora compõem o *corpus*, versam sobre temas que atestam ter sido a escrita veículo relevante para que se fizesse comunicação entre os indivíduos que ali moravam. Embora a distância entre suas casas não fosse significativa, não era aprovado pela educação doméstica das famílias fazerem-se visitas com freqüência.

Através do resgate do contexto dos manuscritos, consegui identificar traços que denunciam as características da época e do lugar, além do nível sócio-cultural dos informantes.

Alguns trechos denunciam bem as características *econômicas e sociais dos informantes*. Em "*Roque manda tua ropa por Francisquinho terça feira que eu passo o ferro e tu recebe no Riachão*." (DOC15l26-27), registra-se que o local ainda não dispunha de energia elétrica; Em "*Estou com vontade de ir a Missa dia de Reis*..." (DOC21l9), observamos o hábito das pessoas de participar das missas festivas; num trecho em que o noivo revela sua satisfação à noiva, dizendo " ... *fiquei muito satisfeito em tu ter a dilizadeiza de mi participar que ia para o Riachão*..." (DOC27l10-11), podemos observar traços da cultura patriarcal; também em "*Roque eu te disse que iam a reza da Roça do Alto amanha*..." (DOC35l9) e em "... *tenha feito trato com comadre Ana para nois ir junto a reza e a Missa de quinta feira*..." (DOC35l11-12),atestamos a prática das liturgias bíblicas em contextos mais restritos; a rotina das mulheres, ou seja, costurar, fica expressiva em "... *quero que você va levar esta custura em Candeal*..." (DOC40l4-5). Ainda podemos destacar certos trajes usados pelas pessoas do local, em: "*Faço-lhe esta duas enviando-lhe o seu Suete*[40]..." (DOC41l3-4).

Quanto ao nível de escolaridade dos autores e interlocutores, sabemos que era o mais básico (ABC, Cartilha, 1º. ano primário) haja vista as condições desfavoráveis de acesso à educação escolar na região. Havia poucas escolas, geralmente localizadas muito distantes das residências. A condição econômica forçava o trabalho na agricultura, o que condicionava disponibilidade de acordo com épocas de cultivo favorecendo a evasão, além de outros aspectos que limitavam o nível de escolaridade dos informantes.

A formação cultural[41] das famílias também contribuía para o analfabetismo. No geral, incentivava-se que o aluno chegasse ao conhecimento das letras esbarrando na capacidade de fazer leituras em nível da decodificação das palavras, ou seja, bastava ser capaz de ler nomes isolados, frases curtas, avisos breves. O mais importante mesmo era, caso da maioria das pessoas, desenvolver a competência de conseguir assinar o nome próprio e adquirir noções das quatro operações básicas da matemática.

[40] Suéter, agasalho fechado de malha ou de lã.
[41] Entenda-se cultura como conjunto de características (manifestações intelectuais, artísticas, religiosas) que identificam uma sociedade.

Sabe-se, também, que a comunidade jacuipense era integrada por pessoas de variados níveis de escolarização: pouquíssimas com escolaridade um pouco além do ginásio, outras com escolaridade baixa e outras analfabetas, as quais interagiam nos seus ambientes funcionais, sociais e profissionais.

Têm-se o médico e o advogado, formados pela faculdade da capital, dando assistência à população em geral; os funcionários da justiça (delegado), geralmente com curso primário completo; o vigário, os seminaristas, advindos de regiões diferentes, dirigindo os cursos de formação religiosa para os representantes das comunidades eclesiásticas; os ministros e as ministras conduzindo os cultos dominicais nos povoados; a professora, com nível de ginásio, formando alunos das turmas de primário; o adulto que lia a Bíblia diariamente; a criança que estudava o catecismo; a esposa que lia receitas culinárias; o criador de gado, grande fazendeiro, geralmente analfabeto; o vaqueiro, também analfabeto; o feirante, outro analfabeto; os pequenos produtores rurais, iletrados; e a empregada doméstica, que também não sabia ler nem escrever.

Assim, o cenário sugere que havia contato entre os poucos conhecedores da variedade culta, português-padrão, e as diversidades dos falantes analfabetos naquela mesma variedade geográfica. Diante desse cenário, pergunto-me: as variedades do português, compartilhando suas formas nos contextos de interação, através dos escolarizados ou não, através dos mais religiosos e das pessoas mais e/ou menos informadas e/ou economicamente privilegiadas podem ter-se misturado e influenciado o vernáculo da comunidade?

A amostra dos aspectos lingüísticos revela dados os quais atestam que as formas pronominais em uso ocorrem independentemente da condição sócio-econômica dos informantes.

Pelo visto, as particularidades lingüísticas que vêm caracterizando o dialeto baiano eram comuns a falantes de todo e qualquer nível social e de escolaridade. Os contextos de interação certamente favoreceram a variação observada no uso de determinadas formas pronominais, aspetos lingüísticos analisados nessa pesquisa.

Especialmente no âmbito do que trata esse trabalho, o quadro dos pronomes pessoais apresentado no *corpus* reflete bem essa realidade. A amostra inicial dos dados apresenta nas

correspondências pessoais uso de *tu*/*você*[42] em contexto sintático de sujeito sendo as formas *te*/*ti*/*lhe* preenchendo posição de objeto para ambas as formas de sujeito e uso dos possessivos *seu*/*teu* indistintamente; o pronome *lhe*[43] não aparece apenas na sua função sintática tradicional dativa, mas como forma oblíqua referindo-se à segunda pessoa do singular e também sendo realizado na função de objeto direto.

Também se destaca no *corpus* o fato de a forma *você* não ser realizada nos textos poéticos a que tinham acesso os informantes, no entanto é produtivo seu uso nas correspondências; além disso, as formas canônicas do clítico *o, a (s)* apenas aparecem nos textos poéticos cuja autoria não são dos informantes. Nas correspondências, essas formas não são usadas. O pronome *lhe*[44] como acusativo se realiza no grupo dos textos poéticos apenas uma vez com uso que sugere influência despercebida do vernáculo.

Quando da descrição dos manuscritos, destaco as expressões, o vocabulário regional, as informações que denunciavam a rotina dos informantes, os quais são dados para uma compreensão sobre aspectos sócio-lingüísticos da comunidade.

A constatação de que existia variação quanto à linguagem utilizada revela, por parte dos autores, esforço para atingir, em determinadas produções, um tom formal e, em outras, um tom notavelmente espontâneo, sem seriedade. Esse fato é importante e mostra que os informantes reconheciam seu modo de falar como distante do que era considerado "correto". Não é à toa que, de forma recorrente, encontramos expressões como "*Desculpe os erros"* (DOC28l12), "*Desculpe os erros e as faltas que não sei e foi com presa*[45]." (DOC30l22-23), "*Peso-lhe que desculpe os erros e as faltas que e o meu pouco saber*." (DOC34-nota na vertical esquerda).

Desta forma, penso que ao relacionar características da tipologia, forma, conteúdo e elementos da linguagem dos manuscritos com sua contextualização histórica, poderei identificar as repercussões da interação das modalidades do português no favorecimento de uma possível nova configuração lingüística no sistema pronominal. Para caracterizar a

[42] "*... arricibi a tua adorada cartinha a qual veio me dar grande prazer em ver que você lembras-te de mim.*" (DOC5l9).
[43] "*termino para não lhi aburreçer*" (DOC4l1)
[44] "*Tenho muito gosto / em lhe ver bonita"* (DOC50l14)
[45] Leia-se pressa.

mudança lingüística, relembro a importância do fato de que não se pode pretendê-la sem a recuperação do passado sócio-histórico de uma comunidade de fala.

CAPÍTULO III

1 Estudos Lingüísticos - motivação inicial

Pesquisas desenvolvidas no âmbito da Lingüística brasileira têm fornecido subsídios para discussões sobre um de seus temas mais abordados: a face do português brasileiro. Mesmo que, conforme ressalta Monteiro (1994), ainda não tenhamos alçado a uma percepção mais exata de nossa realidade lingüística, os estudiosos do português -por meio de investigações criteriosas e instrumentais teóricos adequados- vêm descrevendo e atestando as diferenças entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE).

Dentre os aspectos da língua portuguesa, o quadro dos pronomes apresenta-se como um tema expressivo da caracterização da variante brasileira. É nessa realidade que concentro os estudos dos fatos lingüísticos destacados do *corpus* que, conforme informado em capítulo anterior, é também parte desse trabalho.

O ponto de partida para os estudos de aspectos gramaticais foi uma breve retomada das orientações da gramática tradicional sobre os usos dos pronomes pessoais contrapondo com trabalhos já realizados por pesquisadores que vêm desenvolvendo estudos com análises centradas no sistema pronominal do português brasileiro (PB).

Neste capítulo, pretendo mostrar que a gramática tradicional não apresenta uma descrição completa dos usos das formas pronominais nas variedades do PB. E aqui não estou cobrando a descrição do vernáculo, mas refiro-me à omissão ou ao não reconhecimento de usos que sabemos fazer parte da gramática dos falantes cultos, como documentado nos inquéritos da Norma Urbana Culta (NURC). Portanto, pretendo, através dos meus dados, e dos resultados apresentados em vários trabalhos, artigos e livros, refletir sobre como o uso efetivo dos pronomes pessoais se manifesta de modo comum nas variedades[46] do português-padrão e não-padrão do PB.

Este capítulo está organizado em duas seções. Na primeira seção, apresento o objeto de estudo lingüístico dessa pesquisa, os pronomes pessoais, faço breves abordagens sobre como são descritos pelo tradicionalismo da gramática normativa brasileira e apresento algumas considerações feitas por estudiosos sobre o assunto. Na segunda seção, falo dos usos efetivos dos pronomes pessoais a partir de resultados de pesquisas lingüísticas realizadas sobre o PB. Em diálogo com esses resultados, são citados alguns aspectos das formas pronominais que aparecem em uso no *corpus* desse trabalho e que compartilham da descrição dos estudos acadêmicos citados.

É nesse momento em que as cartas pessoais do Conde do Pinhal começam a ter participação fornecendo dados para comparações entre fatos gramaticais compartilhados com os dados do *corpus*, base dos estudos aqui desenvolvidos.

2 Os pronomes pessoais: objeto de estudo

[46] Retomo da introdução geral os conceitos de Melo (2002), usados para distinguir, no português brasileiro, duas variedades:

- a não-padrão, que compreende duas modalidades: (i)dialetos falados pela massa populacional que pouco ou nenhum acesso teve à educação escolar; (ii) dialetos falados por pessoas que dominam variedades dialetais padrão, mas se expressam em português não-padrão em contextos relaxados, íntimos, familiares;

- e a variedade do português-padrão, modalidade predominantemente utilizada nos contextos de interação formal por uma parcela da população que teve acesso à educação formal.

A delimitação do uso dos pronomes pessoais, como objeto de estudo, parte da noção de que o *corpus* utilizado para tal dispõe de uma série de fenômenos no âmbito do sistema pronominal que sugerem a evidência de mudanças, algumas em curso e outras plenamente realizadas, refletindo vernaculidade do português brasileiro.

Fatos do *corpus* como as categorias sujeito nulo e sujeito realizado, a variação *tu/você* na referência ao interlocutor, variação entre *tu/você* na realização plena do sujeito, a não-realização dos clíticos acusativos *o/a*, no séc. XX, a participação dos clíticos nas funções de complemento, a produtividade do clítico *lhe* como acusativo, uso marcante que caracteriza o dialeto baiano, são fatos apresentados neste capítulo e que constituem os dados que serão analisados com um tratamento quantitativo no capítulo que se segue.

2.1 Sobre os pronomes pessoais: norma e uso no português brasileiro

2.1.1 Tradição gramatical

O tradicionalismo gramatical apresenta os pronomes pessoais introduzindo suas funções com base no sistema casual latino, o qual reconhece a função de sujeito através de sua realização pelos pronomes nominativos (ou caso reto) e função de complemento pelas formas do acusativo, dativo ou (caso oblíquo). De acordo com a noção de caso, as formas pronominais assim se distribuem na maior parte das gramáticas normativas, nos livros e diversos manuais didáticos que pautam o ensino de língua portuguesa no Brasil:

Quadro 1 - pronomes pessoais segundo as propostas tradicionais para o ensino de Língua Portuguesa

PESSOA	CASOS					
	Nominativo	Acusativo	Dativo átono	Dativo tônico	Reflexivo átono	Reflexivo tônico
1ª. Singular	**eu**	**me**	**m e**	**a/ para mim**	**me**	**a mim mesmo**
2ª. Singular	**tu**	**te**	**te**	**a/ para ti**	**te**	**a ti mesmo**
3ª. Singular	**ele (a)**	**o**	**lhe**	**a/ para ele**	**se**	**si, a si mesmo**
1ª. Plural	**nós**	**nos**	**nos**	**a/ para nós**	**nos**	**a nós mesmos**
2ª. Plural	**vós**	**vos**	**vos**	**a/ para vós**	**vos**	**a vós mesmos**
3ª. plural	**eles (as)**	**os**	**lhes**	**a/ para eles**	**se**	**se, a si mesmos**

Sabe-se que nossas gramáticas não têm como objetivo apresentar os usos cultos da variedade padrão do PB. Mas, de fornecer orientações para capacitar os usuários da língua a praticar usos cultos com base numa visão normativa que é pautada em normas cultas lusitanas. A variedade culta apresentada pela gramática tradicional como o que é correto, como linguagem exemplar volta-se para usos cultos que estão presentes na língua escrita literária e não considera as variedades dialetais comuns entre falantes que apresentam acentuadas diferenças de cunho social e econômico. No entanto, o que se constata é que, no que diz respeito aos pronomes pessoais, seu uso efetivo se manifesta de modo comum nas variedades do português-padrão e não-padrão do PB.

Indiferente aos usos efetivos dos pronomes pessoais, o esquema de apresentação da gramática tradicional segue uma atração a um modelo cuja regularidade não sobrevive no PB. O tradicionalismo gramatical recomenda que:

i. os pronomes pessoais *eu* e *tu* devam ser realizados na função de sujeito, destacando-se que tais formas não podem ser regidas por preposição e que as demais do paradigma do caso reto (*ele(a), nós, vós, eles (as)*) - a priori- também devem ser realizadas como sujeito, admitindo-se suas ocorrências como complemento desde que preposicionadas;

ii. as formas oblíquas átonas (*me, te, se, nos, vos, lhe*) são restritas a funções completivas de modo que cada uma carrega suas funções peculiares de objeto direto e/ou objeto indireto (*me*, *te*, *nos* e *vos)* enquanto que as formas *o* (a), *a* (*s*) ganham forma particular de objeto direto. É admitida a construção em que a forma oblíqua átona do pronome pessoal ocorre como sujeito de uma oração infinitiva[47];

iii. ao clítico *lhe* é licenciada a atuação apenas com função dativa (complemento de objeto indireto). Também é particularidade do *lhe* ser empregado para indicação de posse[48];

iv. sobre a forma do imperativo, a gramática normativa registra formas como *fala ~ não fales*, *abre / não abras*, *faz ~ não faças* para o imperativo singular em contextos do pronome *tu.* Para o imperativo singular em contexto do pronome *você*, a gramática normativa registra formas como *fale ~não fale, abra ~ não abra, faça ~ não faça.*

Dessa forma, pode-se resumir, de modo breve, como é apresentada a atuação dos pronomes a partir da qual se sustenta a orientação para seus usos cultos. A prescrição dos usos cultos está presente na grande maioria dos livros didáticos, gramáticas e manuais de escrita disponíveis no mercado editorial e que está oficializada integrando os conteúdos curriculares do ensino de Língua Portuguesa.

Sabe-se que essa variedade padrão do PB constitui-se como uma variedade que é adquirida em contextos de educação formal.

---

[47] Ex. Deixe-ME saber de sua nova profissão (exemplo de autoria própria). O pronome pessoal ME é sujeito da oração infinitiva "*saber de sua nova profissão*" que se constitui objeto direto do verbo *deixar* junto do qual o pronome se coloca como clítico.

[48] Ex. Ou me obedece ou corto-*lhe* as asas. *Lhe* em lugar de *suas*. (exemplo de autoria própria)

Espera-se que falantes de condição sócio-econômica mais privilegiada, pessoas mais habilitadas a adquirir a variedade padrão do português, façam uso dessa modalidade. No entanto, o que questiono dentro dessa perspectiva é se esses falantes têm exercido efetivamente essa habilidade lingüística no que se refere ao uso dos pronomes pessoais.

2.1.2 Algumas considerações sobre o normativismo com o uso dos pronomes pessoais

Os estudos realizados acerca do sistema pronominal brasileiro mostram que o uso efetivo das formas pronominais pouco se aproxima das descrições expostas no quadro 1 independentemente da condição social do falante. Isso vem sendo descrito em trabalhos acadêmicos e, cada vez mais, estudos recentes atestam essa distância. Ocorrências de construções até estigmatizadas como é o caso de "*vi ele*" integram o PB em diferentes regiões do Brasil. Dentre os estudos, abordo alguns que poderão ilustrar essa questão e que chamam a atenção para a rigidez dos preceitos normativistas:

Lopes (2005) critica os ditames das propostas tradicionais alegando que o leque de pronomes distribuídos no quadro 1 além de não incluir as variedades utilizadas na língua corrente, como é o caso de *você/ vocês / a gente*, concebe, equivocadamente, *nós* e *vós* como formas plurais de *eu* e *tu*.

Freire (2000) aponta, entre outras limitações da gramática tradicional, a falta de menção à introdução da forma *a gente* no PB. O autor acrescenta que a gramática tradicional inclui formas em desuso, ou pouco usadas, em grande parte do território nacional, como *tu* e *vós*, entre os pronomes pessoais de segunda pessoa, relegando a notas de rodapé ou descrevendo entre formas de tratamento o emprego de *você/vocês* em sua substituição ou em uso concomitante com esses elementos, fatos observados no português na maior parte do Brasil. Destaque-se Rocha Lima que, como honrosa exceção, em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (1998:317), inclui a forma de tratamento *você* entre os pronomes de segunda pessoa.

Moura Neves (2000) traz uma abordagem que explora a natureza do caráter discursivo[49] dos pronomes pessoais (funções anafórica e catafórica e as funções interacional e textual) os quais incluem *você (s)* como forma de segunda pessoa no quadro dos pronomes pessoais. A autora, porém, não desenvolve comentários a certa das atuações funcionais (funções de sujeito, objeto) nas ocorrências da linguagem corrente. Sobre o *lhe*, a autora registra o seu emprego nos contextos acusativos**,** informando sobre o seu estatuto sociolingüístico. Ou seja, tal emprego não é aceito como modelo de língua padrão.

Moura Neves também aponta falhas da descrição normativa em vários pontos. Cito dois deles : (i) as afirmações de que as formas *eu* e *tu* devem ser empregadas sem regimento de preposição e unicamente como sujeito não levam em conta suas ocorrências na linguagem popular, na linguagem literária e na jornalística. De fato, em tais contextos lingüísticos, as formas *eu* e *tu* introduzidas pela preposição *entre*[50] é um uso muito produtivo; (ii) a ocorrência de pronomes do caso reto *ele*, *nós* e *vós*, como complementos, não condiz com a orientação da tradição normativa, que restringe o uso dessas formas apenas aos casos em que são regidos por preposição. No entanto, construções

(01) “unindo ***tu*** no meu peito” (DOC5l31)

e outras similares são comuns na língua falada. Na verdade, a autora chama a atenção para o fato de que a linguagem, não só a falada, mas também a escrita, produzem tais formas à margem do regulamento para o português-padrão. O exemplo disso é a própria expressão destacada acima, que se registra no *corpus* dessa pesquisa.

Scherre (s/d) reflete sobre a relação entre norma e uso no português brasileiro para o imperativo à luz do fato de que algumas formas como *faz ~ faça, dá ~ dê* ocorrem com alternância em contexto discursivo do pronome *você* em enunciados afirmativos e negativos de diálogos da fala e da escrita. A autora aborda o distanciamento considerável entre norma

[49] Embora considero importantes as questões discursivas e defendo que também serviriam muito para auxiliar os professores de Língua Portuguesa no exercício de leitura e produção de texto, neste trabalho não explorarei questões discursivas por não serem foco de seu estudo.

[50] Construções do tipo: *Gostaria de que tudo tivesse dado certo* **ENTRE** *EU e ele*. (exemplo de autoria própria)

e uso na expressão do imperativo e diz que, em verdade, a norma da tradição gramatical reflete o uso do português europeu de séculos anteriores e o uso parcial do português brasileiro contemporâneo. Nesse sentido, Scherre (s/d: pág. 25) é taxativa ao dizer

> "A fala de cerca de 110 milhões dos cerca de 169 milhões de falantes do português brasileiro, bem como a escrita de autores os mais diversos... ... não se encontram contempladas nos registros da gramática normativa."

O que se constata, portanto, é que os registros de usos efetivos dos pronomes pessoais não servem como referência para apontar diferenças entre os dialetos da população brasileira.

Além disso, considero que as observações expostas, sustentadas nos estudos dos destacados pesquisadores atestam que modificações estão ocorrendo no PB e se trata de fatos lingüísticos silenciados pela tradição gramatical.

2.1.3 Usos efetivos dos pronomes pessoais: resultados de pesquisas lingüísticas

Complementando ou contrapondo a tradição gramatical, o que se constata é que as análises lingüísticas realizadas por trabalhos acadêmicos, com base em amostras de fala ou de textos de sincronias passadas, já apontam que o uso efetivo dos pronomes pessoais em contexto do português brasileiro não confere mesmo com as recomendações normativistas. Reporto aqui alguns trabalhos que ilustram muito bem essa realidade.

Monteiro (1991) analisou o uso dos pronomes na norma culta, a partir de inquéritos das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife, recolhidos pelo Projeto NURC, e verificou que há uma grande instabilidade no sistema pronominal no português brasileiro – PB, visto que se observa um gradual desaparecimento de algumas formas e o aparecimento de outras. O autor exemplifica o caso do pronome *vós*, que teria acarretado a extinção do pronome objeto *vos* e do possessivo *vosso*, os quais teriam sido substituídos pela forma (de) *você*(s).

Lopes (2005) chama a atenção para o fato de ainda não haver um completo mapeamento descritivo da atual situação do sistema pronominal sinalizando as repercussões gramaticais

ocasionadas pela inserção de *você* e *a gente* e pelo desuso de *vós*. Mesmo assim, a autora ressalva que os resultados das investigações de língua falada e escrita vêm confirmando que, no português do Brasil, os pronomes pessoais têm assumido particularidades de uso e aponta a necessidade do desenvolvimento de mais estudos nesta direção.

Em dados sobre a expressão do imperativo em contextos discursivos dos pronomes *tu/você*, Sherre (s/d: p. 2) conferiu que, embora haja maior probabilidade de ocorrência da forma imperativa associada ao subjuntivo em enunciados com polaridade negativa, no português brasileiro têm-se pares como *fala ~ não fale, abra ~ não abra , faça ~ não faça*, todos associados ao indicativo, em contexto explícito do pronome *você*. Sherre ilustra o fato de que esses usos ocorrem em estados brasileiros onde os falares não apresentam produtividade do pronome *tu*, como Minas e Goiás; em estados, que alternam o uso do *você/tu*, como Rio de Janeiro e ainda em estados onde há alternância do uso *tu/você*, *você/tu* como Rio Grande do Sul.

De fato, como já demonstrado em vários estudos os falantes do PB empregam, na fala e na escrita menos formal, formas verbais de segunda pessoa do singular quando deveriam usar as formas de terceira pessoa, uma vez que o tratamento do ouvinte se faz com *você*[51] . Esse fenômeno, a famigerada mistura de tratamento, vem ultrapassando o plano da oralidade e atingindo a escrita. Tal fato é bastante notório no *corpus* aqui analisado, onde temos, por exemplo, construções do tipo

> (02) "… Carlinda… sobi q **voçe** esteve duente. … Açeiti lembrancia do **teu** noivo". (DOC32l5-18).

Nas cartas do Conde do Pinhal, na mesma correspondência temos

> (03) " Hoje tive o prazer de receber **tua** carta de 16 do corrente mês. (...) Tenho bastante saudades **suas** porém não creio muito nas **suas**,

[51] Cf. Paredes Silva (2000:116), Scherre *et al (*2000).

> porque sou daqueles que julgo os outros pelo que fazem e não pelo que dizem" (Carta de 21 de Fevereiro de 1865).

No contexto do *corpus* analisado, as construções no imperativo afirmativo[52] apresentam-se na maioria na forma de 2ª. pessoa (você). No entanto, os dados mostram que *tu/você* variam no contexto discursivo dos informantes. Destaque-se que em

> (04) ***Vai*** relevando os erros e caligrafia (DOC7l17)

a forma *vai*, tida como apropriada para contexto discursivo de *tu*, ocorre numa carta na qual o contexto discursivo é *você*.

Ressalte-se que tanto o *corpus* quanto as correspondências do Conde do Pinhal são cartas pessoais e como tais - segundo a tradição gramatical - deveriam atender à regra de que, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a uniformidade de tratamento, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que se dirige, deve ser respeitada. Se se trata o interlocutor por *tu*, as flexões verbais deverão ser de 2ª. pessoa, os pronomes oblíquos usados deverão ser *te, ti, contigo* e os possessivos deverão ser *teu, tua, teus, tuas*.

Quanto ao tratamento dado às formas *você (s)*, Moura Neves (2000) relata sua produtiva difusão na língua falada, e registra a mistura das formas de referência pessoal de segunda e de terceira pessoas. Casos como *Você pode esperar que te telefono amanhã* são corriqueiros na oralidade do português brasileiro e, pelo visto, essa mistura não é coisa nova e também não se limita à oralidade. Nas Cartas do Conde do Pinhal, encontra-se

> (05) "*Você* está em sua casa e rodeada de seus filhos e em seus cômodos; estou ausente de *ti*..." (Corte, 16 de Julho de 1880)

Sobre esses aspectos, Lopes (2004, pág. 1-2) explica que, por derivar de uma forma nominal que leva o verbo para a terceira pessoa do singular, o emprego de *você* na interlocução acarretou, por exemplo, um rearranjo no sistema pronominal[53] com a fusão do paradigma de

[52] Ver anexos D, Construções no imperativo.

[53] Cf. Faraco (1996), Menon (1995). Ver a discussão proposta pelos autores.

2ª com o de 3ª pessoa do singular e com a eliminação do paradigma de 2ª pessoa do plural. A autora aponta as novas possibilidades combinatórias que se tornaram usuais: *você* com *te~lhe, teu~seu/tua~sua,* etc. e *vocês* com *lhes~vocês, seu(s)~teu(s), de você(s)* etc. Acrescenta às suas observações exemplos do que essas alterações ainda causaram em outras subcategorias pronominais (possessivos e pronomes-complemento):

> Você$_i$ disse que eu te$_i$ acharia na faculdade e que você$_i$ me emprestaria o teu$_i$/seu$_i$ livro. Você$_i$ arranjou aquele que eu te$_i$/lhe$_i$ pedi?.

Além disso, aborda também a migração do possessivo de terceira *seu* (e variantes) para o paradigma de segunda pessoa, fato atribuído também à inserção de *você* no sistema, o que promove a forma *dele* como estratégia "possessiva" de 3ª pessoa para evitar a ambigüidade do possessivo *seu* que atende às duas pessoas (segunda e terceira)[54]. Lopes mostra ainda os efeitos do rearranjo pronominal atingindo as formas do imperativo através de um exemplo típico desses usos em um slogan de propaganda veiculada pela televisão brasileira recentemente: *"**Vem** para Caixa, **você** também"*[55].

Chaves (2006) realiza seus estudos com uma amostra composta por cartas pessoais, escritas por pessoas nascidas em Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, situadas nas primeira e segunda metades do século XIX e da primeira metade do século XX. Em um montante de três mil seiscentos e setenta documentos consultados, foram selecionados todos os que trouxeram em seus textos ocorrências dos pronomes de tratamento *você* e *vossa mercê*. Dessa forma, selecionaram-se 67 correspondências do século XIX e 61 correspondências do século XX. Nesses documentos, foram encontradas cento e setenta e cinco (175) ocorrências do tratamento *Vossa Mercê* e duzentas e dezessete (217) ocorrências de *Você*. Essas formas referem-se ao interlocutor. A autora mostra uma Tabela (tabela 1) na qual o uso de *você* apresenta ocorrências variadas de atuação sintática:

---

[54] Cf. Silva (1982), Abraçado (2000); Menon (1996), Negrão & Müller (1996), entre outros.

[55] Combinação de imperativo de 2ª pessoa com a forma *você*.

Tabela 1: Distribuição da variante Você em relação à variante Vossa Mercê, conforme a função sintática

função sintática	número	%
SUJEITO	126/181	69
OBJETO DE PREPOSIÇÃO	101/199	50
OBJETO DE VERBO	8/12	66
TOTAL	235/392	59

Conforme interpreta a autora, a tabela 1 aponta sujeito como função sintática favorecedora do uso de v*ocê*. Enquanto o v*ocê* tem 69% das ocorrências com sujeito, o v*ossa mercê* tem apenas 30%. O uso do v*ocê* é semelhante ao de v*ossa mercê* na função de objeto de preposição, 49%. V*ocê* é preferencial na função sintática de objeto de verbo, 66%. O favorecimento da posição de sujeito constitui uma evidência do caráter inovador de v*ocê*.

Esta forma, *você*, aparece no *corpus* deste trabalho com maior uso também para sujeito, mas registra ao menos uma ocorrência como objeto direto e sete ocorrências como complemento de preposição, em construções como:

(06) “Roque se ***vôce*** quizer seu chapéu...” DOC3l48

(07) “... ave Maria que vôce não vá que para mim faltando ***vôce*** faltou todo mundo” DOC3l25

(08) “Roque eu estava tão alegre pensando que estava perto de lhe ver para mata a saudade que estava de ***você***.” DOC3l11

Nas cartas do Conde do Pinhal, observa-se um uso significativo de você. Destaco construções como:

(09) “Aceitai minhas saudades e transmitais ao José muitos beijos e abraço. O mesmo faz a ***você*** quem é Vosso esposo e amante” (São Paulo, 13 de Março de 1865)

(10) “... a minha boiada que deve sair na semana seguinte, e ***você*** deve aprontar bem o cargueiro.” (Campinas, 25 de Janeiro de 1868)

(11) “... deixando tudo para ***você*** arranjar nos lugares a sua vontade.” (Pinhal, 4 de Abril de 1870)

A forma *a gente*, que também não integra o quadro 1[56], mas que circula na oralidade e na escrita dos falantes do PB, é outro assunto que percorre trabalhos lingüísticos. Um desses é o estudo de MENON (1996b, e). A autora apresenta uma escala do que teria sido provavelmente seu processo de gramaticalização:

Locução Nominal >	Locução Nominal >	LN >	Pron. Indef. >	Pron. Pessoal
*gente**...***	*a gente*	*a gente*	*a gente*	*a gente*

Segundo a autora, num primeiro momento, o substantivo *gente* se comportava como qualquer outro da língua; podia entrar na composição de qualquer locução nominal (LN), em

[56] Saconni (1999) orienta o uso de *a gente* limitando-se somente a dizer que pode ser feito desde que seja em substituição a *nós* (*A gente* foi lá e não encontrou ninguém) e a eu (*A gente* se ilude muito na vida).

qualquer função sintática[57] - sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial, vocativo, predicativo do sujeito e do objeto. Na segunda etapa, houve, a partir provavelmente de um uso mais intensivo da LN constituída do substantivo antecedido do artigo - *a gente* -, uma certa especialização de uso, que começa a comportar-se de maneira diferenciada das outras locuções, passando a receber interpretação semântica diversa, contendo o traço [+*genérico*]. Nessa etapa, cristaliza-se como *pronome* (indefinido) e pôde então ser empregado, na interpretação indeterminada, servindo para expressar o sujeito indeterminado cuja característica principal é a genericidade. A autora reflete:

> Ora, como indeterminador do sujeito (isto é, do referente extralingüístico) parece que *a gente* ainda preservou parte do traço de "coletividade", presente em um dos significados primitivos do substantivo *gente* (ver as significações de *gente* em MENON, 1996b, p. 3)

Dessa forma, Menon (1996) explica que foi por esse viés semântico que a forma *a gente* pôde vir a ser interpretada como pronome. A última etapa desse processo de gramaticalização (que não inclui uma possível cliticização), seria o pronome passar a ter como referência a primeira pessoa do singular. No entanto, há ressalva de que quando lidamos com entrevistas ou textos e não temos a situação de produção do enunciado, fica extremamente difícil decidir entre uma interpretação de *nós* ou de *eu* para *a gente*. Nem sempre é possível estabelecer com precisão a referência desse *a gente* e, por isso, evita-se pronunciar sobre casos duvidosos, em trabalhos sobre a alternância *nós/a gente*, p. ex. Alerto, nesse sentido, o exemplo solto utilizado pelo gramático Saconni (1999, 165) " *A gente se ilude muito na vida*".

No contexto do meu *corpus*, não se observa presença da forma *a gente*, mas esse fato não é capaz de sugerir que se trate de uma inexistência no dialeto dos informantes. Considero que o contexto discursivo é que não favoreceu muito a referencialidade à primeira pessoa do

[57] Nota da autora: Estou empregando LN como na escala de constituintes *morfema*, *palavra*, *locução*, *frase*, *período*, em que é a **locução**, e não **a palavra**, que vai preencher a função sintática na oração. Nessa perspectiva, uma palavra sozinha constitui uma locução, quando falamos no nível dos constituintes da frase. Essa locução vai ter a (s) posição (ões) de *determinante*(s) vazia(s), não-preenchida(s) como no vocativo como ***Gente***! *que coisa horrível*. Para a Gramática Tradicional (GT), entretanto, é a palavra que "exerce a função de **x**", visto que ali a sintaxe é abordada morfologicamente.

plural ou ocorrências com indeterminação, construções mais típicas com o *a gente*. Também, a forma *nós* com a qual o *a gente* poderia variar, apresenta baixíssimo índice de produtividade no *corpus*, 8.91%, com registros apenas no grupo 1.

Nas cartas do Conde, temos ocorrências de *gente* em uso nominal e pronominal. Observem-se os usos nominais:

> (12) “Até hoje ainda não houve ***gente*** suficiente para trabalhar na Assembléia, porém espero que chegarão por estes 2 dias” (São Paulo, 21 de Fevereiro de 1865)
>
> (13) “Toda ***gente*** que morava na mesma casa deixaram-na.” (Pinhal, 11 de Dezembro de 1888)
>
> (14) “Isto aqui está com pouca ***gente*** e por isso difícil de se passar o tempo.” (Poços, 31 de Agosto de 1890)
>
> (15) “Diga a essa ***gente*** que vão recolhendo o café seco sem cesar.” (São Paulo, 15 de outubro de 1891)
>
> (16) “Há muita ***gente***, porém no que tenho visto não é igual o que vimos no ano passado.” (Carlsbad,18 de Julho de 1893)

As ocorrências de *a gente* aparecem ainda em mais carta do Conde, das não datadas. Nesta, o termo *a gente* aparece em uso pronominal:

> (17) “Não seja ruim, **a *gente*** aqui morrendo de saudade e você aí se divertindo e ainda por cima fica com raiva d**a *gente***.”

Monteiro (1994, p.165-166), trabalhando com o acervo do *corpus* compartilhado do Projeto Nurc (Norma Urbana Culta), observa a participação dos pronomes pessoais (pronomes sujeitos e objetos) no universo vocabular de uma sub-amostra de 72.184 palavras e informa

que, nessa sub-amostra, os pronomes objetos representam não mais que 0,6%; na amostra total, os oblíquos somam apenas 863, enquanto os pronomes em função de sujeito atingem 6.986. O autor aponta duas razões principais para explicar o fato: de um lado, inexiste simetria entre sujeito e complemento (há muitos predicados constituídos de verbos intransitivos); de outro, constata-se uma forte tendência para o emprego dos pronomes sujeitos, em oposição à altíssima taxa de apagamento dos pronomes objetos. Destaco aqui as comprovações do autor no que diz respeito à participação dos pronomes oblíquos:

> Entretanto, mesmo sem essa simetria, as alterações sofridas no esquema do chamado caso reto se refletem no caso oblíquo. Assim, conforme já vimos, os pronomes ***você***, ***a gente*** e ***o senhor*** passaram a ser usados também como complementos verbais, o que se observa de modo igual para as formas ***ele***(s), ***ela***(s).

No tocante à realização de os pronomes *você*, *a gente* e *o senhor* como complementos verbais observam-se seus usos muito presentes, comuns principalmente à variedade não-padrão do PB. Principalmente, digo, porque nos estudos de Monteiro (1994) são ainda os clíticos que, em termos de freqüência, têm representação maior, mas tendo como contexto a norma culta. Nas suas análises, são os clíticos que continuam a aparecer mais em função de complemento verbal de modo que as ocorrências das formas tônicas (*nós, para mim, a mim, nos, a nós*), inclusive na qualidade de objeto direto, são bastante esporádicas. Se redundantes[58], a ocorrência é ainda mais rara.

No *corpus* deste trabalho, também reconhecemos que são os clíticos que têm participação predominante na função de complementos, conforme constataremos nas análises adiante.

Quanto à distribuição dos pronomes clíticos em termos de freqüência, Monteiro (1994) apresenta os seguintes resultados, conforme podemos consultá-los na Tabela 2:

---

[58] (248) tem novelas que *me* trazem *a mim* uma mensagem boa (121.POA.DID.F1.)

(249) o sindicato dos professores *nos* congrega *a nós* (164.RJ.DID.M.I.)

Tabela 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS[59]		
PRONOME	**N**	**%**
ME	519	60
TE	12	1
SE	126	15
(L)O	42	9
NOS	86	10
LHE(S)	47	5
TOTAL	**863**	**100**

Para observar a realização dos clíticos pronominais no PB contemporâneo, baseando-se em parte no *corpus* do Projeto Nurc, partindo, inclusive, desses dados dos trabalhos de Monteiro (1991)[60] e de trabalhos de Abaurre e Galves (1996), Galves (2001) afirma que a análise do *corpus* mostra um uso muito irregular dos pronomes clíticos segundo suas formas, conforme apresentados na Tabela 2. Podem-se observar aspectos da distribuição dos clíticos atentando para os dados que são, também para Galves, reveladores do sistema gramatical brasileiro:

QUADRO 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS CLÍTICOS NO *CORPUS* NURC, SEGUNDO A FORMA[61]							
AUTORES	ME	TE	SE	LHE	NOS	O/A	TOTAL
MONTEIRO	519	12	1266[62]	47	86	73	2003

[59] A tabela exposta está publicada em: MONTEIRO, José Lemos. Pronomes pessoais: Subsídios para uma gramática do português do Brasil. Fortaleza: Edições UFC (1994, p. 166) publicação de sua tese de doutorado.

[60] Galves referencia: MONTEIRO, José Lemos. Pronomes pessoais: Subsídios para uma gramática do português do Brasil. Tese de Doutorado. UFRJ, 1991.

[61] (Galves, 2001, p. 126)

[62] Em Monteiro (1991) essa ocorrência é de 126.

ABAURRE e GALVES	48	3	105	1	5	10	172

A autora chama a atenção para três fatos os quais são especiais para ela, a saber:

> i) o contraste entre *me* e todos os pronomes, o que se explica pela situação de comunicação na qual os enunciados são produzidos: os falantes são levados a falar de suas experiências pessoais, a narrar acontecimentos dos quais eles são personagens principais, além do fato de a interação ser bastante superficial, o que favorece a realização da primeira pessoa, em detrimento da segunda;
>
> ii) o baixo número de ocorrências do clítico acusativo de terceira pessoa *o/a* expressa sua aquisição através de situações formais não sendo fixado pela criança em situação natural de aprendizagem;
>
> iii) o terceiro fato trata da importância numérica relativa do clítico *se*, visto como o uso mais instável dos clíticos no PB haja vista seus usos dominantes como ocorrência (65/105) com verbos pronominais e de sua função de indeterminação do sujeito (26/105), uma vez que se constata uma tendência ao apagamento do pronome[63].

Quanto ao pronome *lhe*, Galves confere que ele praticamente só é utilizado como correspondente a *você*, na segunda pessoa do discurso, e não mais como originalmente uma forma de terceira pessoa correspondente a *ele*. Além disso, observa que a alternância entre as formas dativas *te/lhe* resulta da generalização *você*, como forma de tratamento, por parte da maioria dos dialetos brasileiros.

Reafirmando o que já foi mencionado acima, a autora afirma que o clítico acusativo de terceira pessoa *o/a*, embora um pouco mais freqüente no *corpus* do que o clítico dativo de terceira pessoa, aparenta não ser mais produzido pela gramática do português brasileiro – PB, constituindo um vestígio de estados anteriores de língua. Não vou discorrer aqui sobre os fatos que levaram a autora a hipotetizar essa idéia, mas me importa considerar esta noção de inexistência na gramática do falante brasileiro visto que no *corpus* deste trabalho não há ocorrência do pronome *o/a* tendo em seu lugar sempre *te/lhe*. Assim sendo, os dados

encontrados também conduzem à interpretação de que os clíticos de terceira pessoa *o/a* não faziam parte do sistema pronominal do dialeto baiano.

A queda do clítico dativo *lhe* também tem sido objeto de estudos lingüísticos. Faraco (1982), Kato (1994) e Moura Neves (2000) apontam a extensão do emprego desse clítico para pronominalizar o objeto direto de 2ª pessoa, em substituição dos clíticos acusativos *o/a*.

Torres-Morais & Berlinck (s/d) analisando os processos que levariam à substituição da preposição *a* pela preposição *para* no português brasileiro – PB, em oposição ao português europeu – PE, na expressão do objeto indireto, argumenta que o fenômeno lingüístico não ocorre isoladamente, mas paralelamente à perda da estratégia de expressão morfológica dos complementos dativos, ou seja, do uso dos dativos anafóricos de 3ª pessoa, *lhe/lhes*. As autoras abordam, através de observações já reconhecidas, que a baixa produtividade do dativo *lhe* no PB falado (cf.3.2) reflete não só uma reorganização do sistema pronominal na expressão das relações referenciais, mas também uma alteração no seu uso semântico-discursivo (KATO, 1999; ILARI, 1996; DUARTE, 2000). Dessa forma, concluem

> as formas ***lhe/lhes*** apresentam-se, tanto na fala como em certos gêneros de textos, não mais como formas de 3ª pessoa, mas de 2ª pessoa formal, ao lado dos correspondentes a você/a vocês; ou seja, ficam restritos à função oblíqua (cf. Galves, 1998, 2001). Em outras palavras, as mudanças no sistema pronominal atingem principalmente o campo de expressão da 3ª pessoa.[64]

Para Oliveira (2003), o clítico *lhe* com verbos transitivos diretos deriva da reanálise do objeto direto preposicionado. Analisando o *corpus* do PHPB, Oliveira (2003) verificou que o OD preposicionado estava fortemente presente nos dados da Bahia (séc. XIX), São Paulo e Rio de Janeiro. Oliveira (2003) considera dados dos estudos de Gibrail (2003), os quais atestaram que a ocorrência deste tipo de OD atingiu os índices mais expressivos e os contextos mais abrangentes no século XVII, enquanto, no séc. XVIII, seu uso diminuiu

---

[63] Monteiro (1991) nota que a alternância entre a realização lexical do *se* e seu apagamento é freqüente no discurso de um mesmo falante, e às vezes até em duas frases adjacentes (op. cit., p.130)

[64] Vale lembrar ainda o uso do *lhe*/*lhe* como objeto direto, normal em várias regiões do Brasil (cf. Ramos, 1999).

vertiginosamente deixando de ser, no século XIX um fenômeno lingüístico do português europeu.

Partindo desses resultados, Oliveira (2003) sinaliza que o OD preposicionado presente no *corpus* brasileiro é um resíduo de períodos anteriores, mais precisamente do século XVII, época de grande imigração portuguesa devido à exploração do ouro.

A autora questiona se esse clítico, *lhe*, estaria de fato desaparecendo do sistema pronominal brasileiro e defende sua recategorização opondo-se à idéia de um simples apagamento. Segundo Oliveira (2003, p. 4) o clítico *lhe* sofreu uma recategorização

> Com a falta de distribuição harmônica entre os pronomes acusativos de 3ª. pessoa {+ gênero}, de um lado, e com a perda dos clíticos acusativos (Duarte:1989; Pagotto op. Cit; Cyrino, op. Cit, entre outros), de outro, a representação da 2ª. pessoa com uma forma pronominal de 3ª. pessoa fica descoberta. ***Lhe*** pôde, então, ser reanalisado como {+pessoa}, na esteira do Odprep, e passar a referir-se à 2ª. pessoa indireta, independentemente da transitividade do verbo.

O uso do pronome *lhe* como clítico de segunda pessoa para verbos transitivos diretos surge em diferentes regiões do país. No entanto, conforme Oliveira (2003), essa é uma realização mais produtiva em dialetos nordestinos. A autora verificou alto índice de *lhe* com verbos transitivos diretos nos dados da Bahia (séc. XIX), o que para ela pode fundamentar a hipótese da recategorização do clítico dativo *lhe*.

No *corpus* deste trabalho, dados do século XX, observa-se a produtividade do clítico *lhe* como acusativo e como dativo, de modo que as construções só ocorrem como complementos de verbos transitivos diretos ou com verbos transitivos diretos e indiretos, mas nunca com transitividade só indireta. O uso do *lhe* acusativo sugere ser este parte da gramática dos informantes.

Já as construções como complemento de verbos transitivos de dois complementos (objeto direto e objeto indireto) o *lhe* aparece em expressões do tipo:

(18) “Peço-***lhe*** enfinitas desculpas, entretanto escrevo esta mal...” (DOC2l3)

(19) “Desejo-***lhe*** milhares de felicidades e tranqüilidades igualmente a todos.” (DOC7l3)

(20) “Roque mandei ***lhe*** dizer que vinha hoje pra o Riachão porque era o meu custume e lhe avizar...” (DOC31l5)

Os registros que apresentam o clítico em posição de ênclise figuram no *corpus* como construções que refletem esforço para atingir um nível formal da língua, que se repetem, e – na maioria das ocorrências (29/38) - o clítico aparece em posição de ênclise. A posição do pronome, posição de ênclise do clítico ao verbo principal, não revela que seja parte da gramática dos informantes, mas uma construção adquirida em situação não natural de aprendizagem por influência de textos formais (textos bíblicos, modelos de cartas, folhetins religiosos) e transportada para as correspondências pessoais como que retiradas de uma fôrma.

Mesmo na função de objeto indireto, seu uso ocorre para referência ao interlocutor, que é segunda pessoa. O que se observa mesmo é que não há ciência a respeito da função prototípica do *lhe*. Essa “insensibilidade” dos informantes, refletida na não-distinção entre o uso dativo e acusativo desse clítico, é decorrente de mudanças no sistema pronominal, que afetam o uso de *lhe* em sua função canônica.

Reunindo as formas pronominais usadas no *corpus*, o quadro pronominal que representaria parte dos usos[65] do dialeto do semi-árido baiano teria esta configuração (Quadro 3):

[65] Digo parte dos usos porque algumas formas não se evidenciam no *corpus* como *eles/elas*, *lhes*, *a gente*, mas que são formas pertencentes ao dialeto baiano.

QUADRO 3 – PRONOMES PESSOAIS UTILIZADOS NO *CORPUS* DESTE TRABALHO						
PESSOAS	**CASOS**					
	Normativo	Acusativo	Dativo átono	Dativo tônico	Reflexivo átono	Reflexivo tônico
1ª Singular	**eu**	**me**	**me**	**de mim, comigo**	**me**	**a mim**
2ª Singular	**tu, você**	**te, lhe**	**te, lhe**	**para ti, contigo para/de você de tu**	**se**	
3ª Singular	**ele, ela**		**lhe**	**a ela**	**se**	
1ª Plural	**nós**	**nos**				
2ª Plural	**vocês**	**vós**	**vos**	**de vós**		
3ª Plural		**ele**	**lhes**			

As descrições feitas acerca dos usos dos pronomes a partir dos resultados de pesquisas lingüísticas e dos usos presentes no meu *corpus* sugerem uma distribuição (Quadro 4) que pode ser representada por este quadro, disposto em Freire (2000):

quadro 4 – pRONOMES A PARTIR DOS RESULTADOS DAS PESQUISAS LINGÜÍSTICAS

PESSOAS	**CASOS**					
	Nominativo	Acusativo	Dativo átono	Dativo tônico	Reflexivo átono	Reflexivo tônico
1ª. Singular	**eu**	**me**	**me**	**para mim**	**me**	**mim mesmo**
2ª. Singular	**tu, você**	**você, te, lhe**	**te, lhe**	**para você**	**te, se**	**você, você mesmo**
3ª. Singular	**ele**	**ele**	**lhe**	**para ele**	**se**	**si, si mesmo, ele mesmo**
1ª. Plural	**nós, a gente**	**nos a gente**	**nos**	**para nós, para a**	**nos, se**	**nós mesmos, a gente mesmo**

				gente		
2ª. Plural	**vocês**	**vocês, lhes**	**lhes**	**para vocês**	**se**	**vocês, vocês mesmos**
3ª. Plural	**eles**	**eles**	**lhes**	**para eles**	**se**	**si, si mesmo, eles mesmos**

Se comparamos a apresentação das formas pronominais conforme sua distribuição nos quadros 1, 3 e 4 constatamos que, pelo quadro 1, os pronomes pessoais são apresentados sob uma ótica reducionista no que se refere às formas amplamente usadas nas variedades do português brasileiro.

Quer seja na variedade não-padrão, nas suas modalidades dialetais próprias de falantes com pouco ou nenhum nível de instrução escolar, quer seja na linguagem de pessoas que conhecem a variedade padrão, mas que não fazem uso dessa variedade em situações descontraídas, a realização dos pronomes pessoais, notoriamente, acontece de modo que não se atende às prescrições normativistas, conforme revelam os quadros 3 e 4.

Fica, então, explícito para os falantes do PB que as formas dos pronomes impostas para seu uso nos limites da apresentação pelo quadro 1 consagram os usos cultos, oral e escrito, da variedade lusitana, mas não contemplam os da variedade brasileira, inclusive a culta.

Como vimos, através de estudos sobre o PB, no que se refere aos usos dos pronomes pessoais, a variedade brasileira expressa-se de modo comum na língua falada, incluindo dialetos dos falantes cultos, na língua escrita mais e/ou menos formal e na língua dos não-escolarizados.

O *corpus*, as cartas do Conde do Pinhal e as amostras de pesquisas lingüísticas compartilham de fatos gramaticais e apresentam uma configuração pronominal distante dessas indicações descritas no quadro 1.

CAPÍTULO IV

1 O *Corpus*

Neste capítulo, apresento o cenário do *corpus*:

i. elementos constitutivos (cartas, bilhetes, dedicatórias);

ii. informantes principais e secundários;

iii. dados sociolingüísticos;

iv. algumas reflexões sobre o dialeto regional.

Além disso, faço uma leitura descritiva de cada manuscrito, etapa que foi muito importante porque contribuiu para a observação de aspectos gramaticais que subsidiaram os dados.

Iniciei a organização do *corpus* com o aproveitamento de um conjunto de cartas que já vinham sendo guardadas pela filha de Carlinda[66], Maria Bernadete de Almeida Sales. Desse material, parti para a ampliação do número de cartas disponíveis, estabelecendo um contato com as pessoas com grau de parentesco próximo aos autores das cartas de que dispunha.

Para começar, percorri alguns trechos rurais em visitas a pessoas mais velhas e ainda moradoras nas fazendas endereçadas nas cartas de Carlinda e Roque, inclusive pessoas que haviam atuado direta e/ou indiretamente no cenário do *corpus*[67]. Tais visitas foram compensadoras tanto pelas conversas e histórias contadas sobre o passado, como pelo contato pessoal com a região de onde se originaram os documentos. Fiz o percurso geográfico das correspondências. Essa experiência despertou-me o interesse pela representação e apresentação geográfica do local, a fim de que o leitor pudesse ter uma noção do espaço por onde circularam as correspondências. Além disso, a ilustração da

[66] Carlinda Carlos Carneiro, informante principal junto a Roque Carneiro de Almeida.
[67] Algumas pessoas que são citadas nas comunicações e outras que conviveram com os informantes.

distância notavelmente pequena[68] entre os moradores que se comunicavam via carta reforça a concepção da importância desse tipo de comunicação no local. Fui à busca de plantas das fazendas endereçadas e, resgatei - ao menos - algumas.

Mais adiante, intensifiquei o contato com as pessoas descendentes dos informantes, parentes próximos como irmãos, primos, sobrinhos, a fim de colher dados que possibilitassem traçar o perfil de cada pessoa relacionada ao documento. Foi ainda desses contatos que consegui colher fotografias da maioria das pessoas que atuam no *corpus,* conforme estão apresentadas, na parte anexos, no Álbum dos informantes.

Os contatos também foram importantes no sentido de dar maior segurança na descrição da linguagem corrente nas autorias. Nesse sentido, os depoimentos reforçaram a concepção de que se poderia estar diante de verdadeiros atestados de uma variedade lingüística bem característica da região descrita. As histórias lembradas, os relatos das experiências vividas, alguns hábitos deixados para trás comungavam dos temas, dos assuntos desenvolvidos nos manuscritos.

Para dar ao *corpus* um tom mais acentuado de veracidade, busquei atestar a originalidade da descendência dos informantes recorrendo aos cartórios locais na busca de seus registros de nascimento, casamento ou óbito[69]

1.2 Constituição

Por que trabalhar com cartas?

A escrita de cartas e bilhetes era o meio de comunicação mais usado para estabelecer interação entre pessoas que estivessem a curta, como era a realidade dos infomantes do *corpus*, ou a longa distância. Segundo Chaves (2006: p. 52) essa tipologia textual é também uma das formas de recuperarmos a língua de períodos passados.

Essa tipologia textual tem sido apresentada como um texto representativo de uma linguagem. Recorro às palavras de Pessoa (2002, p.1) e explico

[68] Observe-se, na parte Anexos C, a planta da Fazenda Alto da Umburana e seus limites, nos quais residiam os

> "Um dos gêneros textuais mais importantes para a história das línguas é a carta. Hoje tem sido o gênero preferido por muitos para estudos diacrônicos da língua pela sua suposta proximidade com o oral."

Acrescento ainda as considerações de Lopes (2004) que, apoiando-se nas concepções de Soto (2001), reconhece que a carta, como gênero discursivo primário, embora se constitua como uma das mais antigas formas de enunciação na ausência do interlocutor, configura-se como uma circunstância espontânea de comunicação verbal.

Com o propósito de analisar aspectos gramaticais e sócio-históricos das variedades do PB - português brasileiro-, o *corpus* foi composto nos seguintes termos (Quadro 5):

QUADRO 1 - Natureza do *corpus*
37 (trinta e sete) cartas pessoais – DOC 1 a DOC 37
4 (quatro) bilhetes – DOC 38 a DOC 41
1 poema – DOC 42
2 (duas) dedicatórias em "santinhos" – DOC 43 e DOC 44
1 (um) cartão de aniversário – DOC 45
1 relato pessoal em folha de livro de oração – DOC 46
3 (três) dedicatórias em fotografias – DOC 47 a DOC 49
3 poemas – DOC 50 a DOC 52

Todos esses manuscritos estão situados no século XX, na década de 40, conforme atestam os próprios documentos, sendo os autores pessoas naturais da Bahia, que escreveram do seu sertão rural para destinatários da mesma região[70].

Para a descrição em geral, estabeleci o critério de organizar os documentos identificando-os por numeração - DOC 1 a DOC 52 - etiquetando sua natureza enquanto gênero textual (se

---

informantes.
[69] Ver Anexo G.
[70] Conforme atestamos através dos registros de nascimento ou óbito expostos no Anexo G

carta, bilhete, dedicatória...) conforme estão datados, ou seja, sucessivamente, de 1941 a 1949. Dessa forma, apresento-os (Quadro 6):

QUADRO 6 – Apresentação descritiva do *corpus*			
Numeração	Tipologia textual	De > Para	Em
DOC 1	Carta	Lourdes > Carlinda	20.01.1941
DOC 2	Carta	Carlinda > Marieta	29.12.1942
DOC 3	Carta	Carlinda > Roque	24.?[71].1944
DOC 4	Carta	Roque > Carlinda	27.07.1944
DOC 5	Carta	Carlinda > Roque	01.08.1944
DOC 6	Carta	Roque > Manoel Geraldo[72] e Leopoldina	18.08.1944
DOC 7	Carta	Manoel Geraldo > Roque	08.09.1944
DOC 8	Carta	Roque > Carlinda	24.12.1944
DOC 9	Carta	Roque > Carlinda	05.04.1945
DOC 10	Carta	Carlinda > Roque	16.05.1945
DOC 11	Carta	Roque > Carlinda	18.05.1945
DOC 12	Carta	Carlinda > Ana	01.08.1945

[71] O documento original não oferece condição de visibilidade deste dado –identificação do mês-.
[72] No manuscrito, registra-se Manuel; no entanto, no registro de nascimento de seus filhos encontra-se Manoel.

DOC 13	Carta	Roque > Carlinda	04.11.1945
DOC 14	Carta	Roque > Carlinda	02.12.1945
DOC 15	Carta	Carlinda > Roque	02.12.1945
DOC 16	Carta	Roque > Carlinda	13.01.1946
DOC 17	Carta	Carlinda > Roque	04.02.1946
DOC 18	Carta	Roque > Carlinda	05.02.1946
DOC 19	Carta	Carlinda > Ana[73]	18.09.1946
DOC 20	Carta	Carlinda > Roque	18.09.1946
DOC 21	Carta	Carlinda > Morena	26.12.1946
DOC 22	Carta	Carlinda > Morena[74]	14.01.1947
DOC 23	Carta	Carlinda > Roque	16.01.1947
DOC 24	Carta	Roque > Carlinda	19.01.1947
DOC 25	Carta	Carlinda > Roque	20.03.1947
DOC 26	Carta	Roque > Carlinda	01.06.1947
DOC 27	Carta	Roque > Carlinda	03.12.1947
DOC 28	Carta	Carlinda > Roque	21.01.1948
DOC 29	Carta	Roque > Carlinda	27.01.1948
DOC 30	Carta	Carlinda > Roque	05.02.1948
DOC 31	Carta	Carlinda > Roque	06.02.1948
DOC 32	Carta	Roque > Carlinda	15.02.1948
DOC 33	Carta	Roque > Carlinda	09.03.1948
DOC 34	Carta	Carlinda > Roque	11.03.1948
DOC 35	Carta	Carlinda > Roque	21.05.1948
DOC 36	Carta	Roque > Manoel Geraldo e	04.07.1948

[73] Conforme reflexões na descrição do manuscrito, há indícios de que o uso de Ana foi estratégia para disfarçar o real destinatário, Roque.
[74] Há indícios de que, mais uma vez, trata-se de um destinatário estratégico. O real destinatário seria Roque.

		Leopoldina	
DOC 37	Carta	Carlinda > Roque	Sem data
DOC 38	Bilhete	Carlinda > Roque	Sem data
DOC 39	Bilhete	Bihia > Roque[75]	Sem data
DOC 40	Bilhete	Carlinda > Roque	Sem data
DOC 41	Bilhete	Carlinda[76] > Tereza	Sem data
DOC 42	Poema	Carlinda[77] > Roque	Sem data
DOC 43	Dedicatória em Santinho	Maria > Carlinda	16.08.1949
DOC 44	Dedicatória em Santinho	Bernadete > Carlinda	Sem data
DOC 45	Cartão de aniversário	Alexandrina > Jandira	Sem data
DOC 46	Relato pessoal	Gertrudes Carneiro	Sem data
DOC 47	Dedicatória em fotografia	Oscar e Anízia > Oscarlita Cedraz	19.06.1940
DOC 48	Dedicatória em fotografia	Maria José > Leopoldina e Iva Maria	15.08.1947
DOC 49	Dedicatória em fotografia	Lígia > Oscarlita Cedraz	28.09.1949
DOC 50	Poema	Recitado por Luiza Carneiro	08.11.1942
DOC 51	Poema	Recitada por Maria Augusta	08.11.1942
DOC 52	Poema	Recitado por João Gualberto	08.11.1942

1.2.1 Escolaridade dos informantes: condição e acesso ao letramento

[75] (remetente estratégico.
[76] Há indícios de autoria de Carlinda.
[77] Há indícios de autoria de Carlinda.

Em se tratando da região onde se localizavam as fazendas endereçadas nas cartas pessoais, sabe-se através de depoimentos atuais (2004-2005), dados por pessoas mencionadas nas cartas e por outras descendentes dos informantes –remetentes e destinatários- que o acesso à escola era muito difícil.

A maioria das famílias trabalhava na lavoura, incluindo homens e mulheres. Essas também se ocupavam da prática de bordar, costurar e tecer rendas, além de cuidar da casa, dos filhos ou de irmãos pequenos. A rotina aliada à escassez de ensino conservava o analfabetismo. No entanto, quando alguma família instalava em sua residência uma professora, os vizinhos entre moças, rapazes -e crianças- formavam uma turma heterogênea e se dava a oportunidade de aprender a ler o alfabeto e a escrever no nível da formação das palavras. O ensino de leitura e escrita era feito através do livro chamado “cartilha”. A “pedra de escrever” era material didático usado por muitos na realização das operações matemáticas.

O período para deixar a escola era determinado, para muitos, pelo desenvolvimento da competência de “fazer o nome próprio” – geralmente, levava-se de três a seis meses-; para outros, quando conseguiam ler toda a cartilha - geralmente, podia-se chegar a um ano-; e, para alguns poucos, quando dominava a Cartilha e as quatro operações – o que estendia para pouco mais de um ano-. Uma vez que tivessem aprendido a cartilha, o passaporte para leituras da Bíblia, folhetins religiosos, bilhetes e cartas entre familiares e amigos era condicionado ao interesse e capacidade individual. Às vezes, formava-se turma com alunos de faixa etária equilibrada. Esses casos eram mais comuns quando a escola era exclusividade de uma determinada família. Dessa forma, tinham-se professores particulares, que ensinavam, além de ler, escrever e contar, as boas maneiras, como se comportar em sociedade.

A necessidade de comunicação via escrita era satisfeita sem transtornos. Havia aqueles que se dispunham a escrever por quem não sabia, como é o caso das cartas enviadas por Roque Carneiro, rementente de 16 (dezesseis) cartas que compõem nosso *corpus*. Pessoas mais velhas da região contam que existia uma valorização e respeito estabelecidos pelo nível de letramento. Geralmente, não se colocava em cheque o que se ouvia de alguém que detinha o conhecimento das “letras”.

1.2.2 Principais remetentes e destinatários > Carlinda e Roque, um pouco de sua história

Sabe-se que são pessoas nascidas no próprio local, Fazenda Alto da Umburana e Fazenda Maravilha / Riachão do Jacuípe – Bahia. Conforme registros nos próprios manuscritos, por lá permaneceram durante todo o período em que trocaram as correspondências - anos 40-. Roque e Carlinda constituíam uma família composta por eles e três filhos. Em 1958, Carlinda faleceu deixando a filha mais nova aos cuidados de sua irmã.

Nos anos 40, o pai de Carlinda comprara posses de terra a aproximadamente 110 km de seu lugar de origem para aonde se mudou em 1959. As novas terras – Fazenda Santana- (em grande extensão se comparadas às propriedades anteriores) vinham sendo cultivadas e preparadas para instalação de toda a família, que se transportaria mais tarde para nova residência. Em 1967, Roque, também se mudara para a Fazenda Santana. Nesse momento, Roque era viúvo de Carlinda e constituía nova família mediante casamento no religioso.

Não se tem muito que narrar sobre a vida desses informantes, não apenas por limitações de cunho informativo, mas pelas próprias vivências deles. Eram pessoas de convívios sociais simples, desenvolviam atividades rotineiras próprias de uma mulher doméstica e de um homem do campo nordestinos.

2. Participação dos informantes na produção dos documentos

2.1 Participação de autores Femininos (F) e Masculinos (M) no universo das correspondências

Conforme veremos, é maior a participação feminina no universo das correspondências. Ao visto, nesse cenário, as mulheres escrevem mais que os homens. Há quem teorize que as mulheres tendem a falar e escrever mais que os homens, mas essa noção não é discutida nesse trabalho. Considerei interessante computar a participação dos informantes considerando o fator sexo na produção dos documentos para que eu pudesse também relacionar esse fator às estratégias de referência ao interlocutor.

Faço, antes. alguns esclarecimentos:

> i) utilizei o critério de incluir no grupo das correspondências de M > M (masculino para masculino) uma carta (DOC6) do informante Roque direcionada a seus supostos sogros. Esse critério justifica-se pelo fato de tratar-se de uma carta cujo tema volta-se para pedido de casamento sendo nesses casos a figura masculina, pai da noiva, detentor da resposta. Essa verdade se elucida por termos como autor da carta-resposta a pessoa do pai da noiva, quem assina sem menção ao consentimento de sua esposa, suposta sogra de Roque.
>
> ii) considerei coerente que a correspondência "dedicatória em fotografia" (DOC 47) fosse parte do conjunto F > F (feminino para feminino) por tratar-se da materialização de hábitos femininos. O cuidado e atenção por enviar fotografias como lembranças eram próprios da figura feminina, que assinava em nome do casal.

No universo do *corpus*, destacando-se 48[78] correspondências, a autoria por remetente feminino (F) e remetente masculino (M) pode ser vista nesta Tabela:

[78] Foram exclúidos os documentos de tipologia poemas e relato pessoal, a saber: DOC 46, DOC 50, DOC 51 e DOC 52.

tabela 3: Participação dos informantes F M na autoria dos documentos:		
REMETENTE>DESTINATÁRIO	AUTORIA	%
Feminino > Masculino	18/48	37.50
Feminino > Feminino	12/48	25.00
Masculino > Feminino	15/48	31.25
Masculino > Masculino	3/48	6.25

Como mencionado anteriormente, o quadro acima revela que a participação do sexo feminino é mais produtiva que a do sexo masculino.

2.1.1. Estratégias usadas considerando-se o sexo dos informantes

Observando-se em quantos documentos cada forma ocorria, a forma utilizada pelos informantes para referirem-se ao interlocutor, tomando como relação o sexo do remetente e do destinatário, pode ser descrita no Quadro 7.

quadro 7: Formas utilizadas para referência ao interlocutor com relação ao sexo do remetente e do destinatário				
Formas	F>M	F>F	M>F	M>M
TU nulo	6/48	1/48	3/48	1/48
TU realizado	3/48	1/48	9/48	0/48 0%
VOCÊ nulo	15/48	4/48	13/48	2/48
VOCÊ realizado	9/48	0/48 0%	5/48	0/48 0%
SN lexical	13/48	4/48	9/48	0/48
VÓS nulo	2/48	0/48	0/48	0/48
VÓS realizado	0/48	0/48	0/48	1/48

Retomemos aqui os dados da Tabela 3, ou seja, no contexto de 48 correspondências, já sabemos que destas 18 são de Feminino > Masculino, 12 de Feminino > Feminino, 15 de Masculino > Feminino e 3 de Masculino > Masculino. Portanto, os dados do Quadro 7 revelam que:

a) Quando de F>M:

i) observa-se que a produtividade maior é das formas *você nulo* e *SN lexical*, este ocorrendo em 13 (treze) manuscritos e aquele em (15) quinze. Os usos da estratégia SN lexical podem ser vistos em:

DOC 25:

Prezado noivo **Roque**
Saudações
(...)
Roque eu tenho lanto prazer em te escre
ver que quando pego na minha rude pena para te escreve
ver...
... **Roque** estou com muita vontade de ir ao
Reachão pela Páscoa se Deus qunão mandar o contrario
erei da manhãn a 15 se Deus qeizer.
(...)
Carlinda Carlos Carneiro

ii) a forma *você realizado*, com presença em 9 (nove) manuscritos, supera a forma *tu realizado*, com resultado de 3/48;

iii) produtividade das ocorrências das formas *você*, tanto *nulo* quanto *realizado*, sugere a adesão do sexo feminino à forma *você* que atua como inovadora ao lado de *tu*. Como sugerem os estudos sociolingüísticos, as mulheres tendem a usar mais as variantes inovadoras quando estas não são estigmatizadas;

iv) em apenas 2 (dois) documentos, tem-se uso de *vós nulo* enquanto que essa forma, se realizada, não se encontra nas produções de autoria feminina. O uso dessa forma no nominativo atesta sua falta de domínio por parte do redator uma vez que, na mesma correspondência, misturam-se formas verbais e faz-se uso também de pronomes oblíquos e possessivos não correspondentes ao pronome *vós*. Não quero defender com isso que, caso os informantes dominassem o uso formal de *vós*, não cometeriam a famigerada mistura de tratamento. Mas, espera-se que numa situação consciente e proposital de formalidade discursiva, o redator faça uso de seus conhecimentos formais da língua. O manuscrito abaixo atesta a falta de familiaridade com o uso de *vós*:

DOC 20

Querido primo Roque:
Respeitosas saudações
Por meio destas visto não puder fazer em
pessôa vos trago os meus senceros parabéns pela data
fontosa que hoje faça em que ***comemorais*** o vosso a-
niversario natalício. E ao mesmo tempo responder a ***sua***
carta.
Sou das mais adimiradouras das qualidades
que ornamenta o vosso coração e o espito. E com ver-
dadeira alegria que vejo surgir este dia onde no a-
conchego da família ***gosais*** da felicidades a quem
tem dereito os bons e os justos.
Aproveito a oportunidade para aprezentar os
protesto da minha mais alevada estima assinar-
me.
Vossa atenciosa noiva.
Carlinda Carlos Carneiro.
Verço
Sempre por ***ti*** sofrendo
Chorando peço socorro
Roque não ***seja*** engrato
Que por ***te*** suspiro e morro.
Alto da Umburana, 18 de setembro de 1946.

Desculpe os erros e as leitras.

Na vertical esquerda:
Roque eu ***lhe*** disse que iam durmir na casa de
Francisquinho sabado mais resovel er dumigo
aceite lembrança da ***sua*** diminuta noiva

v) o resultado das ocorrências de *vós nulo*, 2/48, conforme a temática das correspondências, reflete uma ocorrência em situação muito pontuada. O assunto denuncia tentativa da redatora de formalizar o discurso, daí recorrer ao uso de *vós;*

vi) os usos destacados não refletem que essa forma seja parte da gramática dos indivíduos, mas um uso adquirido por influência que, no caso do *corpus*, poderá advir da tentativa de reproduzir modelos formais de comunicação ou, principalmente, da prática da leitura de textos religiosos. Considero, também, um possível incentivo do curto acesso à educação escolar que atuaria apenas como agente informativo da natureza formal de *vós*, mas não como ambiente no qual os informantes teriam adquirido domínio de seu uso.

b) Quando de F>F:

i) observa-se que o uso de *tu nulo* é menos produtivo que *você nulo*, este apresenta resultado de 4/48 sobre 1/48 daquele. Esse fato ilustra bem o valor semântico de *você* como termo de familiaridade;

ii) se realizada, a forma *tu* aparece em apenas 1 (um) manuscrito e não ocorre uso da forma *você*. Esse fato sugere a permanência do *tu* no dialeto dos informantes de modo que no uso nominativo essa forma pega a flexão da 3ª. pessoa do singular. Vejamos:

DOC 21:

Estimada prima e comddre Morena
(...)
Comadre o fim desta e para saber se **tu** vai dia
de ano para Reachão se **tu** não for mande me dezer e se for mande
dezer sempre que se **tu** tever em casa eu vou la quarta feira que eu
estou com vontade de ir a Missa dia de Reis quero saber se **tu**
pode er comigo ou não, quero er sabado e voltar segunda feira
não sei ainda dereito Deus .....[79] serto assim
mais te avizo com vespa quarta feira caso **tu** não va para
Reachão acertamos dereito.
(...)
Carlinda Carlos Carneiro.

iii) a forma *SN lexical* é produtiva entre as demais: apresenta 4/48 de ocorrências igualando-se ao resultado obtido para *você nulo*. O uso de *SN lexical* pode ser vista em:

DOC 22:

Querida prima **Morena**
(...)
Morena se Deus me de licença de dumin-
go a 8 eu vou dar um passeio em sua casa esto e se papai
(...)
Carlinda Calos Carneiro

[79] Trecho com marcas de queimadura e obstruído.

c) Quando de M>F:

i) a forma *você nulo* predomina sobre *tu nulo*. Enquanto *você nulo* ocorre em 13 (treze) manuscritos, *tu nulo* aparece em 3 (três);

ii) Quando se trata da forma realizada, a preferência é para o pronome *tu*, que aparece em 9 (nove) manuscritos enquanto *você* aparece em 5 (cinco). No entanto, conforme exemplifica o documento abaixo, se o uso do pronome se faz no nominativo, a flexão verbal usada é de 3ª. pessoa do singular. Esse fato reflete os efeitos da inserção da forma *você*. Observe-se:

DOC 29:

Minha Estimada Carlinda
Adeuzinho com o coração cheio di
Amor i feliçidadi que sempri êi di
ti amar por todos momento.
(...)
Sim fiquei sienti sobri o
Passeio que ***tu*** não **foi**
(...)
Açeiti lembrança do teu
Fiel Noivo
Roque Carneiro di Almeida

iii) no conjunto dos manuscritos de M>F não se observa ocorrências da variável *vós*. Esse fato colabora com a constatação do desuso de *vós* no contexto do *corpus*;

iv) a estratégia *SN lexical* concorre com a forma *tu realizado*, ambas com resultado de 9/48. A transcrição abaixo confere ocorrências de *SN lexical*:

DOC 26:

Minha Estimada **Carlinda**
Saudaçãoes
Carlinda tanta alegria terar os
(...)
passaros no romper da ororia;
com raio di esperança
Sim **Carlinda** eu dissi que ia
(...)
Roque C di Almeida

d) Quando de M>M:

i) as estratégias que ocorrem nesse conjunto são: *tu* e *você nulos* e *vós realizado*. Observa-se variação entre *tu nulo* e *você nulo*. Este com resultados de 2/48 e aquele com 1/48;

ii) nesse conjunto de manuscritos, destaca-se (1) um uso de *vós realizado* co-ocorrendo com formas que lhe são correspondentes:

DOC 6:

Exmo Snr.
Manuel Geraldo Carneiro
i D Liopoldina..
por meio destas mal trasadas
linhas. venho com respeito.
Sinçero comunicar-vos que a tempos
que venho comsagrando amizadi
a vossa quirida filha Carlinda.
alimitando mermo em mim a ideia
di com o auxilio di Deus i o vosso
conçentimento completar, um dia a
minha feliçidadi unindo-mi a ela
pelo sagrado lassos do Matrimonio
e e justamente por esto que vos
fasso hôge esta comunicação.
.....
e ao mesmo tempo. vos pesso
o aludido consintimento.
Espero de ***vos*** a resposta,
bem-fazêja que dissiderar,
minha sorte.

Sem mais dermo-mi.
di vossa Exlma.
do Crdo Obgdo Veneradôr

Roque Carneiro di Almeida.

As motivações dessa estratégia, *vós realizado*, pode ser discutida sob a noção da relação assimétrica existente entre os interlocutores no contexto de produção dos documentos nos quais tal forma ocorre. As correspondências constituem comunicação entre suposto Sogro e

suposto Genro. Nesse caso, há um esforço para formalizar o discurso, então a opção será pelo uso de *vós*.

A forma *SN lexical* não ocorre quando se trata de M>M. No entanto, a falta de produtividade dessa forma quando se trata de M>M não sinaliza que seja uma forma que não integrasse a preferência dos usos dos autores, mas que os casos de M>M constituem correspondências cuja relação entre remetente/destinatário requer uma apresentação de caráter diferenciado conforme já foi discutido quando de algumas abordagens desses documentos.

2.2. Critérios para leitura dos documentos

Os documentos são apresentados com sua identidade numérica e natureza (se carta, bilhete, dedicatória...) incluindo-se informações a respeito do remetente (sexo, naturalidade, qualidade, filiação, data de nascimento, estado civil, idade (tomada como referência à data do manuscrito), função social, nível de escolaridade, data de falecimento), e destinatário.

Incluem-se também as particularidades do próprio documento com dados sobre data de produção, origem, destino e meio de transporte de seu envio. Foi considerada para estado civil e função social a realidade do informante na data de produção do documento. No caso das cartas enviadas por Roque, foi considerada sua idade e não a do redator[80].

Quando se tratava de correspondências cujos remetentes e destinatários se repetiam, o que é caso predominante, evitei a repetição de informações e acrescento ao perfil do documento apenas a idade do remetente na época da escrita do documento.

Para nível de escolaridade, foram dispostos o(s) nível(eis) de aprendizagem dos informantes.

[80] Roque era analfabeto e recorria a um redator, conforme veremos mais adiante.

Para meio de transporte, encontram-se o termo “pessoal," nomeando a entrega de correspondência feita por meio de um vizinho cuja familiaridade com o remetente era a mais destacada entre os demais moradores do local[81].

A informação sobre o item “origem” para os documentos cuja tipologia textual é bilhete, vem do endereço residencial identificado dos remetentes já que nestas correspondências tal dado não aparece registrado.

Após a apresentação do perfil do documento, uma leitura descritiva foi feita, para uma reflexão paralela sobre aspectos lingüístico-discursivos.

2.2.1 Apresentação e leitura dos manuscritos

Seguindo o critério estabelecido, apresento os documentos na ordem de sua distribuição e autoria:

DOC 1 – CARTA

REMETENTE: Maria de Lourdes de Almeida
SEXO: Feminino
NATURALIDADE: Fazenda Morro do Caldeirão – Riachão do Jacuípe-BA
QUALIDADE: Branca
FILIAÇÃO:Anselmo Silvino de Almeida e Higina Sátira de Oliveira
DATA DE NASCIMENTO: 19.06.1926
ESTADO CIVIL: Solteira
IDADE quando escreveu: 15 anos
FUNÇÃO SOCIAL: Doméstica e ajudante na lavoura
NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada ,1º. Ano primário

[81] Às vezes, a correspondência passava por mãos de conhecidos até que chegasse ao destinatário. Quando assim, levava tempo para que a notícia chegasse a seu destino.

FALECEU EM: 15.09.2003
DESTINATÁRIO: Carlinda
SOBRE O DOCUMENTO
ESCRITO EM: 20.01.1941
ORIGEM: Fazenda Morro do Caldeirão – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal.

A carta foi escrita pela própria remetente, à caneta pena com tinta na cor marrom escuro, em folha de caderno grande compreendendo 17 (dezessete) linhas, sendo destas 11 (onze) o corpo do texto. Conforme marcas visíveis na reprodução gráfica, o original encontra-se em estado precário de conservação: marcas onde sofreu dobras, além de alguns rasgões e manchas que, felizmente, não comprometeram a recuperação do conteúdo. Observamos influência de modelos referenciais na introdução do texto *"Neste felizes momento que pego em minha rude pena para darte as minhas semples noticias"*. Trata-se de uma correspondência que tem o objetivo de passar boas informações sobre a situação familiar do remetente, que também pergunta sobre a da amiga, destinatário. Podemos inferir que a autora é uma pessoa religiosa através da invocação que faz à Padroeira ao desejar "prazer e alegria" à amiga e aos familiares, ao mesmo tempo que agradece a Deus pela paz que tem com os dela. A linguagem é espontânea e a autora frisa sua condição de escolaridade ao final do texto dizendo: *"Desculpe erro leitra que e de quem pouco sabe"*. Assina nome completo e data.

DOC 2, 3, 5, 10, 12, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 28, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 40, 41[82], 42[83]

REMETENTE: Carlinda Carlos Carneiro
SEXO: Feminino
NATURALIDADE: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA.
QUALIDADE: Branca
FILIAÇÃO: Manoel Geraldo Carneiro e Leopoldina Augusta Carneiro
DATA DE NASCIMENTO: 04.11.1926
ESTADO CIVIL: Solteira
FUNÇÃO SOCIAL: Doméstica, ajudante na lavoura , costurava e bordava para uso

[82] A autoria desse manuscrito não é registrada, no entanto há indícios de Carlinda. Considerei essa evidência para encaixar esse documento no conjunto de autoria dessa informante.
[83] A autoria desse manuscrito não é registrada, no entanto há indícios de Carlinda. Considerei essa evidência para encaixar esse documento no conjunto de autoria dessa informante.

pessoal e familiar
NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada, 1º. ano primário incompleto
FALECEU EM: 27.01.1958
SOBRE OS DOCUMENTOS:

DOC 2 – CARTA

ESCRITO EM: 29.12.1942
IDADE quando escreveu: 16 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Tanquinho – Feira de Santana-BA
DESTINATÁRIO: Marieta Nunes de Azevedo
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal.
Escrita com caneta à tinta azul, em folha de caderno pequeno. O texto versa sobre desejo de feliz ano novo e leva lembranças e abraços para as amigas citadas. Destina-se à professora da remetente, ao que nos leva atribuir os pedidos de desculpas pelas *"mal traçadas linhas"* sendo feitos já no início da correspondência; no entanto, conferimos uma linguagem corrente compondo um texto que revela preocupação apenas com a estética: letras bem definidas, espaços entre os vocábulos. Assina-se apenas o nome, traço que denuncia uma certa familiaridade entre remetente e destinatário.

DOC 3 – CARTA

ESCRITO EM: 24 (não foi possível identificar o mês) de 1944
IDADE quando escreveu: 18 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana- Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Roque
MEIO DE TRANSPORTE: Portador familiar, Francisco Ambrózio de Almeida, primo de Carlinda e redator das cartas de Roque.
Carta escrita pela própria remetente, em folha especial de cor verde, decorada com figura de rosas na parte superior esquerda, dobrada em forma de cartão. Seu estado de conservação é extremamente delicado, havendo manchas deixadas por fumaça, pois, entre outros, este manuscrito também estivera prestes a ser queimado. Há, também, agressões por traças, principalmente na parte inferior, onde se registra a data, o que comprometeu a recuperação deste dado. A autora dirige-se ao destinatário, seu namorado, com saudação *"Querido primo*

Roque" e introduz a carta abordando a saudade, intercalando versos românticos, para prosseguir com as informações a dar e despedir-se com expressão religiosa *"Adeus até sábado se Deus quizer"*. Ao final, expressa seus sentimentos por meio de versos poéticos, na última página. O tom da linguagem é simples e, através da inserção de expressão regionalmente oral, podemos atestar a informalidade no discurso, ao mesmo tempo em que conferimos a autenticidade nos usos lingüísticos: *"Tenho fé em Deus que você e de ficar bom para er para Riachao sábado ave Maria que você não vá que para mim faltando você faltou todo mundo"*. A autora assina seu nome completo, fato que nos leva a deduzir ser uma questão de respeito por tratar-se de correspondência para um pretendente ao casamento e -ressaltemos- em fase inicial do namoro.

DOC 5 – CARTA

ESCRITO EM: 1º. de Agosto de 1944.
IDADE quando escreveu: 18 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana- Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha –Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Roque
MEIO DE TRANSPORTE:
Manuscrito em papel especial, à pena com tinta azul. Observamos haver uma atenção criteriosa para com a caligrafia, que se mantém bem definida na dimensão das letras e nos traçados de seus caracteres. Nota-se também esse cuidado para com a articulação das idéias na tentativa de organizá-las com estrutura de parágrafos. É possível reconhecer um esforço para atingir uma linguagem mais elaborada, que se aproxime do "bem escrever", do nível formal; no entanto, o que se registra autentica a condição de letramento da autora. A correspondência vai como resposta a outra então recebida e o assunto se volta para a confirmação dos sentimentos. Assina-se com nome completo. Há versos poéticos e o seguinte pedido de desculpas "*Peço-lhe que desculpe os erros e as faltas que de nada sei*.".

DOC 10 – CARTA

ESCRITO EM: 16.05.1945
IDADE quando escreveu: 19 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana- Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha –Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Roque
MEIO DE TRANSPORTE: Portador pessoal Francisco, tratado por Francisquinho.

Manuscrito à pena com tinta azul, em papel conhecido como “papel manteiga”, papel de textura fina, também muito usado para cartas. As letras são bem definidas, não há retificações, nem borrões. Carta composta de três parágrafos, sendo o primeiro uma transcrição de um modelo referencial para correspondência amorosa; no segundo, Carlinda aborda a saudade e menciona a falta de notícias sobre o estado de saúde em que deixara Roque quando do último encontro. Ela pede aceite para uma visita e se despede. Assina com nome completo e fecha com versos amorosos.

DOC 12 - CARTA

ESCRITO EM: 01.08.1945
IDADE quando escreveu: 19 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana- Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha –Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Ana Carneiro de Almeida
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Esta correspondência apresenta-se com características de rascunho. A escrita do vocativo aparece com duplicidade de nomes, Morena e Ana, indicando tratar-se de pessoas diferentes. O termo Morena sobressai com escrita em tom forte. No entanto, ainda fica notável a escrita do nome Ana. Inicia-se a correspondência com vocativo e saudação à caneta com tinta azul. Nas duas primeiras linhas, há palavras intercaladas e outras que compartilham o mesmo espaço para compor o manuscrito que é desenvolvido a lápis, havendo borrões, trechos apagados e reaproveitados. No decorrer do texto, a pessoa de “Morena” é mencionada como uma possível companhia num vindouro passeio. Esses detalhes dão-nos condição de inferir que Carlinda aproveitara uma folha antes usada para escrita de uma carta que iria para a tal “Morena”, tendo desistido e aproveitado o papel para rascunhar a carta para Ana. O tema principal é envio de parabéns pelo aniversário dessa amiga. Há um parágrafo de conteúdo informativo, no qual se pressupõe troca de informações sobre a presença na Festa de São Roque, em Riachão do Jacuípe. Observamos que a linguagem é influenciada por uma certa tentativa de formalidade para composição do trecho de parabéns, que inicia a carta. No demais, linguagem solta, corrente. Carlinda assina dispensando sobrenome, registrando tradicionalmente o local e data seguidos dos pedidos de desculpas pelos desvios às normas da escrita.

DOC 15 – CARTA

ESCRITO EM: 02.12.1945

IDADE quando escreveu: 19 anos

ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana- Riachão do Jacuípe-BA

DESTINO: Fazenda Maravilha –Riachão do Jacuípe-BA

DESTINATÁRIO: Roque

MEIO DE TRANSPORTE: Portador pessoal, Francisco Ambrózio, conhecido Francisquinho.

Esta é a primeira carta na qual Carlinda dispensa o termo primo e trata Roque por noivo. Está escrita à tinta azul, letras bem definidas, característica permanente da caligrafia da autora. Carlinda escreve em resposta a Roque, relata a saudade e comunica o possível encontro deles na cidade. A organização do texto obedece a uma intenção decorativa: o espaço dos adentramentos dos parágrafos começa numa extensão e vai-se reduzindo; além disso, os versos poéticos e expressões amorosas localizam-se em partes de modo que fiquem expostos após dobrada a carta. Mais uma vez, constata-se que a comunicação entre esses informantes era feita predominantemente através das cartas. Nesta correspondência, Carlinda menciona "Francisquinho", redator das cartas de Roque, que era primo e vizinho dela e, embora os contatos com essa pessoa fossem freqüentes por parte tanto de Carlinda quanto de Roque, não eram enviados recados oralmente. Destaquemos o trecho em que ela diz "*Roque manda tua ropa por Francisquinho terça feira que eu passo o ferro e tu recebe no Riachão.*". Carlinda inova assinando seu sobrenome com apenas as iniciais. O texto toma toda a folha, estando as informações de local e data registrados na vertical esquerda do papel. Nesse espaço, há pedido de desculpas pelos erros e as falhas no texto. Sobre isto, nota-se uma fidelidade quase transformando tais pedidos de desculpas em elemento formal da tipologia textual usada.

DOC 17 – CARTA

ESCRITO EM: 04.02.1946

IDADE quando escreveu: 20 anos

ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana- Riachão do Jacuípe-BA

DESTINO: Fazenda Maravilha –Riachão do Jacuípe-BA

DESTINATÁRIO: Roque

MEIO DE TRANSPORTE: Portador pessoal, o conhecido Francisquinho.

Observa-se que se mantém o perfil da escrita de Carlinda: letras bem definidas, organização textual em favor de boa aparência do texto... A temática desta carta predomina sobre confirmação de sentimento. Carlinda aborda sobre o passeio de Roque pelo sertão: "*Então*

como foi de passeio no certão bem não gostou bastante não foi?". Sutilmente, Carlinda apresenta a visão de sertão sob olhar do próprio sertanejo. A autora assina abreviando apenas o primeiro sobrenome. Há versos poéticos e pedidos de desculpas pelos erros gramaticais.

DOC 19 – CARTA

ESCRITO EM: 18.09.1946
IDADE quando escreveu: 20 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana -Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha –Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Ana
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

1ª. Leitura:

Manuscrito a lápis carvão em folha de caderno, papel grosso. A autora escreve em resposta à carta recebida, conforme menciona no texto. Em linguagem carregada de um tom poético, Carlinda parabeniza a prima pelo aniversário e ressalta a afetividade que tem pela mesma. A autora assina apenas o nome, aspecto que atribuímos à intimidade entre as partes e que indica uma produção favorecida de autenticidade lingüística. Ao final, intercala-se um aviso *"Ana eu lhe disse que ian para casa de Francisquinho sábado mais terminei não ir por estes dias."*. Essa informação atesta que a escrita cobria a necessidade de comunicação e atuava como um fio que sustentava as relações afetivas entre as pessoas. A literatura oral conta que suas moradias eram muito próximas[84] – no entanto, os contatos pessoais eram extraordinários.

Esta carta aparenta ser um rascunho. Para confirmação desta hipótese, fizemos contato com a senhora Ana, a destinatária -atualmente (2005) aos 78 anos-, residindo na cidade de Riachão do Jacuípe-, mas esta não dispunha da correspondência final e relatou que se comunicou com Carlinda -através de cartas- poucas vezes, mas já havia queimado tudo o que vinha guardando. Segundo a irmã de Carlinda, Iva Maria Carneiro, atualmente (2006) aos 65 anos, trata-se mesmo de um rascunho, pois era "de costume" feminino reescrever o texto em papel mais fino, atentando-se para traçados regulares das letras e evitando-se os borrões cometidos na primeira produção.

OBS.: Há, no canto inferior direito, um quarteto direcionado a Roque. Sabe-se que Roque era

[84] Percorri o local quando da visita a pessoas da região, parentes dos informantes, e constatei que as residências localizavam-se próximas umas das outras, conforme se pode reconhecer através das plantas das fazendas, expostas no Anexo G.

irmão de Ana, mas não fizemos inferências sobre este detalhe, no sentido de entendermos haver intenção de que os versinhos chegassem a Roque através de Ana.

DOC 19 – CARTA

2ª. Leitura:

Ficou confirmado que esta carta era, de fato, um rascunho. Constatou-se, através da carta 20, que a autora usara "Ana", como interlocutora, a fim de despistar possíveis olheiros, pois a carta final- carta 20- destinou-se a Roque. Colaborando com esta conclusão, destacamos que no penúltimo parágrafo, Carlinda inicia com R, cobre esta letra com A, e em seguida, escreve Ana. Destaquemos, além disso, os dados remetente, destinatário e endereço expostos no verso da folha, em localização estratégica para evidência na dobradura.

DOC 20 – CARTA

ESCRITO EM: 18.09.1946
IDADE quando escreveu: 20 ano
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA.
DESTINO: Fazenda Maravilha –Riachão do Jacuípe-BA.
DESTINATÁRIO: Roque
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal.

Manuscrito à caneta com tinta azul, em papel de bloco para carta, letras bem definidas. Observa-se um texto criteriosamente organizado no aspecto gráfico. Esta carta comporta o mesmo conteúdo do seu rascunho – a carta 19 - conforme constatação já abordada. Há poucas alterações quando comparada ao rascunho: substituiu-se Ana por Roque, verdadeiro destinatário; acrescentou-se expressão de despedida; assinou-se com nome completo; o pedido de desculpas pelos erros foi mais conciso.

DOC 21 – CARTA

ESCRITO EM: 26.12.1946
IDADE quando escreveu: 20 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Queimada do Caldeirão – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Joana de Oliveira Carneiro, conhecida por *Morena*.
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito à tinta azul, em papel de bloco para cartas. O teor desta carta é predominantemente informativo. A remetente expõe o objetivo da comunicação e pede

resposta. Destaco usos lingüísticos particulares presentes na correspondência: tu vai *"dia de ano"* - ano novo, reveillon -; aviso com *"vespa"* - véspera -; *"lembrança de todos meus para todos teus"* - familiares-. A autora fecha seguindo padrão: assinatura (nome completo), local e data. Há pedido de desculpas por erros e faltas gramaticais.

A folha encontra-se com vestígios de queimadura impossibilitando leitura de poucas palavras, mas esse detalhe não interferiu na compreensão do documento.

DOC 22 – CARTA

ESCRITO EM: 14.01.1947
IDADE quando escreveu: 21 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: (a correspondência não foi enviada)
DESTINATÁRIO: Morena, *destinatário estratégico*.
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito a lápis carvão, no verso da carta 21, parte na qual não se dispõem linhas. Por esse detalhe, percebe-se que a autora tem razoável coordenação motora. Esta carta é um rascunho: caligrafia irregular, borrões e retificações. É escrita sob as mesmas intuições do caso da carta 19: Carlinda recorre, estrategicamente, ao uso de Morena como interlocutora, nesta carta; mas, o texto final –carta 23- destinou-se a Roque. A temática versa sobre confirmação de sentimento, notícias da família e informa programa para uma possível visita. Assina-se com nome completo, seguindo com notas de local e data. Há pedidos de desculpas por erros e versos de carinho.

DOC 23 – CARTA

ESCRITO EM: 16.01.1947
IDADE quando escreveu: 21 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Roque
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Caligrafia dentro do perfil da escrita da autora, manuscrito à tinta azul, disposição gráfica atendendo a uma organização planejada. Conforme constatação, esta carta é reescritura da carta 22, rascunho estratégico para despistar olheiros. Reconhecemos que a linguagem é a mesma usada no rascunho, e as poucas alterações ocorridas são exclusões no conteúdo

informativo. Além disso, apenas algumas retificações de âmbito gramatical*: "nos coração" > "no coração"; "notícias" > "nutícias"; "são desejada" > "são desejadas"; "encuanto" > "enquanto"*. Esse fato reforça a credibilidade que deposito na autenticidade dos usos lingüísticos como reveladores da oralidade.

Quanto à estrutura de produção, observa-se a prática corrente: saudação, texto, assinatura (nome completo), local e data. Fora isto, os indispensáveis pedidos de desculpas pelos desvios às normas gramaticais.

DOC 25 – CARTA

ESCRITO EM: 20.03.1947
IDADE quando escreveu: 21 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Roque
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito à caneta com tinta azul, em papel de bloco para carta. Há regularidade na grafia, observa-se também uma organização planejada: o texto apresenta uma dinâmica, pois a autora, em tom um pouco cerimonioso, inicia com colocações de modelos referenciais, fala do prazer por escrever para o noivo, envia felicitações familiares. No parágrafo seguinte, percebe-se que o tom cerimonioso perde espaço. É possível entender que o conteúdo favoreceu espontaneidade lingüística. Quando Carlinda aborda a possibilidade de encontro entre eles e se queixa da ausência do noivo, é notável uma linguagem solta, desprovida de articulações prévias: *"Espero que nos encontre la para matar tantas saudades que estou sentindo por te que 2 mezes não e 2 dias para você parece que e egualzinho que você não esta triste por passa tantos tempos sem vir aque não esta vida esta triste para mim."*. No último parágrafo, a autora se despede e conclui a correspondência nos moldes tradicionais: assinatura completa, local e data, pedido de desculpas pelos desvios às normas gramaticais.

DOC 28 – CARTA

ESCRITO EM: 21.01.1948
IDADE quando escreveu: 22 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Roque

MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito à tinta azul, letras bem definidas. Esta correspondência diferencia-se das demais pela apresentação do texto e brevidade na informação, que se cumpre em poucas palavras. A saudação usada é composta apenas do vocativo *"Roque"* e da tradicional abreviatura para adeus, seguindo-se com a notícia e despedida. Carlinda assina abreviando o primeiro sobrenome, data e pede desculpas pelos erros de forma muito sucinta. Nesta carta, não há o constituinte tradicional *local*. Essa informação está exposta no verso, na parte em que ficará à vista após as dobraduras. Esta prática de finalização era comum quando a correspondência era muito objetiva e sucinta, poupando-se uso de envelope. Na verdade, trata-se de uma correspondência com estrutura de bilhete.

Obs.: A folha encontra-se machucada, com leves manchas de umidade, rasgão numa dobra e agressões por traças. No entanto, o texto está completamente legível.

DOC 30 – CARTA

ESCRITO EM: 05.02.1948
IDADE quando escreveu: 22 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Roque
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito a lápis carvão, letras bem definidas. Notamos retificações no conteúdo através das marcas de palavras apagadas e, por cima, outras que integram o texto com características de rascunho. Nesta Carta, Carlinda fala da pretensão de uma conversa pessoal, queixa-se da ausência e avisa que não poderá esperá-lo no domingo combinado. Reconhecemos uma linguagem bastante fiel à situação (conforme menção, a carta escrita *"foi com pressa")* e, consequentemente, representativa da modalidade lingüística da informante. O tratamento para interlocutor é apenas *"Roque"*, o que aponta fragilidade em qualquer esforço para atingir um tom formal; no momento em que desabafa sua angústia precisando de uma conversa, Carlinda registra *"Roque <u>pensava</u> <u>de</u> lhe encontra"*, construção com o verbo pensar ainda preservada pelos descendentes da região; *"já fiz o trato"* é expressão para *fiz o compromisso*, também preservada pelos descendentes. A remetente despede-se abreviando a palavra adeus e assina o nome com apenas as iniciais do sobrenome. Há pedido de desculpas pelos erros gramaticais e por ter sido escrita a lápis. No verso, um parágrafo "solto" cujo

texto curto, de cinco linhas, destaca-se diante a carta por sua apresentação que atesta espontaneidade dialetal. Percebe-se o tom descontraído, que reveste a escrita de Carlinda denunciando o discurso oral cotidiano através de todo o texto, reforçado pelo marcador conversacional *" que espero é isto mesmo"* , este que interfere no discurso informativo finalizando o texto.

Obs.: Há agressões por traças nos locais das dobras, mas não interfere na legibilidade do texto.

DOC 31 - CARTA

ESCRITO EM: 06.02.1948
IDADE quando escreveu: 22 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Roque
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito a lápis, em folha especial para carta. Embora notemos apenas dois borrões, reconhecemos letras cuidadosamente bem traçadas compondo um texto com estrutura notavelmente planejada. Esta carta comporta o mesmo conteúdo da carta 30, as mesmas informações, as quais figuram como causa maior da comunicação. Carlinda suprime o primeiro parágrafo da carta 30, substituindo-o pelo o que se encontra no verso da mesma. Concluímos, então, que esta carta é reescritura da citada. A linguagem é em tom muito espontâneo. O conteúdo denuncia um estado emocional abalado por insegurança e insatisfação da autora, fato que pode ter influenciado numa produção cuja expressão lingüística se aproxima de um discurso oral. Observamos, no último parágrafo, a falta de pontuação acentuando essa característica.

O corpo do texto segue o tradicional: vocativo, saudação, conteúdo, despedida, assinatura e data. Não há registro de local. Há nota de pedido de desculpas pelos desvios gramaticais.

DOC 34 - CARTA

ESCRITO EM: 11.03.1948
IDADE quando escreveu: 22 anos
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Roque

MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito à tinta com cor azul, letras pequenas e bem definidas consagrando um perfil caligráfico de Carlinda. Esta correspondência é resposta à carta 33. Carlinda discute com Roque mal entendidos, avisa-lhe sobre um passeio que fará no domingo e que não irá à festa de São José em Riachão do Jacuípe. A linguagem é em tom espontâneo registrando-se usos lingüísticos próprios da comunidade como *"nem por pileria", "por grande carensa"*. Piléria quer dizer *nem por brincadeira*, carência equivale a *necessidade*; *"...ir para Riachão de São José"* , onde se diria *"ir para Riachão para a festa de São José"*.

Como nas demais correspondências: despedida, assinatura, local, data e a nota de pedido de desculpas pelos desvios às normas gramaticais.

DOC 35 - CARTA

ESCRITO EM: 21.05.1948

IDADE quando escreveu: 22 anos

ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA

DESTINO: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA

DESTINATÁRIO: Roque

MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Letras pequenas, bem definidas conforme características identificadoras da escrita de Carlinda. Nesta carta, a autora começa usando modelo referencial articulando com invocação de personalidade religiosa. Segue com a informação e encerra com despedida confirmando fidelidade amorosa. Os costumes e princípios assumidos pela comunidade estão evidenciados pelo discurso no trecho *"Roque eu te disse que iam a reza da Roça do Alto amanhã mais está terminada a viagem que sôbe que Inêz está muito duente, tenha feito trato com comadre Ana para nois ir junto a reza e a Missa de quinta feira pensando que amanhã acertava tudo dereito mais quando Deus não que Santo não roga que não vou a reza nem ao riachao."* Carlinda encerra a correspondência nos moldes tradicionais: assinatura, local e data, acrescidos de pedidos de desculpas pelos desvios gramaticais.

DOC 37 - CARTA

ESCRITO EM: não datado

ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA

DESTINO: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA

DESTINATÁRIO: Roque

MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Este documento figura como um atestado das influências dos modelos formais de cartas como algo altamente familiar. Mostra também que as expressões de natureza religiosa eram habituais. Além disso, reforça a atuação da escrita não só como veículo de comunicação, mas como indispensável elemento que fortalecia o vínculo pessoal entre remetente e destinatário.

Trata-se de uma carta ainda em rascunho, a notar-se pelo papel que é apenas uma parte de folha de bloco, além de o texto ter sido escrito fora das linhas, na vertical da página, o que constata intenção de aproveitamento do papel para rascunho. O tema da carta é o aniversário de Roque, pelo que lhe parabeniza Carlinda, através desta correspondência iniciada com declarações influenciadas por modelo formal: "*Para mim é uma hora de grande prazer o momento que pego na minha rude pena para escrever sobre este papel o teu adorado nome...*". Em seguida, Carlinda envia os votos de parabéns. Neste trecho,

Sendo hoje um dea tão feliz dno
mundo dia do teu aneversario nalalicio
não pudendo te ver pesoalmente
vou por meio desta enviar meus
cinceros parbens com ardentes
votos que faço a Jesus que l[e]he
cubra com [l]aços de felicidade e
peco a todos os Santos que seja
senpre feliz ao lado de todos que
te pertence.

Observamos um discurso que tem interferências de uma linguagem planejada, porém essa forma não predomina, apenas reveste as palavras de parabéns com um tom adequado à situação e não tira a espontaneidade lingüística da autora.

DOC 38 – BILHETE

ESCRITO EM: não datado

ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA

DESTINO: Fazenda Maravilha - Riachão do Jacuípe-BA

DESTINATÁRIO: Roque

Manuscrito a lápis, em folha comum (observamos aproveitamento de papel); é uma composição na qual as partes se constituem predominantemente do essencial para transmissão da mensagem: vocativo, saudação, texto, assinatura. Carlinda é objetiva em tudo,

evita adjetivos acompanhando o vocativo, é breve na saudação e não discorre sobre seus sentimentos em nenhum momento do texto. Esta postura reforça o teor informativo da mensagem e atesta a funcionalidade do gênero textual como via de comunicação entre os interlocutores. Neste bilhete, Carlinda informa Roque de que não mais irá a Riachão e justifica o fato. Assina e pede desculpas pelos erros e faltas.

DOC 40 – BILHETE

ESCRITO EM: não datado
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Roque
Manuscrito a lápis, em papel comum e com espaço limitado ao corpo do texto. A estrutura segue o tradicional ao gênero: vocativo, saudação, mensagem, assinatura. Como de costume, Carlinda mantém pedidos de desculpas pelos "erros". O conteúdo se constrói de um pedido de favor da remetente ao destinatário.

Deste manuscrito, podemos colher informações a respeito da rotina e do dialeto dos informantes: no trecho "... *quero que você va levar esta custura*...", há indícios da ocupação das mulheres e o registro de um vocábulo com uso bem próprio de seus falantes. "Custura" – costura- é usado ainda na atualidade para referir-se a tecido para ser cortado para confecção de vestuário, a uma roupa já confeccionada ou ao modelo do traçado da linha feito pela máquina de costurar ou pela costureira.

DOC 41 – BILHETE

REMETENTE: há indícios de autoria de Carlinda
DO DOCUMENTO:
ESCRITO EM: não datado
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Morro Baixo – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Tereza
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal
Manuscrito a lápis, papel comum e recortado nos limites do texto. Têm-se apenas vocativo, saudação e mensagem cujo conteúdo restringe-se à informação. Apesar de não se ter informação registrada de quem seja o remetente, percebe-se que se trata de um informante do sexo feminino pelos traços da caligrafia e organização do texto, além do assunto. Nesse

sentido, há indícios de autoria de Carlinda, haja vista ter sido um documento que fora encontrado junto às cartas da mesma. Além disso, a referida Tereza, destinatária, é prima de Carlinda e foi sua amiga muito familiar[85].

DOC 42 – VERSOS

Manuscrito a lápis, em papel recortado para formato de cartão. Não se tem identificação registrada da autoria dos versos, mas os indícios de que foram escritos por Carlinda e dedicados a Roque evidenciam-se pela presença do nome Roque no quinto verso "*Roque não posso ser mais*", além do tom amoroso que reveste as declarações em forma de versos. É percebido que a produção resulta da tentativa de adequar versos já familiares e memorizados para elaborar algo com relato dos sentimentos próprios da autora. Observamos que no plano da construção há um compromisso para com a forma (obediência a um modelo textual) e também um cuidado com a construção das rimas. No plano do conteúdo, já não reconhecemos este cuidado para com a coerência da expressão. Marcas da oralidade próprias do dialeto da autora aparecem no registro de *os meus grande sufrimento*[86].

DOC 4, 6, 8, 9, 11, 13, 14, 16, 18, 24, 26, 27, 29, 32, 33, 36

REMETENTE: Roque Carneiro de Almeida

SEXO: Masculino

NATURALIDADE: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA

QUALIDADE: Branco

FILIAÇÃO: Silvério Carneiro de Almeida e Maria (não dispomos de dados nem informações que nos dispusessem o sobrenome da mãe)

DATA DE NASCIMENTO: 18.09.1924

ESTADO CIVIL: Solteiro

FUNÇÃO SOCIAL: Lavrador (cultivo de milho, feijão, mandioca e alimentos de subsistência), criador de animais (condição de pequeno produtor rural).

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Analfabeto. Depois de casado com Carlinda, esta lhe ensinara assinar o nome próprio.

FALECEU EM: 17.02.1991

REDATOR: Francisco José Carneiro

SEXO: Masculino

NATURALIDADE: Faz. Tiririca – Riachão do Jacuípe-BA.

[85] Segundo afirmações de Iva Maria Carneiro, irmã de Carlinda. Obtive essa informação em 09.07.2006, através de conversa pessoal.
[86] Segundo verso.

QUALIDADE: Branco
FILIAÇÃO: Maria José Carneiro e Manoel Carneiro de Almeida
DATA DE NASCIMENTO: 04.06.1924
ESTADO CIVIL: Solteiro
FUNÇÂO SOCIAL: Fabricante de requeijão, proprietário de "fabrico"[87]; lavrador
NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada
FALECEU EM: 31.01.1982

DOC 4 – CARTA

ESCRITO EM: 27.07.1944
IDADE quando escreveu: 20 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Esta é a primeira carta enviada à Carlinda. O remetente não praticava a escrita e, como muitos outros do local, recorria a um vizinho, o Sr. Francisco, quem redigia por ele.

A carta é escrita em papel que compunha os chamados "blocos de carta", assim "papel de carta", manuscrita à pena de tinta azul, com letras reveladoras de pouca habilidade na escrita. Observa-se um tom de respeito expresso pela forma de saudação "Minha Estimada Carlinda" e pela identidade parentesca, *primo*. A linguagem é bem corrente, há muitas marcas da oralidade "vêis", em lugar de vez; "aligria" em lugar de alegria; "qui", em lugar de que; "duenti", em lugar de doente.... Além disso, a falta de pontuação aponta para uma originalidade nos usos lingüísticos, aproximando a escrita da fala. Roque aborda suas lembranças, reforça a tristeza quando foi informado do mal estado de saúde que acomete sua namorada e se desculpa por não poder visitá-la. Finda a correspondência acentuando seu compromisso pela expressão "*Do Primo firmi ate morrê*" e fecha com nome completo seguido de um quarteto poético. Na última linha, "*disculpi os erros e de quem não sabi*".

DOC 6 – CARTA

ESCRITO EM: 18.08.1944
IDADE quando escreveu: 20 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA

[87] Local onde ocorre o processo de produção do requeijão, derivado do leite também conhecido, em determinadas regiões do Brasil, por queijo-manteiga.

DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIOS: Manuel Geraldo Carneiro e Leopoldina
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito à pena com tinta azul, em papel formato de cartão, padronizado para escrita na parte interna, com linhas na capa traçadas a lápis sob auxílio de régua. Nesta carta, observa-se mais cuidado com o uso do espaço: as palavras estão bem individualizadas e traçam-se letras mais definidas. O texto versa sobre pedido de permissão para namoro, ao que se pode atribuir a notável atenção na produção e confecção da correspondência. Tem-se um discurso em tom cerimonioso, indicativo da relação estabelecida entre as partes que se comunicam. A forma usada para interlocutor é Exmo. Sr. , registrando-se *"Exmo Snr."* com uso do nome completo para dirigir-se ao sogro e, para a sogra, tratamento de Dona, restringindo-se ao uso do nome (detalhe que nos leva a inferir que a figura feminina não influenciava nas decisões familiares). É mais um documento que comporta marcas de uma linguagem muito próxima dos usos orais.

DOC 8 - CARTA

ESCRITO EM: 24.12.1944
IDADE quando escreveu: 20 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Escrita à pena com tinta marrom, letras mal traçadas, com borrões devido às retificações ortográficas, o que sinaliza uma escrita espontânea num primeiro momento; e, uma tomada de preocupação com o "como escrever" num segundo momento. Desprovido de conhecimentos notacionais, o texto confere o nível de escolaridade do redator e reúne características dialetais dos informantes. Esta carta não se restringe às confirmações de sentimento, tem função de passar informações em tempo preciso, vejamos *"... disse que ia dar um paoseio por la ouge. porem não posso ir. porque estou duenti. com fé em Deus e di matar esta saudadi que estou sintindo por ti sábado que vou para o Riachão si Deus quizer."* O remetente registra seu nome completo e finda com versos amorosos.

DOC 9 - CARTA

ESCRITO EM: 05.04.1945
IDADE quando escreveu: 21 anos

ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Em papel de carta, manuscrito à pena em tinta marrom, letras razoavelmente definidas, mas que demonstram habilidade precária na prática da escrita. Nesta carta, Carlinda é tratada por noiva. Roque fala da saudade e pede que aceite sua visita. Mais uma vez, confere-se a importância funcional da carta, pois a noiva e sua família não poderiam ser tomados da surpresa de uma visita sem suas licenças. Dessa forma, a comunicação adequada era feita por meio da escrita já que, por questão de privacidade, e também para não expor a moral feminina, não era cabível enviar recados "de boca". Roque encerra com seu nome completo e manda versos poéticos. Também, aqui, pedido de desculpas *"disculpe a mal caligrafia o meu pouco saber"*.

DOC 11 - CARTA

ESCRITO EM: 18.05.1945
IDADE quando escreveu: 21 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrita à caneta com tinta marrom, em folha de bloco. Letras bem legíveis, caracteres bem traçados por toda a carta, o que expressa certo cuidado no ato de escrever. Observa-se, nesse sentido, um certo relaxamento no redigir de uma pequena nota que se encontra na vertical esquerda da folha: *" Sim, não mi esperi dumingo que não posso ir."*. Esta nota porta um conteúdo informativo que expõe, mais uma vez, não apenas a funcionalidade da correspondência, transmissão de informação, atuando como veículo entre as pessoas, como também marcas da oralidade expressa pelo registro da realização fonológica (m*i* esper*i* d*u*mingo). O corpo do texto segue os modelos tradicionais: vocativo, saudação, texto, despedida, nome, local e data onde, nesta carta, intercalam-se versos amorosos. O redator introduz com modelo formal em tom poético para declarar a emoção de Roque: *"Era uma bela manhã o sol brilhava no horizonte."*. Roque agradece a atenção de Carlinda por uma visita que lhe fizera e pelo envio da última carta –carta 9- a que está respondendo. Nesta carta, pode-se conferir um hábito lingüístico das pessoas da região, ainda mais comum na

oralidade, para falar de como se encontra: *"... eu vou bem melhor graças ao nosso bom Jesus."*. Nos dias de hoje, principalmente as pessoas mais velhas, ainda se conserva esta expressão religiosa nos diálogos em encontro pessoal.

DOC 13 - CARTA

ESCRITO EM: 04.11.1945
IDADE quando escreveu: 21 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Trata-se de uma carta com objetivo de parabenizar Carlinda na data de seu aniversário. Constitui-se um texto breve, de linguagem corrente, letras de traçados com coordenação precária. Há o nome completo seguido de versos amorosos e pedido de desculpas pelos erros gramaticais.

DOC 14 - CARTA

ESCRITO EM: 02.12.1945
IDADE quando escreveu: 21 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Nesta carta, o informante manda notícias de que não poderá cumprir o compromisso de uma esperada visita. A linguagem é corrente e alguns usos lingüísticos como "arrisulver" em lugar de "resolver", "ir a missão" que significa viajar para tratar de assuntos particulares, identificam as individualidades dialetais do meio territorial. Observamos que não há preocupação com a organização do texto, o que atesta ser a informação motivação necessária e que prevalece sobre o reconhecimento da precária habilidade de escrever, demonstrada pela caligrafia e pelos desvios às normas gramaticais. A carta é identificada pelo nome completo do remetente. Há versos amorosos e pedido de desculpas pelos erros ortográficos.

DOC 16- CARTA

ESCRITO EM: 13.01.1946
IDADE quando escreveu: 22 anos

ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal
Manuscrito à pena com tinta marrom, letras irregulares. Linguagem em tom descontraído, denotando autenticidade discursiva: *"estar di junto"*, *"fui obrigado ir uma viagem"*. Esta é mais uma correspondência onde se cruzam informações sobre o dia-a-dia e declarações de sentimento. Identifica-se com nome completo. Há envio de versos amorosos seguidos de desculpas por erros gramaticais.

DOC 18 - CARTA

ESCRITO EM: 05.02.1946
IDADE quando escreveu: 22 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal
Esta carta é resposta à carta 17 (dezessete). Escrita à pena com tinta marrom, letras razoavelmente regulares. Há manchas de umidade e leves furos que não interferem na leitura. A oralidade se manifesta nas expressões lingüísticas do tipo "arriçibir" em lugar de recebi, "aluminar" em vez de iluminar, "por cauzo", em lugar de por causa. O redator recheia as declarações amorosas de Roque com expressões de modelos formais para cartas. Decora a margem esquerda com versos e aproveita espaço para informação da visita que fará à noiva. O autor não obedece a critérios de organização textual -característica permanente nas cartas de Roque- apenas mantém os elementos constitutivos do gênero: saudação, texto, despedida, assinatura, local e data. Observa-se que a indicação da data mensal sofreu retificação, mas foi possível recuperar com precisão este dado através do seu conteúdo nos trechos *"... foi um momento feliz... quando arriçibir tua Estimada cartinha."* Referindo-se à carta que está identificada como 17, na qual Carlinda pergunta *"... Então como foi de passeio no certão bem não gostou bastante não foi? "* e Roque lhe responde: *"sim fui muito bem de passeio."*.

DOC 24 - CARTA

ESCRITO EM: 19.01.1947
IDADE quando escreveu: 23 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA

DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal
Manuscrito à pena com tinta azul escuro, letras com características de precária habilidade na escrita. Esta carta segue como resposta à carta 23. A introdução é parte de modelo referencial trazido na memória e escrito sob influência da oralidade, que se constata nos registros de *"arreçebi"* em lugar de recebi, *"aluminar"*, em lugar de iluminar. A linguagem é solta revelando autenticidade no uso informal da língua. As informações trocadas entre os informantes apontam certos costumes da comunidade como: visitas raras e, quando feitas, ocorriam aos domingos; não era comum a noiva deslocar-se até a residência do noivo com o propósito de vê-lo. Por conta desta falta de contato, mantinham e intensificam-se o vínculo afetivo pela troca de cartas.

A estrutura textual mantém o padrão: saudação, conteúdo, despedida, nome completo. Há versos e os pedidos de desculpas na forma *"não ignori os erros e di quem não sabi"*. O vocábulo "ignori" era muito comum nos diálogos pessoais e ainda se preserva no dialeto dos descendentes (filhos, sobrinhos...) variando com "não ligue" com sentido de "não dê importância".

DOC 26 - CARTA

ESCRITO EM: 01.06.1947
IDADE quando escreveu: 23 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA.
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA.
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal
Manuscrito à caneta com tinta azul, em papel de bloco para carta, caligrafia precária. Observamos que não há planejamento para uso do espaço textual. Esta carta tem função essencialmente informativa: Roque justifica-se por não ter cumprido a visita de domingo e firma outro encontro. Na adaptação de modelo referencial usado na abertura, marcas da oralidade:*"arrespondo"* para respondo. Essa marca apresenta-se como um aspecto que reforça a confiança em que dispomos de dados capazes de nos fornecer características da realidade lingüística da região dos informantes.

DOC 27 - CARTA

ESCRITO EM: 03.12.1947
IDADE quando escreveu: 23 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Carta em resposta a uma outra não disponível. Composição com estrutura tradicional (saudação, conteúdo, despedida, nome completo), manuscrita à caneta com tinta azul, letras com caracteres mal traçados. Nesta correspondência, Roque confirma recebimento de uma carta de Carlinda e aborda a satisfação por ela participar-lhe uma viagem. Termina confirmando seus sentimentos. Como nota, pedidos de desculpas pelos erros gramaticais. Destaquemos algumas expressões sob reflexos da oralidade: *“ nois* (nós) , *arrecibir* (recebi), *ovi* (ouvi)*”*.

DOC 29 - CARTA

ESCRITO EM: 27.01.1948
IDADE quando escreveu: 24 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito a lápis carvão, caligrafia precária, fazem-se algumas retificações ortográficas. Composição seguindo padrão tradicional: saudações, conteúdo, despedida, nome próprio, local e data. Esta carta é resposta à carta 28 com o objetivo de confirmar recebimento de notícias. Há uma inovação: na terceira referência à Carlinda, escreve-se *C.* para pedido de desculpas pelo atraso no retorno via carta.

Obs.: A folha encontra-se com agressão de traças, mas não compromete a leitura do documento.

DOC 32 - CARTA

ESCRITO EM: 15.02.1948
IDADE quando escreveu: 24 anos
ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda

MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito a lápis carvão, letras com caracteres marcados pela precária habilidade de escrever. Embora notemos um relaxamento na organização do texto, o redator segue a tradicional forma da composição: saudação, conteúdo, despedida, nome, local e data. O conteúdo desta carta é predominantemente informativo: Roque comunica a Carlinda o fato de não poder cumprir o plano de visitá-la. Conforme costume, as visitas pessoais, que sustentavam o vínculo entre as pessoas, eram substituídas pelas correspondências. Nesta carta, este fato fica bem claro no trecho *"... pesso-lhi que açeiti uma vizita di long assimesmo."*.

DOC 33 - CARTA

ESCRITO EM: 09.03.1948

IDADE quando escreveu: 24 anos

ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA

DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA

DESTINATÁRIO: Carlinda

MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito a lápis carvão, letras irregulares. É uma composição pequena portando breves declarações amorosas e a informação a ser passada à Carlinda seguida de despedida. Há nome completo do remetente. Pede-se desculpa por escrever a lápis.

DOC 36 - CARTA

ESCRITO EM: 04.07.1948

IDADE quando escreveu: 24 anos

ORIGEM: Fazenda Maravilha – Riachão do Jacuípe-BA

DESTINO: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA

DESTINATÁRIO: Manuel e Tia Leopoldina

MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito à caneta com tinta azul, caligrafia precária. Esta correspondência versa sobre pedido de realização de casamento e se compõe apenas da informação, que se apresenta numa linguagem solta, em tom descontraído. Os demais elementos constitutivos do gênero aparecem sob expressões mais breves e menos polidas: a saudação inicial *"Dezeijo senpri e feliçidadi com a Exma Família."* e para a despedida, apenas *" Desponha do Gr.Respeitador."* O interlocutor, que tem o papel de sogro, é tratado por tio pelo genro, o remetente. Quando se compara esta carta, com a carta 6, a carta do pedido de permissão para

namoro, confere-se um tom cerimonioso e uma linguagem mais rebuscada que não ocorrem nesta carta 36. Destaquemos a variação nas formas de tratamento para os mesmos interlocutores: para carta 6 *"Exmo Snr. Manuel Geraldo Carneiro i D Liopoldina"*; após três anos e onze meses, *" Presado tio Manuel i Tia Liopoldina"*.

Chama a atenção o fato de não haver os pedidos de desculpas recorrentes.

DOC 37 - CARTA

REMETENTE: Manoel Geraldo Carneiro
SEXO: Masculino
NATURALIDADE: Fazenda Laranjeira – Riachão do Jacuípe-BA
QUALIDADE: Branco
FILIAÇÃO: Manuel Pedro Carneiro e Pláscida Leão Carneiro
DATA DE NASCIMENTO: 05.12.1894
ESTADO CIVIL: Casado
IDADE quando escreveu: 50 anos
FUNÇÃO SOCIAL: Lavrador, Produtor rural.
NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada
FALECEU EM: 21.04.1986
DESTINATÁRIO: Roque
DO DOCUMENTO:
ESCRITO EM: 08.09.1944
ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Maravilha - Riachão do Jacuípe-BA
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito à pena em tinta azul, em papel especial (o mesmo tipo da carta 6), letras bem definidas. [88]Esta carta é em resposta ao pedido de noivado. O texto é curto, objetivo, com linguagem corrente. "Ilmo. Snr.", tratamento que revestia a pessoa de reconhecimento diferenciado e, ao mesmo tempo, impunha-lhe responsabilidade, é a forma usada para dirigir-se ao interlocutor. O remetente identifica-se por nome completo e pede relevância pelos erros e caligrafia.

DOC 39 - BILHETE

REMETENTE: Maria Augusta Carneiro, conhecida como *Bihia*.

[88] Segundo informação atual (2006) de Iva Maria Carneiro, 65 anos, cunhada de Roque, este tipo de papel era reservado para correspondências cujos assuntos e pessoas fossem considerados mais importantes.

SEXO: Feminino

NATURALIDADE: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA

QUALIDADE: Branca

FILIAÇÃO: Manoel Geraldo Carneiro e Leopoldina Augusta Carneiro

DATA DE NASCIMENTO: 13.10.1925

ESTADO CIVIL: Casada

FUNÇÃO SOCIAL: Doméstica, ajudante na lavoura , costurava e bordava para uso pessoal e familiar.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada ,1º. Ano primário

FALECEU EM: 06.05.1961

DO DOCUMENTO:

ESCRITO EM: não datado

ORIGEM: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA

DESTINO: Fazenda Maravilha - Riachão do Jacuípe-BA

DESTINATÁRIO: Roque

MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

De caráter expressivamente informativo, este manuscrito se organiza em partes que se resumem ao essencial para a comunicação: vocativo, texto e assinatura. A remetente é muito sucinta na composição de todos esses elementos. O texto traz informação objetiva, que condensa bem seu conteúdo (pedido de comparecimento do destinatário à casa da remetente). Quanto aos conhecimentos notacionais, percebe-se que a redatora desconhece normas relacionadas à grafia, o que se revela no registro de "*possivel*" em vez de possível; "precizão" em lugar de precisão, além de eventuais falhas no tocante à pontuação e ao uso do acento grave, marcador de crase. Os caracteres gráficos são bem definidos e revelam espontaneidade no ato da escrita.

A oralidade se manifesta no texto desde a seleção lexical – destaque-se o termo "*precizão*"- e também no âmbito da sintaxe com a realização de *lhe*, usado como acusativo, em "*precizão de lhe ver*".

DOC 43 - DEDICATÓRIA EM SANTINHO

REMETENTE: Maria Carneiro Oliveira[89]

SEXO: Feminino

NATURALIDADE: Fazenda Queimada do Caldeirão – Riachão do Jacuípe-BA

QUALIDADE: Branca

[89] Atualmente, ano 2006, Maria reside na cidade de Riachão do Jacuípe-BA.

FILIAÇÃO: Honorina de Oliveira Carneiro e Pedro Alexandrino Carneiro

DATA DE NASCIMENTO: 13.04.1929

ESTADO CIVIL: Solteira

FUNÇÃO SOCIAL: Doméstica, ajudante na lavoura , costurava e bordava para uso pessoal e familiar.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada ,1º. Ano primário

DO DOCUMENTO:

ESCRITO EM: 16.08.1949

IDADE quando escreveu: 20 anos

ORIGEM: Fazenda Queimada do Caldeirão – Riachão do Jacuípe-BA

DESTINO: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA

DESTINATÁRIO: Carlinda

MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Tem-se, mais uma vez, uma dedicatória documentando laços afetivos e sendo escrita em folha de expressão religiosa; no caso, a figura de Santa Teresinha do Menino Jesus. As partes que compõem o texto são saudação, conteúdo, data e assinatura. Escreve-se com tinta azul e a caligrafia apresenta características de que a prática da escrita não era incomum à autora. A leitura da bíblia era rotina de Maria e a prática da escrita acontecia quando da necessidade de copiar cadernos de receitas, anotações para costuras e, muito esporadicamente, na produção de bilhetes ou cartas com fins de comunicação ou envio de notícias e lembranças.

DOC 44 - DEDICATÓRIA EM SANTINHO

REMETENTE: Bernadete Mascarenhas

SEXO: Feminino

NATURALIDADE: Fazenda Morro do Caldeirão – Riachão do Jacuípe-BA

QUALIDADE: Branca

FILIAÇÃO: Anselmo Silvino de Almeida e Higínia Sátira de Oliveira

DATA DE NASCIMENTO: 11.06.1928

ESTADO CIVIL: Casou-se em 24.12.1946

FUNÇÃO SOCIAL: Doméstica, ajudante na lavoura , costurava e bordava para uso pessoal e familiar.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada ,1º. ano primário

DO DOCUMENTO:

ESCRITO EM: não datado (N/D)

ORIGEM: Fazenda Morro do Caldeirão – Riachão do Jacuípe-BA

DESTINO: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Carlinda
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal
Manuscrito à tinta azul, usando-se a tradicional caneta-tinteiro. O texto estrutura-se com saudação, conteúdo e assinatura. Tem-se uma dedicatória que parte de Bernadete em oferecimento a Carlinda. Bernadete, era uma prima amiga que morava vizinho à Carlinda e eram muito amigas embora não tivessem contatos pessoais com muita freqüência. Ainda em vida, em visita a Bernadete[90], esta falou sobre a amizade com Carlinda. Em tom saudoso e muito feliz, Carlinda relembrou a gratidão da amiga manifestada pela atitude de nomear sua única filha por Maria Bernadete, em homenagem aos laços afetivos entre elas. A opção por documentar a amizade em folha de santinho, no caso a imagem de Nossa Senhora do Carmo, é reflexo da presença da religião na vida das pessoas.

Nota-se, pelos traçados das letras, pouca prática na escrita. Sabe-se, através da própria Bernadete -quando da visita no ano de 2004- que seu grau de escolaridade era o mais básico: conhecia bem o alfabeto, estudara a Cartilha e detinha noções sobre matemática. As leituras restringiam-se à bíblia e cadernos de receitas. A prática de escrever não lhe era comum.

A dedicatória, DOC 44, é elaborada com linguagem espontânea. Observa-se que Bernadete escreve sem interrupção, o que dá ao texto um tom oral que se expressa pela continuidade discursiva e fechamento do texto com um marcador conversacional (viu) ainda muito presente no dialeto da região.

DOC 45 - CARTÃO DE ANIVERSÁRIO

REMETENTE: Alexandrina Leonília Carneiro
SEXO: Feminino
NATURALIDADE: Fazenda Olivença – Riachão do Jacuípe-BA
QUALIDADE: Branca
FILIAÇÃO: Maurício Leão Carneiro e Aquilina Leonília Carneiro
DATA DE NASCIMENTO: 26.02.1936
ESTADO CIVIL: Casada
FUNÇÃO SOCIAL: Doméstica, ajudante na lavoura , costurava e bordava para uso pessoal e familiar
NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada ,1º. Ano primário

[90] Visitei Bernadete em Fevereiro de 2004 e, posteriormente, em 08 de Março de 2006. Atualmente, está com 79 anos de idade e reside na cidade de Riachão do Jacuípe, desde Janeiro de 2006.

FALECEU EM: 31.03.1968
DO DOCUMENTO:
ESCRITO EM: não datado
ORIGEM: Fazenda Olivença – Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Jandira Aquilina Carneiro
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito à tinta marrom, papel recortado em formato com intenção de adequá-lo a um cartão. Este documento consta de palavras de parabéns direcionadas à Jandira por sua amiga Alixandrina[91] Leonila. O manuscrito retrata um nível de escolaridade bem limitado: os caracteres das letras são traçados com revelação de pouca coordenação motora e os desvios às normas de grafia são constantes. O texto inicia-se com expressões de bênçãos à data em que se comemora o aniversário da destinatária. Em seguida, o conteúdo constando os desejos de felicidade atribuídos à aniversariante, expressos sob palavras tradicionais ao contexto de aniversário. A autora despede-se e assina.

DOC 46 - RELATO PESSOAL EM LIVRO DE ORAÇÃO

AUTORA: Gertrudes Carneiro de Oliveira
SEXO: Feminino
NATURALIDADE: Fazenda Roça do Alto – Riachão do Jacuípe-BA
QUALIDADE: Branca
FILIAÇÃO: Martinho Carneiro de Oliveira e Antonia Alexandrina
DATA DE NASCIMENTO: 02.01.1920
ESTADO CIVIL: Solteira
FUNÇÃO SOCIAL: Doméstica, ajudante na lavoura , costurava e bordava para uso pessoal e familiar; professora de catecismo.
NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada ,1º. e 2º. ano primário
FALECEU EM: 20.05.1998
DO DOCUMENTO:
ESCRITO EM: não datado

Este manuscrito, escrito à tinta azul, letras bem definidas, texto claro e conciso é relato de um evento vivido e registrado pela própria autora. O texto registra sua participação na doutrina católica, como membro do “Apostolado da Oração”, da Paróquia de Riachão do Jacuípe-BA.

[91] Preferimos registrar Alixandrina em vez de Alexandrina por considerarmos a possibilidade de assim mesmo ter sido em seu registro de nascimento.

Gertrudes Carneiro teve escolaridade em nível do ABC, Cartilha e conhecimentos básicos de matemática. No entanto, era de uma família que muito se interessava por livros e que incentivava os filhos a obter conhecimento sobre História, Geografia e conhecimentos gerais, através das leituras. Adquiriam-se livros de História, Ciências, Gramática de Língua Portuguesa, Educação para o lar, Religião, Culinária. De tal acervo ainda se encontram muitos livros na residência, em Riachão do Jacuípe, município onde morou desde quando saíra da Fazenda Roça do Alto – Riachão do Jacuípe-BA, localizada a 8 km da referida cidade. A formação religiosa de Gertrudes incentivara seu interesse pela leitura da bíblia, folhetins religiosos, textos de catequese, o que refinou sua habilidade no falar[92] e escrever. A dedicação e fidelidade aos compromissos religiosos envolvendo-se com leituras - cuja modalidade do português era a padrão- influenciaram a expressão lingüística de Gertrudes.

DOC 47 - DEDICATÓRIA EM FOTOGRAFIA

REMETENTES: Oscar da Silva Cedraz e Anizia Mascarenhas Cedraz

SEXO: Masculino e Feminino, respectivamente

NATURALIDADE: Fazenda Queimadinha - Riachão do Jacuípe-BA; Fazenda Umburana – Coité-BA

QUALIDADE: Brancos

FILIAÇÃO: Otaviano Cedraz de Oliveira e Luiza Carneiro Cedraz; Primo Ramos Gordiano e Maria Ramos Mascarenhas

DATA DE NASCIMENTO: Oscar: 06.05.1898; Anizia: 15.11.1897

ESTADO CIVIL: Casados

FUNÇÃO SOCIAL: Oscar era fazendeiro, proprietário de fabrico e casa de farinha, tinha plantação de cereais e também era ferreiro (produzia utensílios como espingarda, faca, tesoura etc); Anizia era doméstica e costureira.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Ambos tinham formação em nível do 1º. Ano primário.

FALECEU EM: Oscar: 13.11.1987; Anizia: 22.05.1989

DO DOCUMENTO:

ESCRITO EM: 19.06.1940

ORIGEM: Fazenda Progresso – Riachão do Jacuípe-BA.

DESTINO: Fazenda Boi Manso - Riachão do Jacuípe-BA

DESTINATÁRIO: Oscarlita Mascarenhas Cedraz

MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Trata-se de uma recordação deixada pelos pais – Oscar e Anizia- para a sua filha Oscarlita,

[92] Gertrudes era por alguns elogiada e, por outros, criticada, por seu jeito de falar realizando as devidas concordâncias verbais e nominais, além de ser muito rigorosa no uso das formas dos tratamentos pessoais.

conforme declaração manuscrita. Há, no verso da fotografia, as seguintes partes: destinatário, mensagem, assinatura e data. As letras são bem definidas, revelando por parte do redator, boa habilidade na prática da escrita. Segundo a própria Oscarlita[93], atualmente, aos seus 81 anos, seus pais escreviam sem dificuldades, destacando-se principalmente a figura do pai Oscar, quem tinha muito gosto por criar poesia.

DOC 48 - DEDICATÓRIA EM FOTOGRAFIA

REMETENTE: Maria Augusta Carneiro
SEXO: Feminino
NATURALIDADE: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
QUALIDADE: Branca
FILIAÇÃO: Leopoldina Augusta Carneiro e Manoel Geraldo Carneiro
DATA DE NASCIMENTO: 13.10.1925
ESTADO CIVIL: Casada
FUNÇÃO SOCIAL: Doméstica, ajudante na lavoura, costureira.
NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada, 1º. Ano primário
FALECEU EM: 06.05.1961
DO DOCUMENTO:
ESCRITO EM: 15.08.1947
ORIGEM: Fazenda Tiririca - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINO: Fazenda Alto da Umburana - Riachão do Jacuípe-BA
DESTINATÁRIO: Leopoldina Augusta Carneiro e Iva Maria Carneiro
MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Manuscrito no verso da fotografia, letras bem definidas. As partes do texto são vocativo, conteúdo, assinatura e data. A remetente é Maria Augusta Carneiro, quem envia o retrato de Maria José Carneiro Neta, sua filha, para Leopoldina (tratada por mamãe no texto) e para sua irmã, Iva Maria (tratada por Didinha). O vocativo usado eram formas de tratamento usadas na relação cotidiana entre destinatários e remetentes. No conteúdo, a redatora – Maria Augusta- toma voz da filha que está fotografada, em fase infantil. O texto é curto, a

[93] Fiz uma visita à Sra. Oscarlita, em 11 de julho de 2006, especialmente para colher os dados informativos sobre seus pais. Na ocasião, colhi também informações a seu respeito: Oscarlita, atualmente aos 81 anos, nasceu em 27.05.1925, na Faz. Progresso; casou-se aos 18 anos (em 01.09.1943) e foi morar na Faz. Boi Manso, essa que lhe foi presenteada pelo pai Oscar. Oscarlita teve formação escolar em nível do 5º. Ano primário, tendo sido professora do município de Riachão do Jacuípe-BA entre os anos de 1950 - quando tomou posse - a 1968, lecionando o curso primário para alunos da zona rural. A escola funcionava na própria Fazenda e o salário da professora era de responsabilidade da prefeitura do município. Oscarlita prestou serviço ao Estado (órgão federal) quando lecionou o curso supletivo, que funcionava em horário noturno e era direcionado a um público adulto e analfabeto.

linguagem é espontânea.

DOC 49 - DEDICATÓRIA EM FOTOGRAFIA

REMETENTE: Lígia Guimarães Cordeiro[94]

SEXO: Feminino

NATURALIDADE: Fazenda Poços - Riachão do Jacuípe-BA.

QUALIDADE: Branca

FILIAÇÃO: Arsênio Guimarães e Maria Cordeiro

DATA DE NASCIMENTO: dado não disponível

ESTADO CIVIL: Solteira

FUNÇÃO SOCIAL: Doméstica

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: 4º. Ano primário

DO DOCUMENTO:

ESCRITO EM: 28.09.1949

ORIGEM: Fazenda Poços – Riachão do Jacuípe-BA.

DESTINO: Fazenda Boi Manso - Riachão do Jacuípe-BA

DESTINATÁRIO: Oscarlita

MEIO DE TRANSPORTE: Pessoal

Dedicatória manuscrita no verso da fotografia, em caneta com tinta azul. As partes do texto são: destinatários, mensagem, assinatura e data. Reconhece-se que o redator tem alguma familiaridade com a prática da escrita: os caracteres das letras são bem definidos e não há aspecto de precariedade na coordenação motora.

DOC 50 - POESIA

RECITADA EM: 08.11.1942

POR: Luiza Carneiro Oliveira

SEXO: Feminino

NATURALIDADE: Fazenda Queimada do Caldeirão – Riachão do Jacuípe-BA

QUALIDADE: Branca

FILIAÇÃO: Honorina de Oliveira Carneiro e Pedro Alexandrino Carneiro

DATA DE NASCIMENTO: 27.06.1932

ESTADO CIVIL: Solteira

FUNÇÃO SOCIAL: Doméstica, ajudante na lavoura , costurava e bordava para uso pessoal e familiar.

[94] Esta informante foi uma amiga vizinha de Oscarlita, a destinatária, através de quem foi traçado o perfil de Lígia quando da referida visita. Segundo Oscarlita, Lígia ainda se encontra em vida e, atualmente, reside na capital, Salvador.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada ,1º. Ano primário
DO DOCUMENTO:
Cópia de um poema, manuscrita à tinta azul, preenchendo uma página de folha de caderno. O papel encontra-se desgastado, folha em tom amarelado, com manchas e rasgões. O poema é constituído de título, oito quartetos distribuídos em três colunas organizadas na vertical da folha, identificação de por quem foi recitada a poesia e data do evento. A informação de que fora recitada sugere que o uso desse tipo de texto era comum em eventos de ordem escolar: geralmente, quando o trabalho de uma professora chegava a formar alunos no nível de uma fase como Cartilha, 1º. Ano primário, realizavam-se eventos com apresentação de peças teatrais –chamados dramas-, declamações de poesias ao público –pais e parentes-, apresentação de dança de roda etc.

Os traçados das letras indica familiaridade com a prática da escrita, mas não se dispõe de informação a respeito de quem transcreveu o poema.

O texto é uma descrição de uma boneca, o que sugere tratar-se de poesia usada em eventos escolares. A temática denuncia a valorização do elemento branco e o gosto pela cultura européia, presentes no contexto social:

“Olhos sedutores
Boca de carmim
Naris tão perfeito
Nunca vi assim...
Pernas tão perfeitas
Pés pepequeno assim
Ficam elegantes
Sapatos de setim
Vestido de seda
De lindo matis
Foram copiados
Pelos de paris...”

Quanto à linguagem, esta ocorre em tom coloquial marcando-se a realização de concordâncias verbal e nominal sob tentativa de atender aos princípios do português-padrão. Fica notável essa observação por parte do (a) copista ao observar-se uma correção feita no

terceiro verso do sexto quarteto: *"Fica elegantes" para "Fica* ***m*** *elegantes"*, onde se destaca o traço da concordância verbal escrito posteriormente. Reconhece-se, portanto, quanto à linguagem, que ao mesmo tempo em que há inclinação para o uso coloquial, há também uma certa preocupação por atender às normas do uso padrão da língua. Encontramos, no quarto verso do terceiro quarteto, a realização de lhe como acusativo: *"Tenho muito gosto / Em* ***lhe*** *ver bonita"*. Esses aspectos refletem não só o nível de escolaridade assim como características particulares do dialeto da região.

DOC 51 - POESIA

RECITADA EM: 08.11.1942
POR: Maria Augusta Carneiro
SEXO: Feminino
NATURALIDADE: Fazenda Alto da Umburana – Riachão do Jacuípe-BA
QUALIDADE: Branca
FILIAÇÃO: Manoel Geraldo Carneiro e Leopoldina Augusta Carneiro
DATA DE NASCIMENTO: 13.10.1925
ESTADO CIVIL: Solteira
FUNÇÃO SOCIAL: Doméstica, ajudante na lavoura , costurava e bordava para uso pessoal e familiar.
NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada ,1º. ano primário
FALECEU EM: 06.05.1961
DO DOCUMENTO:

Poema transcrito à tinta azul, na mesma folha do DOC 50, ocupando a outra página, que também é compartilhada com o DOC 52. O estado de conservação é precário, conforme já foi descrito no item do DOC 50. A caligrafia do manuscrito sugere ter sido o (a) mesmo (a) copista do DOC 50. Dessa forma, apresenta-se as mesmas características: letras bem definidas indicando familiaridade com a prática da escrita.

Observa-se que os versos são compostos por sintagmas organizados de forma tipicamente própria das produções literárias que valorizavam a inversão dos termos – hipérbato-, o que formaliza a linguagem do poema.

No plano da forma, o texto organiza-se em seis versos distribuídos em seqüência vertical da folha. As rimas dão sonoridade aos versos. Quanto ao plano do conteúdo, a poesia é expressão da fé católica fazendo referência ao julgamento final. Segundo os ensinamentos da Doutrina, todo ser humano será julgado por Deus pelos atos de virtudes ou vícios enquanto

vida na terra. Esse tema, presente em eventos comuns de confraternização escolar, atesta a presença do catolicismo na vida das famílias da região.

DOC 52 - POESIA

RECITADA EM: 08.11.1942

POR: João Gualberto Leão[95]

SEXO: Masculino

NATURALIDADE: Fazenda Olivença – Riachão do Jacuípe-BA.

QUALIDADE: Branco

FILIAÇÃO: Maurício Leão Carneiro e Aquilina Leonília Carneiro

DATA DE NASCIMENTO: 12.09.1930

ESTADO CIVIL: Solteiro

FUNÇÃO SOCIAL: Lavrador até seus 21 anos, depois pedreiro e topógrafo.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: ABC, Cartilha, Tabuada, 1º. Ano e 2º. ano primário. Em 1959, em Brasília, aprendeu topografia.

DO DOCUMENTO:

Este poema é escrito pelo (a) mesmo (a) copista dos DOC 51 e 52, na mesma página em que se transcreveu o DOC 51, usando-se a mesma tinta. Portanto, apresenta as mesmas características referentes à caligrafia e quanto ao estado de conservação do papel. A obstrução no centro da folha atinge o texto e impossibilitou a leitura satisfatória de dois versos intermediários da terceira estrofe.

O poema inicia-se com título e é constituído de três estrofes de seis versos cada. Ao final da cópia, indica-se fim e identifica-se por quem a poesia foi recitada, datando-se o evento. A temática volta-se para a descrição da bandeira do Brasil e a relação do cidadão brasileiro para com sua Pátria. Os versos, com presença de adjetivos de vocabulários predominantemente comuns-, dão à linguagem o tom poético. Os desvios às normas de grafia nos termos "*asul*" (verso 2), "*belesa*" (verso 4) indicam relaxamento no ato da cópia, marcando-se presença da oralidade apenas neste âmbito. No campo da sintaxe, observamos presença da norma padrão: ocorrências de ênclise, uso do clítico *a* conforme prescreve a gramática tradicional para uso como acusativo de terceira pessoa.

[95] Em 18.04.2004, visitei o Sr. João, na sua residência atual, na cidade de Riachão do Jacuípe-BA. Foi desse contato pessoal que ouvi, do próprio informante, relatos de experiências sobre sua vida estudantil e profissional, de onde extraí os dados de seu perfil.

CAPÍTULO V

1 Análise dos dados

Neste capítulo, descrevo os pronomes pessoais tais como se apresentam no *corpus*. O objetivo maior dessa descrição é destacar os usos representativos da variedade dialetal do semi-árido baiano, nos anos 40 do século XX, e refletir sobre como o uso efetivo dos pronomes pessoais se manifesta de modo comum nas variedades do português-padrão e não-padrão do português brasileiro (PB). Além disso, observo a mistura de tratamento, fato que se revela com muitas evidências no contexto do *corpus* e nas cartas do Conde do Pinhal. Para a discussão desse aspecto, considero que o Conde teve acesso à escolarização formal haja vista sua histórica representação política[96] e sua condição sócio-econômica.

A análise dos fenômenos lingüísticos inicia-se com uma identificação das variedades das formas que atuam como estratégias de referência no contexto discursivo[97] dos interlocutores. Observo e apresento dados estatísticos sobre as formas utilizadas para referência ao interlocutor no universo das correspondências e demais manuscritos.

Em seguida, apresento algumas observações sobre o uso dos pronomes pessoais a partir de uma descrição geral de suas particularidades presentes no *corpus*. Posteriormente, observo a participação dos pronomes pessoais de acordo com a função sintática e apresento os dados em forma de tabelas para então proceder às suas interpretações.

Os fatos lingüísticos são analisados a partir de um tratamento quantitativo e qualitativo. A abordagem estatística, em particular, busca os percentuais no uso das variedades das formas pronominais. Ao observar previamente a possibilidade de constatar fenômenos de variação e mudança, destaco a importância de obter resultados estatísticos.

[96] Foi presidente da Câmara de Araraquara (1857-60); Tenente Coronel Comandante do Batalhão de Infantaria no. 29 da Guarda Nacional (1863); Deputado provincial pelo Partido Liberal (1864); Comandante Superior da Guarda Nacional dos municípios de Araraquara e anexos (1867); recebeu título de Barão do Pinhal (1879); Presidente da Câmara provincial dirigindo a Assembléia Provincial de São Paulo (1882-84); recebeu título de Visconde do Pinhal (1883); em 1887, recebeu título de Conde do Pinhal. Antonio Carlos de Arruda Botelho morreu em 1901.

[97] Considero como contexto discursivo as próprias correspondências.

Com os dados a vista, abordo em que aspectos os resultados se somam às amostras de resultados de estudos lingüísticos sobre o sistema pronominal brasileiro.

2 Variedades das estratégias utilizadas para referência ao interlocutor

A fim de descrever a participação dos pronomes pessoais nas correspondências e demais manuscritos, descrevo, inicialmente, sua participação nas estratégias de referência aos interlocutores.

Com base nos fatos observados acerca da presença dos pronomes pessoais nas estratégias de referência ao interlocutor, considerei que os informantes utilizam quatro estratégias - *tu, você, vós e SN lexicais* -, que co-ocorrem com complementos clíticos em suas respectivas formas genitivas, acusativas e dativas: *te, ti, teu, tua, se, lhe, o/a, seu, vos, vosso.*

A partir dessas observações, considero cada manuscrito como um contexto discursivo e, à luz do fato de que, num mesmo documento, há usos alternados das formas pronominais, identifiquei a variedade de estratégias que podem assim ser resumidas:

a) TU nulo

b) TU realizado

c) Você nulo

d) VOCÊ realizado

e) VÓS nulo

f) VÓS realizado

g) SN lexical[98]

2.1 Participação das variedades de estratégias: resultados empíricos

A fim de checar a participação das formas utilizadas, destaquei seus usos no universo de 48

[98] Considerei importante incluir essa estratégia por conta da sua produtividade.

documentos e observei em quantos deles cada forma atuava. Cada correspondência foi considerada como um contexto discursivo, onde se destacou a famigerada mistura de tratamento, refletindo usos efetivos das formas pronominais no *corpus*. O Quadro 8 apresenta os resultados dos usos das variedades de estratégias que transitam no universo do *corpus*.

QUADRO 8: PARTICIPAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE REFERÊNCIA AO INTERLOCUTOR NO UNIVERSO DO *CORPUS*	
FORMA UTILIZADA	**No. de OCORRÊNCIAS**
TU nulo	12[99]/48
TU realizado	13/48
VOCÊ nulo	35[100]/48
VOCÊ realizado	14/48
VÓS nulo	2/48
VÓS realizado	1/48
SN lexical	27/48

A interpretação dos resultados destaca a significativa produtividade da forma Você *nulo*, presente em 35 (trinta e cinco) documentos. Esse resultado se deve, principalmente, ao uso muito produtivo da forma imperativa, presente em 28 (vinte e oito) manuscritos. Portanto, a forma imperativa favorece o uso de *você nulo*. O trecho seguinte exemplifica suas ocorrências:

DOC 3 - Carta

Roque eu estava tão alegre

[99] Desse total, a forma imperativa aparece em 7 (sete) documentos.
[100] Desse total, a forma imperativa aparece em 28 (vinte e oito) manuscritos.

Pensando que estava perto de lhe ver
para mata a saudade que estava de você.
Foi quando Francisquinho chegou com
[sua adorada] cartinha dezendo que não
[***vinha*** mais que] ***estava*** duente no mes
mo momento [meu] coração encheio de tris
teza.
Vire
Asseite uma vizita de longe por não
puder de perto.

Observa-se que, embora o resultado entre *tu* e *você nulos* aponte uma preferência pela forma *você*, quando se considera a presença da forma imperativa, o que se destaca é uma produtiva variação no uso dessas formas. O uso da estratégia *tu nulo* (presente em 11 (onze) documentos), apresenta-se em 7 (sete) com construção na forma imperativa. Portanto, considero que a forma *tu nulo* é uma construção que varia significativamente com a forma *você* nulo. Das construções de *tu nulo* no imperativo, presentes num mesmo manuscrito em que ocorre *você nulo*, pode-se destacar:

DOC 3 - Carta

Vai te cartinha chorando.
Vizita quem eu quero bem.
Diga que fiquei chorando.
Por não puder ir tambem.

Considero, ainda, que o resultado de *tu nulo* excluindo-se sua presença com ocorrências desses casos no imperativo (em sete documentos), revelam que o emprego da variante abordada não é um uso lingüístico característico da região, semi-árido baiano. São raras as construções do tipo:

(01) Como ***passaste*** amiguinha com os teus? (DOC1l7)

(02) Como não ***ignoraste***... (DOC5l11)

No conjunto das variantes, pode-se constatar que, de modo geral, os usos das formas *tu* e *você* apresentam variação. A produtividade de *TU realizado*, presente em 13 (treze)

documentos, varia com *VOCÊ realizado*, presente em 14 (quatorze) documentos. Os exemplos seguintes apresentam algumas ocorrências:

> (03)"... era uma hora que eu estava tão alegri lembrando *di* ***você...***" (DOC4l8)
>
> (04)"... para ***você*** parece que e egual sei que ***voce*** não esta triste por passa tantos tempos sem vir aque..." (DOC25l17)
>
> (05)"... pençêi que ***tu*** viesse para casa dela...." (DOC26l14)
>
> (06)"... Já ovi uma Levi nutiçia que ***tu*** não vai mais querdizer não sobi com certeza" (DOC27l14)

Esses resultados conferem a variação entre as formas *tu/você*. A forma *você* vigora para a indicação do interlocutor de modo que não se opõe à forma *tu*. *Tu* e *você* desempenham a mesma representação e ainda têm a mesma flexão verbal.

Sobre esse fenômeno lingüístico, que vem tomando dimensão significativa no português brasileiro – PB, Machado (2006: p. 13), abordando as transformações ocorridas no sistema pronominal do PB, diz:

> A forma ***você(s)*** se inseriu no paradigma pronominal do Português brasileiro a partir do século XIX, com uma sensível intensificação em seu emprego como pronome e consolidou-se, ao longo do século XX, com sua transformação na principal estratégia de referência à segunda pessoa do discurso. Sabe-se que essa forma realizou-se em dois pontos do paradigma pronominal – variando com o pronome ***tu*** no singular e substituindo a forma *vós* no plural.

Os dados estudados nesse *corpus* sugerem que, quando se trata da realização propriamente dita, a preferência pela forma *você* é muito sutil, não sobressai a ponto de ameaçar o uso da forma *tu*.

Pelo visto, o semi-árido baiano integra as poucas localidades brasileiras onde a forma pronominal *tu* se circunscreve. O resultado dos dados reflete características próprias do

dialeto da região, o semi-árido baiano. O *corpus* exemplifica que há manutenção da forma *tu* no contexto geográfico, mas que o verbo predominantemente aparece sem a marca da desinência de segunda pessoa. Diz-se *tu vai, tu pode, tu não foi*, assim como *você não vá, você deve, você está*. A mistura é tão turbulenta e espontânea que se constrói até *você lembraste*, conforme ocorre na correspondência abaixo:

DOC - 5l9:

Olha não ser provar-te o meu
contentamento, que tive quando arrecibi a tua
adorada cartinha a qual veio me dar grande
prazer em ver que **voce lembras-te** de mim.

O fato lingüístico presente no discurso do informante, revela um comportamento que sugere esforço para uma adequação à cultura da escrita. Tenta-se redigir numa estrutura do padrão de língua cultivado socialmente na escrita. O pronome *tu* com flexão na segunda pessoa seria a forma eleita para isso haja vista os contatos com textos e sermões religiosos. No entanto, diante do fato, o que se percebe ao final é que a forma *você* já está no léxico do informante como parte de sua gramática e é utilizada com espontaneidade a ponto de aparecer numa construção com a flexão verbal de segunda pessoa do singular.

Destaco ainda que em 8 (oito) documentos, observam-se casos de sujeito pronominal nulo de modo que há uma ambigüidade entre *tu* e *você*:

DOC 11 – Carta

Minha querida noiva Carlinda
Muita Saudades
Era uma bela manhã o sol brilh[a]
va no horizonte. Quando <foi sur> recibe a
sua delicada cartinha que veio me dar bastante
prazer em ver que não ***esquece*** de mim.

DOC 17 – Carta

Meu querido noivo Roque:
Antes de tudo envio um adeuzinho
em companhia de saudades com votos de felicidades.
Sento prazer no feliz momente que desejo-te
esta cartinha porque vejo diante dos meus alhos o teu adorado
nome que foi adotado na enfancia na hora mais feliz do
mundo que não posso esquecer um so momento de te.
Envio-te esta para dar-te minhas noti-
çia e saudades de segunda feira para ca Eu vou indo no natur-
ral sentindo saudade do querio noivo que amo de coração para
toda eternidade
Então como ***foi*** de passeio no certão bem não
gostou bastante não foi ?

DOC 22 – Carta

Querida prima Morena
Saudacões
Amizade e um surrizo que os
anjos colam nos lábios de Jesus e vem colher nos cora-
cão das almas escolhedas e com o coração [treste] de sau-
dades que lraco menha pego na minha pena nos dedos para escre-
vê te estas duas linhas dando-lhe minhas noticias e
ao mesmo tempo saber as suas que para mim são deseja-
da
Então como ***vai*** do dia 6 para ca bem não e verdade?

Observa-se, portanto, uma neutralização das marcas desinenciais dos verbos. Esse fato pode, mais uma vez, ilustrar os efeitos da variação *tu/você* de modo que espelha bem o uso da forma *tu* com perda de sua flexão verbal canônica, segunda pessoa, mas combinada com a flexão de terceira pessoa e demais formas pronominais de terceira (*lhe, você, se, si, seu(s), sua(s)*). A variação *tu/você* apresenta-se como favorecedora do notável desarranjo no uso das formas pronominais.

Não há correspondência no uso das formas, há combinação de *tu/você* com formas verbais, completivas e possessivas de 2ª. e de 3ª. pessoas num mesmo contexto discursivo, como se pode constatar no documento transcrito abaixo:

DOC 5 – carta

Saudoso primo Roque:
Muita saudades de ***te***:
Faço voto ao bom Jesus que esta
cartinha va ***lhe*** encontra com saúde são os votos
da ***sua*** prima.
Olha não ser provar-***te*** o meu
contentamento, que tive quando arrecibi a ***tua***
adorada cartinha a qual veio me dar grande
prazer em ver que ***voce lembras-te*** de mim.
Não tenho abituacão nececaria para o bem
saber da minha pena. Como não ***egnoraste*** porem
sinto-me tão feliz em possuir ***tua*** amável
cartinha que mesmo fassim faço tudo pussivel
para demostra-***te*** os meus senceros afetos
vere
afim de provar-***te*** que não es
esquecido por mim.
Com esta agradeço a
sua amável visita.
Graças ao bom Deus fiqei bôa
Vôu terminar enviando lembrança e um
adeusinho aconpanhado de saudades da ***sua***
prima que ***lhe*** ama com [firmesa] para toda
eternidade.
Carlinda Carlos Carneiro

Verco para-***te***
A cartinha que eu ***te*** fiz.
Não sahaiu como eu quiria.
A saudades desmanchva.
Tudo que a pena fazia.
.....
Unido ***tu*** no meu peito.
Para eu ***te*** ser fiel.
Para ***te*** amar com firmesa.
Enquanto vida eu tiver.

No tratamento das observações sobre essa variação *tu/você* valho-me das cartas do Conde do Pinhal para validar as considerações sobre os efeitos dessa variação num mesmo contexto discursivo. Esse fato constitui-se como um aspecto que vem sendo observado no português brasileiro como um fenômeno comum às suas variedades padrão e não-padrão. Nesse sentido, os registros encontrados nas cartas do Conde do Pinhal têm um destaque importante dada a sua condição sócio-econômica e intelectual. Na Carta de Carlsbard, 18 de julho de 1893, observa-se:

> "Estou por enquanto no Paradis e nos quartos que ***você*** com os meninos ocuparam no 1º. andar no ano próximo passado.
>
> Aceitai com todos da família as nossas saudades, e ***tu*** tenhas paciência que logo irei para continuar a vos aborrecer porque estou certo que meus defeitos com a idade se aumentam, como de todos os maridos."

O que se constata é que se trata de um fenômeno cuja realidade não é especialidade restrita à região baiana, mas abrange e caracteriza o português do Brasil.

Quanto às estratégias V*ós nulo*, que se apresenta em 2 (dois) manuscritos, e *Vós realizado*, que se apresenta em 1 (um) manuscrito, observa-se um uso muito pontuado. Trata-se de um tratamento comedido por parte do locutor para referir-se ao interlocutor. Esses usos podem ser vistos nos trechos em:

DOC 19:

> "... por meio desta venho visto não poder fazer em pêssoa vois trago os maiss sinceros parabéns pela data fontosa que hoje faça em que ***comemorais*** o vosso amiversario..... ...Sou das mais adimiradoura das qualidades que ornamenta o vosso coração e espírito, E pois com verdadeira aligria que vejo surger este dia onde no aconshego da família ***gosais*** da felicidade a quem tem dereito os bons e os justos..." .

DOC 6:

> ... Espero de **vos** a resposta... Sem mais fermo-me. Di vossa Exlma. Do Crdo Obgdo Veneradôr Roque Carneiro de Ameida. (DOC6l18)

No DOC 19, o assunto favorece o uso da referida forma. Trata-se de parabenizar o interlocutor; no DOC 6, observa-se esforço por parte do redator para atingir um nível formal de escrita, demonstrando ao mesmo tempo respeito do suposto genro para com o suposto sogro. Sobre isso, não proponho aqui uma abordagem à luz da descrição que contemple as idéias sobre a dicotomia "poder e solidariedade", proposta inicialmente por Brown Et Gilman (1980), mas me sirvo de suas noções básicas para apoiar a observação de que o uso da forma *vós* no contexto desse *corpus* dá-se através de uma relação não simétrica entre os

interlocutores. Sobre as idéias de Brown Et Gilman (1980), em Machado (2006, p.25), temos:

> Segundo os autores, o uso de formas V (como *Vous*, em francês) está intimamente ligado a relações simétricas em que os componentes da ação não apresentam afinidades, ou seja, não há solidadriedade, e a situações de relação assimétrica em que o emissor se encontra em uma situação hierarquicamente inferior à do receptor.

No contexto do *corpus*, esse fato fica ainda mais explícito pela identificação na assinatura do genro que se apresenta como Criado Obrigado Venerador. Conforme descrição apresentada para o informante Roque, autor dessa carta, e para o informante Francisco, seu redator, sabemos que o nível de escolaridade dos mesmos não favorece uso nem domínio dessa forma pronominal.

Além da observação de que nessa correspondência há uma falta de reciprocidade no contexto da interação social entre os interlocutores, pode-se observar também uma redação em que algumas partes apresentam influência de modelos formais de correspondências. O tema da carta, parabéns de aniversário, incentiva um rebuscamento na linguagem e se cede a isso. Portanto, mais uma vez, fica claro que o uso do pronome *vós* revela-se como um uso pronominal não característico do dialeto dos informantes. Além disso, vale ressaltar que essa forma *vós*, por um lado, conforme dados de pesquisas acadêmicas, nos anos 40 do século XX, já constituía arcaísmo e, por outro, em extinção no português brasileiro (PB).

Quanto à estratégia *SN lexical,* observa-se que apresenta alta produtividade, ocorre em 27 (vinte e sete) manuscritos. Essa preferência pode-se justificar pela natureza da maioria dos documentos: cartas pessoais. A utilização dos nomes próprios e de determinados vocativos, no caso nomes dos destinatários ou títulos de afinidade (comadre), favorece uma sensação de proximidade entre os interlocutores num tom que chama a atenção para o que lhe será dito. Os trechos seguintes podem retratar esse aspecto:

> (07) ***Roque*** eu estava tão alegre pensando que estava perto de lhe ver para matar a saudade que estava de você. (DOC3l9)
>
> (08) ... sim ***Carlinda*** eu dissi que ia dar um passeio por la houje. Porem não posso er. (DOC8l60)

(09) ***Roque*** vôçe não avalia as saudades que emvade o meu coração de dumingo para ca... . (DOC10l8)

(10) ***Comadre*** eu acertei de ir para o Riachao de S. Roque mais comadre Morena ella me prometeu que vai comigo. (DOC12l10)

(11) ***Roque*** manda tua ropa por Francisquinho... (DOC15l25)

Os dados do Quadro 8 revelam, principalmente, que nos anos 40 do século XX, houve variação expressiva entre as formas *tu/você* no contexto social dos informantes. É interessante saber que essa variação reflete na atualidade.

A amostra revela dados de uma região específica da Bahia, o semi-árido, onde atualmente na oralidade se observa que o uso de *tu* ocorre com flexão de terceira pessoa, ou seja, flexão levada pela inserção do *você* no contexto dos falantes. É percebido também que a forma *tu* é mais utilizada por pessoas que residem nos interiores baianos do que por quem reside na capital, Salvador. A partir desse fato, pode-se inferir que o uso de *tu* com flexão de terceira pessoa era próprio da gramática dos falantes do semi-árido baiano de modo que esse uso não é inovador nos anos 40, século XX, mas que já estava exposto como dado lingüístico a ser adquirido em situação natural.

Os fatos sociais descritos no capítulo 2 podem colaborar com o entendimento de como a forma *você* integra o dialeto baiano de modo que compartilha espaço com o *tu* num quadro em que a mistura no uso dessas formas é expressiva e bem característica do seu dialeto.

Os fatos sociais mostram que o trecho geográfico –semi-árido baiano – mais especificamente os limites territoriais da cidade de Riachão do Jacuípe se configura como uma região que sofreu um processo lento de urbanização, de povoamento, de formação política e de avanço econômico muito gradual. Certamente, esse perfil sócio-histórico também favoreceu a permanência de usos lingüísticos correntes, no caso o *tu* com absorção de suas variedades compartilhadas com as formas referentes a *você*.

Após constatar que as correspondências apresentam uma variedade de estratégias de referência ao interlocutor de modo que ficou evidente que onde se emprega o pronome *tu*

também vigora o *você*, parti para uma análise da presença dos pronomes pessoais no universo do *corpus*.

3 Presença dos pronomes pessoais no contexto dos manuscritos

Para analisar a presença dos pronomes pessoais no universo do *corpus*, observei, inicialmente, os seguintes fatos lingüísticos:

i) ocorrências do pronome *tu* e formas relacionadas, abrangendo assim as construções com:

a. pronome pessoal nominativo tu realizado na função de sujeito;

b. pronomes clíticos te e ti[101], como complementos de verbos e de preposição;

c. pronome pessoal nominativo tu nulo fonologicamente, mas recuperado na flexão verbal;

d. pronomes possessivos teu(s) / tua(s).

Os exemplos que se seguem ilustram a presença desses usos nas correspondências:

(12) "Roque sobe que ***tu*** levou um lalho..." (DOC15l20)

(13) "... como vai de dumingo para que ***te*** deixei bastante gripado e não teve nutica se melhorou. ou não ..." (DOC10l11)

(14)"Saudade de ***te***" (DOC22-canto superior esquerdo)

(15) "Como ***passaste*** amiguinha com os ***teus***? (DOC1l7)

ii) ocorrências da forma pronominal *você* no cenário das estratégias utilizadas para referência ao interlocutor, variando principalmente com a forma *tu*. Observam-se suas ocorrências nas seguintes construções:

[101] Observa-se variação na grafia dessas formas. Os informantes, muitas vezes, seguem sua pronúncia e registra *ti* como grafia do clítico *te*.

a) pronome pessoal nominativo *você* realizado na função de sujeito;

b) pronome pessoal *você* como complemento de preposição;

c) pronome pessoal nominativo *você* nulo fonologicamente, mas recuperado na flexão verbal;

d) pronomes pessoais clíticos no uso de 2ª pessoa: *se, lhe, o/a* ;

e) pronomes possessivo *seu(s) / sua(s*).

As ocorrências seguintes atestam a presença desses usos:

(16) "Roque se ***vôce*** quizer ***seu*** chapéu..." (DOC3l48)

(17) "Verço para **vôce**" (DOC3l34)

(18) "...está paresendo que está com mais de 2 meses que te vir se que para ***você*** será igual a 2 dias parese que já ***se esqueseu*** daqui mesmo" (DOC30l11)

(19) "... que este ano seja de prazer e alegria para ti e os que ***lhe*** cerca de carinhos." (DOC1l7)

iii) ocorrências das formas pronominais relacionadas ao pronome *vós*. Este, como se sabe, não é mais usado como sujeito lexical no PB, o que se confirmou no *corpus* estudado. As formas a ele relacionadas, aparecem nos seguintes contextos, para referência ao interlocutor, variando principalmente com a forma *tu*:

a) pronome pessoal nominativo *vós*, para a segunda pessoa do plural, nulo fonologicamente, mas recuperado na flexão verbal;

b) uso de *vós* como complemento de preposição;

c) pronome dativo clítico *vos*, no uso de 2ª pessoa:

d) pronomes possessivos *vosso* (*s*) / *vossa* (*s*).

Vejamos alguns exemplos:

> (20) "... parabéns pela data fontosa que hoje faça em que ***comemorais*** o ***vosso*** aniversário natalício." (DOC20l5)
>
> (21) "Espero de ***vos*** a resposta,..." (DOC6l18)
>
> (22) "... venho com respeito. Sinçero comunicar-***vos*** que a tempos que venho comsagrando amizadi a ***vossa*** quirida filha Carlinda." (DOC6l6)

Após descrever a presença dos pronomes pessoais nos manuscritos, segui para uma observação mais detalhada do comportamento das formas.

3.1 Comportamento dos pronomes pessoais no cenário do *corpus*

Observei o comportamento das formas pronominais no cenário do *corpus* a fim de destacar os usos que não só caracterizam o dialeto dos informantes mas também fornecem dados para uma compreensão maior a respeito dos seus usos efetivos no PB.

A amostra revelou algumas singularidades no uso dos pronomes pessoais das quais destaco:

i) As formas *tu* e *você* apresentam freqüência idêntica na realização de sujeito ;
ii) o pronome de primeira pessoa é o menos ausente nos casos de sujeito nulo;
iii) as poucas ocorrências do pronome *vós* sugerem usos específicos;
iv) os clíticos *te/ti* são os que mais ocorrem em função de complemento verbal;
v) ausência do clítico acusativo de terceira pessoa o/a (s);
vi) o clítico *lhe* aparece com freqüência junto a verbos transitivos diretos;
vii) emprego de pronome lexical em função acusativa;
viii) o pronome *você* servindo não só ao caso reto, mas também ao oblíquo, como complemento de preposição;
ix) não há paralelismo de funções existentes entre as formas pronominais.

Com o objetivo de apresentar uma descrição desses comportamentos, observo a presença das formas pronominais com enfoque nas funções gramaticais e apresento resultados estatíticos dos dados.

Dois grupos são apresentados para o levantamento quantitativo:

a) o primeiro, com destaque para os registros de autoria própria dos informantes, sendo as cartas, os bilhetes, as dedicatórias e o relato pessoal;

b) o segundo, com as ocorrências encontradas nos versos presentes tanto nas cartas e bilhetes quanto aqueles que compõem os DOC 42, 50, 51 e 52, poemas. Esse critério vem sendo justificado com base na natureza tipológica dos manuscritos.

4. Participação dos pronomes na função de sujeito

Uma vez que esse estudo busca uma compreensão dos usos efetivos dos pronomes pessoais no *corpus* não se poderia deixar de envolver nas discussões aqui desenvolvidas o comportamento dos pronomes na representação do sujeito.

A partir dos resultados sobre presença *vs* ausência de sujeito, considerei importante discutir sobre esse aspecto levando em consideração algumas abordagens que trazem discussões relacionadas com essa questão, então considerada um ponto que caracteriza o português brasileiro.

Conforme os estudos desenvolvidos pela literatura lingüística, um dos tópicos mais abordados é a riqueza flexional dos paradigmas verbais de uma língua e a possibilidade de omissão do sujeito. Estudos especificamente desenvolvidos pela teoria gerativa deram origem à postulação do parâmetro do sujeito nulo (ou parâmetro pro-drop) (Chomsky, 1981), em torno do qual as línguas podem ser agrupadas. Sob essa perspectiva, as línguas que possuem um sistema “rico” de marcas de concordância número-pessoal nos verbos

admitem sujeitos nulos uma vez que sua interpretação pode ser recuperada a partir da desinência verbal. Essa relação – morfologia verbal rica X sujeito nulo – tem subsidiado uma gama de pesquisas e trabalhos acerca do português brasileiro (PB).

Sobre esse fato, sujeito nulo no português brasileiro (PB), Duarte (1993) aborda que o PB vem sofrendo mudança do padrão de sujeito nulo e com uma tendência de preenchimento do sujeito experimentada por volta dos anos 30. Em trabalho posterior, Duarte (1995) levanta a hipótese de que o preenchimento gradual do sujeito nulo é uma mudança em progresso. Para a autora, esse fenômeno está relacionado com a inclusão do pronome de tratamento *você* que causou um enfraquecimento da flexão morfológica dos verbos. Com isso, houve um aumento considerável do preenchimento do sujeito, além de outras estratégias de preenchimento desta posição sintática.

Monteiro (1994), com base nos seus resultados do seu *corpus*, sessenta inquéritos que integram o Projeto NURC, defende que a riqueza do sistema flexional não é condição necessária ou única para a manutenção da característica PRO-DROP. O autor embasa sua consideração no fato de seus dados atestarem um alto índice de presença de pronomes de primeira pessoa no *corpus*, fato que sustenta sua idéia de que a flexão verbal deixa de ter a função inibidora do sujeito pronominal nos termos em que sempre se imaginou. Seus dados favorecem também sua conclusão de que o português não seja uma língua de sujeito nulo.

Com relação a esse parâmetro, Berlinck, (1989) analisando a queda da ordem Verbo (SN) no português brasileiro, mostra que essa redução já se iniciava no século XVIII, em 1750, e informa que a redução do sujeito nulo no português brasileiro só se iniciou no século XX, por volta de 1937.

Com base nos resultados de pesquisas nesse âmbito, diz-se que o português brasileiro, antes considerado uma língua prototípica de sujeito nulo, vem passando por um processo de mudança com relação ao parâmetro pro-drop.

Partindo dessa motivação, considerei importante observar a aparente alternância entre sujeitos nulos e sujeitos realizados no contexto do *corpus* para questionar se os usos em

questão teriam seguido a tendência de preenchimento do sujeito ou se mantém índices de não preenchimento. Observo esse fenômeno tomando como fator o período 1940-1949, incluindo ao final o período sem data (S/D) a fim de examinar como teria-se dado o preenchimento do sujeito dentro desse tempo.

O critério para o levantamento quantitativo das ocorrências foi a observação de sujeito realizado e de sujeito não preenchido, nulo. A amostra constitui-se de 101 casos de ocorrências de sujeito realizado e de 339 de sujeito nulo (desse total, 60 casos são construções no imperativo) perfazendo um total de 440 observados para o primeiro grupo e de 22 casos de ocorrências de sujeito realizado e 57 de sujeito nulo para o segundo grupo cujo total constitui-se de 79 casos.

Esses dados encontram-se distribuídos na Tabela 4, abaixo:

Tabela 4: OCORRÊNCIAS DE SUJEITO NO UNIVERSO DO *CORPUS*: NULO X REALIZADO

SUJEITO		**NULO**	**REALIZADO**
GRUPO	**1**	339/440 77.05%	101/440 22.95%
	2	57/79 72.15%	22/79 27.85%

Os resultados atestam que a presença do sujeito nulo é expressiva tanto para o grupo 1 quanto para o grupo 2. Pelo visto, nos anos 40 do século XX, o semi-árido baiano ainda estaria iniciando a redução do sujeito nulo haja vista os resultados de 77.05% e 72.15% de nulo contra 22.95% e 27.85% de realizado. Vale considerar o fato de termos nessa amostra um resultado parcialmente comum para ambos os grupos, embora cada um desses apresente uma natureza diferente de composição, a lembrar: o grupo 1 consta de documentos de autoria própria enquanto o grupo 2 constitui-se de versos e poemas cuja linguagem pode apresentar influência de estruturas lingüísticas menos espontâneas. Os exemplos seguintes ilustram os resultados encontrados:

Sujeito nulo
GRUPO 1:

(23)“... eu estava aqui lembrando di você foi quando __ sobe que vose esta duenti não tenho tido mais aligria.” (DOC4l10)

(24)“... dumingo para ca que te deixei bastante gripado e não teve nutica se __ melhorou. ou não ...” (DOC10l11)

(25) “... sua delicada cartinha que veio me dar bastante prazer em ver que não __ esquece de mim.” (DOC11l6)

(26)“... eu acertei de ir mais comadre Morena ela me prometeu que __ vai comigo.” (DOC12l11)

GRUPO 2:

(27)“Eu sou modista elegante, Modista do tom, / __ Faço pra ela...” (DOC50l33)

(28)“DeseiJo quando __ durmi” (DOC18-vertical esquerda)

(29)“Jura que __ sou teu” (DOC24l26)

Sujeito realizado
GRUPO 1:

(30) “...de segunda feira pra ca ***Eu*** vou indo no natural...” (DOC17l9)

(31) “Comadre o fim desta e para saber se ***tu*** vai dia de ano para Reachão...” (DOC21l6)

(32) “... se continuar assim, ***nois*** eremos a Missa...” (DOC21l15)

(33)“... ave Maria que ***você*** não vá...” (DOC3l24)

GRUPO 2:

(34)“Como ***eu*** ti quero bem.” (DOC9l19)

(35)“***Tu*** não terar outro dono” (DOC24l27)

(36)“Auzenti di tu ***eu*** estou / Auzenti ***eu*** não queria” (DOC14l19)

4.1. Presença X ausência dos pronomes pessoais na função de sujeito de acordo com o período

Com base na presença dos pronomes pessoais, fiz um levantamento quantitativo do preenchimento e do vazio da posição de sujeito de acordo com o período e a quantidade de produções. O objetivo dessa análise é observar como se deu o preenchimento a cada ano considerando também a possibilidade de haver alternância no uso das formas sujeito nulo X sujeito realizado a partir de cada ano. O quadro seguinte apresenta os dados:

Quadro 9: PRESENÇA X AUSÊNCIA DOS PRONOMES PESSOAIS NA FUNÇÃO DE SUJEITO DE ACORDO COM O PERÍODO

PERÍODO	SUJEITO	GRUPO 1		GRUPO 2	
	Quantidade de documentos	REALIZADO	NULO	REALIZADO	NULO
1940	0	0	0	0	0
1941	1	1	5	0	0
1942	4	0	4	1	5
1943	0	0	0	0	0
1944	6	12	47	7	8
1945	7	17	62	9	12
1946	6	17	58	3	21
1947	7	26	49	2	8
1948	9	23	82	0	0
1949	2	0	2	0	0
Sem data	9	5	30	0	3
TOTAL	52	101	339	22	57

Tomando o primeiro grupo para observação, destaca-se que no intervalo de 1940-1943 ocorre preferência por sujeito nulo, de 1944-1949 cresce a produtividade do sujeito

realizado e em 1949 o resultado de 2 ocorrências de nulo contra 0 de realizado valida a noção de alternância entre sujeito nulo X sujeito realizado. E, para os documentos não-datados (S/D) observa-se predominância da forma nulo.

Quanto ao grupo 2, observa-se que entre 1940 – 1943 também há preferência por sujeito nulo. De 1944 – 1947 aumenta a produtividade de sujeito realizado, mas em contexto de alternância com sujeito nulo. De 1948-1949 não há produtividade para nenhuma das formas. Assim como ocorre com o grupo 1, para os documentos N/D observa-se predominância da forma nulo.

Os dados do quadro revelam, portanto, que existiu uma alternância entre uso de sujeitos nulos e sujeitos pronominais no contexto do *corpus*. Esse uso alternado das formas favorece, mais uma vez, a noção de que o português brasileiro estaria, no período destacado, engrenando o processo de preenchimento do sujeito.

Conforme mencionado na seção anterior, estudos realizados sobre o assunto mostram que essa preferência por sujeito nulo não é permanente no português brasileiro e que foi nos anos 30-37 do século XX que se observou o processo inicial de sujeito preenchido.

Pelo visto, os resultados do *corpus* em análise, revelando 77.05% e 72.15% de sujeito nulo contra 22.95% e 27.85% de sujeito realizado, distribuídos na década de 40, século XX, colaboram com a abordagem dos estudos lingüísticos sobre a percepção de que nesse período o português brasileiro ainda caminhava na direção do preenchimento de sujeito. Entende-se que, se por um lado, o uso de sujeito nulo predomina no *corpus* utilizado, o baixo índice de sujeito realizado pode indicar a tendência de preenchimento do sujeito do português brasileiro.

O preenchimento do sujeito, apresentando-se como um aspecto novo no PB, desperta portanto uma investigação sobre quais formas pronominais estariam atuando nessa função. Com base nesse interesse, observo a participação dos pronomes pessoais no preenchimento do sujeito.

4.2 Participação dos pronomes pessoais realizados na função de sujeito no universo do *corpus*

Verifiquei o comportamento gramatical dos pronomes pessoais na função sintática de sujeito a fim de levantar os usos efetivos das formas no contexto do *corpus*. Nesse momento, destaco a participação da forma então inovadora *você* dentro do conjunto das formas pronominais eleitas para nominativo.

As ocorrências de sujeito realizado, representadas pelas formas em destaque geraram os resultados que estão distribuídos na Tabela 5.

TABELA 5: Participação dos pronomes pessoais na função de sujeito no universo do *corpus*							
PRONOMES		**EU**	**TU**	**VOCÊ(s)**	**ELE/ELA (s)**	**NÓS**	**VÓS**
GRUPO	**1**	51/101 50.50%	16/101 15.84%	19/101 18.81%	6/101 5.94%	9/101 8.91%	0/101 0%
GRUPO	**2**	18/22 81.82%	4/22 18.18%	0/22 0%	0/22 0%	0/22 0%	0/22 0%

Os resultados revelam que o uso efetivo dos pronomes pessoais feito pelos informantes não confere com as sugestões do tradicionalismo gramatical.

Conforme abordado no capítulo 3, a apresentação feita pela gramática tradicional para uso dos pronomes pessoais, com base no sistema casual latino, dispõe os pronomes *eu, tu, ele/ela (s), nós, vós* para exercerem a função sintática de sujeito. Essa orientação tradicional não inclui a forma *você* para atuação sintática de sujeito e mantém a forma *vós* como plural de *tu*. Para discutir esse fato, mencionei alguns trabalhos acadêmicos como o de Lopes (2005) que critica o fato de não haver a inclusão de *você* e de apresentar a forma *vós* como plural de *tu*.

Partindo dos resultados da tabela acima, tabela 5, reforço as colocações da autora com base nos percentuais de uso encontrados para as referidas formas. No contexto do grupo 1, a forma *você* se expressa com 18.81% variando com *tu*, que apresenta 15.84% e vós, 0%, ou seja, a forma *vós* expressa-se completamente em desuso na função de sujeito no contexto do *corpus*.

Os dados atestam que a forma *você* integra o quadro dos pronomes pessoais do dialeto dos informantes com uma significativa participação no seu contexto lingüístico. O resultado de sua produtividade a expressa como uma variedade utilizada na língua corrente assim como o *tu*.

Vale ressaltar uma característica desse resultado: a questão da fusão do paradigma verbal. A flexão verbal da forma *você* é levada para a forma *tu*. Conforme os exemplos ilustrados no decorrer do tratamento dessa forma, vê-se que o pronome *tu* apresenta especificidade de ser acompanhado por formas verbais de 3ª. pessoa do singular.

Os exemplos das ocorrências destacadas ilustram a presença de *tu* e *você* na forma de seus usos pelos informantes:

> (37) “Roque se ***vôce*** quizer seu chapéu...” (DOC3l48)
>
> (38) “Tenho fé em Deus que ***vôce*** é de ficar bom para er para Reachão sábado...” (DOC3l21)
>
> (39) “... a penas lhe esperei conforme ***vôce*** mim desse no dia que esteve aqui que nos 15 dias vinha...” (DOC34l10)
>
> (40)“Sim Carlinda Eu estava di plano feito para er la dumingo mais sôbi que **voceis** ia para casa de Izac por isto que não fui” (DOC33l8)
>
> (41) “... quero saber se ***tu*** pode er comigo ou não, quero er sabado e voltar segunda feira...” (DOC21l9)
> (42) “Roque manda tua ropa por Francisquinho terça feira que eu passo o ferro e ***tu*** recebe no Riachão.” (DOc15l26)
>
> (43) “Sim fiquei sienti sobri o Passeio que ***tu*** não foi...” (DOC29l12)

Essa variação, então constatada no uso das formas *tu/você*, como já muito mencionada, mobiliza também possibilidades de combinação entre as formas pronominais completivas e as possessivas provocando a famigerada mistura nos seus usos.

Os pronomes de terceira pessoa, *ele/ela (s)* também aparecem com uma produtividade mínima de uso: 5.94%. Esse resultado não sugere que se trate de uma forma pouco utilizada pelos informantes, mas que – assim como abordado sobre o uso de *nós* – é possível que o contexto de comunicação não tenha favorecido sua produção, pois não há contextos

discursivos que levem os informantes a fazer menção a uma terceira pessoa, quem seria tratada por *ele*. O uso dessa forma ocorre como em:

> (44)"...depois perguntei a Mirga ***ele*** mi <u>diss</u>i que tu não <u>tinha</u> vindo" (DOC26l17)
>
> (45)"... mais Deus e di nos ajudar que ***ele*** <u>fica</u> bom Já si Deus quezer" (DOC24l15)

Quanto à participação dos demais pronomes no quadro pronominal apresentado pelo *corpus*, tem-se o pronome de primeira pessoa, *eu*, com participação predominante no conjunto dos pronomes pessoais em função de sujeito expressando-se com 50.50%. Pode-se ilustrar a presença dessa forma através dos trechos destacados abaixo:

> (46)"Roque ***eu*** tenho lanto prazer em te escrever..." (DOC25l6)
>
> (47) "Sim Carlinda ***eu*** dissi que ia la domingo e não fui pôr mutivo di Bihia ter piorado do pe,..." (DOC26l11)
>
> (48)"... sim não penci que ***Eu*** esqueci di er ai..." (DOC27l17)

Sobre esse fato, Monteiro (1994, p. 134) ao interpretar a predominância das primeiras pessoas nos dados de sua amostra, comenta:

> O fato, porém, não se registra apenas na norma culta. Na fala popular, segundo uma investigação de Lira (1982), o pronome sujeito ocorre mais frequentemente com referentes de primeira e segunda pessoas do que com os de terceira, porque esta última (é Lira quem assim interpreta) funciona menos como tópico do que as outras."
>
> Seja como for, uma coisa não nos deixa dúvidas: a preferência pelo sujeito explícito varia de acordo com as pessoas gramaticais.

A forma *nós* apresenta uso com percentual de 8.91% de modo que não compartilha sua atuação com a forma *a gente*, forma não encontrada no *corpus*. Observa-se que os temas, assuntos e a pouca participação de terceiros no âmbito das comunicações desenvolvidas entre os informantes talvez tenha favorecido esse resultado pouco produtivo da forma *nós* de

modo que essa mesma limitação também não proporcionaria a presença da forma *a gente*. Observem-se algumas das ocorrências da forma nós em:

> (49) "... e ***noizs*** vamos matar esta saudadi sim Eu estou esperando dumingo..." (DOC24l17)
>
> (50) "... se continuar assim, ***nois*** eremos a Missa..." (DOC21l15)

No entanto, vale ressaltar que a forma *a gente* constitui-se como forma inovadora e, nesse sentido, sua ausência no *corpus* favorece uma interpretação que leva em conta a época em que se contextualizam os informantes, anos 40 do séc. XX.

Pelos resultados, essa forma inovadora poderia ainda não ter se inserindo no contexto geográfico dos informantes, ainda mais por tratar-se de uma região localizada no interior do Estado. Freitas & Albán (1986) examinaram as tendências de uso dos pronomes *nós* e *a gente* na cidade de Salvador, capital baiana, e constataram a atuação decisiva da faixa etária. Os informantes mais jovens preferencialmente selecionavam a gente (79%) enquanto os mais idosos optavam pelo pronome *nós*.

Conforme observamos através dos resultados, o quadro pronominal apresentado pela tabela 5 confere os usos efetivos dos pronomes pessoais no cenário do *corpus*. Os resultados dos dados da referida tabela contribuem para corroborar as abordagens realizadas pelos estudos mencionados no capítulo 3 desse trabalho.

Retomo, então, alguns autores para destacar determinados aspectos de seus trabalhos que também são observados no *corpus*:

Moura Neves (2000) relata a produtiva difusão da forma *você* tanto no contexto de oralidade quanto no de escrita do português brasileiro;

Lopes (2005) menciona a fusão do paradigma de 2ª. pessoa com o de 3ª. pessoa do singular;

Freire (2000) aborda o desuso da forma *vós* no português brasileiro (PB) e apresenta um quadro de pronomes[102] para mostrar os usos efetivos das formas pronominais no PB no qual inclui a forma *você* como pronome de 2ª. pessoa e não traz a forma *vós*;

Monteiro (1991), que analisou o uso dos pronomes na norma culta, observou um gradual desaparecimento de algumas formas e o aparecimento de outras no sistema pronominal no PB, destaque-se a participação de *você* e o desuso de *vós*. Conforme interpretação da tabela 5, esses fenômenos estão presentes nesse *corpus* com bastante expressividade.

Trago também, mais uma vez, as cartas do Conde do Pinhal como fonte de ilustração especialmente para os casos de *tu* e *você* usados na função de sujeito a fim de estreitar a concepção de que os usos destacados são inerentes à linguagem tanto de falantes que tiveram acesso a uma escolaridade avançada, caso do Conde Antonio Carlos, como de falantes que pouco (ou nenhum) acesso tiveram à educação formal, como é o caso dos informantes do *corpus* , destaquem-se Carlinda e Roque.

Como pude constatar, o uso da forma *você* no preenchimento do sujeito ocorre em contextos indiferentes ao uso da forma *tu*. Observa-se que, com o emprego da forma *você* ocorrendo paralelamente ao emprego do pronome *tu*, ainda que este se mantenha com uso da sua flexão verbal prototípica na escrita do Conde, essa mistura de formas no preenchimento do sujeito dá às correspondências um tom mais íntimo dispensado aos interlocutores.

Para ilustrar essa consideração, destaco alguns trechos das cartas do Conde do Pinhal nos quais há uso das formas abordadas:

> (51)“Acho melhor ***você*** vir e irmos para a fazenda, onde a minha ausência no corrente mês se torna muito sensível;...” (Carta de São Paulo, 5 de Novembro de 1888)
>
> (52)“Recebi ontem a vossa carta de 25 e muito estimei ver que ***você*** goza de saúde indo sempre a melhor.” (Carta de São Paulo, 28 de Outubro de 1888)
>
> (53)“Recomendai-me a todos os filhos e ***tu*** aceites as minhas saudades.” (Carta de Poças, 23 de Setembro de 1890)

[102] Retomar Quadro 4 do capítulo 3.

> (54) “Acho que os dois devem se achar em São Paulo no dia 1º. de outubro, ainda que para isso ***tu*** fiques lá fazendo companhia às filhas,...” (Carta de Poços, 25 de Setembro de 1890)

Em vista do que analiso, pode-se entender que a forma *você* é parte do leque de pronomes pessoais do português brasileiro que tem se manifestado de modo comum nas suas variedades padrão e não-padrão. Nesse sentido, considerem-se as semelhanças constatadas quando o enfoque é a língua, e dessemelhanças quando o enfoque é a condição sócio-econômica entre os informantes com base nas figuras do Conde do Pinhal e Anna Carolina, Roque e Carlinda.

Portanto, os resultados dessa abordagem sobre a atuação dos pronomes na função de sujeito contribuem para a noção de que o português brasileiro tem sofrido alterações no quadro das pessoas gramaticais.

Além disso, os resultados sobre sujeito nulo X sujeito realizado mostram que, nos anos 40 do séc. XX, havia predominância de sujeito nulo no contexto geográfico dos informantes de modo que o sujeito realizado começa a evidenciar-se. Em termos de mudança, os anos 40 representaria então um momento do progresso desse fenômeno no português brasileiro que, cada vez mais, vem apresentando particularidades no sistema pronominal.

5. Participação dos pronomes pessoais na função de complementos

5.1 Complementos de verbos no universo do *corpus*

Para a análise das ocorrências dos pronomes na função de complementos acusativos e dativos, rastreei no *corpus* observando no conjunto dos grupos 1 e 2, a presença de:

i. pronomes clíticos como acusativos

ii. pronomes clíticos como dativos

iii. *lhe* como acusativo

iv. *lhe* como dativo

v. pronome lexical em função acusativa.

No conjunto do grupo 1, as formas pronominais acusativas somaram um total de 70 dados e as formas dativas um total de 93. No conjunto do grupo 2, as formas acusativas totalizaram 19 dados e as formas dativas 13. Os resultados desses dados estão distribuídos na tabela (6) seguinte. Após apresentação da tabela, faço a interpretação dos dados iniciando pela função acusativa e, em seguida, passo à análise dos dados sobre a função dativa.

Tabela 6: PARTICIPAÇÃO DOS PRONOMES REALIZADOS NA FUNÇÃO DE COMPLEMENTOS NO UNIVERSO DO *CORPUS*

FUNÇÃO	**ACUSATIVA**						**DATIVA**			
PRONOMES	me	te	o/a	lhe(s)	nos	Lexical (tu, vós)	me	te/ti	lhe(s)	vos

GRUPO	**1**	8/70 11.43%	39/70 55.71%	0/70 0%	17/70 24.29%	5/70 7.14%	1/70[103] 1.43%	16/93 17.20%	36/93 38.71%	38/93 40.86%	3/93 3.23%
	2	0/19 0%	12/19 63.16%	4/19 21.05%	1/19 5.26%	0/19 0%	2[104]/19 10.53%	2/13 15.38%	11/13 84.62%	0/13 0%	0/13 0%

A partir da interpretação da tabela, com relação ao grupo 1, na função acusativa verifica-se que os índices mais altos se voltam para os clíticos *te/ti* e *lhe* com 55.71% e 24.29% respectivamente. No grupo 2, para *te/ti* observa-se um uso de 63.16% e para *lhe* uso de 5.26%.

O resultado, especificamente sobre o uso de *lhe* acusativo (24.29%) no grupo 1, vem mostrar uma particularidade dialetal dos informantes. Os trechos seguintes exemplificam seus usos no contexto do *corpus*;

> (55) “Eu ***lhi*** dexei um pouco gripada...” (DOC9l10)
>
> (56) “... parbens com ardentes votos que faço a Jesus que ***lhe*** cubra com laços de felicidade...” (DOC37l15)
>
> (57) “...quero que você vemha aqui de, até. Hoje até amanhã que eu tenho precizão de ***lhe*** ver.” (DOC39l4)
>
> (58) “termino para não ***lhi*** aburreçer” (DOC4l18)

Sobre esse uso, *lhe* com verbos transitivos diretos, retomo aqui que Oliveira (2003) também observou alto índice em dados da Bahia no século XIX. A partir dessa constatação, entendo que os usos do pronome *lhe* com verbos transitivos diretos na escrita dos informantes do *corpus* trata-se de uma forma cuja realização deu-se na oralidade em períodos anteriores e se estendeu confirmando-se como um dado a que os indivíduos da região estiveram expostos.

Dessa forma, pode–se entender que o clítico *lhe*, na função acusativa, esteve disponível como dado lingüístico a que os informantes ficaram expostos. Sob essa perspectiva, entende-se que os informantes fizeram uso de uma forma própria de sua gramática.

---

[103] “Deus **vois** salve a data 1 de agosto” (DOC12l3)
[104] “Unindo **tu** no meu peito.” (DOC5l31); “Para si **tu** eu esquecer.” (DOC11l18)

De um modo geral, tem-se atribuído esse fenômeno lingüístico – uso de *lhe* na função acusativa – ao fato de o pronome *você* como forma de tratamento de segunda pessoa vir sendo utilizado em lugar de *tu*.

No contexto do *corpus*, conforme os dados da tabela 5, 15.84% para uso de *tu* e 18.81% para uso de *você* no grupo 1 e 18.18% de uso de *tu* e 0% de você no grupo 2, observo que a variação *tu/você* favoreceu o emprego do clítico *lhe* na função acusativa como estratégia para referenciar a segunda pessoa. Mas, penso que não se poderia atribuir tal fenômeno restritamente à forma *você* uma vez que essa forma não conseguiu substituir completamente o pronome *tu* (destaque-se o resultado do uso de *lhe* no grupo 2, 5.26%, sendo que os dados do uso de *você* – expostos na tabela 5 – foi de 0%).

Em abordagem sobre esse fato, Monteiro (1996) assevera que, em Fortaleza e em Recife, região também do Nordeste, a forma de tratamento *você* não conseguiu suplantar totalmente o pronome *tu*.

No tratamento desse assunto, Freire (2000) diz que seria mais cabível atribuir esse uso generalizado do dativo de terceira pessoa na referência à segunda pessoa ao progressivo desaparecimento que o clítico acusativo *o/a* vem sofrendo na variedade brasileira. Para o estudioso, esse fato levou a forma lhe a assumir um comportamento sintático similar ao do clítico *te*, que pode aparecer tanto em função acusativa quanto dativa. Acresenta ainda que, por outro lado, parece haver uma particularidade quanto à escolha da forma *te* ou *lhe* na referência à segunda pessoa: a primeira é usada no tratamento informal; a segunda, como estratégia de esquiva à informalidade (*te, você*) e ao tratamento por demais cerimonioso (*o senhor, a senhora*).

Sobre o uso do clítico de 3ª. pessoa, a tabela 6 revela seu resultado: 0% de sua produtividade para o grupo 1. Concebendo a sugestão acima de Freire (2000), pode-se entender que o desuso de *o/a (s)* também favoreceu que a forma *lhe* tenha absorvido comportamento sintático das formas de segunda pessoa que podem atuar nas funções acusativas e dativas. Esse resultado de 0% de uso no grupo 1 também corrobora os resultados de pesquisas sobre o português brasileiro que apontam ocorrências muito restritas do uso desse pronome.

Freire (2000) traz as pesquisas de Omena (1978), Duarte (1986, 1989) e Malvar (1992; apud Duarte, 1996) informando que as pesquisas dos autores sobre a representação do objeto direto anafórico de terceira pessoa no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Distrito Federal conferem que a perda do clítico acusativo de terceira pessoa *o/a (s*) é um fato consumado na língua oral.

De acordo com Duarte (2001) o português brasileiro não possui mais clíticos pessoais de terceira pessoa. Para a autora, o fato de essa forma acusativa ser pouco expressa na forma de clítico pode-se considerar que

> ... em PB, o clítico acusativo não faz mais parte da gramática "nuclear" , resultado da fixação da gramática pela criança em situação natural de aprendizado, mas da "periferia" adquirida em situação formal. " (GALVES 2001, p.129)

Dentro dessa perspectiva, destaco os registros ocorridos no *corpus* cujo resultado apresenta dados do grupo 2, 21.05%:

(59) Adorá-***la***, engradecê-***la*** (DOC52l17)

(60) Ampará-***la***, defende-***la*** (DOC52l18)

As ocorrências acima reúnem usos lingüísticos que, conforme já esclarecido, estão presentes em produções, grupo 2, que não foram consideradas de autoria totalmente própria dos informantes. Os resultados dos dados corroboram a concepção de Galves (2001). Sobre o caso dos clíticos de 3ª. pessoa, observa-se que se trata de uso formal fora do domínio lingüístico dos informantes.

Quanto aos resultados sobre a forma *te* na função acusativa, a produtividade é expressiva tanto no grupo 1 quanto no grupo 2.

Os resultados do grupo 2 (63.16%) para ocorrências de *te*, ao lado de 5.26% para uso de *lhe*, se associados aos dados da tabela 5, onde temos 0% de uso de *você* e 18.18% de uso de *tu*, pode-se verificar que, nas produções do grupo 2, os usos de *te* estão associados apenas ao uso de *tu*. Vejam-se os exemplos:

(61)“Cartinha ***tu*** dar nutiçia / Como vai meu coraçã [o]” (DOC13l20)

(62)“***Tu*** eis meu dezeijo:” (DOC16l21)

(63)“***Ti***[105] amo com firmeza” (DOC4l24)

(64)“Vai ***te*** cartinha chorando / Vizita quem eu quero bem.” (DOC3l35)

Já a produtividade no grupo 1 mostra que, no dialeto dos informantes, então tomados como representantes do dialeto da região do semi-árido baiano, o uso da forma de 2ª. pessoa *te* correspondente não apenas à forma *tu*, mas também à forma *você*. O trecho do DOC 25 mostra essa associação:

*Como passaste do dia que **te** vi para*
ca bem não e verdade? Desejo que sem.
Roque estou com muita vontade de ir ao
Reachão pela Páscoa se Deus qunão mandar o contrario
erei da manhãn a 15 se Deus qeizer. Espero que nos encon-
ter la para matar tantas saudades que estou sinlindo por
*te que 2 mezes não e 2 dias para **voce** parece que e egual*
*sei que **voce** não esta triste por passa tantos tempos sem vir*
aque não esta vida esta tristee para mim.

O uso do clítico *te* relacionado às formas pronominais *tu* e *você* num mesmo contexto é fato observável também nas Cartas do Conde do Pinhal. Na carta de Corte, 16 de Julho de 1880, o Conde escreve:

> No entanto peço-vos paciência e resignação na certeza de que não **terás** mais saudades de mim do que eu tenho de **ti**.
>
> **Você** está em sua casa e rodeada de seus filhos, e em seus cômodos; estou ausente de **ti**, de todos os filhos, de meus cômodos, meus serviços e contrariado por negócios que não posso resolver.

Esse fato é descrito também em Lopes (2004). A autora observa a combinação de *tu – você* com *te* em seus estudos com Cartas do Marquês do Lavradio, português, Vice-Rei do Brasil

[105] Variação da escrita do clítico *te,* motivada pela pronúncia.

em fins do séc. XVIII, que escreveu do Rio de Janeiro para diferentes remetentes. Além desse *corpus*, também em estudos[106] com cartas da família Ottoni sendo os autores Cristiano Benedito Ottoni[107] – engenheiro, professor, Senador do Império e da República e Bárbara Balbina de Araújo Maia Ottoni[108], dona de casa.

Monteiro (1994, apud Hampl, 1965), informa que em todo o Brasil o pronome *você* ocorre não apenas com o *te*, mas alterna também com o *tu* no mesmo enunciado.

Pelo abordado sobre essa questão, com base nos achados do meu *corpus* e pelas referências através das cartas do Conde do Pinhal, além das menções feitas aos estudos que tratam do assunto, defendo que as características descritas sobre os usos da forma pronominal *te* ocorrem independentemente de qualquer nível de escolaridade ou de classe social e que são fatos lingüísticos comuns a diferentes regiões do nosso país, presentes nas variedades padrão e não-padrão do PB.

Observo também que o uso da forma inovadora, *você*, não desvalorizou o uso do clítico *te* na função acusativa em favor de *lhe*, mas que as formas co-ocorrem em mesmo contexto de comunicação.

Quanto às demais formas, usos de *me, nos, vos* e *pronome lexical* nas funções acusativas:

Sobre a produtividade de *me*, que apresenta resultado de 11.43% no grupo 1 e 0% no grupo 2, é importante destacar que – embora se esperasse encontrar a forma pronominal *eu* na referida função, os casos de pronomes lexicais não registram presença da primeira pessoa do caso reto. O baixo índice de uso de *me*, no grupo 1, e sua inexistência no grupo 2 não são suficientes para conclusões imediatas que caracterizem um desuso atribuído a uma falta de domínio lingüístico para sua aplicação ou que não fosse uma forma que integrasse a

[106] Esses estudos estão apresentados em seu texto *Correlações histórico-sociais e lingüístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil – séculos XVIII e XIX*.
[107] A apresentação feita pela autora diz que Cristiano Benedito Ottoni nasceu no ano de 1811, em Vila do Priíncipe, Minas Gerais, e ficou residência muitas vezes no Rio de Janeiro. Tinha entre 61 e 81 anos quando escreveu as cartas para seus netos: Cristiano e Misael.
[108] A autora diz que não se sabe muito sobre ela. Mas, informa que nasceu na cidade de Valença, Rio de Janeiro, e descendia de uma família influente no interior fluminense, os Araújo Maia. As suas cartas foram produzidas quando tinha entre 61 e 67 anos.

gramática dos informantes. O que se pode observar é que esse resultado apresenta correlações com os temas dos manuscritos a destacar-se, por exemplo, que a condução dos assuntos não tenham favorecido ocorrências desse clítico. Dos poucos casos, podem-se destacar alguns exemplos:

(65) “Sim ***mi*** esperi domingo si Deus quizer como sem falta...” (DOC26l19)

(66) “... com o auxilio di Deus i o vosso conçentimento completar, um dia a minha feliçidadi unindo-***mi*** a ela pelo sagrado...” (DOC6l12)

Também quanto ao uso da forma *nos* cujo percentual de uso no grupo 1 é de 7.14% e de 0% no grupo 2, não são dados suficientes para atestar que se trata de uma forma em desuso. O que observo é que não houve favorecimento de sua produtividade, assim como foi observado acerca do uso do pronome *nós* na função de sujeito cujo índice atingiu apenas 8.91%, conforme foi mostrado na tabela 5. Os trechos seguintes conferem algumas das ocorrências:

(67) “Adeus ate nois ***nos*** ver.” (DOC30l

(68)“Espero que ***nos*** enconter la para matar tantas saudades que estou sinlindo...” (DOC25l15)

Ainda com relação à função acusativa, o *corpus* apresenta tanto no grupo 1 quanto no grupo 2 presença de *pronome lexical*. Apesar do baixo índice, 1.43% no grupo 1 e 10.53% no grupo 2, a presença de pronome lexical merece atenção. Trata-se de um uso estigmatizado já que construções como essas não integram o esquema tradicional de apresentação das funções pronominais cujo modelo segue uma regularidade da sentença latina. As ocorrências no *corpus* podem ser constatadas nos exemplos seguintes;

(69) “Deus ***vois*** salve a data 1 de agosto” (DOC12l3)
(70) “Unido ***tu*** no meu peito.” (DOC5l31)
(71) “Para si ***tu*** eu esquecer” (DOC11l18)

Observa-se que os registros figuram como uma inovação brasileira: pronomes pessoais do caso reto, fundamentalmente nominativos, no exercício de função sintática acusativa. Sobre

esse tipo de construção, discutindo sobre a presença do pronome *ele* como acusativo, Monteiro (1994, p. 88) diz

> Seja como for, o certo é que o fato se generalizou não apenas na fala popular do Brasil, mas também na norma culta oral, o que tem tornado inoperante neste ponto todo o esforço do ensino escolar de língua materna.

Finalmente, a respeito da realização dos pronomes pessoais utilizados na função acusativa no cenário do *corpus* observa-se que seus resultados registram fatos identificados em estudos feitos sobre aspectos particulares da estrutura pronominal do português brasileiro (PB) encontrados nas suas variedades padrão e não-padrão.

Observa-se que o sistema de casos dos pronomes pessoais apresentados no Quadro 1 do capítulo 3 não apresenta estrutura que condiz com os efetivos usos dos pronomes pessoais. Os dados da tabela 6 apresentam indícios de que esse sistema vem sofrendo desestruturação. Os usos efetivos das formas pronominais no PB apresentam indícios de que alguns pronomes, como é o caso do clítico de terceira pessoa, além da forma *vos*, encontram-se em desuso e que está havendo utilização de determinadas formas pronominais, como é o caso de *lhe* e de *pronomes lexicais*, na expressão variada de função sintática.

Passemos agora à interpretação dos dados na função dativa:

Os índices mais altos encontrados ainda são para o clítico *te* que registra resultados de 38.71% no grupo 1 e 84.62% no grupo 2. No tratamento do resultado do grupo 1, vale destacar que o uso dessa forma pronominal ocorre na referência não apenas à forma *tu*, mas também à forma *você*, fato que ocorre na maioria dos manuscritos e a que se pode atribuir esse resultado de 38.71%. O documento transcrito abaixo confirma tal observação:

Minha Estimada Carlinda.
Saudações e saudade.
(...)
alegri lembrando di ***vôcê*** *foi*
quando chegou o momento tristi
que sôbe que ***vose*** *esta duenti não tenho*
tido mais alegria.
e agora açeite uma vizita
di longe. meu prazer

era ir ate ai, porempor
não puder fasso-lhi esta vizita.
*e fico rogando a Deus que **ti** dei*
(...)
do Primo firmi ate morrê
Roque Carneiro di Almeida

No tratamento do grupo 2, o resultado de 84.62% para o clítico dativo *te* revela uma expressiva produtividade de seu uso. A interpretação desse resultado deve levar em consideração o fato de que não há ocorrência da forma *você* como sujeito realizado no contexto do grupo 2. Ou seja, no referido contexto, a forma inovadora não é preferência haja vista a natureza dos manuscritos. Lembremos, mais uma vez, que o conjunto de manuscritos que integra o grupo 2 consta de versos, poemas cuja estrutura de produção tenderia a sofrer influências de modelos formais, o que normalmente pode bloquear uso de inovações. No *corpus*, os poemas são cópias de outrem adaptadas ao contexto de comunicação.

Para esse grupo, grupo 2, o resultado do uso de *lhe* é de 0%. Percebe-se, então, que o grupo 2 apresenta características que favorecem a utilização da forma *te* em detrimento de *lhe* já que a forma *lhe* representaria também uma inovação de uso uma vez que sua realização tem como motivação maior a presença da forma *você*.

Transcrevo o manuscrito seguinte para discutir esses aspectos. Observem-se as formas dativas destacadas e também a presença de *você* no DOC 5, texto cuja parte apresenta os resultados do grupo 1:

Saudoso primo Roque:
Muita saudades de te:
Faço voto ao bom Jesus que esta
cartinha va lhe encontra com saúde são os votos
da sua prima.
*Olha não ser provar-**te** o meu*
contentamento, que tive quando arrecibi a tua
adorada cartinha a qual veio me dar grande
*prazer em ver que **voce** lembras-te de mim.*
Não tenho abituacão nececaria para o bem
saber da minha pena. Como não egnoraste porem
sinto-me tão feliz em possuir tua amável
cartinha que mesmo fassim faço tudo pussivel
*para demostra-**te** os meus senceros afetos*

vere
*afim de provar-**te** que não es*
esquecido por mim.
Com esta agradeço a
sua amável visita.
Graças ao bom Deus fiqei bôa
Vôu terminar enviando lembrança e um
adeusinho aconpanhado de saudades da sua
prima que lhe ama com [firmesa] para toda
eternidade.
Carlinda Carlos Carneiro

Conforme os destaques feitos, constata-se uma mistura no uso das formas em contexto onde a forma *você* se faz evidente. Agora, observem-se as formas destacadas na parte que segue o trecho transcrito acima e que se trata do grupo 2:

Verco para-te
*A cartinha que eu **te** fiz.*
Não sahaiu como eu quiria.
A saudades desmanchva.
Tudo que a pena fazia.
.....
*Unido **tu** no meu peito.*
*Para eu **te** ser fiel.*
Para te amar com firmesa.
Enquanto vida eu tiver.

Se o mar fosse de leite.
Os pesxinhos fosse escrivão.
*Eu [mandava] **te** dizer*
Como esta meu coração.

No fechamento da correspondência, ou seja, saindo do contexto do grupo 2, observe-se:

*Peço-**lhe** que desculpe os erros e as faltas*
que de nada sei.

A análise de que a presença da forma *você* estaria atuando como agente influenciador da mistura dos usos das formas pronominais se reforça ao atentarmos para o resultado de *lhe* no grupo 1: 40.86%. Observa-se que, no grupo 1, onde a forma *você* apresenta índice de 18.81% contra 15.84% de *tu* na realização de sujeito, os dados sobre a formas *te*(38.71%) e *lhe* (40.86%) na função dativa atestam a variação no uso das formas de modo que essas são utilizadas sem precisão à referência. Ou seja, *lhe* é usado para referenciar tanto *tu* quanto

você assim como *te* também é uma forma que não se restringe a referenciar apenas a segunda pessoa *tu*.

Esses fatos corroboram as observações das pesquisas lingüísticas sobre o PB, que dizem que este clítico, *lhe*, vem demonstrando um crescente emprego na referência à segunda pessoa.

Essa abordagem baseia-se na constatação dos fatos que podem ser vistos no seguinte manuscrito:

DOC 4 - Carta

Minha Estimada Carlinda.
Saudações e saudade.
querida Carlinda pela primeira
vêis que pego na minha fraca pena
*para **ti** escrever pois e esta primeira*
aligria qui goza meu coração.
era uma hora que eu estava tão
*alegri lembrando di **vôcê** foi*
quando chegou o momento tristi
*que sôbe que **vose** esta duenti não tenho*
tido mais alegria.
e agora açeite uma vizita
di longe. meu prazer
era ir ate ai, porempor
*não puder fasso-**lhi** esta vizita.*
*e fico rogando a Deus que **ti** dei*
milhora. si Deus quizer.
*termino para não **lhi** aburreçer*
Açeiti lembrança acompanhada di saudad
do Primo firmi ate morrê
Roque Carneiro di Almeida
*Eu **ti** dou meu coração*
E porque mi convem´
***Ti** amo com firmeza*
Sou firmi ti quero bem.
disculpi os erros e de quem não sabi 27/7/1944
Maravilha

Os aspectos lingüísticos destacados parece que não são especialidades do dialeto dos informantes, ou seja, não se restringe a usos restritos ao semi-árido baiano. Em pesquisas realizadas por Ilari, Franchi, Neves e Possenti (2002, p. 88) há dados que exemplificam que

a ocorrência da forma oblíqua *te* nem sempre está com referência a *tu* conforme observações na amostra do inquérito DID, SP-234, onde se encontrou casos de *te* referidos a *você*:

(1-17) Inf. Roda Viva ***você*** *assistiu? [....]*

[....]

Inf. [....] eu ***te*** *falei da peça. (114)*

(1-18) Doc. ***Você*** *comeu muito brigadeiro?*

Inf. NÃO... por quê?

Doc. Não ***te*** *serviram? (128 – 131)*

Esse aspecto é também notável nas cartas do Conde do Pinhal, conforme um exemplo já retratado:

> ***Você*** está em sua casa e rodeada de seus filhos, e em seus cômodos; estou ausente de ***ti***, de todos os filhos, de meus cômodos, meus serviços e contrariado por negócios que não posso resolver. (carta de 16 de Julho de 1880)

Sobre a forma *me*, registra-se um resultado de 17.20% no grupo 1 e 15.38% no grupo 2. Nesses contextos, destaco os exemplos:

> (72) “Eu com os que **me** pertence em paz...” (DOC1l9)
>
> (73) “... para mim, no dia que tu ***me*** diz que vem aqui não tenho passeio...” (DOC34l11)

E quanto ao uso de *vos*, tem-se um resultado de 3.23% de ocorrências no grupo 1 e 0% no grupo 2.

Os exemplos seguintes mostram as ocorrências de *vos* na função dativa no *corpus* desse trabalho:

> (74) “... venho com respeito. Sinçero comunicar-***vos*** que a tempos que venho comsagrando amizadi a vossa quirida filha Carlinda.” (DOC6l6)

(75) "... e e justamente por esto que ***vos*** fasso hôge esta comunicação." (DOC6l14)

(76) "e ao mesmo tempo, ***vos*** pesso o aludido consintimento." (DOC6l17)

Esses dados fortalecem o entendimento de que se trata de um uso muito pontuado. Ressalte-se que os resultados expostos na tabela 5 sobre a função de sujeito não apresenta sequer uma ocorrência do pronome *vós* na sua realização. Como sabemos, a forma pronominal *vos* é forma correspondente de *vós*, já tomado como arcaico e em desuso no português brasileiro.

Sobre esse fenômeno, Monteiro (1994) reforça a noção de que a forma *vós* já constituiu um verdadeiro arcaísmo e informa que não aparece uma vez sequer no seu *corpus*.

O desuso de *vos* é observado também por Lopes (2005) ao constatar apenas uma ou outra de sua ocorrência de nas cartas da já citada família Ottoni, datadas do século XIX.

O resultado encontrado no meu *corpus*, 3.23%, aliado aos resultados dos trabalhos dos estudiosos citados contribuem para as considerações de que tal forma é tida como arcaizante e praticamente caiu em desuso no PB.

A realidade descrita sobre os usos efetivos dos pronomes pessoais, com base nos dados da tabela 6, aponta uma característica própria do português na sua variante brasileira e que se manifesta na oralidade e na escrita em suas diversidades padrão e não-padrão: a famigerada mistura de tratamento.

O conjunto de fontes lingüísticas apresentadas nesse estudo mostra os efeitos de um sistema pronominal que vem passando por um processo de reorganização. As associações sintáticas exemplificadas no decorrer dessa seção como a combinações feitas entre *tu* com suas formas correspondentes *te / ti / lhe* e *você* tendo com correspondentes *lhe / te / ti* elucidam os resultados desse processo.

5.2 Complementos de preposição no universo do *corpus*

Para um levantamento completo da atuação dos pronomes no cenário do *corpus*, observei também a sua participação na função de complementos de preposição. Aqui, o sistema de transitividade em que as preposições funcionam não é observado, pois não pretendi analisar as relações existentes entre as preposições que surgem nos contextos e os complementos por elas introduzidos.

O levantamento dessas ocorrências visa apenas uma descrição das ocorrências dos pronomes pessoais e observo alguns fatos lingüísticos expressos por seus usos, que também caracterizam o PB. Destaquei a presença de sintagmas nominais que também integram esse conjunto. A tabela 7 apresenta os resultados dessa observação.

Tabela 7: PARTICIPAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS NA FUNÇÃO DE COMPLEMENTOS DE PREPOSIÇÃO NO UNIVERSO DO *CORPUS*

FUNÇÕES		**COMPLEMENTOS de PREPOSIÇÕES**								
PRONOMES		mim	ti	comigo/ contigo	elementos lexicais					
					SN	pronomes				
						você	tu	ela	vós	todos
GRUPOS	**1**	2/41 4.88%	22/41 53.65%	3/41 7.32%	3/41 4.88%	7/41 17.07%	1/41 2.44%	1/41 2.44%	1/41 2.44%	1/41 2.44%
	2	1/21 4.76%	8/21 38.09%	7/21 33.34%	0/21 0%	0/21 0%	2/21 9.52%	3/21 14.29%	0/21 0%	0/21 0%

Os resultados revelam que o pronome oblíquo *ti* é o que apresenta maior produtividade. Seu índice, 53.65% sobre as demais formas no grupo 1 e 38.09% no grupo 2, retrata os usos nos contextos preposicionados como em:

(77)“Saúdadi di ***ti*** meu bem” (DOC14-verso no canto superior esquerdo)

(78)“...*Deus i Eu*, sabem. a saudadi que estou sintindo por ***ti***....”(DOC24l10)

Esse pronome aparece sempre no *corpus* com variação na escrita. Muitas vezes, encontra-se uma escrita fonética (*ti* por *te)* como podemos constatar na ortografia dos mesmos sintagmas preposicionados exemplificados nos itens anteriores:

(79)“Saudade de ***te***” (DOC22-canto superior esquerdo)

(80)“... para matar tantas saudades que estou sinlindo por ***te***...” (DOC25l17)

O pronome oblíquo *mim* apresenta idêntica freqüência nos grupos: no grupo 1 com 4.88%; no grupo 2 com 4.76%. Os registros ocorrem em exemplos como:

(81) “...parese que já se esqueseu di ***mim***.” (DOC31l13)

(82) “E vem dar a ***mim***” (DOC10l22)

As formas *comigo* e *contigo* apresentam maior produtividade no grupo 2, 33.34%. No grupo 1, observa-se um índice baixo, 7.32% de ocorrências. Nos registros dessas formas, é interessante observar as ocorrências de com migo (preposição e alomorfe da forma *mim* e *ti* isolados). Esse fato reflete a noção de que a preposição é regida pelo verbo e se faz presente na consciência de qualquer falante, conforme defende Monteiro (1994, p. 85) se opondo à idéia de Cunha & Cintra (1985:270) que consideram as formas *comigo, contigo* pronomes oblíquos. Os registros seguintes exemplificam algumas das ocorrências no *corpus*:

(83) “... de primeiro voce tinha este gosto mais hoje esta tão deferente ***com migo*** o que espero e isto mesmo.” (DOC30l27)

(84) “Para ir Junto ***com tigo***” (DOC8l20)

(85) “Roque pensava de lhe encontra hoje para conversa ***contigo*** porem Deus não quis assim...” (DOC30l5)

Conforme mencionei, nesse contexto de elementos preposicionados, interessa-me destacar aspectos do comportamento dos pronomes pessoais. Nesse sentido, o fato lingüístico que chama a atenção nos dados da tabela (7) acima está no campo dos elementos lexicais. A forma *você*, que só aparece no contexto do grupo 1, apresenta uma produtividade significativa, 17.07% e o pronome *tu* apresenta freqüência no grupo 1(2.44%) e no grupo 2 (9.52%).

Observa-se uma inovação que se expressa na expansão de usos destas formas pronominais: a forma *você* ocorre na representação de oblíquo e o pronome nominativo *tu* exerce função completiva oblíqua. Os exemplos disso estão em:

(86) "... era uma hora que eu estava tão alegri lembrando *di* ***você*****...**" (DOC4l8)

(87) "... com o coraçao emvocado pelo teu amor que nunca eis di mi afastar di ***tu***..." (DOC33l4)

(88) "Auzenti di ***tu*** eu estou / Auzenti eu não queria" (DOC14l19)

Esses registros rompem com a tradição da gramática que diz que a forma *tu*, em princípio, é restrita à função de sujeito e não pode ser regida de preposição.

A freqüência de *vós* (2.44%), presente apenas no grupo 1, sugere seu desuso. O registro desse pronome ocorre em:

(89) Espero de ***vos*** a resposta,..." (DOC6l18)

Sobre as poucas ocorrências dessa forma no *corpus* tenho observado que a motivação reside mesmo na temática da correspondência. Também tenho abordado que essa forma aparece sob tentativa de formalizar o discurso, pois figura como um item lexical à margem de seu domínio. A forma *vós* aparece nos contextos lingüísticos dos informantes nos discursos religiosos.

A forma tônica *ela* aparece no contexto como complemento preposicionado com índice de 2.44% no grupo 1 e 14.29%, no grupo 2. Os exemplos abaixo ilustram algumas dessas ocorrências:

(90) "... unindo-me a ***ela*** pelo sagrado lassos do Matrimonio..." (DOC6l12)

(91) "Tudo por ***ela*** fazer" (DOC52l16)

Ainda no conjunto dos elementos lexicais, apenas no grupo 1, tem-se 1 ocorrência de pronome indefinido, além da presença de sintagmas nominais também no exercício de complementos de preposição:

(92)"Desejo-lhe milhares de felicidades e tranqüilidades igualmente a ***todos***." (DOC7l5)

(93)"Com toda estima oferece à ***amiga***" (DOC49l4)

Sobre os resultados entre os elementos lexicais e pronomes oblíquos expostos na tabela 7, dados para os quais chamei a atenção, observo que os registros não sugerem tratar-se de variação no uso das formas, mas que está ocorrendo uma multiplicidade de função exercida por uma mesma forma pronominal.

6 Os pronomes possessivos no universo do *corpus*

Conforme dito na sessão da quantificação e codificação dos dados, com relação aos pronomes possessivos, interessam-me os registros de 2ª. e 3ª. pessoas tanto do singular quanto do plural. Esse critério justifica-se pela intenção de descrever a relação entre os usos dos pronomes pessoais retos e oblíquos e os usos dos possessivos, observando se há correspondência ou mistura nos usos.

Para isso, quantifiquei as ocorrências dos possessivos que aparecem no universo do *corpus* para então proceder às análises. Os resultados desse levantamento estatístico estão distribuídos na tabela abaixo:

Tabela 8: OS PRONOMES POSSESSIVOS NO UNIVERSO DO *CORPUS*			
GRUPO	**PRONOMES POSSESSIVOS**		
	teu (s) , tua (s)	**seu (s), sua (s)**	**vosso, vossa**
1	59/90 65.55%	24/90 26.65%	7/90 7.8%
2	10/12 83.33%	2/12 16.66%	0/12 0%

O resultado de 7.8 % de *vosso(*a), forma presente apenas no grupo 1, sugere tentativa de usos formais da língua, que podem ser observados no exemplo em:

> (94) "... vois trago os maiss sinceros parabéns pela data fontosa que hoje faca em que comemorais o ***vosso*** aniversario." (DOC19l5)

Os resultados gerais conferem uma produtividade que dá às formas *teu/tua* um caráter preferencial. Observam-se índices altos de *teu/tua* tanto no grupo 1 (65.55%) quanto no grupo 2, de modo que no grupo 2 a preferência é ainda maior (83.33%).

O que destaco no uso dessas formas *teu/tua (s), seu/sua (s)* no contexto do *corpus* é o fato de surgirem numa mesma correspondência. Ou seja, observam-se combinações entre formas de segunda e de terceiras pessoas num mesmo contexto discursivo.

Trago a correspondência (DOC 5) abaixo para exemplificar como esse fato se consuma no contexto do *corpus* como um fenômeno representativo do dialeto dos informantes:

Saudoso primo Roque:
*Muita saudades de **te**:*

Faço voto ao bom Jesus que esta
cartinha va ***lhe*** *encontra com saúde são os votos*
da ***sua*** *prima.*
*Olha não ser provar-****te*** *o meu*
contentamento, que tive quando arrecibi a ***tua***
adorada cartinha a qual veio me dar grande
prazer em ver que ***voce*** *lembras-te de mim.*
Não tenho abituacão nececaria para o bem
saber da minha pena. Como não egnoraste porem
sinto-me tão feliz em possuir ***tua*** *amável*
cartinha que mesmo assim faço tudo pussivel
*para demostra-****te*** *os meus senceros afetos*
vere
*afim de provar-****te*** *que não es*
esquecido por mim.
Com esta agradeço a
sua *amável visita.*
Graças ao bom Deus fiqei bôa
Vôu terminar enviando lembrança e um
adeusinho aconpanhado de saudades da ***sua***
prima que ***lhe*** *ama com [firmesa] para toda*
eternidade.
Carlinda Carlos Carneiro

*Verco para-****te***
A cartinha que eu ***te*** *fiz.*
Não sahaiu como eu quiria.
A saudades desmanchva.
Tudo que a pena fazia.
.....
Unido ***tu*** *no meu peito.*
Para eu ***te*** *ser fiel.*
Para te amar com firmesa.
Enquanto vida eu tiver.

Se o mar fosse de leite.
Os pesxinhos fosse escrivão.
Eu [mandava] ***te*** *dizer*
Como esta meu coração.

*Peço-****lhe*** *que desculpe os erros e as faltas*
que de nada sei.

Alto da Umburana, 1º de agosto de 1944.

Nas cartas do Conde do Pinhal, a mistura de tratamento também é muito comum. Na carta de Roma, 1º. de Julho de 1893, as formas se cruzam num mesmo contexto discursivo:

Naninha

> *Ontem **vos** dirigi uma cartinha dizendo-**vos** que não havia recebido carta **sua** além de 13 e 18 de maio, hoje porém tive a agradável surpresa de receber a **vossa** carta de 7-6-93 e com prazer respondo sem demora apesar de não poder adiantar nada na carta de ontem.*
>
> *Muito estimo ver que **tu** e os filhos passam bem.*
>
> *(...)*
>
> *Vejo que <u>estavas</u> passando no Pinhal vida alegre e folgada, pois rodeada de **seus** seis filhos, e quase todas as filhas, e é isso que eu muito estimo.*

Esse fato, mistura de tratamento envolvendo os possessivos, também se revela nas cartas da família Ottoni, amostra analisada por Lopes (2004, p. 163). Nas Carta de Christiano Ottoni ao neto Misael, carta 3, 18/12/1881 – RJ, encontra-se:

> Dizes que <u>*tens*</u> muita saudade de ***teu*** papai que morreu e de todos nos de ca nos tambem temos saudades delle de ***ti***, de ***teu*** irmão, de ***tua*** mamae, de Thia Paulina e Thio Julio; bem desejo que venhão todos e estou fazendo uma casa em Botafogo, onde caberemos todos melhor do que na rua do Conde. Bebê me diz que ***você*** come bem e esta engordando muito; e como ninguem de la me diz – Tichet fes tolices – estou acreditando que <u>*és*</u> um menino de juiso.

Para Lopes (2004), essa mistura referenda a hipótese de que a integração da forma *você* no quadro dos pronomes pessoais ocasionou a reestruturação do sistema pronominal e favoreceu essas possibilidades combinatórias ou de correspondências que o *você* passou a assumir seja em relação aos pronomes possessivos *teu ~ seu*, seja no rearranjo causado nos pronomes oblíquos (dativos ou acusativos (de) *você ~te ~lhe ~ o/a*).

Partindo dos resultados de 65.55% de uso das formas *teu/tua* contra 26.65% de *seu/sua*, encontrados no grupo 1 onde a presença de *tu* na função de sujeito realizado registrou 15.84% de ocorrências contra 18.81% de *você*, penso que a presença de *você* no contexto dos informantes também ativou a expressiva mistura de tratamento.

Esse impacto atribuído à inserção da forma pronominal *você* fica notável quando tomo como referência o grupo 2. O grupo 2 apresenta 0% de ocorrências da forma *você* na função de sujeito contra *tu* com 18.18%; no entanto, apresenta 16.66% para registros de *seu/sua* contra 83.33% de *teu/tua*.

Pelo visto, a presença da forma *você* no contexto dos informantes favoreceu a mistura nos usos das formas pronominais, mas não inibiu usos dos pronomes clíticos *te/ti* nem dos possessivos *teu/tua* (s) haja vista os altos índices encontrados para essas formas.

Os dados expostos mais uma vez atestam que, no que se refere aos usos efetivos dos pronomes pessoais, o português brasileiro padrão muito pouco se distancia do não-padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados com base no *corpus* cuja organização também integrou parte dessa pesquisa, acentuo a importância da busca por documentos para investigações de aspectos sócio-lingüísticos que possam ampliar a descrição do português brasileiro (PB). Acredito que o *corpus* desse trabalho apresenta-se como uma fonte para o desenvolvimento de diversos estudos de cunho lingüístico.

O *corpus* estudado não só favoreceu uma compreensão sobre o vernáculo da comunidade jacuipense como subsidiou observações sobre particularidades lingüísticas da região. Constatei, por exemplo, que no dialeto dos informantes ocorre manutenção do uso do nominativo *tu*, mas com flexão de terceira pessoa, compartilhando suas formas oblíquas com as formas referentes a *você*. Além disso, destaquei o uso de *lhe* com verbos transitivos diretos como parte da gramática dos falantes da região.

A descrição do *corpus* apontou dados sobre a cultura, aspectos sociais e econômicos do semi-árido baiano, mais precisamente sobre a cidade de Riachão do Jacuípe-BA. Dados extralingüísticos, como a influência da religião no letramento dos informantes, as características da época e do lugar, a limitação ao acesso à escolarização formal, a condição sócio-econômica que caracterizavam também os jacuipenses reforçaram a consideração sobre a autenticidade dos usos lingüísticos analisados nesse trabalho ao mesmo tempo que colaboraram na interpretação dos resultados dos dados. A descrição feita acerca das condições de ensino formal no contexto da região também fortaleceu a noção de que o *corpus* é representativo da modalidade não-padrão do PB.

Acrescento ainda a comunhão dos dados extralingüísticos com os fatos sociais que contaram a história da cidade de Riachão do Jacuípe. A apresentação da cidade, com base em dados históricos e geográficos, validou as informações da literatura oral. Nesse sentido, ressalto a importância de considerar e investigar as narrativas populares quando uma pesquisa envolve estudos com dialetos locais.

A análise dos fatos lingüísticos presentes no *corpus* e abordados em estudos acadêmicos favoreceram a noção de que o esquema de apresentação da gramática tradicional para os usos dos pronomes pessoais não sobrevive no português brasileiro (PB). A partir dos usos observados nas cartas do Conde do Pinhal, comparados com os resultados da amostra do *corpus*, concluo que os usos efetivos dos pronomes pessoais ocorrem indiferentes à condição sócio-econômica dos informantes.

Com base nos resultados da amostra dos usos dos pronomes, aliada a resultados das pesquisas aqui citadas, considero que os registros de usos efetivos dos pronomes pessoais não servem como referência para apontar diferenças entre os dialetos da população brasileira. Fatos lingüísticos como:

i) variação entre *tu* e *você* como estratégia de referência ao interlocutor;
ii) combinação de *você* com *teu ~seu/ tua ~sua / te ~lhe / contigo*;
iii) combinação de *tu* com *seu ~ teu / sua ~tua / te ~lhe / contigo*;
iv) uso de formas verbais do imperativo de 2ª. pessoa em contexto discursivo feito com *você*;

v) uso de formas verbais do imperativo de 1ª. pessoa em contexto discursivo feito com *tu*;
vi) desuso dos clíticos de terceira pessoa *o/a* (s);
vii) usos de *lhe* como acusativo;
viii) desuso de *vós*;
ix) emprego de pronome lexical em função acusativa.

são fatos que atestam a famigerada mistura de tratamento e representativos do português do Brasil. Constatei que esses fenômenos estão presentes não apenas em contextos de expressão espontânea de fala, mas também na escrita. Trata-se de usos que se revelam de modo comum entre falantes e que ocorrem independentemente da classe social e do nível de escolaridade.

Portanto, observo que a realização dos pronomes pessoais no contexto do PB ocorre de modo que não se atende às prescrições normativistas, quer seja na variedade não-padrão, nas suas modalidades dialetais próprias de falantes com pouco ou nenhum nível de instrução escolar, quer seja na linguagem de pessoas que conhecem a variedade padrão, mas que não fazem uso dessa variedade em situações descontraídas.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B e GALVES, C. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In:____ **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

ARAUJO, Antonio José de. **A família de Serrinha, Serrinha**: Salvador: Typografia do "O Serrinhense",1926.

BAHIA, SEPLANTEC. Centro de Planejamento da Bahia – CEPLAB. **Atlas do Estado da Bahia**; IIa. Etapa. Governo do Estado. Secretaria do Planejamento, Ciências e Tecnologia. Salvador, 1978. 08 mapas.

BAKHTIN, Mikhail: Os gêneros discursivos. In:___ **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes,1997.

BERLINCK, R. A. A construção V SN no Português do Brasil. In___ **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989.

BOTELHO, Antonio Carlos de Arruda. **Naninha, aceitai as minhas saudades**. São Carlos: EdUFSCar, 2000. 60 p.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias**. língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997 – 144 pp.

BROWN, R. & GILMAN, A. **The pronouns of power and solidarity**. T. Sebeok (ed.), Style in language. Cambridge- Mass: MIT Press, 2003, p.255-276.

CALLOU, D. Da história social à história lingüística: o Rio de Janeiro no século XIX. In:___ **Para a História do Português Brasileiro**. Vol. III, Novos Estudos. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2002.

CALLOU, Dinah. AVELAR, Juanito. Estudos sobre história social e mudança lingüística. Subsídios para uma história do falar carioca: mobilidade social no Rio de Janeiro do século XIX. In:___ **Para a História do Português Brasileiro** – Notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, 2002. p.95-112

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. Arquivos públicos municipais da Bahia: fontes para a história do português brasileiro.

In:___ **Para a História do português Brasileiro**: priemiros estudos. São Paulo: Humanitas / FFLCH / FAPESP, 2001. p.483-503

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. Notícias sobre o banco de textos de Feira de Santana e Cachoeira. In:___ **Para a História do português Brasileiro.** São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2002, p. 465-488.

CASTILHO, Ataliba T. de. Projeto de História do Português de São Paulo. In___ **Para a História do Português Brasileiro**. São Paulo: Humanitas / FAPESP, 1998, p.61-76.

CHAVES, Elaine. **Implementação do pronome você**: a contribuição das pistas gráficas. 2006. 268 f. Dissertação (Mestrado Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. 2 ed. Dordrecht: Foris, 1981.

CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CYRINO, S. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In___ **Português brasileiro, uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

DUARTE, A. E. L. **Do pronome nulo ao pronome pleno**: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS & KATO (orgs.) Português Brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas: UNICAMP, 1993.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio "evite pronome" no Português do Brasileiro, tese de doutoramento.** São Paulo: Unicamp, 1995.

FRANCO, Tasso. **A Colonização Portuguesa numa Cidade do Sertão da Bahia. Salvador.** EGBA / Assembléia Legislativa do Estado, 1996

FREIRE, Gilson Costa. **Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana**. 2000. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. **A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira Pessoa na escrita brasileira e lusitana.** 2005. 204 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREITAS, Judith & Albán, M. del Rosário (1981). Eu, Você et alia em três dialógos. Ciência e Cultura, 33 (6) :855-8. [S.l : s.n].

GALVES, Charlotte. Clíticos e Concordância em português. In:___ **Ensaios sobre as Gramáticas do Português**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

_____: **A sintaxe pronominal do Português Brasileiro e a Tipologia dos Pronomes:** ensaios sobre as Gramáticas do Português. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

GARTNER, Eberhard. Tentativa de explicação diacrônica de alguns fenômenos morfossintáticos do português brasileiro. In:___ **Para a História do Português Brasileiro.** São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2002.

GIBRAIL, Alba. **O acusativo preposicionado do Português Clássico**: uma abordagem diacrônica e teórica. 2003. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras, Unicamp:, 2003.

ILARI, Rodolfo. et. al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In:___ **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

KATO, Mary. A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial – réplica a Perin**i, D.E.L.T.A**, Vol. 1, no. 1-2, p. 107-120,1985.

LOBO, Tânia Conceição Freire. **Para uma Sociolingüística Histórica do Português do Brasil**: edição filológica e análise lingüística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia. 2001. 791 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Correlações histórico-sociais e lingüístico - discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil** – séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro, 2004.

_____O quadro dos pronomes pessoais. Morfossintaxe e ensino do Português, reflexões e propostas. In:____ **Correlações histórico-sociais e lingüístico - discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil** – séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro, 2005

_____.**Formas nominais e pronominais de tratamento em português**: séculos XVIII e XIX. Comunicação apresentada no XIII Congresso Internacional de la ALFAL, San José, Costa Rica, 2002b

_____**Vossa Mercê > você e Vuestra Merced > usted**: o percurso evolutivo ibérico. Lingüística – publicação da ALFAL, vol. 14. 2003a

_____ "**De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas**". In: ___ Análise de variedades do português: primeiros estudos.

LOPES, Célia Regina dos Santos; DUARTE M. E. L. **O tratamento em cartas escritas no Brasil**: séculos XVIII e XIX. In___ V Seminário do PHPB, Ouro Preto: UFPO/UFMG, 2003

LOPES, Célia Regina dos Santos; MACHADO, Ana Carolina Morito (org.). **Cartas da Família Ottoni aos netos 1879-1889:** corpora diacrônicos PB (fac-símile). Rio de Janeiro, UFRJ?PIBIC-CNPq. (versão preliminar em CD), 2003

LOPES, C. R. dos S; MACHADO, Ana Carolina Morito. **Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós**. In____ A Norma brasileira em Construção, Fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX. FAPERJ/UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

LUCCA, Nívea Naves Garcia. **A variação tu/você na fala brasiliense**. 2005. 149 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília,.

MACHADO, Carolina Morito. **A Implementação de "Você" no quadro pronominal:** as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MATTOS, Rosa. SILVA, Virgínia. Idéias para a história do português brasileiro: fragmentos para uma compreensão posterior. In:___ **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 1998, p. 33-34.

_____. (1999): Orientações Atuais da Lingüística Histórica Brasileira. D.E.L.T.A, vol 15, no. ESPECIAL, 1999. Universidade Federal da Bahia (UFBA).

_____. (2002): Para a História do Português Culto e Popular Brasileiro. Sugestões para uma pauta de pesquisa. Universidade Federal da Bahia / CNPq. In: ALKIMIM, Tânia Maria. (Org.). Para a história do português brasileiro. Novos estudos. V. III. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

MELLO, Heliana Ribeiro de. Português padrão, português não-padrão e a hipótese do contexto lingüístico. In: ___ **Para a história do português brasileiro**. Novos estudos. V. III. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. Pág 341-358

MENON, Odete Pereira da Silva. A história de você. In:___ **Teoria e Análise lingüísticas**: novas trilhas. Araraquara: Laboratorio Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006. 198 pp.

_____ . O Sistema Pronominal do Português do Brasil. **Revista Letras**. Curitiba. nº 44. 1995, p. 91-106.

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais**: Subsídios para uma gramática do português do Brasil. 1991. Tese (Doutorado).Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. **Pronomes pessoais**: Subsídios para uma gramática do português do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

MORAIS, M. A. TORRES, C. R. Rastreando aspectos gramaticais e sociolingüísticos do PB em anúncios de jornais do séc. XIX. In:_____ **Para a história do português brasileiro**. Novos estudos. V. III. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. 2002. p. 69-125.

MORAIS, M. C. R.T; RIBEIRO, I. Contraste da sintaxe dos clíticos no português europeu e português brasileiro. n. 17, p. 21-47, 2005.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins, 1997.

MOURA NEVES, Maria Helena de.**Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Marilza de : A perda da preposição e a recategorização de *lhe*. Universidade de São Paulo. Comunicação apresentada no GEL, Unitau. Disponível em www. fflch.usp.Br/dlcv/lport. Acesso em 2003

OLIVEIRA, Vanilson Lopes de. **Conceição do Coité e os Sertões dos Tocós**. Conceição do Coité-Bahia. [s.l.], 2002.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª. Pessoa do singular no português carioca. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, UFMG, vol. 7, n. 2, p. 121-138, 1998.

PESSOA, Marlos Barros.Da carta a outros gêneros textuais. In:___**Para a História do Português Brasileiro** – Notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro. 2002. p.197-205

RIOS, Iara Nancy Araújo. **Nossa Senhora da Conceição do Coité: Poder e Política no século XIX**. 2003. . Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador.

SACONNI, A. L. **Gramática Essencial Ilustrada**.18. ed. São Paulo: Atual, 1999

SALLES, Miguel.Arquivos Paulistanos de interesse para a História do Português de São Paulo. In___**Para a História do Português Brasileiro**. Vol. II, Tomo II. Primeiros estudos. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: FAPESP, 2001. p. 435-442.

SCHERRE, Marta Maria Pereira. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In:___ **Estudos de Linguagem** – Inter-relações e Perspectivas. Campo Grande, Editora da UFMS. 2003, p. 177-191.

_____ Norma e uso - o imperativo no português brasileiro. In___ **O português do brasil** - Perspectivas da pesquisa atual (Linguistica luso-brasileira, Vervuert / Iberoamericana. 00 231 – 260. s/d

SILVA , Gladson. **Riachão Recente**: Um panorama atual da política, economia e sociedade jacuipense. Clip Serviços Gráficos: Gráfica e Editora: s/d [S.l : s.n]

SOTO, U.. M. S. **Variação/mudança do pronome de tratamento alocutivo**: uma análise enunciativa em cartas brasileiras. 2001. . Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1987.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1981.

_____. **História da Bahia**. 10. Salvador: EDUFBA, 2001.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. São Paulo, Martins Fontes. 1997.

TORRES-MORAIS & BERLINCK, R.de A. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In:____ **Novos dados, novas análises** . Salvador: EDUFBA . p. 73-106.

V Seminário de PHPB, 2002, Ouro Preto. **Complementos preposicionados nos jornais do séc. XIX.** [S.I : s.n]

VIANNA, Francisco Vicente. **Memória sobre o Estado da Bahia**. Salvador: Typografia e Encadernação do “Diário da Bahia”, 1893.

Índice dos Anexos

Anexo A: Fotografias da cidade

Anexo B: Mapas da região

Anexo C: Plantas da Fazenda

Anexo D: Codificação e quantificação dos dados

Anexo E: Versão fac-símile e Transcrição do *corpus*

Anexo F: Álbum dos informantes.

Anexo G: Registro de nascimento e casamento dos informantes.

Anexo A: Fotografias da cidade

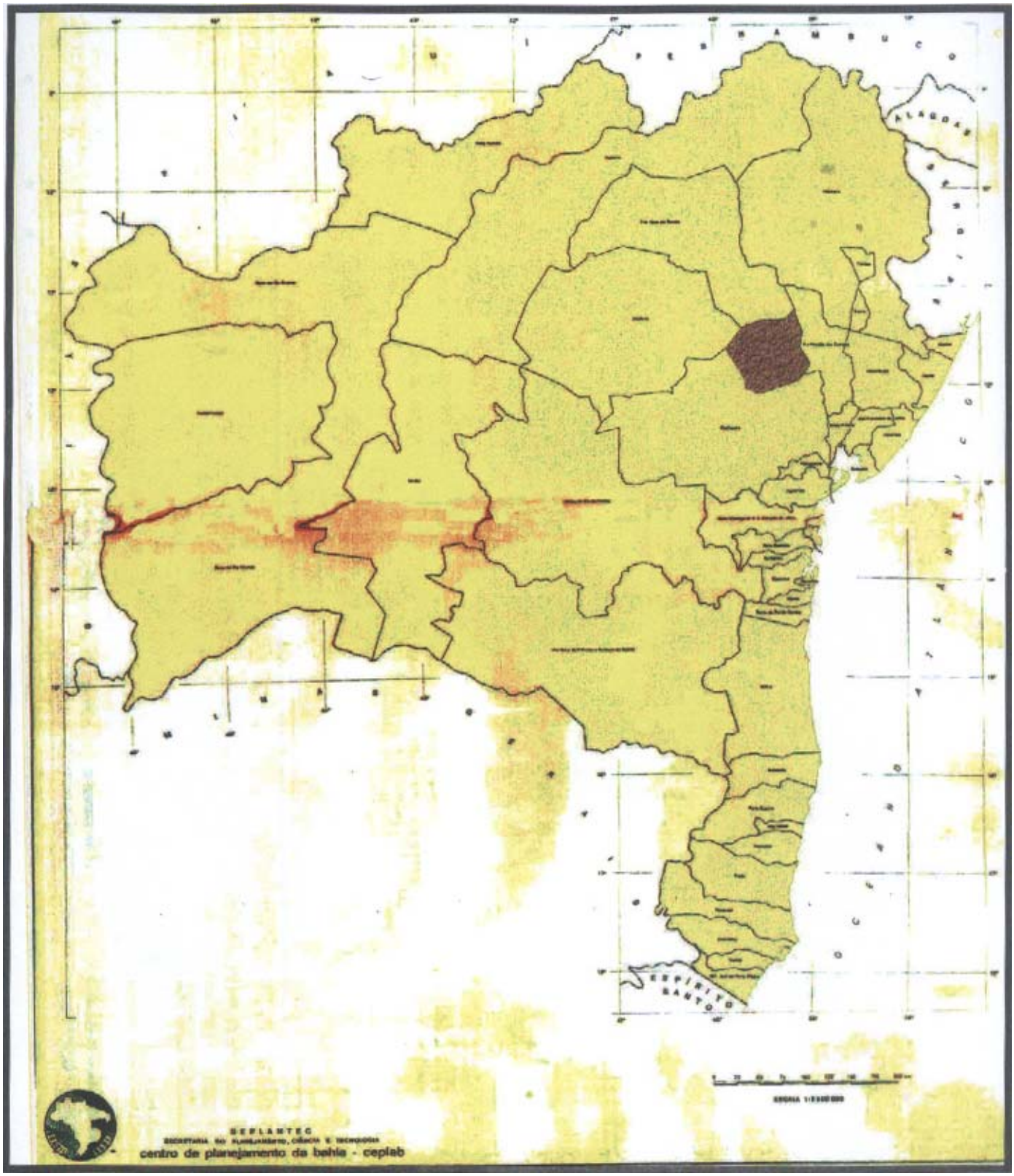
FOTO I - IGREJA

FOTO II – CÂMARA MUNICIPAL

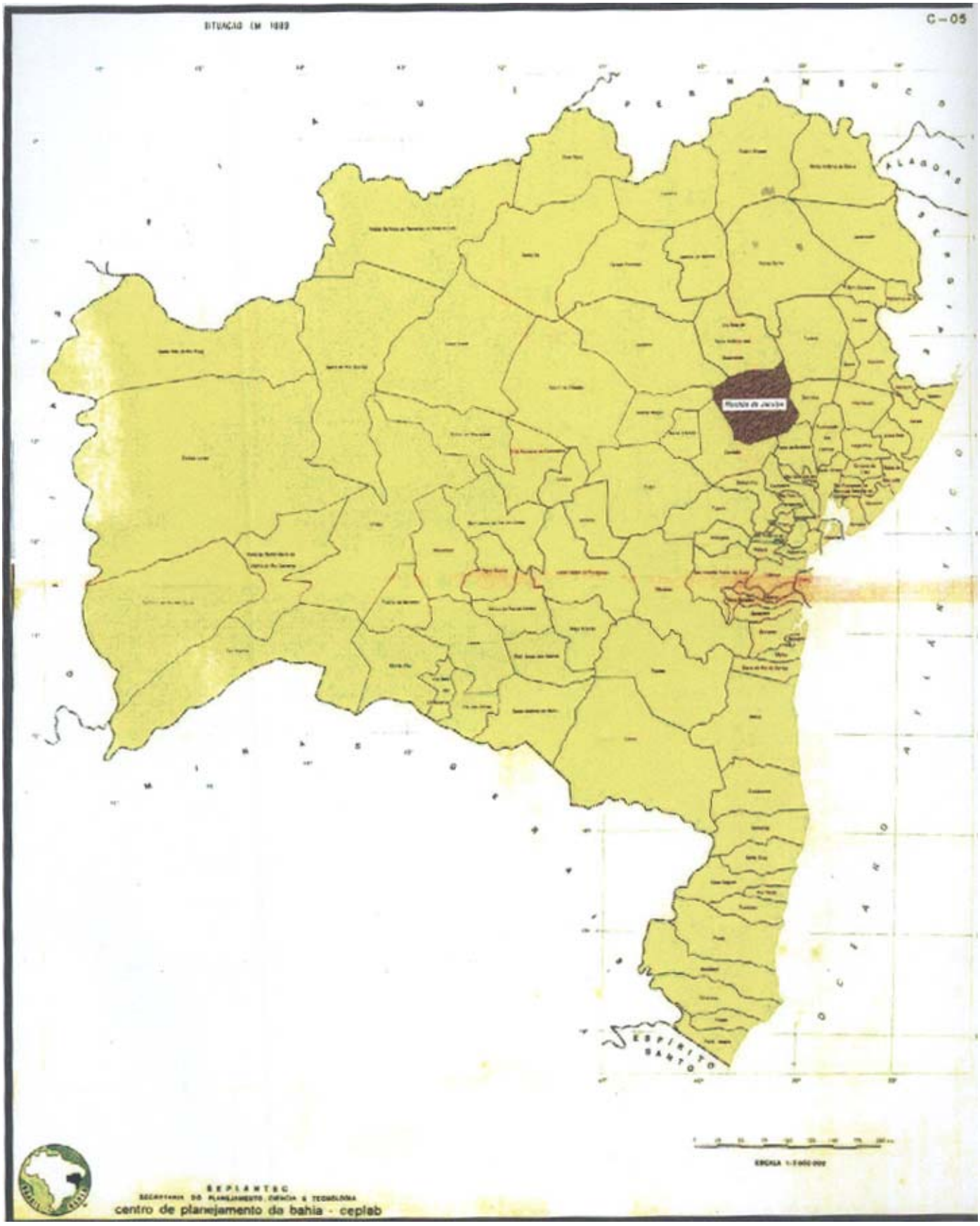
FOTO III – PREFEITURA MUNICIPAL

Anexo B: Mapas da região

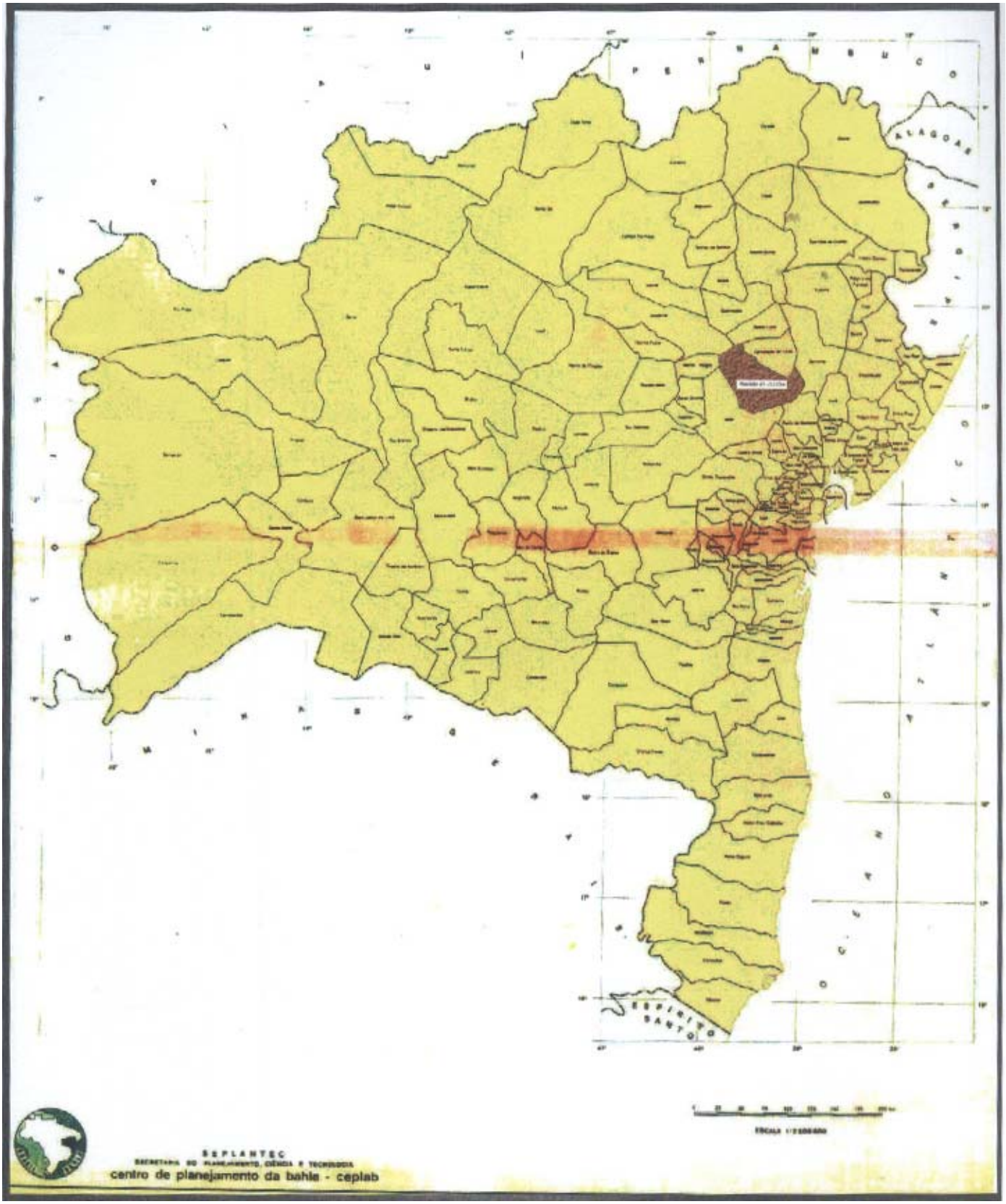
MAPA I – Bahia 1827



MAPA II – Bahia 1889 e o Sertão jacuipense



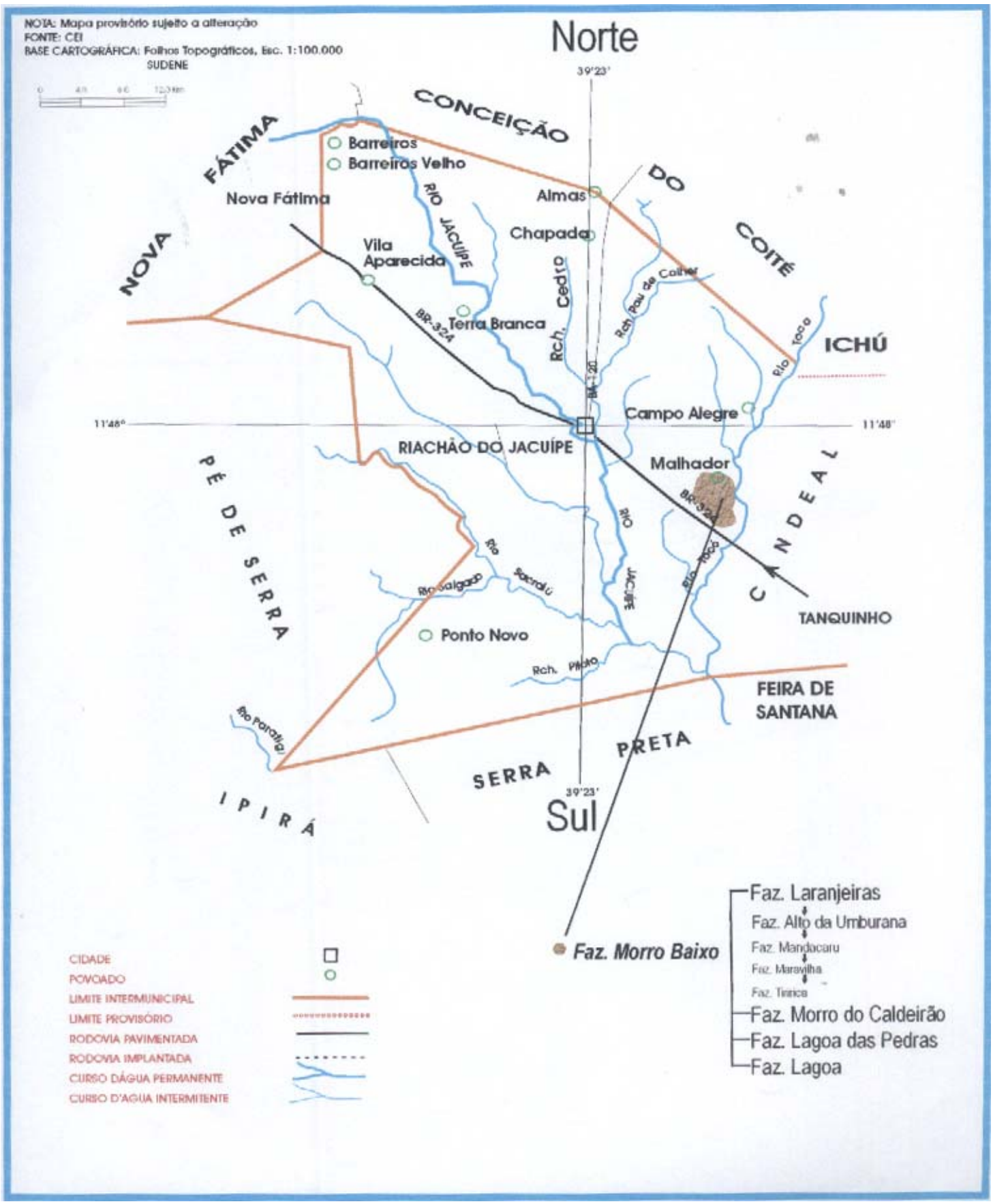
MAPA III – Bahia 1940 e os limites territoriais de Riachão do Jacuípe-BA



MAPA IV – Bahia: o Recôncavo, o Grande Sertão e as invasões territoriais

Enciclopédia Microsoft® Encarta® © 1993-2001 Microsoft Corporation. Todos os direitos reservados.

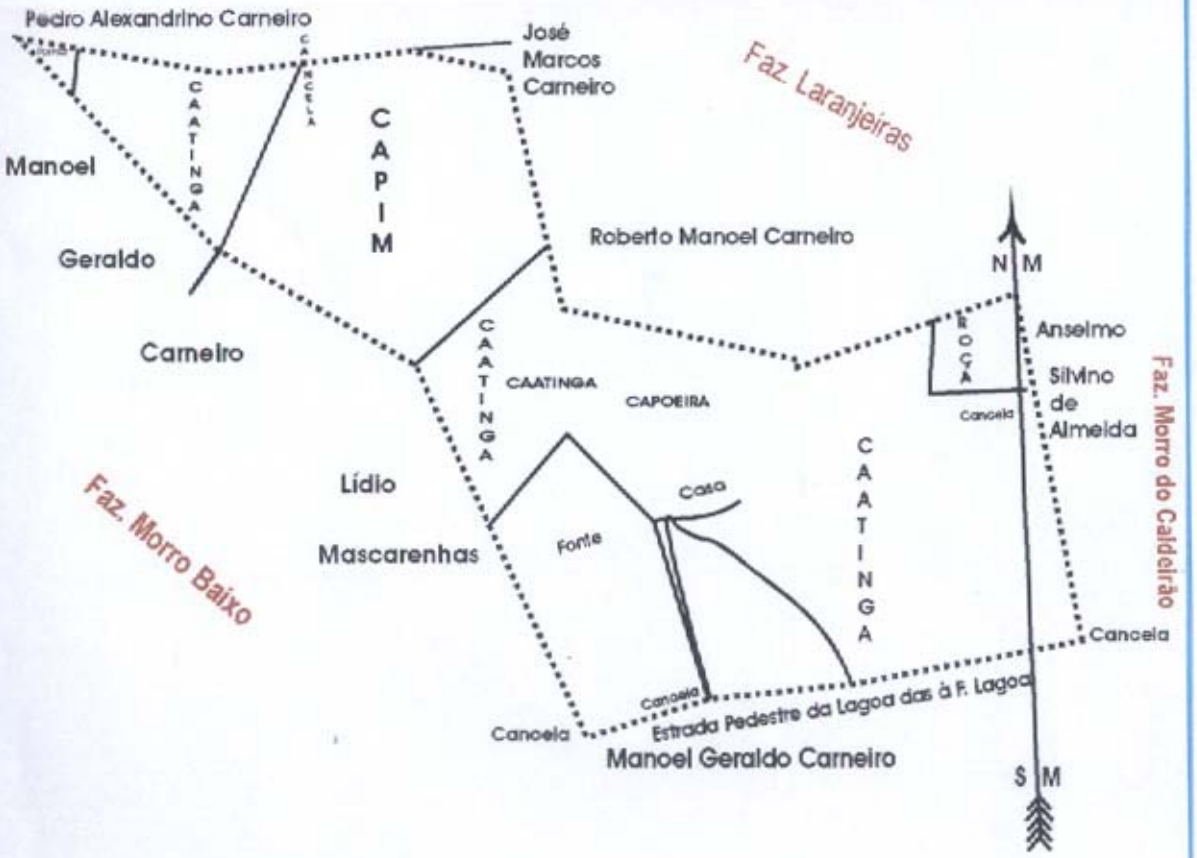
MAPA V – Contexto geográfico do *corpus* (Riachão do Jacuípe, seus arredores e rios)



Anexo C: Planta da Fazenda Alto da Umburana

Planta da Fazenda Alto da Uburana do Srº.

Manoel Geraldo Carneiro



Superfície -71.2:331metros quadrados ou sejam - 71 hectares, 23 ares e 31 centiares, equivalentes a 163½ tarefas e mais 125 metros quadrados.

Limites: Com Anselmo Silvino de Almeida
N.O. 8°30 - 530 metros com Roberto Manoel Carneiro, José Marcos Carneiro e Pedro Alexandrino Carneiro S.O 74° - 372 metros.

N.O. 19°	24 metros
N.O. 75°30	336 metros
N.O. 14	354 metros
N.O. 77	147 metros
N.O. 84°15°	804,5 metros
N.O. 80°	328 metros

Com Manoel Geraldo Carneiro

S.E. 44°15'	455 metros
S.E. 61°30'	339

Com Lídio Mascarenhas

S.E. 2G	612 metros

Com o referido Manoel Geraldo Carneiro, pela estrada da Lagôa das Pedras a Lagôa.

N.E. 74°15'	194 metros
N.E. 88°	210 metros
N.E. 80°45'	100 metros
N.E. 84	281 metros

Janeiro de 1946

Anexo D: Quantificação e codificação dos dados

QUANTIFICAÇÃO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Para quantificação e codificação dos dados, utilizei o critério de transcrever o trecho no qual ocorre o fenômeno gramatical em análise. O trecho está identificado através do número do próprio documento e o fenômeno gramatical analisado vem destacado em itálico. Acrescento ainda a informação sobre a linha em que o registro localiza-se.

Encontrando-se, por exemplo, DOC4l3, deve-se prosseguir com a seguinte leitura: no Documento 4, o registro lingüístico analisado localiza-se na linha 3.

Apresento dois grupos, grupo 1 e grupo 2, para enumerar e quantificar as ocorrências gramaticais: o primeiro, com destaque para os registros de autoria própria dos informantes, sendo as cartas, os bilhetes, as dedicatórias e o relato pessoal; o segundo, com as ocorrências encontradas nos versos presentes tanto nas cartas e bilhetes quanto naqueles que compõem os DOCs 42, 50, 51 e 52. Esse critério justifica-se pela natureza das produções textuais do grupo 2, por tratar-se de construções com autoria parcial do redator, pois muitas vezes partia-se de poesias familiares, conhecidas “de ouvido”, e faziam-se adaptações inserindo-se o assunto que motivava a produção. O grupo 2 apresenta características de influências de usos formais da língua haja vista a tendência literária de que a produção poética por muito tempo foi tomada da idéia de que deveria seguir modelos e padrões de produção.

Rastreei no *corpus* dessa pesquisa as ocorrências de pronomes pessoais e pronomes possessivos. Acerca dos pronomes pessoais, destaquei algumas categorias para checar suas ocorrências e delas me servir para análises lingüísticas. São elas:

QUADRO 1 – Categorias gerais de ocorrências
a) pronomes clíticos como acusativos
b) pronomes clíticos como dativos
c) *lhe* como acusativo

d) *lhe* como dativo
e) pronome lexical em função acusativa
f) complementos de preposição
g) presença de pronome pessoal do caso reto na função de sujeito
h) *você* realizado na função de sujeito
i) *tu* realizado na função de sujeito
j) ausência de pronome pessoal do caso reto na função de sujeito
l) construções no imperativo
m) pronomes possessivos de 2ª de 3ª pessoas – singular e plural

Com relação aos pronomes possessivos, interessaram-me os registros de 2ª. e 3ª pessoas tanto do singular quanto do plural.

GRUPO I

Os pronomes pessoais

a) Pronomes clíticos como acusativos

1. "... nada mais da tua prima que *ti* ama de coração." (DOC1l12)

2. "... com o auxilio di Deus i o vosso conçentimento completar, um dia a minha feliçidadi unindo-*mi* a ela pelo sagrado..." (DOC6l12)

3. "Eu tenho meu coração para *ti*amar que nunca posso esquecer. (DOC9l8)

4. "O que *mi* conçola é teu retrato." (DOC9l9)

5. “... açeiti uma vizita do teu Noivo que *ti* ama com fermeza ate morrer.” (DOC9l13)

6. “... como vai de dumingo para que *te* deixei bastante gripado e não teve nutica se melhorou. ou não ...” (DOC10l11)

7. “... um saudoso adeuzinho da tua firme noiva que *ti* ama...” (DOC10l15)

8. “... do teu noivo que *ti* ama com firmeza” (DOC11l14)

9. “Sim, não *mi* esperi dumingo que não posso ir” (DOC11-nota na vertical esquerda)

10. “... rogando a Deus que *ti* encontri gozando saudi i felisidadi.” (DOC12l4)

11. “... não pudendo posso *te* ver de perto para dar te meus parabens...” (DOC12l5)

12. “... quera aceitar um abraço da tua comadre que *te* estima de coração.” (DOC12l16)

13. “Sei que so mato esta saudadi quando Eu *ti* ver.” (DOC14l8)

14. “... do teu noivo que *te* ama ate morrer” (DOC13l14)

15. “... fasso estas duas linha pidindo a Deus que *te* encontre gozando felicidade...” (DOC14l12)

16. “... saudadi do noivo que *ti* ama ate morre.” (DOC14l17)

17. “Desejaria ser um passarinho para chegar ate air para *te* vê de perto...” (DOC15l14)

18. “Roque sei que não tenho o prazer de *te* ver...” (DOC15l16)

19. “...estari catisfeita se eu pudesse *te* ver de perto...” (DOC15l22)

20. “... saudade da tua noiva que *te* ama com fermeza...” (DOC15l28)

21. “Carlinda fasso estas mal trassadas linhas rogando ao bom Jesus que *ti* encontre gozando felisidade.” (DOC16l8)

22. “... Adeuzinho do teu noivo que *ti* ama com Firmeiza.” (DOC16l18)

23. “... da tua firme noiva que *te* preza no coração partido de saudades.” DOC17l15)

24. “... so não fui milhor por cauzo da saudadi q eu estava i estar *mi* matando.” (DOC18l13)

25. “... Saudadi do teu noivo que *ti* ama para toda eternidadi” (DOC18l16)

26. “*mi* esperi domingo si Deus quizer” (DOC18 -nota na vertical esquerda)

27. “... terminar enviando lembrança em companhia de saudades da tua diminuta prima que tanto *te* estima” (DOC19l14)

28. “... abraço da tua prima que *te* ama de coração.” (DOC21l18)

29. “... saudades da tua diminuta prima que *te* ama..” (DOC22l19)

30. “Adeus com saudades ate quando *nos* ver” (DOC23l2)

31. “... saudade da tua noiva que *te* ama...” (DOC2317)

32. “... mais Deus e di *nos* ajudar que ele fica bom Já si Deus quezer” (DOC24l15)

33. “Açeiti lembrança do teu noivo. que *ti* ama fermimeente” (DOC24l21)

34. “Como passaste do dia que *te* vi para ca...?” (DOC25l11)

35. “Espero que *nos* enconter la para matar tantas saudades que estou sinlindo...” (DOC25l15)

36. “...adeus com muita saudades da tua diminuta noiva que *te* ama...” (DOC25l21)

37. “Sim *mi* esperi domingo si Deus quizer como sem falta...” (DOC26l19)

38. “Termino eviando lembrança do Teu noivo que *ti*[1] ... Fermi ate a morti” (DOC27l20)

39. “Sim *mi* esperi domingo si Deus quizer” (DOC27- vertical esquerda)

40. “Aceite lembrança com saudade da tua Noiva que *te* estima eternamente.” (DOC28l9)

41. “Adeuzinho com o coração cheio di Amor i feliçidadi que sempri êi di *ti* amar por todos momento.” (DOC29l3)

42. . “Roque para mim esta paresendo que está com mais de 2 meses que *te* vir...”(DOC30l10)

[1] A forma verbal não aparece escrita, no entanto há indícios de tratar-se do verbo “amar” haja vista às suas ocorrências anteriores em contexto similar.

43. “Adeus ate nois *nos* ver.” (DOC30l19)

44. “Roque para mim esta parisendo que tem mais de 2 mezes que *te* vir...” (DOC31l12)

45. “Adeus ate nois *nos* ver.” (DOC31l23)

46. “... com o coraçao emvocado pelo teu amor que nunca eis di *mi* afastar di tu...” (DOC33l4)

47. “...grande prazer para mim se esta carta for *te* encontra gozando a milhor saúde...” (DOC34l4)

48. “... que estas duas linhas va *te* encontra gozando as mais belas felicidades...” (DOC35l5)

49. “...um adeuzinho da tua diminuta noiva que *te* ama...” (DOC35l16)

50. “... não pudendo *te* ver pesoalmente vou por meio desta enviar meus cinceros pabens...” (DOC37l12)

51. “...saudade da tua noiva que *te* ama...” (DOC37l25)

52. “não *te* avizer com tempo porque foi lerminada hoje” (DOC38l11)

b) Pronomes clíticos como dativos

1. “*... pego em minha rude pena para dar-te as minhas semplis notícias”* (DOC1l4)

2. “Eu com os que *me* pertence em paz...” (DOC1l9)

3. “Roque se vôce quizer seu chapéu que esta aque mande *me* dezer...” (DOC3l49)

4. “... pego na minha pena fraca pena para *ti* escrever...” (DOC4l5)

5. “e fico rogando a Deus que *ti* dei milhora.” (DOC4l16)

6. “Olha não ser provar-*te* o meu contentamento, que tive quando arrecibi a tua adorada cartinha...” (DOC5l6)

7. “... quando arricibi a tua adorada cartinha a qual veio *me* dar grande prazer...” (DOC5l8)

8. “... faço tudo pussivel para demostra-*te* os meus senceros afetos...” (DOC5l14)

9. “... para demostra-te os meus senceros afetos para provar-*te* que não es esquecido por mim.” (DOC5l16)

10. “Roque se você quizer seu chapéu que esta aque mande *me* dezer...” (DOC3l49)

11. “... venho com respeito. Sinçero comunicar-*vos* que a tempos que venho comsagrando amizadi a vossa quirida filha Carlinda.” (DOC6l6)

12. “... e e justamente por esto que *vos* fasso hôge esta comunicação.” (DOC6l14)

13. “e ao mesmo tempo, *vos* pesso o aludido consintimento.” (DOC6l17)

14. “Imagini que praze não tenho eu. Em pegar na minha pena para *ti* escrever.” (DOC8l5)

15. “Sinto-mi bastante alegre ao fazer-*te* esta Cartinha.” (DOC9l3)

16. “Sinto-mi bastante alegre ao fazer-te esta Cartinha dando-*ti* as menhas recomendaçãoes. (DOC9l4)

17. “... por este mutivo faço-*te* esta mal feita carta para saber como vai de dumingo para ca...” (DOC10l10)

18. “... não teve nutica se melhorou ou não peço a Deus que *te* dei uma boa melhora.” (DOC10l12)

19. “... sua delicada cartinha que veio *me* dar bastante prazer...” (DOC11l5)

20. “... tão feliz envio *te* esta D...” (DOC12l7)

21. “... envio-*te* esta diminuta lembrança” (DOC12l9)

22. “... eu acertei de ir mais comadre Morena ela *me* prometeu que vai comigo.” (DOC12l12)

23. “tão feles e o mominto que *te* escrevo...” (DOC13l

24. “Rogo a Deus que *ti* dei muito Anos di vida.” (DOC13l11)

25. “... Francisquinho *me* disse que foi pequeno...” (DOC15l21)

26. “... fico fazendo voto a Nossa Senhora que *te* dee saude e felicidade.” (DOC15l23)

27. “Tão feliz e o momento que *ti* escrevo...” (DOC16l4)

28. “Sento prazer no feliz momente que desejo-*te* esta cartinha...” (DOC17l4)

29. “Envio-*te* esta para dar-te minhas notiçia e saudades...” (DOC17l8)

30. “Envio-te esta para dar-*te* minhas notiçia e saudades...” (DOC17l8)

31. “... se tu não for mande *me* dezer e se for mande dezer sempre...” (DOC21l7)

32. “... serto assim mais *te* avizo com vespa quarta feira caso tu não va para Reachão...” (DOC21l12)

33. “...pego na minha pena ... para escreve *te* ...” (DOC22l7)

34. “Morena se Deus *me* de licença de dumingo a 8 eu vou dar um passeio em sua casa...” (DOC22l13)

35. “e com o coração triste saudade que pego na minha pena para escrever-*te* estas duas linhas...” (DOC23l8)

36. “Roque se Deus *me* de licença de dumingo o 8 eu vou dar um passeio em sua casa...” (DOC22l14)

37. “Roque eu tenho lanto prazer em *te* escrever...” (DOC25l6)

38. “... quando pego na minha rude pena para *te* escrever uma cartinha meu coração...” (DOC25l7)

39. “... felicidades e o que de coração *te* desejo e a todos da boa casa aquém respeitosamente vizito.” (DOC25l9)

40. “...assim tambem terarar eu; pegar em minha rudi pena para *ti* fazer um carta.” (DOC26l7)

41. “...depois perguntei a Mirga ele *mi* dissi que tu não tinha vindo” (DOC26l17)

42. “... fiquei muito satisfeito em tu ter a dilizadeiza de *mi* participar que ia para o Riachão...”(DOC27l11)

43. “O que de coração *te* desejo paz e saude ao lados de todos teus” (DOC28l3)

44. “... a penas lhe esperei conforme vôce *mim* desse no dia que esteve aqui que nos 15 dias vinha...” (DOC34l10)

45. “para mim, no dia que tu *me* diz que vem aqui não tenho passeio...” (DOC34l11)

46. “Roque eu *te* desse que era possevel er para Reachão de S. Jose mais não vou...” (DOC34l18)

47. “... pego em minha rude Pena para dar-*te* minhas nuticias...” (DOC35l4)

48. “... que estas duas linhas va te encontra gozando as mais belas felicidades, e o que de coracão *te* desejo.” (DOC35l6)

49. “Roque eu *te* disse que iam a reza da Roça do Alto amanhã...” (DOC35l9)

50. “... que seja feliz ao lado de todos que *te* pertence” (DOC37l19)

51. “Roque faço-*te* estas duas linhas para lhe pedir um favor...” (DOC40l3)

52. “Ofereço-*te* esta santinha como lembrança...” (DOC43l2)

53. “Ofereço-*ti* este Santinho como Lembrança Do noço Amizadi viu” (DOC44l3)

54. “...fez-*me* a entrega o Reverendíssimo Vigário Pe. Galdino da Rocha Passos.” (DOC46l5)

55. “...e também nesta arrespondo aquela carta que veio*mi* enxer meu coração...” (DOC26l9)

c) *Lhe* como acusativo

1. “... que este ano seja de prazer e alegria para ti e os que *lhe* cerca de carinhos.” (DOC1l7)

2. “Roque eu estava tão alegre pensando que estava perto de *lhe* ver...” (DOC3l10)

3. “Vou terminar enviando muita lembrança a companhada de saudade da sua noiva que *lhe* estima de coração e so lhe deseja bem.” (DOC3l28)

4. “termino para não *lhi* aburreçer” (DOC4l18)

5. Faço voto ao bom Jesus que esta cartinha va *lhe* encontra com saúde...” (DOC5l4)

6. “... lembrança e um adeusinho aconpanhado de saudades da sua prima que *lhe* ama...” (DOC5l23)

7. “Eu *lhi* dexei um pouco gripada...” (DOC9l10)

8. “Roque pensava de *lhe* encontra hoje para conversa contigo porem Deus não quis assim...” (DOC30l4)

9. “... se não fosse esto *lhe* esperavam dumingo na fé enganada...” (DOC30l17)

10. “Roque mandei lhe dezer que vinha hoje para Riachão porque e o meu costume e *lhe* avizar...” (DOC30l25)

11. “Roque mandei lhe dizer que vinha hoje pra o Riachão porque era o meu custume e *lhe* avizar...” (DOC31l7)

12. “... se não fosse esto *lhe* esperava dumingo na fé enganada...” (DOC31l19)

13. “... a penas *lhe* esperei conforme vôce mim desse no dia que esteve aqui que nos 15 dias vinha...” (DOC34l9)

14. “... poderá se dar desto por grande carensa mais antes *lhe* avezarei.” (DOC34l14)

15. “... parbens com ardentes votos que faço a Jesus que *lhe* cubra com laços de felicidade...” (DOC37l15)

16. “...quero que você vemha aqui de, até. Hoje até amanhã que eu tenho precizão de *lhe* ver.” (DOC39l4)

17. “... lembrança da sua neta que *lhe* venera.” (DOC48l5)

d) *Lhe* como dativo

1. “... pela consideração que *lhe* tenho.”(DOC2l5)

2. “Peço-*lhe* enfinitas desculpas, entretanto escrevo esta mal...” (DOC2l3)

3. “Faço votos a Deus minino ... ..., que *lhe* conceda com muitas felicidades são os votos da

sua aluna.”(DOC2l7)

4. “Por último as saudades da sua aluna que só *lhe* deseja bem.” (DOC2l12)

5. “Fico rogando a Deus que *lhe* dei saúde...” (DOC3l20)

6. “... e o que *lhe* desejo de coração” (DOC3l21)

7. “Vou terminar enviando muita lembrança a companhada de saudade da sua noiva que lhe estima de coração e so *lhe* deseja bem.” (DOC3l29)

8. “Peço-*lhe* ... pelos erros e as falta que...” (DOC3l47)

9. “meu prazer era ir ate ai, porempor não puder fasso-*lhi* esta vizita.” (DOC4l15)

10. “Peço-*lhe* que desculpe os erros e as faltas que de nada sei.” (DOC5l39)

11. “Desejo-*lhe* milhares de felicidades e tranqüilidades igualmente a todos.” (DOC7l3)

12. “O fim desta é dizendo-*lhe* que recebi a sua carta e fique siente de seus dizeres;...” (DOC7l7)

13. “... e ao mesmo tempó dizendo-*lhe* a palavra sim.” (DOC7l9)

14. “... rogo a Deus que *lhi* dei melhoras i açeiti uma vizita do teu Noivo...” (DOC9l11)

15. “Peço-*lhe* desculpa dos erros e as faltas que são muitas” (DOC10l23)

15. “Peço-*lhe* desculpa dos erros e as fallas que são demais.” (DOC12l19)

16. “Peço-*lhe* desculpa dos erros e as faltas que são muitos e eu não sei escrever.” (DOC17-nota na vertical esquerda)

17. “Roque eu *lhe* disse que iam durmir na casa de Francisquinho...” (DOC20-vertical esquerda)

18. “...pego na minha pena ... para escreve te estas duas linhas dando-*lhe* minhas noticias ...” (DOC22l7)

19. “Peco *lhe* que Desculpe os erros e as faltas que são muitas” (DOC22l23)

20. “... para escrever-te estas duas linhas dando-*lhe* minhas nuticias...” (DOC23l8)

21. “Peço-*lhe* que desculpe os erros e as falta...” (DOC25l25)

22. “Vou por meio destas duas palavras dezer *lhe* que não vou mais o passeio dumingo...” (DOC28l6)

23. “Desejo-*lhe* saúde e felicidades” (DOC30l3)

24. “O fim destas 2 linhas e dizer *lhe* que dumingo erei a casa de Mauricio que já fiz o trato...” (DOC30l14)

25. “Roque mandei *lhe* dezer que vinha hoje para Riachão porque e o meu costume e lhe avizar...” (DOC30l24)

26. “Desejo-*lhe* saude e felicidades.” (DOC31l3)

27. “Roque mandei *lhe* dizer que vinha hoje pra o Riachão porque era o meu custume e lhe avizar...” (DOC31l5)

28. “O fim desta carta e *lhe* dezer que dumingo erei a casa de tio Mauricio...” (DOC31l15)

29. “... pesso-*lhi* que açeiti uma vizita di longe assimesmo” (DOC32l7)

30. “Peso-*lhe* que desculpe os erros e as faltas...” (DOC34-vertical esquerda)

31. “Peço-*lhe* que desculpe os erros e as faltas.” (DOC35l20)

32. “Tio Manuel ofim desta carta E participando-*lhi* que se for posivel quero que seja realisado meu noival...” (DOC36l6)

33. “Desejo-*lhe* saude” (DOC38l3)

34. “Roque avizo-*lhe* que minha viaje em Reachão foi terminada...” (DOC38l4)

35. “Roque faço-te estas duas linhas para *lhe* pedir um favor...” (DOC40l4)

36. “Faço-*lhe* esta duas enviando-lhe o seu Suete Pois desde era para eu mandar...” (DOC41l3)

37. “... enviando-*lhe* o seu Suete Pois desde era para eu mandar...” (DOC41l3)

38. “Ofereço-*lhe* o meu retratinho como lembrança...” (DOC48l2)

e) Pronome lexical em função acusativa

1. “Deus *vois* salve a data 1 de agosto” (DOC12l3)

f) complementos de preposição

1. “... que este novo ano seja de prazer e alegria para *ti* e os que lhe cerca de carinhos.” (DOC1l6)

2. “Adeuzinho acompanhado de muita saudade de *te*.” (DOC3l4)

3. “Saudadi de *ti*” (DOC4-verso no canto superior esquerdo)

4. “Muita saudades de *te*:” (DOC5l2)

5. “sudadi di *ti* meu bem” (DOC8-verso no canto superior esquerdo)

6. “Com fé em Deus e di matar esta saudadi que estou sintindo por *ti*. Sábado. Que vou para o Riachão.” (DOC8l10)

7. “Saudades de *te* meu coração” (DOC10-verso no canto superior esquerdo)

8. “Saudações e saudades e o que eu sinto por *ti*” (DOC10l3)

9. “Verço para *ti*” (DOC10l18)

10. “Muita Saudadi di *ti* Meu Bem” (DOC11-verso no canto superior esquerdo)

11. “Verço para *ti*” (DOC11l16)

12. “Saúdadi di *ti* meu bem” (DOC14-verso no canto superior esquerdo)

13. “Saudade de *te* me querido” (DOC15-verso no canto superior direito)

14. “... das mais ardentes saudades de *te* que pego na minha pena...” (DOC15l9)

15. “... o meu pobre coração que esta tão treste de saudade de *te* que so eu seu como esta” (DOC15l15)

16. “... para mata esta saudade que estou sintindo por *te*” (DOC15l19)

17. “... não posso esquecer um so momento de *te*.” (DOC17l7)

18. “Saudade de *te*” (DOC22-canto superior esquerdo)

19. “Saudadi di *ti* meu bem” (DOC24-canto superior esquerdo)

20. “...*Deus i Eu*, sabem. a saudadi que estou sintindo por *ti*....”(DOC24l10)

21. “... para matar tantas saudades que estou sinlindo por *te*...” (DOC25l17)

22. “...parese que já se esqueseu di *mim*.” (DOC31l13)

23.”Saudade de-*te*” (DOC37l2)

24. “... eu acertei de ir mais comadre Morena ela me prometeu que vai *comigo*.” (DOC12l12)

25. “Roque pensava de lhe encontra hoje para conversa *contigo* porem Deus não quis assim...” (DOC30l5)

26. “... de primeiro voce tinha este gosto mais hoje esta tão deferente *com migo* o que espero e isto mesmo.” (DOC30l27)

27. “Espero de *vos* a resposta,...” (DOC6l18)

28. “... unindo-me a *ela* pelo sagrado lassos do Matrimonio...” (DOC6l12)

29. “... com o coraçao emvocado pelo teu amor que nunca eis di mi afastar di *tu*...” (DOC33l4)

30. “Desejo-lhe milhares de felicidades e tranqüilidades igualmente a *todos*.” (DOC7l5)

31. “... gracas a*o nosso bom Jesus*.” (DOC11l10)

32. “... peco a *todos* os Santos que seja senpre feliz...” (DOC37l17)

33. “Com toda estima oferece à *amiga*” (DOC49l4)

34. “... não pense em falta de tempo em *mim* (DOC27l18)

35. “Roque eu estava tão alegre pensando que estava perto de lhe ver para mata a saudade que

estava de *você*.” (DOC3l11)

36. “Verço para *vôce*” (DOC3l34)

37. “... era uma hora que eu estava tão alegri lembrando *di você*...” (DOC4l8)

38. “Verço para *voçê*” (DOC8l16)

39. “...está paresendo que está com mais de 2 meses que te vir se que para *você* será igual a 2 dias parese que já se esqueseu daqui mesmo” (DOC30l11)

40. “Sei que para *voce* não ruim assim” (DOC30l23)

42. “... para *você* parece que e egual sei que voce não esta triste por passa tantos tempos sem vir aque...” (DOC25l17)

g) Presença de pronome pessoal do caso reto na função de sujeito

1. “*Eu* com os que me pertence bem paz graças a Deus.” (DOC1l8)

2. “... *eu* sinto a falta da tua prezençia.” (DOC3l7)

3. “Roque *eu* estava tão alegre pensando que estava perto de lhe ver...” (DOC3l9)

4. “Era uma hora que *eu* estava tão alegri lembrando di você...” (DOC4l8)

5. “Imagini que praze não tenho *eu.* Em pegar na minha pena para ti escrever.” (DOC8l4)

6. “sim Carlinda *eu* dissi que ia dar um passeio por la houge.” (DOC8l6)

7. “*Eu* tenho meu coração para tiamar que nunca posso esquecer. (DOC9l8)

8. “*Eu* lhi dexei um pouco gripada...” (DOC9l10)

9. “Saudações e saudades e o que *eu* sinto por ti” (DOC10l2)

10. “Carlinda *eu* vou bem melhor gracas ao nosso bom Jesus.” (DOC11l9)

11. “Comadre *eu* acertei de ir para o Riachao de S. Roque...” (DOC12l10)

12. “... eu acertei de ir mais comadre Morena *ela* me prometeu que vai comigo.” (DOC12l11)

13. “Se tiver todos com saude *eu* vou se Deus quezer” (DOC12l13)

14. “Sei que so mato esta saudadi quando *Eu* ti ver.” (DOC14l8)

15. “Sim Carlinda *eu* dessi que ia dar um passeio em tua casa hoje.” (DOC14l9)

16. “sim *eu* arrisulvir er a missão e pusivel çer sexta feira.” (DOC14l14)

17. “... o meu pobre coração que esta tão treste de saudade de te que so *eu* seu como esta” (DOC15l15)

18. “... daqui para sesta feira *eu* estou fazendo tenção er para Riachao e sesta demanhan.” (DOC15l17)

19. “Roque sobe que *tu* levou um lalho...” (DOC15l20)

20. “...estari catisfeita se *eu* pudesse te ver de perto...” (DOC15l22)

21. “Roque manda tua ropa por Francisquinho terça feira que *eu* passo o ferro...” (DOc15l26)

22. “Roque manda tua ropa por Francisquinho terça feira que eu passo o ferro e *tu* recebe no Riachão.” (DOc15l26)

23. “*Eu* grassa a Deus estou com saudi so não estou melhor porque não posso esta di Junto do meu querido amor.” (DOC16l10)

24. “Sim Carlinda eu não fui dar um passeio houje em tua casa porque fui obrigado er uma viagem” (DOC16l14)

25. “...de segunda feira pra ca *Eu* vou indo no natural...” (DOC17l9)

26. “Peço-lhe desculpa dos erros e as faltas que são muitos e *eu* não sei escrever.” (DOC17-nota na vertical esquerda)

27. “Estava *eu* mirando as rozas foi quando chegou a feliçidadi em menhas mãos...” (DOC18l9)

28. “... so não fui milhor por cauzo da saudadi q *eu* estava i estar mi matando.” (DOC18l13)

29. “... *eu* lhe disse que iam para casa de Francisquinho sábado mais terminei não er...”

(DOC19l11)

30. “Roque *eu* lhe disse que iam durmir na casa de Francisquinho...” (DOC20-vertical esquerda)

31. “Comadre o fim desta e para saber se *tu* vai dia de ano para Reachão...” (DOC21l6)

32. “... mande dezer sempre que se *tu* tever em casa eu vou la quarta feira...” (DOC21l8)

33. “... se tu tever em casa *eu* vou la quarta feira...” (DOC21l8)

34. “...eu vou la quarta feira que *eu* estou com vontade de ir a Missa dia de Reis...” (DOC21l

35. “... quero saber se *tu* pode er comigo ou não, quero er sabado e voltar segunda feira...” (DOC21l9)

36. “... caso *tu* não va para Reachão acertamos dereito.” (DOC21l12)

37. “... se continuar assim, *nois* eremos a Missa...” (DOC21l15)

38. “*Eu* vo indo como Deus e servido com esta vida sem gosto...” (DOC22l12)

39. “Morena se Deus me de licença de dumingo a 8 *eu* vou dar um passeio em sua casa...” (DOC22l14)

40. “... Desus ajuda que *ele* goze melhora...” (DOC22l16)

41. “Desus ajuda que ele goze melhora e *nois* todos teremos descanso.” (DOC22l17)

42. “*Eu* vo indo como Deus e servido com esta vida sem gosto...” (DOC23l12)

43. “... de dumingo o 8 *eu* vou dar um passeio em sua casa...” (DOC22l15)

44. “...*Deus i Eu*, sabem. a saudadi que estou sintindo por ti....”(DOC24l9)

45. “... minha natureza não dar para *eu* ver tio Mago como ele estar...” (DOC24l13)

46. “... minha natureza não dar para eu ver tio Mago como *ele* estar...” (DOC24l14)

47. “... mais Deus e di nos ajudar que *ele* fica bom Já si Deus quezer” (DOC24l15)

48. “... e *noizs* vamos matar esta saudadi sim Eu estou esperando dumingo...” (DOC24l17)

49. “... e noizs vamos matar esta saudadi sim *Eu* estou esperando dumingo...” (DOC24l18)

50. “Roque *eu* tenho lanto prazer em te escrever...” (DOC25l6)

51. “...assim tambem terarar *eu*; pegar em minha rudi pena para ti fazer um carta.” (DOC26l5)

52. “Sim Carlinda *eu* dissi que ia la domingo e não fui pôr mutivo di Bihia ter piorado do pe,...” (DOC26l11)

53. “... pençêi que *tu* viesse para casa dela....” (DOC26l14)

54. “...depois perguntei a Mirga *ele* mi dissi que tu não tinha vindo” (DOC26l17)

55. “...depois perguntei a Mirga ele mi dissi que *tu* não tinha vindo” (DOC26l17)

56. “... *nois* so discança nossos coraçãoes quando nois estiver jutinho...” (DOC27l6)

57. “... nois so discança nossos coraçãoes quando *nois* estiver jutinho...” (DOC27l7)

58. “... fiquei muito satisfeito em *tu* ter a dilizadeiza de mi participar que ia para o Riachão...”(DOC27l11)

59. “... Já ovi uma Levi nutiçia que *tu* não vai mais querdizer não sobi com certeza” (DOC27l14)

60. “... sim não penci que *Eu* esqueci di er ai...” (DOC27l17)

61. “Carlinda fasso estas duas linha para arresponder a quela delicada cartinha que veio-mi encher meu i feliçidadi i *nos* êi di continuar...” (DOC29l8)

62. “Sim fiquei sienti sobri o Passeio que *tu* não foi...” (DOC29l12)

63. “...a viajem foi desmanchada na ultima hora na deu tempo de dezavizar a Francisquinho que *ele* teve o trabalho de vir por aqui.” (DOC30l8)

64. “Adeus ate *nois* nos ver.” (DOC30l19)

65. “Adeus ate *nois* nos ver.” (DOC31l23)

66. “Carlinda *Eu* fiz o plano de ir ai hoJi mais não foi possivel...” (DOC32l9)

67. “Sim Carlinda *Eu* estava di plano feito para er la dumingo mais sôbi que voceis ia para casa de Izac por isto que não fui” (DOC33l6)

68. “...vôce não veio aqui dumingo porque sobe que *eu* iam para casa de Izaac sendo que eu não teve esta conversa...” (DOC34l7)

69. “...vôce não veio aqui dumingo porque sobe que eu iam para casa de Izaac sendo que *eu* não teve esta conversa...” (DOC34l8)

70. “para mim, no dia que *tu* me diz que vem aqui não tenho passeio...” (DOC34l11)

71. “...no dia que tu me diz que vem aqui não tenho passeio inda mesmo que *tu* não venha...” (DOC34l12)

72. “Roque *eu* te desse que era possevel er para Reachão de S. Jose mais não vou...” (DOC34l18)

73. “Roque *eu* te disse que iam a reza da Roça do Alto amanhã...” (DOC35l9)

74. “... está terminada a viajem que sobe que Inêz esta muito duente, tenha feito trato com comadre Ana para *nois* ir junto...” (DOC35l11)

75. “...quero que você vemha aqui de, até. Hoje até amanhã que *eu* tenho precizão de lhe ver.” (DOC39l3)

76. “... pois Desde era para *eu* mandar por Ana e me passou” (DOC41l4)

77. “... se *tu* não for mande me dizer...” (DOC21l7)

78. “...se *tu* tiver em casa...” (DOC21l8)

79. “Sim Carlinda Eu estava di plano feito para er la dumingo mais sôbi que voceis ia para casa de Izac por isto que não fui” (DOC33l8)

80. “Roque se vôce quizer seu chapéu que esta aque mande me dezer por Francisquinho para eu leva para Riachão.” (DOC3l50)

81. “... fiquei muito satisfeito em tu ter a dilizadeiza de mi participar que ia para o Riachão...”(DOC27l11)

82. “... pois Desde era para eu mandar por Ana e me passou” (DOC41l4)

83. “Roque se *vôce* quizer seu chapéu...” (DOC3l48)

84. “Tenho fé em Deus que *vôce* é de ficar bom para er para Reachão sábado...” (DOC3l21)

85. “... ave Maria que *você* não vá...” (DOC3l24)

86. “... eu estava aqui lembrando di você foi quando sobe que *vose* esta duenti não tenho tido mais aligria.” (DOC4l10)

87. “... arricibi a tua adorada cartinha a qual veio me dar grande prazer em ver que *voce* lembras-te de mim.” (DOC5l9)

88. “Roque *vôçe* não avalia as saudades que emvade o meu coração de dumingo para ca...” (DOC10l8)

89. “... sei que *voce* não esta triste por passa tantos tempos sem vir aque...” (DOC25l18)

90. “... e o meu pouco saber *voce* deve releva.”(DOC25l25)

91. “... mas meu pensar so dava era que *voce* não vinha...” (DOC30l26)

92. “... de primeiro *voce* tinha este gosto mais hoje esta tão deferente com migo o que espero e isto mesmo.” (DOC30l26)

93. “... o meu custume e lhe avizar mais meu pensar so dava que *você* não vinha” (DOC31l8)

94. “Carlinda como vai q sobi q *voçe* esteve duente.” (DOC32l5)

95. “... i mesmo não forcei a ir la hoJi porq não tinha certesa si *voçe* tinha ficado bôa di tudo.” (DOC32l14)

96. “Roque fequei pensativa em saber que *vôce* não veio aqui dumingo...” (DOC34l7)

97. “... a penas lhe esperei conforme *vôce* mim desse no dia que esteve aqui que nos 15 dias

vinha...” (DOC34l10)

98. “Roque se for possivel quero que *você* vemha aqui de, até. Hoje até amanhã...” (DOC39l2)

99. “... quero que *você* va levar esta custura em Candeal...” (DOC40l4)

100. . “... ave Maria que vôce não vá que para mim faltando *vôce* faltou todo mundo” (DOC3l25)

101. “Sim Carlinda Eu estava di plano feito para er la dumingo mais sôbi que voceis ia para casa de Izac por isto que não fui” (DOC33l8)

h) *Você* realizado na função de sujeito

1. “Roque se *vôce* quizer seu chapéu...” (DOC3l48)

2. “Tenho fé em Deus que *vôce* é de ficar bom para er para Reachão sábado...” (DOC3l21)

3. “... ave Maria que *você* não vá...” (DOC3l24)

4. “... eu estava aqui lembrando di você foi quando sobe que *vose* esta duenti não tenho tido mais aligria.” (DOC4l10)

5. “... arricibi a tua adorada cartinha a qual veio me dar grande prazer em ver que *voce* lembras-te de mim.” (DOC5l9)

6. “Roque *vôçe* não avalia as saudades que emvade o meu coração de dumingo para ca...” (DOC10l8)

7. “... sei que *voce* não esta triste por passa tantos tempos sem vir aque...” (DOC25l18)

8. “... e o meu pouco saber *voce* deve releva.”(DOC25l25)

9. “... mas meu pensar so dava era que *voce* não vinha...” (DOC30l26)

10. “... de primeiro *voce* tinha este gosto mais hoje esta tão deferente com migo o que espero e isto mesmo.” (DOC30l26)

11. “... o meu custume e lhe avizar mais meu pensar so dava que *você* não vinha” (DOC31l8)

12. “Carlinda como vai q sobi q *voçe* esteve duente.” (DOC32l5)

13. “... i mesmo não forcei a ir la hoJi porq não tinha certesa si *voçe* tinha ficado bôa di tudo.” (DOC32l14)

14. “... mas sôbi que voceis ia para casa de Izac...” (DOC33l8)

15. “Roque fequei pensativa em saber que *vôce* não veio aqui dumingo...” (DOC34l7)

16. “... a penas lhe esperei conforme *vôce* mim desse no dia que esteve aqui que nos 15 dias vinha...” (DOC34l10)

17. “Roque se for possivel quero que *você* vemha aqui de, até. Hoje até amanhã...” (DOC39l2)

18. “... quero que *você* va levar esta custura em Candeal...” (DOC40l4)

19. . “... ave Maria que vôce não vá que para mim faltando *vôce* faltou todo mundo” (DOC3l25)

20. “Sim Carlinda Eu estava di plano feito para er la dumingo mais sôbi que voceis ia para casa de Izac por isto que não fui” (DOC33l8)

i) *Tu* realizado na função de sujeito

1. “Roque sobe que *tu* levou um lalho...” (DOC15l20)

2. “Roque manda tua ropa por Francisquinho terça feira que eu passo o ferro e *tu* recebe no Riachão.” (DOc15l26)

3. “Comadre o fim desta e para saber se *tu* vai dia de ano para Reachão...” (DOC21l6)

4. “... mande dezer sempre que se *tu* tever em casa eu vou la quarta feira...” (DOC21l18)

5. “... quero saber se *tu* pode er comigo ou não, quero er sabado e voltar segunda feira...” (DOC21l9)

6. “... caso *tu* não va para Reachão acertamos dereito.” (DOC21l12)

7. “... pençêi que *tu* viesse para casa dela....” (DOC26l14)

8. “...depois perguntei a Mirga ele mi dissi que *tu* não tinha vindo” (DOC26l17)

9. “... fiquei muito satisfeito em *tu* ter a dilizadeiza de mi participar que ia para o Riachão...”(DOC27l11)

10. “... Já ovi uma Levi nutiçia que *tu* não vai mais querdizer não sobi com certeza” (DOC27l14)

11. “Sim fiquei sienti sobri o Passeio que *tu* não foi...” (DOC29l12)

12. “para mim, no dia que *tu* me diz que vem aqui não tenho passeio...” (DOC34l11)

13. “...no dia que tu me diz que vem aqui não tenho passeio inda mesmo que *tu* não venha...” (DOC34l12)

14. “... se *tu* não for mande me dizer...” (DOC21l7)

j)Ausência de pronome pessoal do caso reto na função de sujeito

1. “ Neste felizes momento que __ pego em minha rude pena...” (DOC1l3)

2. “ Como __ passaste amiguinha com os teus? ” (DOC1l8)

3. “__ Vou concluir enviando lembrança bihia Joana...” (DOC1l10)

4. “... __ escrevo esta mal traçadas linhas...” (DOC2l4)

5. “... pela consideração que __ lhe tenho.” (DOC2l5)

6. “__Faço votos a Deus Minino pela entrada do Ano Novo, que lhe conceda com muitas felicidades são os votos da sua aluna.” (DOC2l6)

7. “__ Envio lembranças de Zifinha Morena Albertina...” (DOC2l9)

8. “Roque eu estava tão alegre pensando que estava perto de lhe ver para a saudade que __ estava de você.” (DOC3l11)

9. “Foi quando Francisquinho chegou com sua adorada cartinha dizendo que __ não vinha mais...” (DOC3l13)

10. “... sua adorada cartinha dizendo que não vinha mais que __ estava duente no mesmo momento meu coração encheu de tristeza.”(DOC3l14)

11. “__ Fico rogando a Deus que lhe dei saúde...” (DOC3l20)

12. “__ Vou terminar enviando muita lembrança a companhada de saudade...” (DOC3l26)

13. “querida Carlinda pela primeira vez que __ pego na minha fraca pena...” (DOC4l4)

14. “... eu estava aqui lembrando di você foi quando __ sobe que vose esta duenti não tenho tido mais aligria.” (DOC4l10)

15. “Roque se você quizer seu chapéu que esta aque __ mande me dezer...” (DOC3l49)

16. “... eu estava aqui lembrando di você foi quando sobe que vose esta duenti __ não tenho tido mais aligria.” (DOC4l10)

17. “e __ fico rogando a Deus que ti dei milhora.” (DOC4l16)

18. “__ termino para não lhi aburreçer” (DOC4l18)

19. “termino para não lhi __ aburreçer” (DOC4l18)

20. “__ Faço voto ao bom Jesus que esta cartinha va lhe encontra com saúde...” (DOC5l3)

21. “Olha __ não ser provar-te o meu contentamento,...” (DOC5l6)

22. “... que __ tive quando arrecibi a tua adorada cartinha...” (DOC5l7)

23. “... que tive quando __ arrecibi a tua adorada cartinha...” (DOC5l7)

24. “__ Não tenho abituação nececaria para o bem saber da minha pena.” (DOC5l10)

25. “Como __ não egnoraste porem sinto-me tão feliz em possuir tua amável cartinha...” (DOC5l11)

26. “... __ sinto-me tão feliz em possuir tua amável cartinha...” (DOC5l12)

27. “... __ faço tudo pussivel para demostra-te os meus senceros afetos...” (DOC5l13)

28. “... para demostrar-te os meus senceros afetos para provar-te que __ não es esquecido por

mim.” (DOC5l16)

29. “Graças ao bom Deus __ fiqei bôa...” (DOC5l20)

30. “__ Vôu terminar enviando lembrança...” (DOC5l21)

31. “... por meio destas mal trasadas linhas. __ venho com respeito comunicar-vos que a tempos...” (DOC6l5)

32. “... a tempos que __ venho comsagrando amizadi a vossa quirida filha Carlinda.” (DOC6l7)

33. “... e e justamente por esto que __ vos fasso hôge esta comunicação.” (DOC6l14)

34. “e ao mesmo tempo, __ vos pesso o aludido consintimento.” (DOC6l17)

35. “__ Desejo-lhe milhares de felicidades e tranqüilidades igualmente a todos.” (DOC7l3)

36. “O fim desta é dizendo-lhe que __ recebi a sua carta e fique siente de seus dizeres;...” (DOC7l7)

37. “O fim desta é dizendo-lhe que recebi a sua carta e __ fique siente de seus dizeres;...” (DOC7l7)

38. “sim Carlinda eu dissi que __ ia dar um passeio por la houge.” (DOC8l6)

39. “... Porem não __ posso er. Porque estôu duenti.” (DOC8l8)

40. “... Porem não posso er. Porque __ estôu duenti.” (DOC8l8)

41. “Com fé em Deus __ e di matar esta saudadi que estou sintindo por ti. Sábado. Que vou para o Riachão.” (DOC8l9)

42. “Com fé em Deus e di matar esta saudadi que __ estou sintindo por ti. Sábado. Que vou para o Riachão.” (DOC8l10)

43. “... Sábado. Que __ vou para o Riachão.” (DOC8l10)

44. “__ Sinto-mi bastante alegre ao fazer-te esta Cartinha.” (DOC9l3)

45. “Eu tenho meu coração para tiamar que nunca __ posso esquecer. (DOC9l8)

46. “... rogo a Deus que lhi dei melhoras i __ açeiti uma vizita do teu Noivo...” (DOC9l12)

47. “Na hora em que __ chego na janela para contempla o céu e variedades de seus matezes desejaria sabe se o teu olhar...” (DOC10l4)

48. “Na hora em que chego na janela para contempla o céu e variedades de seus matezes __ desejaria sabe se o teu olhar...” (DOC10l5)

49. “... por este mutivo __ faço-te esta mal feita carta...”(DOC10l9)

50. “Roque vôçe não avalia as saudades que emvade o meu coração de dumingo para ca por este mutivo faço-te esta mal feita carta para saber como __ vai de dumingo para ca que te deixei bastante gripado e não teve nutica se melhorou. ou não ...” (DOC10l10)

51. “... dumingo para ca que te __ deixei bastante gripado e não teve nutica se melhorou. ou não ...” (DOC10l11)

52. “... dumingo para ca que te deixei bastante gripado e não __ teve nutica se melhorou. ou não ...” (DOC10l11)

53. “... dumingo para ca que te deixei bastante gripado e não teve nutica se __ melhorou. ou não ...” (DOC10l11)

54. “__ Termino enviando recomedacoes e um saudoso adeuzinho da tua firme noiva...” (DOC10l14)

55. “Quando __ recibe a sua delicada cartinha que veio me dar bastante prazer...” (DOC11l4)

56. “... sua delicada cartinha que veio me dar bastante prazer em ver que não __ esquece de mim.” (DOC11l6)

57. “Sim __ recibe a sua visita...” (DOC11l7)

58. “Depois que __ recibe a tua carta...” (DOC11l11)

59. “... __ fiquei tão satisfeito; que gozei bôa melhora” (DOC11l12)

60. “... fiquei tão satisfeito; que __ gozei bôa melhora” (DOC11l12)

61. “Sim, não mi esperi dumingo que não __ posso ir” (DOC11l24)

62. “Antes de tudo __ envio meu...” (DOC12l2)

63. “... não pudendo __ posso te ver de perto para dar te meus parabens...” (DOC12l5)

64. “... __ vou por meio desta malfeita carta enviar meus cincerios parabéns...” (DOC12l6)

65. “... pelo dia de hoje tão feliz __ envio te esta D...” (DOC12l7)

66. “__ Faço voto a Nossa S. da Conseção para que seja Sempre feliz com todos teus...” (DOC12l8)

67. “Faço voto a Nossa S. da Conseção para que __ seja Sempre feliz com todos teus...” (DOC12l8)

68. “... eu acertei de ir mais comadre Morena ela me prometeu que __ vai comigo.” (DOC12l11)

69. “__ vou terminar enviando lembraça para todos da bôa casa.” (DOC12l14)

70. “... __ dezeijo que seija feliz ao lado de todos teus” (DOC13l8)

71. “... dezeijo que __ seija feliz ao lado de todos teus” (DOC13l8)

72. “Carlinda __ lanço a mão a minha pena com o coração traspasado...” (DOC14l4)

73. “__ Sei que so mato esta saudadi quando Eu ti ver.” (DOC14l7)

74. “Sei que so __ mato esta saudadi quando Eu ti ver.” (DOC14l7)

75. “Sim Carlinda eu dessi que __ ia dar um passeio em tua casa hoje.” (DOC14l9)

76. “... Mais não pudendo er __ fasso estas duas linha pidindo a Deus que te encontre gozando felicidade...” (DOC14l11)

77. “__ Envio um adeuzinho em companhia de muita saudade com votos de felicidades.” (DOC15l6)

78. “... das mais ardentes saudades de te que __ pego na minha pena...” (DOC15l9)

79. “... tua estimada cartinha que veio descancar mais o meu pensamento que __ sobe tuas notiçia...” (DOC15l12)

80. “__ Desejaria ser um passarinho para chegar ate air para te vê de perto...” (DOC15l13)

81. “Roque __ sei que não tenho o prazer de te ver daqui para sesta feira eu estou fazendo tenção er para Riachao e sesta demanhan.” (DOC15l16)

82. “Roque sei que não __ tenho o prazer de te ver...” (DOC15l16)

83. “__ Ei te ver la se Deus quizer para mata esta saudade que estou sintindo por te” (DOC15l18)

84. “... para mata esta saudade que __ estou sintindo por te” (DOC15l19)

85. “Roque __ sobe que tu levou em lalho...” (DOC15l20)

86. “... tu levou um lalho Francisquinho me disse que __ foi pequeno mais não me conformei com isto...” (DOC15l21)

87. “... tu levou um lalho Francisquinho me disse que foi pequeno mais não me __ conformei com isto...” (DOC15l21)

88. “... __ estari catisfeita se eu pudesse te ver de perto...” (DOC15l21)

89. “... não pudendo ir __ envio esta carta e fico fazendo voto a Nossa Senhora...” (DOC15l22)

90. “... não pudendo ir envio esta carta e __ fico fazendo voto a Nossa Senhora...” (DOC15l22)

91. “__ Vou terminar enviando lembrança em companhia de saudade da tua noiva...” (DOC15l27)

92. “Tão feliz e o momento que ti __ escrevo...” (DOC16l4)

93. “Carlinda __ fasso estas mal trassadas linhas rogando...” (DOC16l6)

94. “Eu grassa a Deus __ estou com saudi so não estou melhor porque não posso esta di Junto

do meu querido amor.” (DOC16l10)

95. “Eu grassa a Deus estou com saudi so não __ estou melhor porque não posso esta di Junto do meu querido amor.” (DOC16l11)

96. “Eu grassa a Deus estou com saudi so não estou melhor porque não __ posso esta di Junto do meu querido amor.” (DOC16l12)

97. “Sim Carlinda eu não fui dar um passeio houje em tua casa porque __ fui obrigado er uma viagem” (DOC16l16)

98. “Antes de tudo __ envio um adeuzinho em companhia de saudades...” (DOC17l2)

99. “__ Sento prazer no feliz momente que desejo-te esta cartinha...” (DOC17l4)

100. “Sento prazer no feliz momente que __ desejo-te esta cartinha...” (DOC17l4)

101. “... desejo-te esta cartinha porque __ vejo diante dos meus alhos o teu adorado nome...” (DOC17l5)

102. “... o teu adorado nome que foi adotado na enfancia na hora mais feliz do mundo que __ não posso esquecer um so momento de te.” (DOC17l7)

103. “... sentindo saudade do querio noivo que __ amo de coração...” (DOC17l10)

104. “Então como __ foi de passeio no certão bem não gostou bastante não foi?” (DOC17l12)

105. “Então como foi de passeio no certão bem não __ gostou bastante não foi?” (DOC17l13)

106. “__ Termino enviando o saudoso adeus da tua firme noiva...” (DOC17l14)

107. “Carlinda __ louvo a Deus a feliçidadi di gozar do teu amor:...” (DOC18l3)

108. “... quando __ arriçibir tua Estimada cartinha qui veio aluminar...” (DOC18l6)

109. “...sim __ fui muito bem de passeio...” (DOC18l11)

110. “... so não __ fui milhor por cauzo da saudadi q eu estava i estar mi matando.” (DOC18l12)

111. “__ espero em Deus que domingo eis di matar esta saudadi.” (DOC18l13)

112. “espero em Deus que domingo __ eis di matar esta saudadi.” (DOC18l14)

113. “Por meio desta __ venho visto não poder fazer em pessôa vois trago os maiss sinceros parabéns...” (DOC19l3)

114. “...__ vois trago os maiss sinceros parabéns pela data fontosa que hoje faca em que comemorais o vosso aniversario.” (DOC19l3)

115. “... vois trago os maiss sinceros parabéns pela data fontosa que hoje faca em que __ comemorais o vosso aniversario.” (DOC19l5)

116. “__ Faço voto... e ao mesmo tempo responder a sua...” (DOC19l5)

117. “__ Sou das mais adimiradoura das qualidades que ornamenta o vosso coração e espirito...” (DOC19l8)

118. “E pois __ esto com verdadeira aligria que vejo...” (DOC19l9)

119. “E pois esto com verdadeira aligria que __ vejo surger...” (DOC19l9)

120. “... no aconschego da família __ gosais da felicidade a quem tem dereito os bons e os justos” (DOC19l10)

121. “... eu lhe disse que iam para casa de Francisquinho sábado mais __ terminei não er...” (DOC19l11)

122. “__ terminar enviando lembrança em companhia de saudades da tua diminuta prima que tanto te estima” (DOC19l13)

123. “Desculpe os erros e as faltas que de nada __ sei” (DOC19l18)

124. “... vos __ trago os meus senceros parabéns pela data fontosa que hoje faça em que comemorais o vosso aniversário natalício.” (DOC20l4)

125. “... parabéns pela data fontosa que hoje faça em que __ comemorais o vosso aniversário natalício.” (DOC20l5)

126. “__ Sou das mais adimiradouras das qualidades que ornamenta o vosso coração e o espito.” (DOC20l8)

127. “E com verdadeira alegria que __ vejo surgir este dia...” (DOC20l10)

128. “...onde no aconchego da família __ gosais da felicidades...” (DOC20l11)

129. “__ Aproveito a oportunidade para aprezentar os protestos da minha ...”(DOC20l13)

130. “ __ Desejo que tenha sedo feliz com a festa de Natal...” (DOC21l3)

131. “Desejo que __ tenha sedo feliz com a festa de Natal...” (DOC21l3)

132. “... são os votos que __ faço a Jesus.” (DOC21l4)

133. “... se tu não for mande me dezer e se __ for mande dezer sempre...” (DOC21l7)

134. “... __ quero saber se tu pode er comigo ou não, quero er sabado e voltar segunda feira...” (DOC21l9)

135. “... __ quero er sabado e voltar segunda feira...” (DOC21l10)

136. “... não __ sei ainda dereito...” (DOC21l11)

137. “... serto assim mais te __ avizo com vespa quarta feira caso tu não va para Reachão...” (DOC21l12)

138. “... caso tu não va para Reachão __ acertamos dereito.” (DOC21l13)

139. “__Vou terminar enviando lembrança de todos meus para todos teus...” (DOC21l17)

140. “... __pego na minha pena ... para escreve te ...” (DOC22l6)

141. “Então como __ vai do dia 6 para ca...?” (DOC22l10)

142. “... com esta vida sem gosto conforme __ merecemos a Deus” (DOC22l12)

143. “__ Vou terminar enviando lembrança em canpanhia de saudades da tua prima...” (DOC22l18)

144. “e com o coração triste saudade que __ pego na minha pena para escrever-te estas duas

linhas...” (DOC23l7)

145. “Então como __ vai do dia 6 para ca...? (DOC23l11)

146. “... com esta vida sem gosto conforme __ merecemos a Deus” (DOC23l13)

147. “__ Vou terminar enviando lembrança em companhia de saudade da tua diminuta noiva...” (DOC23l16)

148. “Desculpe os erros e as faltas que já não __ sei e foi feita com preça.” (DOC23l21)

149. “Desculpe os erros e as faltas que já não sei e __ foi feita com preça.” (DOC23l21)

150. “Foi quando __ arrecebir uma idolatrada carta que veio aluminar meu fiel coração ...” (DOC24l5)

151. “...*Deus i Eu*, sabem. a saudadi que __ estou sintindo por ti....”(DOC24l10)

152. “E do entimo da alma __ desejo esta segneficantes linhas o fim de obeter as tuas que par mim são bastante desejada” (DOC25l4)

153. “Roque eu tenho lanto prazer em te escrever que quando __ pego na minha rude pena...” (DOC25l7)

154. “... felicidades e o que de coração te __ desejo e a todos da boa casa aquém respeitosamente vizito.” (DOC25l9)

155. “... felicidades e o que de coração te desejo e a todos da boa casa aquém respeitosamente __ vizito.” (DOC25l10)

156. “Como __ passaste do dia que te vi para ca...?” (DOC25l11)

157. “Como passaste do dia que te __ vi para ca...?” (DOC25l11)

158. “__ Desejo que sem.” (DOC25l12)

159. “Roque __ estou com muita vontade de ir ao Reachão pela Páscoa...” (DOC25l13)

160. “... se Deus não mandar o contrario __ erei da manhãn a 15...” (DOC25l15)

161. “__ Espero que nos enconter la para matar tantas saudades que estou sinlindo...” (DOC25l15)

162. “Espero que nos enconter la para matar tantas saudades que __ estou sinlindo...” (DOC25l16)

163. “...__ sei que voce não esta triste por passa tantos tempos sem vir aque...” (DOC25l18)

164. “__ Vou terminar enviando lembrança eum forte adeus...” (DOC25l20)

165. “...e também nesta __ arrespondo aquela carta que veiomi enxer meu coração...” (DOC26l8)

166. “Sim Carlinda eu dissi que __ ia la domingo e não fui p^or mutivo di Bihia ter piorado do pe,...” (DOC26l11)

167. “Sim Carlinda eu dissi que ia la domingo e não __ fui p^or mutivo di Bihia ter piorado do pe,...” (DOC26l12)

168. “... __ pençêi que tu viesse para casa dela....” (DOC26l14)

169. “...ainda __ fiz o plano de ir para la. a tardi...” (DOC26l15)

170. “...depois __ perguntei a Mirga ele mi dissi que tu não tinha vindo” (DOC26l16)

171. “... __ não çei quando descançarei meu fiel coração...” (DOC27l3)

172. “... não çei quando __ descançarei meu fiel coração...” (DOC27l4)

173. “Sim Carlinda __ arreçibir uma idolatrada cartinha tua...”(DOC27l9)

174. “Sim Carlinda arreçibir uma idolatrada cartinha tua __ fiquei muito satisfeito em tu ter a dilizadeiza de mi participar que ia para o Riachão...”(DOC27l10)

175. “... fiquei muito satisfeito em tu ter a dilizadeiza de mi participar que __ ia para o Riachão...”(DOC27l12)

176. “... __ estou sienti agora Já ovi uma Levi nutiçia que tu não vai mais querdizer não sobi com certeza” (DOC27l12)

177. “... estou sienti agora __ Já ovi uma Levi nutiçia que tu não vai mais querdizer não sobi com certeza” (DOC27l13)

178. “... Já ovi uma Levi nutiçia que tu não vai mais querdizer não __ sobi com certeza” (DOC27l15)

179. “__ Termino eviando lembrança do Teu noivo que ti ... Fermi ate a morti” (DOC27l19)

180. “__ Vou por meio destas duas palavras dezer lhe que não vou mais o passeio dumingo...” (DOC28l5)

181. “Vou por meio destas duas palavras dezer lhe que não __ vou mais o passeio dumingo...” (DOC28l6)

182. “... não __ sei que dia irei agora Deus e quem sabe.” (DOC28l6)

183. “... não sei que dia __ irei agora Deus e quem sabe.” (DOC28l7)

184. “Adeuzinho com o coração cheio di Amor i feliçidadi que sempri __ êi di ti amar por todos momento.” (DOC29l3)

185. “Carlinda __ fasso estas duas linha para arresponder a quela delicada cartinha...” (DOC29l5)

186. “Sim __ fiquei sienti sobri o Passeio que tu não foi...” (DOC29l11)

187. “__ Desejo-lhe saúde e felicidades” (DOC30l3)

188. “Roque __ pensava de lhe encontra hoje para conversa contigo porem Deus não quis assim...” (DOC30l4)

189. “Roque para mim esta paresendo que está com mais de 2 meses que te __ vir...”(DOC30l10)

190. “...está paresendo que está com mais de 2 meses que te vir __ se que para você será igual a 2 dias parese que já se esqueseu daqui mesmo” (DOC30l10)

191. “...está paresendo que está com mais de 2 meses que te vir se que para você será igual a 2 dias parese que já se __ esqueseu daqui mesmo” (DOC30l11)

192. “O fim destas 2 linhas e dizer lhe que dumingo __ erei a casa de Mauricio que já fiz o trato...” (DOC30l14)

193. “O fim destas 2 linhas e dizer lhe que dumingo erei a casa de Mauricio que já __ fiz o trato...” (DOC30l15)

194. “...já fiz o trato a mais de 8 dias não __ poso desmanchar se não há queixa...” (DOC30l15)

195. “...já fiz o trato a mais de 8 dias não poso desmanchar se não há queixa se não fosse esto lhe __ esperavam dumingo na fé enganada...” (DOC30l17)

196. “... se não fosse esto lhe esperavam dumingo na fé enganada porem __ sou obrigada iri este passeio...” (DOC30l18)

197. “Desculpe os erros e as faltas que não __ sei e foi com presa.” (DOC30l22)

198. “__ Sei que para voce não ruim assim” (DOC30l23)

199. “Roque __ mandei lhe dezer que vinha hoje para Riachão porque e o meu costume e lhe avizar...” (DOC30l24)

200. “Roque mandei lhe dezer que __ vinha hoje para Riachão porque e o meu costume e lhe avizar...” (DOC30l24)

201. “... de primeiro voce tinha este gosto mais hoje __ esta tão deferente com migo o que espero e isto mesmo.” (DOC30l27)

202. “... de primeiro voce tinha este gosto mais hoje esta tão deferente com migo o que __ espero e isto mesmo.” (DOC30l28)

203. “Roque __ mandei lhe dizer que vinha hoje pra o Riachão porque era o meu custume e lhe avizar...” (DOC31l5)

204. “Roque mandei lhe dizer que __ vinha hoje pra o Riachão porque era o meu custume e lhe avizar...” (DOC31l7)

205. “...parese que já se __ esqueseu di mim.” (DOC31l13)

206. “O fim desta carta e lhe dezer que dumingo __ erei a casa de tio Mauricio...” (DOC31l15)

207. “O fim desta carta e lhe dezer que dumingo erei a casa de tio Mauricio que já __ fez o trato a mais de 8 dias...” (DOC31l16)

208. “... erei a casa de tio Mauricio que já fez o trato a mais de 8 dias não __ posso desmanchar...” (DOC31l17)

209. “... se não fosse esto lhe __ esperava dumingo na fé enganada...” (DOC31l19)

210. “... porem __ sou obrigada ir este passeio...” (DOC31l20)

211. “Carlinda como __ vai q sobi q voçe esteve duente.” (DOC32l5)

212. “Carlinda como vai q __ sobi q voçe esteve duente.” (DOC32l5)

213. “... __ pesso-lhi que açeiti uma vizita di longe assimesmo” (DOC32l7)

214. “... pesso-lhi que __ açeiti uma vizita di longe assimesmo” (DOC32l7)

215. “...não foi possível que __ estou deunti...” (DOC32l11)

216. “... i mesmo não __ forcei a ir la hoJi porq não tinha certesa si voçe tinha ficado bôa di tudo.” (DOC32l12)

217. “... i mesmo não forcei a ir la hoJi porq não __ tinha certesa si voçe tinha ficado bôa di tudo.” (DOC32l13)

218. “... com o coraçao emvocado pelo teu amor que nunca __ eis di mi afastar di tu...” (DOC33l4)

219. “Sim Carlinda Eu estava di plano feito para er la dumingo mais __ sôbi que voceis ia para casa de Izac por isto que não fui” (DOC33l8)

220. “Sim Carlinda Eu estava di plano feito para ____er la dumingo mais sôbi que voceis ia para casa de Izac por isto que não fui” (DOC33l8)

221. “Sim Carlinda Eu estava di plano feito para er la dumingo mais sôbi que voceis ia para casa de Izac por isto que não ___fui” (DOC33l8)

222. “Sim Carlinda Eu estava di plano feito para er la dumingo mais sôbi que voceis ia para casa de Izac por isto que não __ fui” (DOC33l10)

223. “__ termino eviando lembrança acompanhada di saudade do teu noivo firmi” (DOC33l11)

224. “Ao mesmo tempo __ respondo sua carta.” (DOC34l5)

225. “Roque __ fequei pensativa em saber que vôce não veio aqui dumingo...” (DOC34l6)

226. “Roque fequei pensativa em saber que vôce não veio aqui dumingo porque __ sobe que eu iam para casa de Izaac...” (DOC34l7)

227. “sendo que eu não teve esta conversa com neguem, a penas lhe __ esperei conforme vôce mim desse no dia que esteve aqui que nos 15 dias vinha...” (DOC34l9)

228. “... a penas lhe esperei conforme vôce mim desse no dia que __ esteve aqui que nos 15 dias vinha...” (DOC34l10)

229. “... vôce mim desse no dia que esteve aqui que nos 15 dias __ vinha...” (DOC34l11)

230. “para mim, no dia que tu me diz que __ vem aqui não tenho passeio...” (DOC34l11)

231. “para mim, no dia que tu me diz que vem aqui não __ tenho passeio...” (DOC34l12)

232. “... poderá se dar desto por grande carensa mais antes lhe __ avezarei.” (DOC34l14)

233. “Dumingo __ irei ao Monte e voltarei pela Casa de Padrinho Pedro...” (DOC34l15)

234. “... se não hover enpussevel mei dia __ estarei em casa...” (DOC34l17)

235. “Roque eu te desse que era possevel er para Reachão de S. Jose mais não __ vou...” (DOC34l19)

236. “...quem vai e mamãe __ vou pela Pascua...” (DOC34l20)

237. “__ Termino enviando lembrança com saudade da tua noiva firme.” (DOC34l21)

238. “Neste feliz momento que __ pego em minha rude Pena...” (DOC35l3)

239. “... que estas duas linhas va te encontra gozando as mais belas felicidades, e o que de coracão te __ desejo.” (DOC35l7)

240. “Como __ vai de dumingo para cá...?” (DOC35l8)

241. “Roque eu te disse que __ iam a reza da Roça do Alto amanhã...” (DOC35l9)

242. “... está terminada a viajem que __ sobe que Inêz esta muito duente,...” (DOC35l10)

243. “... está terminada a viajem que sobe que Inêz esta muito duente, __ tenha feito trato com comadre Ana para nois ir junto...” (DOC35l11)

244. “... está terminada a viajem que sobe que Inêz esta muito duente, tenha feito trato com comadre Ana para nois ir junto... ... pensando que amanhã __ acertava tudo” (DOC35l13)

245. “... quando Deus não quer Santo não roga que não __ vou a reza nem a Reachão.” (DOC35l14)

246. “__ Termino enviando lembrança e um adeuzinho da tua diminuta noiva que te ama...” (DOC35l15)

247. “__ Dezeijo senpri e felicidade com a Exma Família” (DOC36l3)

248. “Tio Manuel ofim desta carta E participando-lhi que se for posivel __ quero que seja realisado meu noival...” (DOC36l7)

249. “Sendo posivel __ espero em Deus que dê serto” (DOC36l11)

250. “... quero que seja realisado meu noival... ... Sendo posivel espero em Deus que __ dê serto” (DOC36l12)

251. “Para mim e uma hora de grande prazer o momento que __ pego na minha rude pena...” (DOC37l4)

252. “__ Sinto meu pouco saber...” (DOC37l9)

253. “... não pudendo te ver pesoalmente __ vou por meio desta enviar meus cinceros pabens...” (DOC37l13)

254. “... parbens com ardentes votos que __ faço a Jesus que lhe cubra com laços de felicidade...” (DOC37l15)

255. “... parbens com ardentes votos que faço a Jesus que lhe cubra com laços de felicidade e __ peco a todos os Santos que seja senpre feliz...” (DOC37l17)

256. “... parbens com ardentes votos que faço a Jesus que lhe cubra com laços de felicidade e peco a todos os Santos que __ seja senpre feliz...” (DOC37l17)

257. “__ Envio esta enportancia como uma pequena lembrança do dia de hoje.” (DOC37l20)

258. “__ Desejo-lhe saude” (DOC38l3)

259. “Roque __ avizo-lhe que minha viaje em Reachão foi terminada...” (DOC38l4)

260. “... minha viaje foi teminada por cauzo de esta chuvendo __ sei que lem muita lama vai da ruim esta viajem...” (DOC38l6)

261. “...Deca esta com os pés duente com friera __ esta axando que não agüenta carca...” (DOC38l8)

262. “...Deca esta com os pés duente com friera esta axando que não __ agüenta carca...” (DOC38l9)

263. “... e papai esta com a mês ma conversa não __ quer que lenha pehora por cauzo da viajem.” (DOC38l10)

264. “... e papai esta com a mês ma conversa não quer que __ lenha pehora por cauzo da viajem.” (DOC38l10)

265. “não te __ avizer com tempo porque foi lerminada hoje” (DOC38l11)

266. “__ Irei para casa de Bihia sesta feira” (DOC38l12)

267. “Roque se for possivel __ quero que você vemha aqui de, até. Hoje até amanhã...” (DOC39l2)

268. “Roque __ faço-te estas duas linhas para lhe pedir um favor...” (DOC40l3)

269. “... se for possevel __ quero que você va levar esta custura em Candeal...” (DOC40l4)

270. “... que você va levar esta custura em Candeal... ... que __ ficarei agradecida...” (DOC40l6)

271. “... que você va levar esta custura em Candeal... ... que ficarei agradecida e __ procure saber o dea que pode buscar.” (DOC40l6)

272. “... que você va levar esta custura em Candeal... ... que ficarei agradecida e procure saber o dea que __ pode buscar.” (DOC40l7)

273. “__ Termino enviando lembrança com saudade da tua noiva” (DOC40l8)

274. “__ Faço-lhe esta duas enviando-lhe o seu Suete...” (DOC41l3)

275. “__ Ofereço-te esta santinha como lembrança...” (DOC43l2)

276. “__ Ofereço-ti este Santinho como Lembrança Do noço Amizadi viu” (DOC44l3)

277. “__ Recebi minha fita de Zeladora, do ,< Apostolado da Oração>...” (DOC46l2)

278. “Com toda estima __ oferece à amiga” (DOC49l4)

279. “ __Ofereço-lhe o meu retratinho...” (DOC48l2)

l) Construções no imperativo

1. Desculpe erro leitra de quem não sabe (DOC1l12)

2. Aceite abraços de Ana Neza Raquel (DOC2l9)

3. Vire(DOC3l17)

4. Asseite uma vizita de longe (DOC3l18)

5. vire (DOC3l17)

6. Roque se você... mande me dizer (DOC3l49)

7. ... soube que você... Aceite uma vizita de longe... (DOC4l19)

8. Açeiti lembrança acompanhada di saudad (DOC4l19)

9. disculpi os erros e de quem não sabi (DOC4l26)

10. Especialmente continue sempre sincero (DOC7l10)

11. Vai relevando os erros e caligrafia (DOC7l17)

12. ... agora açeiti lembrança... (DOC8l13)

13. Disculpi os erros (DOC8-nota na vertical esquerda da folha)

14. ... i açeiti uma vizita do teu Noivo... (DOC9l12)

15. disculpe a mal caligrafia...” (DOC9l21)

16. Aceite uma vizita (DOC10l13)

17. Peço-lhe desculpa dos erros ... (DOC10l23)

18. Açeiti lembrança acopanhada di saudadi... (DOC11l13)

19. Sim, não mi esperi domingo que não poso ir. (DOC11-nota na vertical esquerda)

20. Açeiti meus parabems. (DOC13l10)

21. Açeiti uma lembrança (DOC13l13)

22. disculpi os erros (DOC13l21)

23. Açeiti lembrança acopanhada di saudadi... (DOC14l16)

24. disculpi os erros que são muito (DOC14l23)

25. Roque manda tua roupa... (DOC15l25)

26. Desculpe os erros e as faltas. (DOC15-nota na vertical esquerda)

27. Açeiti lembrança i um Adeuzinho... (DOC16l17)

28. Discoulpi os erros que são muito. (DOC16l24)

29. Açeiti lembrança acopanhada di Saudadi... (DOC18l15)

30. disculpi os erros que são muito (DOC18l24)

31. mi esperi domingo... (DOC18-nota na vertical esquerda)

32. Desculpe os erros e as faltas... (DOC19l17)

33. Desculpe os erros e as leitras. (DOC20l23)

34. aceite lembrança da sua diminuta noiva (DOC20-nota na vertical esquerda)

35. ... açeete um abraço da tua prima (DOC21l18)

36. Desculpe os erros e as faltas que são muitos. (DOC21l22)

37. Desculpe os erros e as faltas que já não sei e foi feita com preça (DOC23l21)

38. Açeiti lembrança do teu noivo (DOC24l20)

39. Não ignori os erros e di quem não sabi (DOC24l29)

40. Açeiti lenbrança do Noivo firmi (DOC26l21)

41. ... não pençi que Eu esqueci di er ai (DOC27l17)

42. ... penci em falta di tempo em mim (DOC27l18)

43. ... disculpi os erros i as falta (DOC27l23)

44. Sim mi esperi domingo (DOC27l26)

45. Aceite lembrança com saudade da tua Noiva (DOC28l8)

46. Desculpe os erros (DOC28l12)

47. Açeite lembrança do teu Fiel Noivo (DOC29l15)

48. Desculpi os erros (DOC29l19)

49. Desculpe os erros e as faltas que não sei e foi com pressa (DOC30l22)

50. Desculpe ter sido a lapes (DOC30-nota na vertical esquerda)

51. Aceite lembrança da tua noiva (DOC31l24)

52. Desculpe os erros e as faltas (DOC31l28)

53. Açeiti Lembrancia do Teu Noivo (DOC32l16)

54. Disculpi cer feita lápis (DOC33l15)

55. Desponha do GR. Respeitador. (DOC36l13)

56. Aceite um adeuzinho (DOC37l23)

57. Desculpe os erros e as faltas (DOC38l15)

58. ... procure saber o dea que pode buscar (DOC40l6)

59. Desculpe a tinta e os erros que foi com muita preça (DOC40l11)

60. Aceite um a bracinho (DOC45l9)

m)Os pronomes possessivos no *corpus*

1. “Como passaste amiguinha com os *teus*?” (DOC1l8)

2. “... nada mais da *tua* prima que ti ama de coração.” (DOC1l12)

3. “... são os votos da *sua* aluna.”(DOC2l8)

4. “Por último as saudades da *sua* aluna que só lhe deseja bem.” (DOC2l12)

5. “Eu sinto a falta da *tua* prezençia.” (DOC3l7)

6. “Foi quando Francisquinho chegou com a *sua* adorada cartinha...” (DOC3l13)

7. “Vou terminar enviando muita lembrança a companhada de saudade da *sua* noiva...”

8. “Roque se você quizer *seu* chapéu que esta aque mande me dezer...” (DOC3l48)

Não houve ocorrências de possessivos neste documento

9. “... são os votos da *sua* prima.” (DOC5l5)

10. “... que tive quando arrecibi a *tua* adorada cartinha...” (DOC5l7)

11. “Como não egnoraste porem sinto-me tão feliz em possuir *tua* amável cartinha...” (DOC5l12)

12. “... agradeço a *sua* amável visita.” (DOC5l19)

13. “... lembrança e um adeusinho aconpanhado de saudades da sua prima que lhe ama...” (DOC5l22)

14. “... a tempos que venho comsagrando amizadi a *vossa* quirida filha Carlinda.” (DOC6l8)

15. “... alimitando mesmo em mim a idéia di com o auxilio di Deus i o *vosso* conçentimento completar, um dia a minha feliçidadi...” (DOC6l11)

16. “O fim desta é dizendo-lhe que recebi a *sua* carta e fique siente de seus dizeres;...” (DOC7l7)

17. “O fim desta é dizendo-lhe que recebi a sua carta e fique siente de *seus* dizeres;...” (DOC7l8)

18. “O *teu* lindos olhos; são tão delicadas ao meu saudoso carinho,...” (DOC9l4)

19. “O que mi conçola é *teu* retrato.” (DOC9l9)

20. “... rogo a Deus que lhi dei melhoras i açeiti uma vizita do *teu* Noivo...” (DOC9l12)

21. “Na hora em que chego na janela para contempla o céu e variedades de seus matezes desejaria sabe se o *teu* olhar...” (DOC10l6)

22. “... desejaria sabe se o *teu* pensamento se cruza com o meu.” (DOC10l6)

23. “Termino enviando recomedacoes e um saudoso adeuzinho da *tua* firme noiva...” (DOC10l15)

24. “Quando recibe a *sua* delicada cartinha que veio me dar bastante prazer...” (DOC11l5)

25. “Sim recibe a *sua* visita...” (DOC11l7)

26. “... muito o brigado da *sua* delicadeza.” (DOC11l8)

27. “Depois que recibe a *tua* carta...” (DOC11l11)

28. “Açeiti lembrança acopanhada di saudadi do *teu* noivo...” (DOC11l14)

29. “Sendo hoje dia do *teu* felez aniversario natalício...” (DOC12l4)

30. “Faço voto a Nossa S. da Conseção para que seja Sempre feliz com todos *teus*...” (DOC12l9)

31. “... quera aceitar um abraço da *tua* comadre que te estima de coração.” (DOC12l16)

32. “Hôgje sendo o dia do *teu* feliz aniversario nataleçio...” (DOC13l6)

33. “... dezeijo que seija feliz ao lado de todos *teus*” (DOC13l9)

34. “... do *teu* noivo que te ama ate morrer” (DOC13l14)

35. “Sim Carlinda eu dessi que ia dar um passeio em *tua* casa hoje.” (DOC14l10)

36. “... para traça o *teu* adorado nome...” (DOC15l10)

37. “... e ao mesmo tempo responder a *tua* estimada cartinha...” (DOC15l11)

38. “... tua estimada cartinha que veio descancar mais o meu pensamento que sobe *tuas* notiçia...” (DOC15l12)

39. “Roque manda *tua* ropa por Francisquinho...” (DOc15l25)

40. “...lembrança em companhia de saudade da *tua* noiva...” (DOC15l28)

41. “... gozando a feliçidadi do *teu* amor.” (DOC16l5)

42. “Sim Carlinda eu não fui dar um passeio houje em *tua* casa porque fui obrigado er uma viagem” (DOC16l15)

43. “... Adeuzinho do *teu* noivo que ti ama com Firmeiza.” (DOC16l18)

44. “... desejo-te esta cartinha porque vejo diante dos meus alhos o *teu* adorado nome...” (DOC17l5)

45. “Termino enviando o saudoso adeus da *tua* firme noiva...” (DOC17l14)

46. “Carlinda louvo a Deus a feliçidadi di gozar do *teu* amor:...” (DOC18l4)

47. “... quando arriçibir *tua* Estimada cartinha qui veio aluminar...” (DOC18l6)

48. “... Saudadi do *teu* noivo que ti ama para toda eternidadi” (DOC18l16)

49. “... vois trago os maiss sinceros parabéns pela data fontosa que hoje faca em que comemorais o *vosso* aniversario.” (DOC19l5)

50. “Faço voto a Santa Terezinha e ao mesmo tempo responder a *sua*...” (DOC19l6)

51. “Sou das mais adimiradoura das qualidades que ornamenta o vosso coração e espirito...” (DOC19l8)

52. “... terminar enviando lembrança em companhia de saudades da *tua* diminuta prima que tanto te estima” (DOC19l14)

53. “... parabéns pela data fontosa que hoje faça em que comemorais o *vosso* aniversário natalício.” (DOC20l5)

54. “...E ao mesmo tempo responder a *sua* carta.” (DOC20l6)

55. “Sou das mais adimiradouras das qualidades que ornamenta o *vosso* coração e o espito.” (DOC20l9)

56. “*Vossa* atenciosa noiva.” (DOC20l16)

57. “...aceite lembrança da *sua* diminuta noiva” (DOC20-vertical esquerda)

58. “Vou terminar enviando lembrança de todos meus para todos *teus*...” (DOC21l18)

59. “... por ultimo açeete um abraço da *tua* prima que te ama de coração.” (DOC21l18)

60. “... e ao mesmo tempo saber as *suas* que para mim são desejada” (DOC22l8)

61. “Morena se Deus me de licença de dumingo a 8 eu vou dar um passeio em *sua* casa...” (DOC22l14)

62. “Vou terminar enviando lembrança em canpanhia de saudades da *tua* prima...” (DOC22l19)

63. “e ao mesmo tempo saber as *suas* que para mim são desejadas.” (DOC23l9)

64. “ Vou terminar enviando lembrança em companhia de saudade da *tua* diminuta noiva...” (DOC23l16)

65. “... de dumingo o 8 eu vou dar um passeio em *sua* casa...” (DOC23l15)

66. “Açeiti lembrança do *teu* noivo. que ti ama fermimeente” (DOC24l20)

67. “E do entimo da alma desejo esta segneficantes linhas o fim de obeter as *tuas* que par mim são bastante desejada” (DOC25l5)

68. “...adeus com muita saudades da *tua* diminuta noiva que te ama...” (DOC25l21)

69. “Sim Carlinda arreçibir uma idolatrada cartinha *tua*...”(DOC27l10)

70. “Termino eviando lembrança do *Teu* noivo que ti ... Fermi ate a morti” (DOC27l20)

71. “O que de coração te desejo paz e saude ao lados de todos *teus*” (DOC28l4)

72. “Aceite lembrança com saudade da *tua* Noiva que te estima eternamente.” (DOC28l8)

73. “Açeiti lembrança do *teu* Fiel Noivo” (DOC29l15)

74. “Da *tua* noiva firme” (DOC30l20)

75. “Aceite lembrança da *tua* noiva firme” (DOC31l24)

76. “Lembrancia do *Teu* Noivo Firmi” (DOC32l18)

77. “Adeuzinho com o coração emvocado pelo teu amor...” (DOC33l3)

78. “termino eviando lembrança acompanhada di saudade do *teu* noivo firmi” (DOC33l13)

79. “...grande prazer para mim se esta carta for te encontra gozando a milhor saúde e

felicidades com todos *teus*.” (DOC34l5)

80. “Ao mesmo tempo respondo *sua* carta.” (DOC34l5)

81. “Termino enviando lembrança com saudade da *tua* noiva firme.” (DOC34l21)

82. “...um adeuzinho da *tua* diminuta noiva que te ama...” (DOC35l16)

83. “...pego na minha rude pena para escrever sobre este papel o *teu* adorado nome...” (DOC37l6)

84. “... so não egual a *tua* presencia que para mim não tem igual” (DOC37l7)

85. “Sendo hoje um dea tão feliz no mundo dia do *teu* aniversario...” (DOC37l11)

86. “...saudade da tua noiva que te ama...” (DOC37l24)

87. “Termino enviando lembrança com saudade da *tua* noiva” (DOC40l9)

88. “... enviando-lhe o *seu* Suete Pois desde era para eu mandar...” (DOC41l3)

89. “Aceite um a bracinho e mel beijos da *tua* a miga” (DOC45l11)

90. “Uma recordação dos *seus* pais.” (DOC47l3)

91. “... lembrança da *sua* neta que lhe venera.” (DOC48l4)

GRUPO II

Os pronomes pessoais nos versos

a) Pronomes clíticos como acusativos

1. “*Ti* amo com firmeza” (DOC4l24)

2. “Para *te* amar com firmesa” (DOC5l33)

3. “Deus *te* levi sem perigo” (DOC8l18)

4. “Se eu não *ti* amassi / Eu prefeira morrer.” (DOC11l19)

5. “Na hora que *te* veijo:” (DOC16l23)

6. “Foi votade de *te* ver” (DOC17l21)

7. “Eu *ti* amo di uma forma” (DOC18l19)

8. “Somentes porque *ti* amo” (DOC18l21)

9. “Adorá-*la*, engradecê-la” (DOC52l17)

10. “Adorá-la, engradecê-*la*” (DOC52l17)

11. “Ampará-*la*, defende-la” (DOC52l18)

12. “Ampará-la, defende-*la*” (DOC52l18)

13. . “Vai *te* cartinha chorando / Vizita quem eu quero bem.” (DOC3l35)

14. “Via *ti* cartinha saudosa” (DOC8l17)

15. “Vai *te* cartinha saudosa / Por este longe caminho / __ Vai buscar nutiçia” (DOC10l19)

16. “Vai-*te* cartinha saudoza” (DOC13l17)

b) Pronomes clíticos como dativos

1. “Quando esta *te* escrevi” (DOC3l43)

2. “Eu *ti* dou meu coração” (DOC4l22)

3. “E porque *mi* convem” (DOC4l23)

4. “A cartinha que eu *te* fiz.” (DOC5l27)

5. “Para eu *te* ser fiel.” (DOC5l32)

6. “Eu mandava *te* dizer” (DOC5l37)

7. “Quem *mi*dera ser [letoro]” (DOC8l19)

8. “Como eu *ti* quero bem.” (DOC9l19)

9. “Foi para *ti* querer bem” (DOC9l17)

10. “Querida *te* quero bem” (DOC13l20)

11. “Passarinho que air canta / Bem pudia *te* dizer” (DOC17l19)

12. “Com pena pra *te* escrever” (DOC17l19)

13. “Sou firmi *ti* quero bem.” (DOC4l25)

c) *Lhe* como acusativo

1. “Tenho muito gosto / Em *lhe* ver bonita” ((DOC50l14)

d) Lhe como dativo

não houve ocorrências

e) Pronome lexical em função acusativa

1. “Unido *tu* no meu peito.” (DOC5l31)

2. “Para si *tu* eu esquecer” (DOC11l18)

f) complementos de preposição

1. “E vem dar a *mim*” (DOC10l22)

2. “Durmo com o cintido em *te*” (DOC15l1)

3. “Tenho saudadi di *ti*.” (DOC16l20)

4. “Durmo com sentido em *ti*” (DOC18-vertical esquerda)

5. “Sempre por *ti* sofrendo” (DOC19l15)

6. “Que por *ti* suspero e morro” (DOC19l18)

7. “Sempre por *ti* sofrendo” (DOC20l18)

8. “Que por *te* suspero e morro.” (DOC20l21)

9. “Durmo com o sintido em *ti*” (DOC24l34)

10. “Para ir Junto *com tigo*” (DOC8l20)

11. “Desej quando durmi / Sempre *contigo* sanhar.” (DOC15l4)

12. “Para *comtigo* vever” (DOC17l21)

13. “Sempre *contigo* sonhar” (DOC18-vertical esquerda)

14. “ Sempre *com tigo* sonhar.” (DOC24l27)

15. “Senpri sonho *com tigo*” (DOC24l24)

16. “Minha vida e de acabar / *Contigo* no pensamento” (DOC42l4)

17. “Eu sou modista elegante, Modista do tom, / __ Faço pra *ela*...” (DOC50l33)

18. “Tudo por *ela* fazer” (DOC52l16)

19. “Até por *ela* morrer.” (DOC52l19)

20. “Não a hora neste mundo / Para si[2] *tu* eu esquecer” (DOC11l18)

21. “Auzenti di *tu* eu estou / Auzenti eu não queria” (DOC14l19)

não houve ocorrências

g) Presença de pronome pessoal do caso reto na função de sujeito

1. “Vai te cartinha chorando / Vizita quem *eu* quero bem.” (DOC3l36)

[2] Reconhecemos que tem-se um *de* em vez de *si*

2. “*Eu* ti dou meu coração” (DOC4l22)

3. “A cartinha que *eu* te fiz.” (DOC5l27)

4. “Não sahaiu como *eu* queria.” (DOC5l28)

5. “Para *eu* te ser fiel.” (DOC5l32)

6. “Enquanto vida *eu* tiver.” (DOC5l34)

7. “*Eu* mandava te dizer” (DOC5l37)

8. “Como *eu* ti quero bem.” (DOC9l19)

9. “*Eu* naçi neste mundo” (DOC9l16)

10. “*Eu* estava duente / Sentendo muita tristeza / Gozei bastanti melhora” (DOC11l17)

11. “Não a hora neste mundo / Para si tu *eu* esquecer” (DOC11l18)

12. “Se eu não ti amassi / *Eu* prefeira morrer.” (DOC11l20)

13. “Cartinha *tu* dar nutiçia / Como vai meu coraçã [o]” (DOC13l20)

14. “Auzenti di tu *eu* estou / Auzenti eu não queria” (DOC14l19)

15. “Auzenti di tu eu estou / Auzenti *eu* não queria” (DOC14l20)

16. “*Eu* vendo tua prezença / Sei que tenho aligria” (DOC14l21)

17. “*Tu* eis meu dezeijo:” (DOC16l21)

18. “*Eu* ti amo di uma forma” (DOC18l19)

19. “Que *tu* ate duvida” (DOC18l20)

20. “Quando *eu* estou em son [ho] (DOC24l25)

21. “*Tu* não terar outro dono” (DOC24l27)

22. “*Eu* sou modista elegante,...” (DOC50l31)

h) *Você* realizado na função de sujeito

Não houve ocorrências

i) Ausência de pronome pessoal do caso reto na função de sujeito

1. “Diga que __ fiquei chorando. / Por não puder ir tambem.” (DOC3l37)

2. “__ Sou firmi ti quero bem.” (DOC4l25)

3. “Antes __ quero teu desprezo” (DOC9l18)

4. “__ Tenho o teu nome escrito” (DOC10l21)

5. “Vai te cartinha saudosa / Por este longe caminho / __ Vai buscar nutiçia” (DOC10l21)

6. “Eu estava duente / Sentendo muita tristeza / __ Gozei bastanti melhora” (DOC11l19)

7. “Eu vendo tua prezença / __ Sei que tenho aligria” (DOC14l22)

8. “Quirida não __ posso çer mais / Constanti tenho adorado” (DOC14l19)

9. “Quirida não posso çer mais / Constanti __ tenho adorado” (DOC14l20)

10. “__ Durmo com o cintido em te” (DOC15l1)

11. “__ Acordo começo pencar.” (DOC15l2)

12. “ Acordo __ começo pencar.” (DOC15l2)

13. “__ Desej quando durmi / Sempre contigo sanhar.” (DOC15l3)

14. “Desej quando __ durmi / Sempre contigo sanhar.” (DOC15l3)

15. “__ Tenho saudadi di ti.” (DOC16l20)

16. “__ Telnho prazer n vida.” (DOC16l22)

17. “Com saudades __ pegei na pena” (DOC17l18)

18. “Com a mão __ pegei na pena” (DOC18l19)

19. “Ao teu nome __ dou lovôu” (DOC18l20)

20. “Somentes porque ti __amo” (DOC18l21)

21. “__ Tenho prazer na veda.” (DOC18l22)

22. “__ Durmo com sentido em ti” (DOC18-vertical esquerda)

23. “__ Acordo co comesço pensar” (DOC18-vertical esquerda)

24. “ Acordo co __ comesço pensar” (DOC18-vertical esquerda)

25. “Durmo com sentido em ti / ... /__ DeseiJo quando durmi” (DOC18-vertical esquerda)

26. “DeseiJo quando __ durmi” (DOC18-vertical esquerda)

27. “Meu coração mais o teu / Sempri vivi em amizadi / Quando o teu __ estar sintindo / O meu estar com saudadi” (DOC18-vertical esquerda)

28. “Meu coração mais o teu / Sempri vivi em amizadi / Quando o teu estar sintindo / O meu __ estar com saudadi” (DOC18-vertical esquerda)

29. “Chorando __ peco socorro” (DOC19l16)

30. “Que por ti __ suspero e morro” (DOC19l18)

31. “Que por ti suspero e __ morro” (DOC19l18)

32. “Chorando __ peço socorro” (DOC20l19)

33. “Que por te __ suspiro e morro.” (DOC20l21)

34. “Que por te suspiro e __ morro.” (DOC20l21)

35. “__ Tenho o teu nome escrito” (DOC22l27)

36. “__ Durmo com o sintido em ti” (DOC24l34)

37. “__ Acordo comesso a penssar” (DOC24l25)

38. “Acordo __ comesso a penssar” (DOC24l25)

39. “__ Dezeijo quando durmir.” (DOC24l26)

40. “Senpri __ sonho com tigo” (DOC24l24)

41. “Jura que __ sou teu” (DOC24l26)

42. “__ Não posso mais relata / Os meus grande sufrimento” (DOC42l1)

43. “Roque não __ posso ser mais / Constante tenho adorado” (DOC42l5)

44. “Roque não posso ser mais / Constante __ tenho adorado” (DOC42l6)

45. “Minha bonequinha / ... / Outra sim não __ vi.” (DOC50l6)

46. “__ Tenho muito gosto / Em lhe ver bonita” ((DOC50l13)

47. “Nariz tão perfeito / nunca __ vi assim” (DOC50l18)

48. “Eu sou modista elegante, Modista do tom, / __ Faço pra ela...” (DOC50l33)

49. “Então __ prometo, baixinho,” (DOC52l14)

j) Construções no imperativo

1. Vai te cartinha (DOC3l35)

2. Vizita quem eu quero bem (DOC3l36)

3. Diga que fiquei chorando (DOC 3l37)

4. Por favor peça licença (DOC3l41)

5. Visite Roque por mim (DOC3l42)

6. Vai ti cartinha saudosa (DOC8l17)

7. Roque não seja engrato (DOC20l20)

8. Jura que sou teu (DOC24l26)

l) Pronomes possessivos

1. “Antes quero *teu* desprezo” (DOC9l18)

2. “Tenho o *teu* nome escrito” (DOC10l21)

3. “Com *tua* carta em fermeza” (DOC11l20)

4.“Eu vendo *tua* prezença / Sei que tenho aligria” (DOC14l21)

5. “Ao *teu* nome dou lovôu.” (DOC18l20)

6. “Em gozar do *teu* amôr.” (DOC18l22)

7. “Meu coração mais o *teu*” (DOC18-vertical esquerda)

8. “Quando o *teu* estar sintindo” (DOC18-vertical esquerda)

9. “Tenho o *teu* nome escrito” (DOC22l27)

10. “Jura que sou *teu*” (DOC24l26)

11. “Cabelos bem preto / Pele de setim / Torna-se bonita / *Seu* conjunto assim” (DOC50l9)

12. “Que o bem ou o mal a centença / Recebe dos crimes *seus*” (DOC51l3)

Anexo E: Versão fac-símile e Transcrição do *corpus*

1. NORMAS PARA A TRANSCRIÇÃO DOS MANUSCRITOS

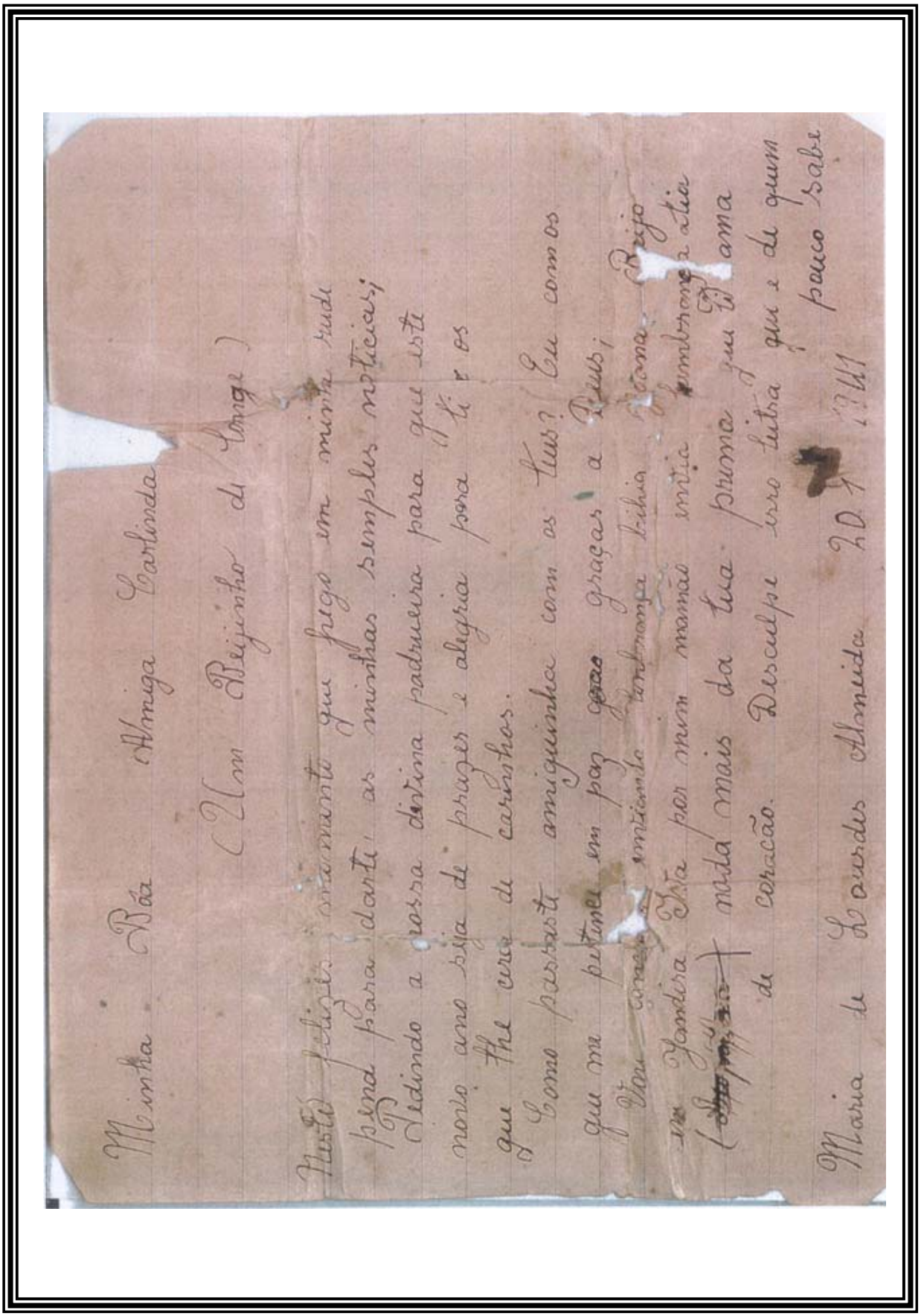
Para a transcrição da grafia dos textos reunidos nessa amostra, sigo algumas *Normas para transcrição de documentos manuscritos* expostas por Barbosa (1999), nas quais se baseou o trabalho de LOPES (2005:p. 109) em "fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX" e são as normas estabelecidas no âmbito do Projeto PHPB[3].

1. Não será estabelecida fronteira vocabular entre palavras que venham escritas juntas, nem unidos segmentos de uma mesma palavra que tenham sido grafados separadamente;
2. A pontuação original será rigorosamente mantida;
3. Os acentos gráficos, os diacríticos e sinais de separação de sílaba ou de linha, usados pelos autores dos diversos documentos, serão mantidos exatamente como no original;
4. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original;
5. Supressões feitas pelo autor no original serão tachadas;
6. Quando houver dúvida sobre a decifração de algum grafema ou segmento de um determinado vocábulo, o elemento em questão será posto entre colchetes;
7. Será mantida a troca de linha e a disposição dos parágrafos, cabeçalhos e assinaturas, exatamente como no original;
8. A numeração das linhas será feita de uma a uma[4], à margem direita;
9. Serão mantidos os recuos à margem direita e esquerda encontrados no original.

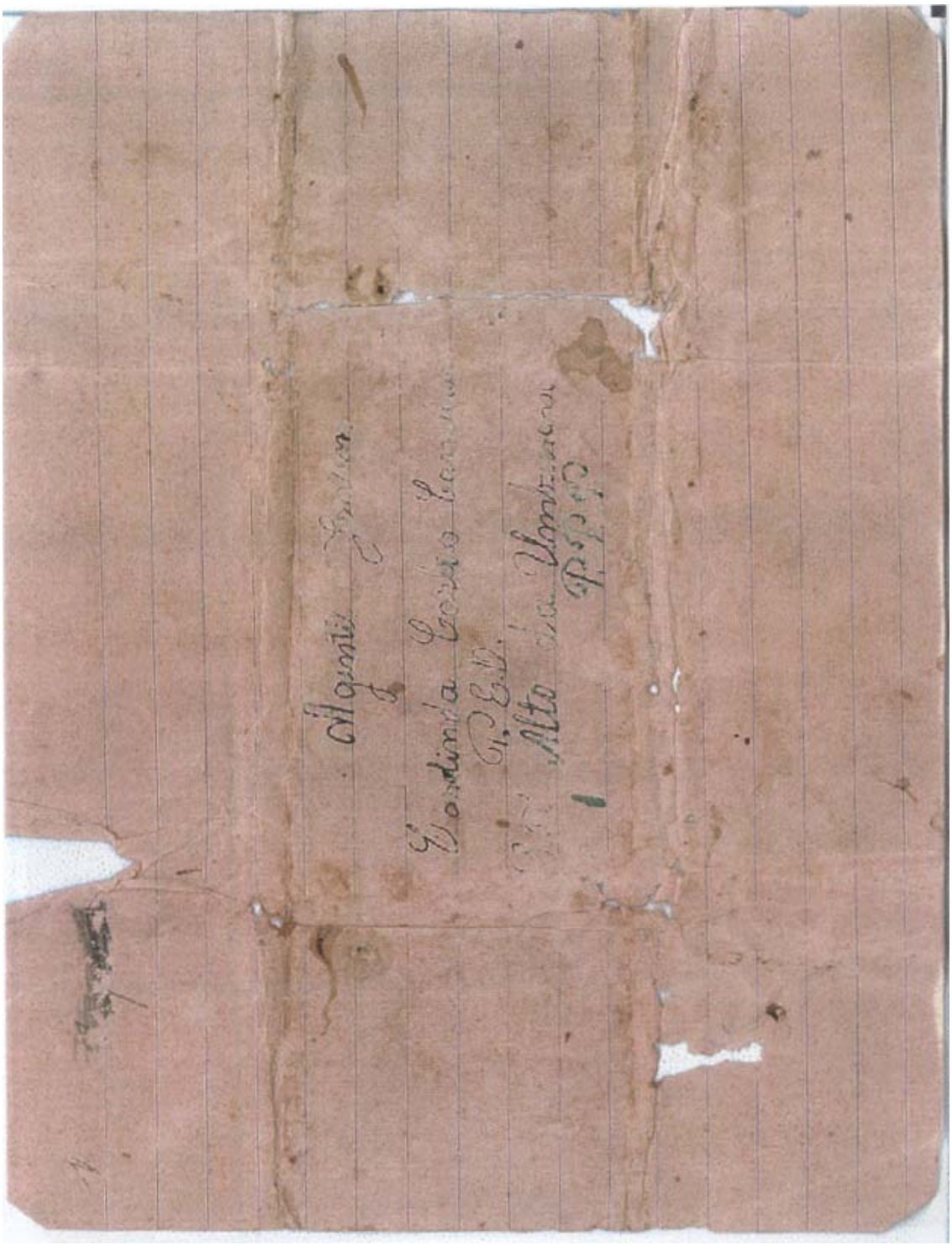
[3] As Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português Brasileiro estão publicadas em: MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (org.). Para a História do Português Brasileiro- primeiros estudos – vol. II. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2001, págs. 553-555.
[4] Opção minha para facilitar a localização das referências aos textos.

1 Versão fac-símile dos manuscritos

DOC 1 – CARTA - FRENTE



DOC 1 – CARTA - VERSO



DOC 1 - CARTA

Minha Bôa Amiga Carlinda

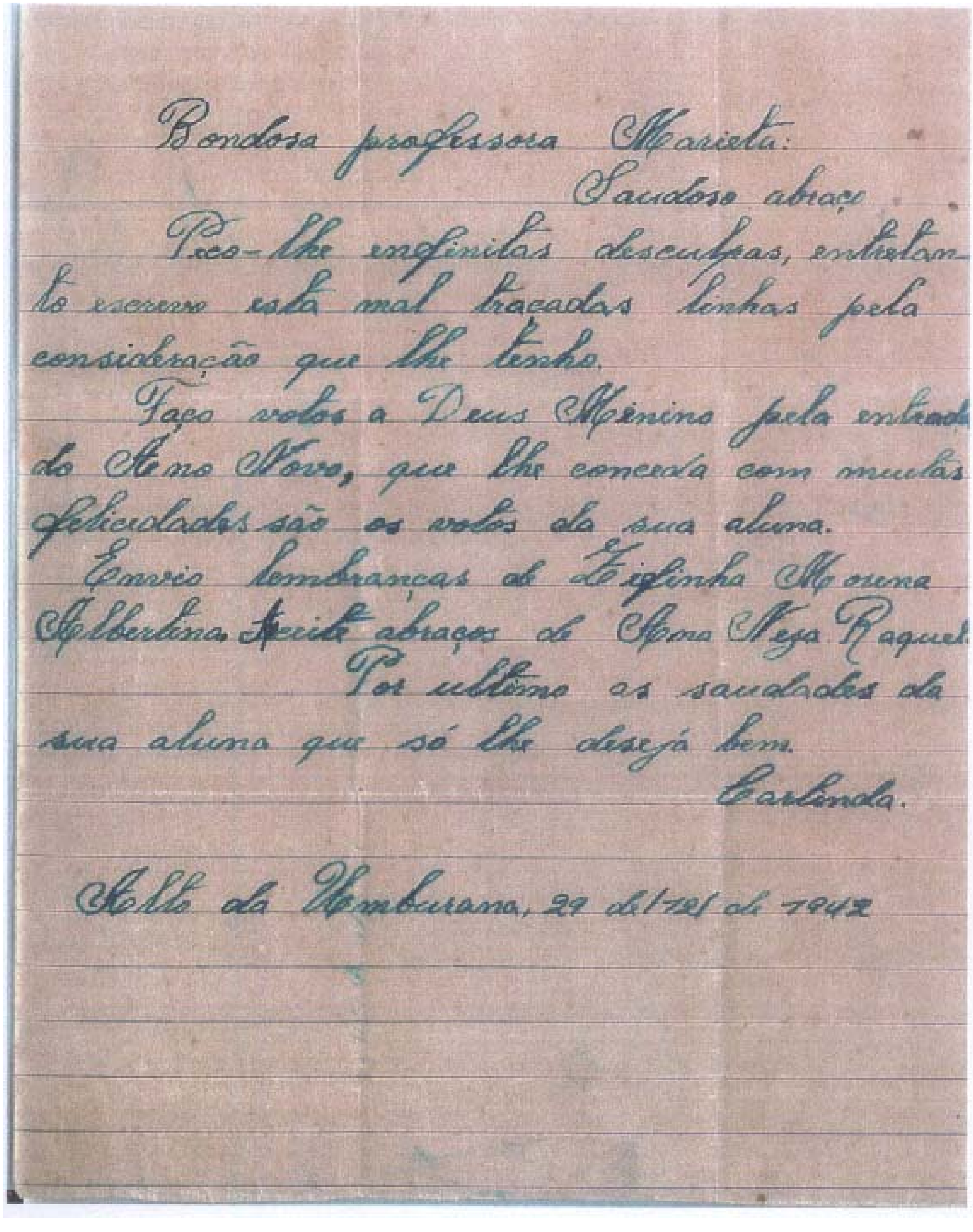
(Um Beijinho de longe)

Neste felizes momento que pego em minha rude
pena para darte as minhas semples noticias;
Pedindo a nossa divina padrueira para que este
novo ano seja de prazer e alegria para “ti e os que lhe cerca de carinhos.
Como passaste amiguinha com os teus? Eu com os
que me pertence em paz gras graças a Deus;
Vou [concluir] enviando lenbrança bihia Joana Beijo
em Jandira Ivã por mim mamão envia lembrança atia
(Leopoldina) nada mais da tua prima que ti ama
de coração. Desculpe erro leitra que e de quem
pouco sabe
Maria de Lourdes Almeida 20 1 1941

No verso:

Agentil [Jovem]
Carlinda Carlos Carneiro
P.E. O.
[Faz.] Alto da Umburana
PPP

DOC 2 – CARTA



Bondosa professora Marieta:

Saudoso abraço

Peço-lhe enfinitas desculpas, entretanto escrevo esta mal traçadas linhas pela consideração que lhe tenho.

Faço votos a Deus Menino pela entrada do Ano Novo, que lhe conceda com muitas felicidades são os votos da sua aluna.

Envio lembranças de Zefinha Morena Albertina. Aceita abraços de Ana Neza Raquel.

Por ultimo as saudades da sua aluna que só lhe desejá bem.

Carlinda.

Alto da Umburana, 29 de 12 de 1942

DOC 2 – CARTA

Bondosa professora Marieta:

Peço-lhe infinitas desculpas, entretan to escrevo esta mal traçadas linhas pela consideração que lhe tenho.

Faço votos a Deus Menino pela entrada Do Ano Novo, que lhe conceda com muitas felicidades são os votos da sua aluna.

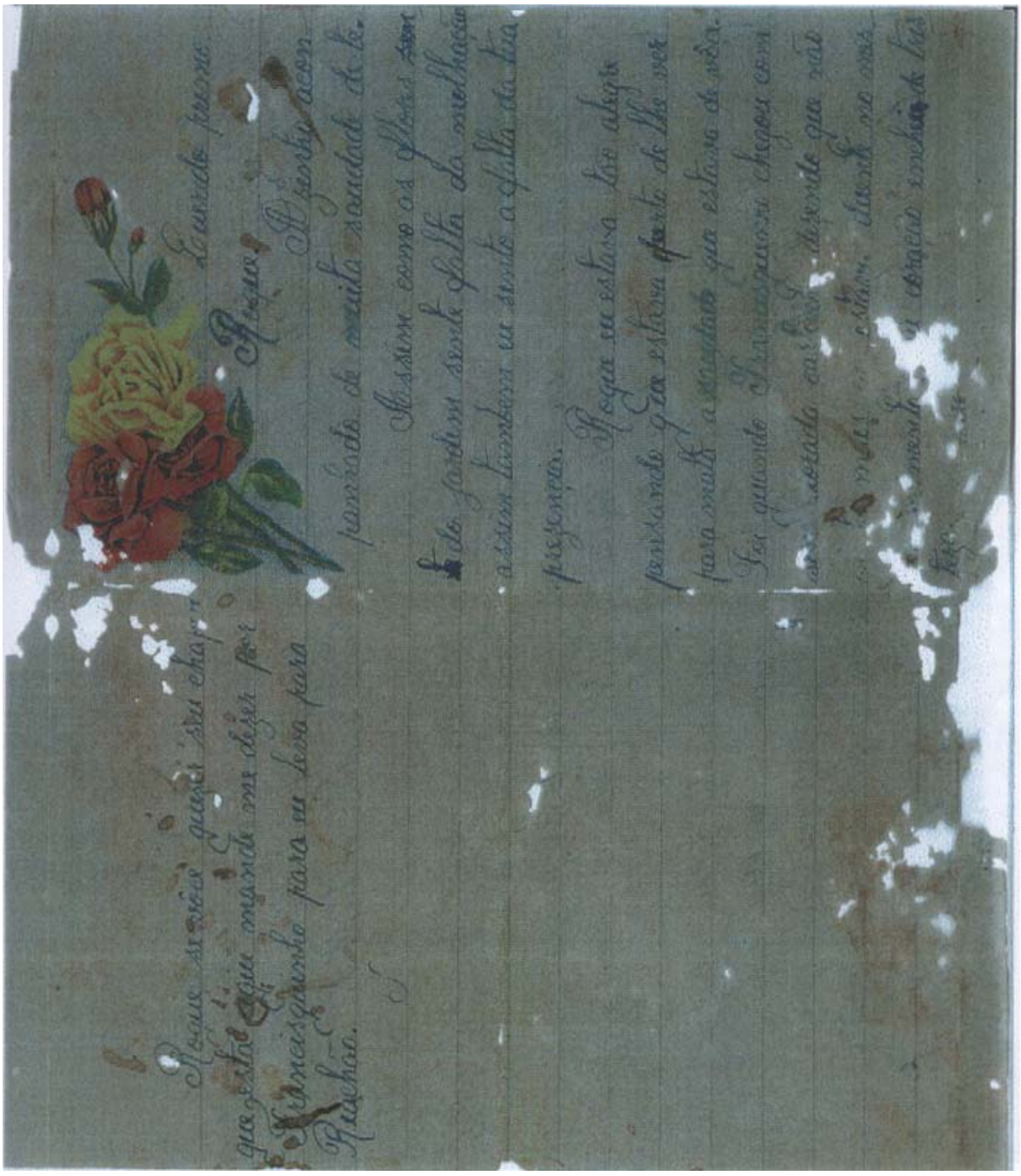
Envio lembranças de Zifinha Morena Albertina. Aceite abraços de Ana Neza Raquel.

Por último as saudades da sua aluna que só lhe deseja bem.

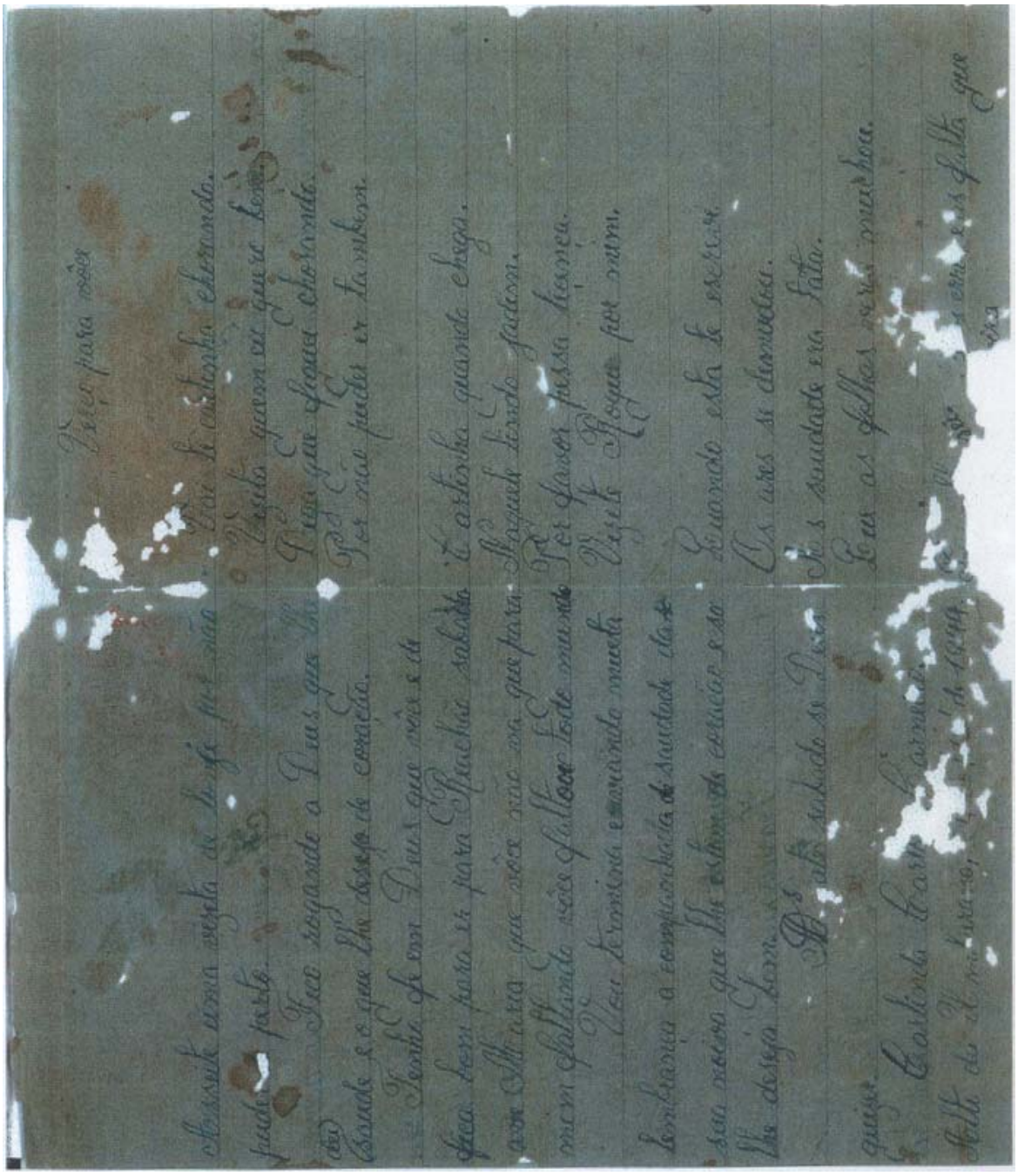
Carlinda.

Alto da Umburana, 29 de /12/ de 1942

DOC 3 – CARTA - FRENTE



DOC 3 – CARTA – VERSO



DOC 3 – CARTA

Querido primo
Roque.
A*deu*zinho acon
panhado de muita saudade de te.
Assim como as flores sem
te do jardim sente falta da molhação
assim tambem eu sento a falta da tua
prezençia.
Roque eu estava tão alegre
Pensando que estava perto de lhe ver
para mata a saudade que estava de você.
Foi quando Francisquinho chegou com
[sua adorada] cartinha dezendo que não
[vinha mais que] estava duente no mes
mo momento [meu] coração encheio de tris
teza.
vire

Asseite uma vizita de longe por não
puder de perto.
Fico rogando a Deus que lhe
dei saude e o que lhe desejo de coração.
Tenho fe em Deus que vôce e de
fica bom para er para Riachão sábado
ave Maria que vôce não va que para
mim faltando vôce faltou todo mundo
Vou terminar enviando mueta
Lembrança a companhada de saudade da s
sua noiva que lhe estima de coração e so
lhe deseja bem.
Ad*eu*s ate sábado se Deus
quizer.
Carlinda Carlos Carneiro.
Alto da Umburana, 24 de /??/ de 1944.

....

Verso para vôce

Vai te cartinha chorando.
Vizita quem eu quero bem
.

37 Diga que fiquei chorando.
38 Por não puder ir tambem.

39 Carlinda quando chega.
40 Naquele lindo jardim.
41 Por favor pessa licença.
42 Visite Roque por mim.

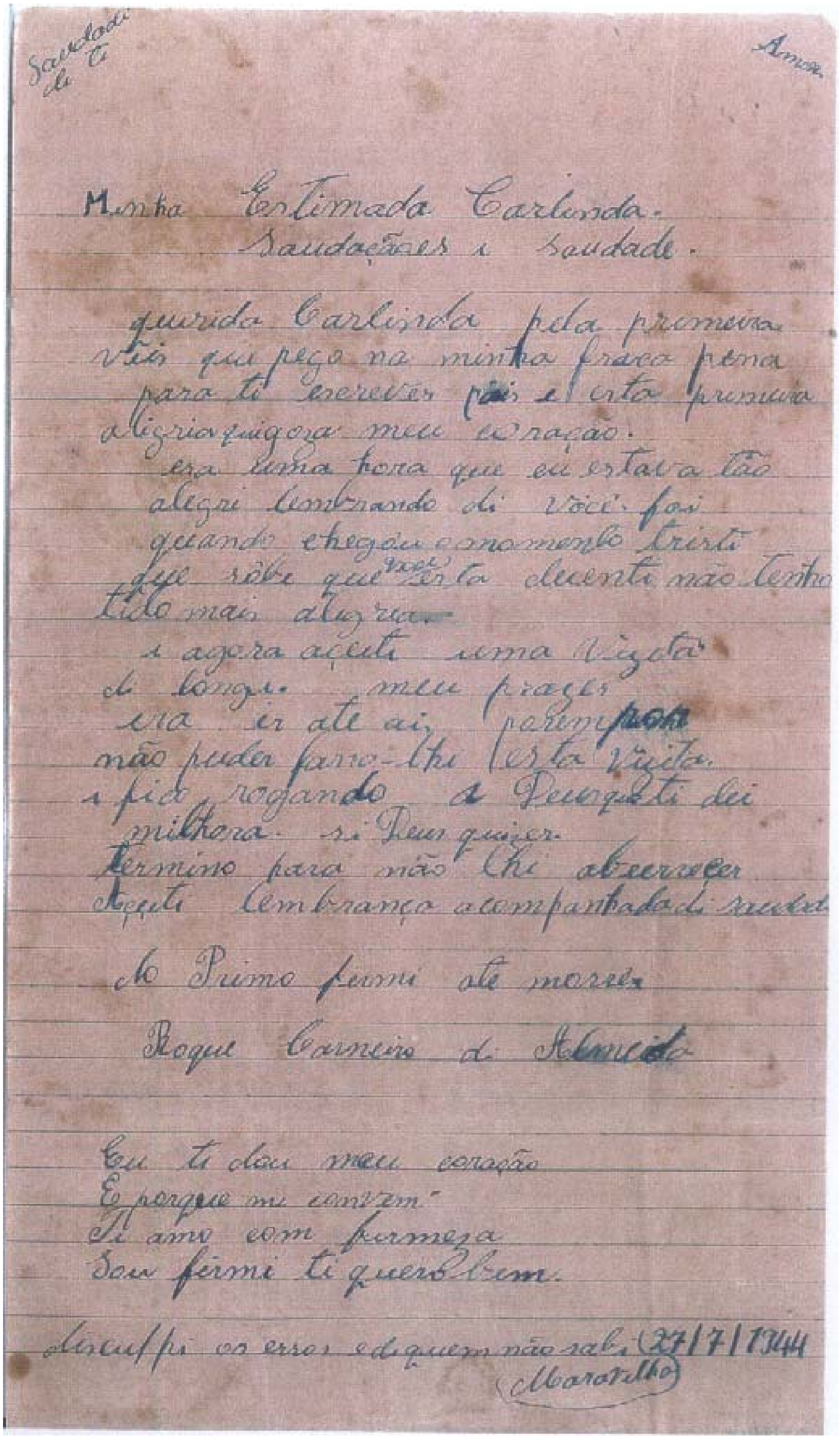
43 Quando esta te escrevi.
44 Os ares se demudou.
45 As saudade era tanta.
46 Que as folhas verde muchou.

47 [Peço-lhe ... pelos erros e as falta que

....

48 Roque se vôce quizer seu chapéu
49 que esta aque mande me dezer por
50 Francisquinho para eu leva para
51 Riachão.

DOC 4 – CARTA



Saudade di ti

Amor

Minha Estimada Carlinda.
Saudações i Saudade.

querida Carlinda pela primeira
vêis qui peço na minha fraca pena
para ti escrever pois é esta primeira
aligria qui agora meu coração.
era uma hora que eu estava tão
aligri lembrando di você foi
quando chegou o momento tristi
que sôbe que você esta duenti não tenho
tido mais aligria
i agora açeiti uma vizita
di longi. meu prazer
era ir até ai, porem por
não puder fazer-lhi esta vizita.
i fico rogando a Deus qui ti dei
milhora. si Deus quizer.
termino para não lhi aborreçer
Açeiti lembrança acompanhada di saudad

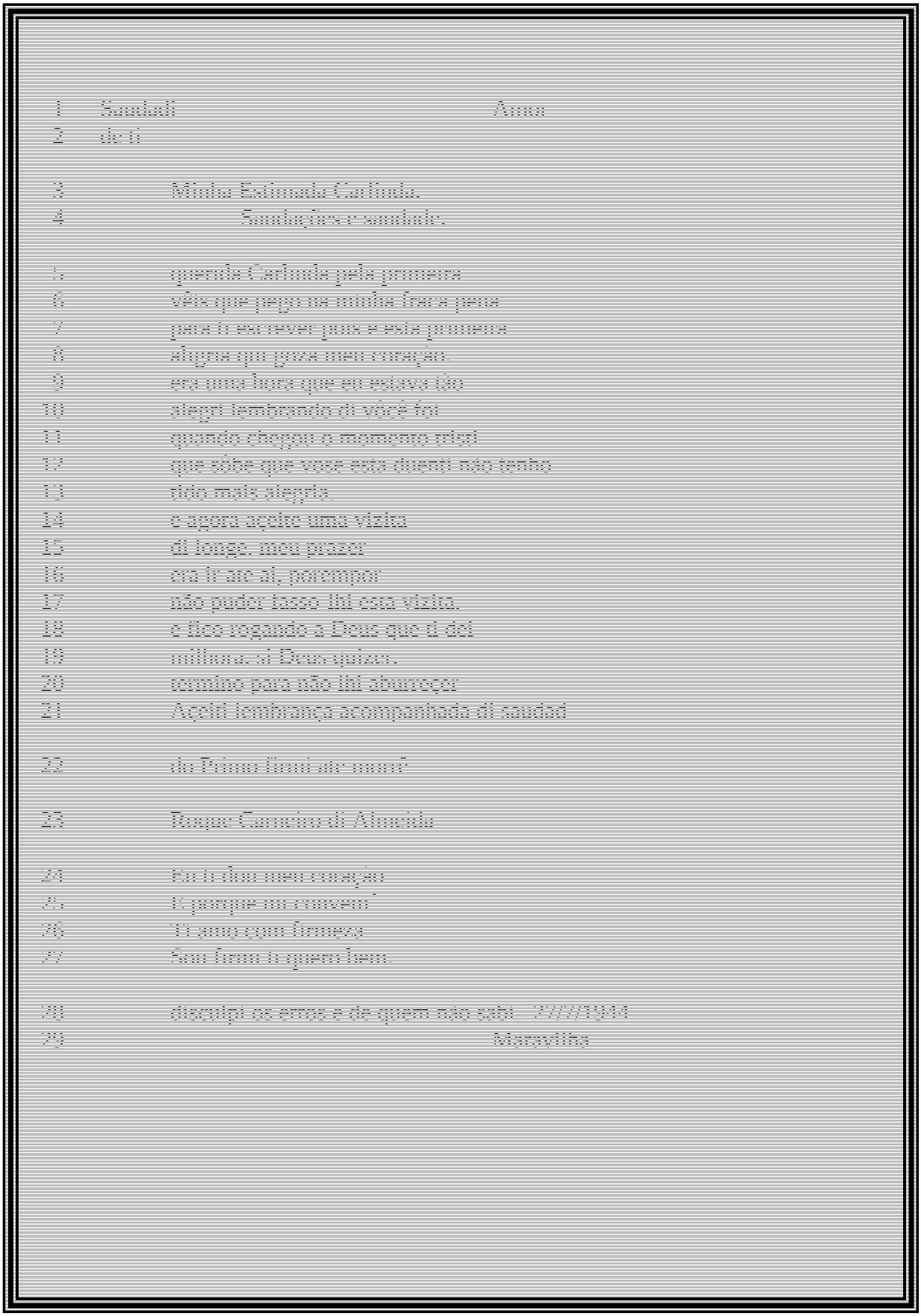
Ao Primo firmi até morrer

Roque Carneiro d Almeida

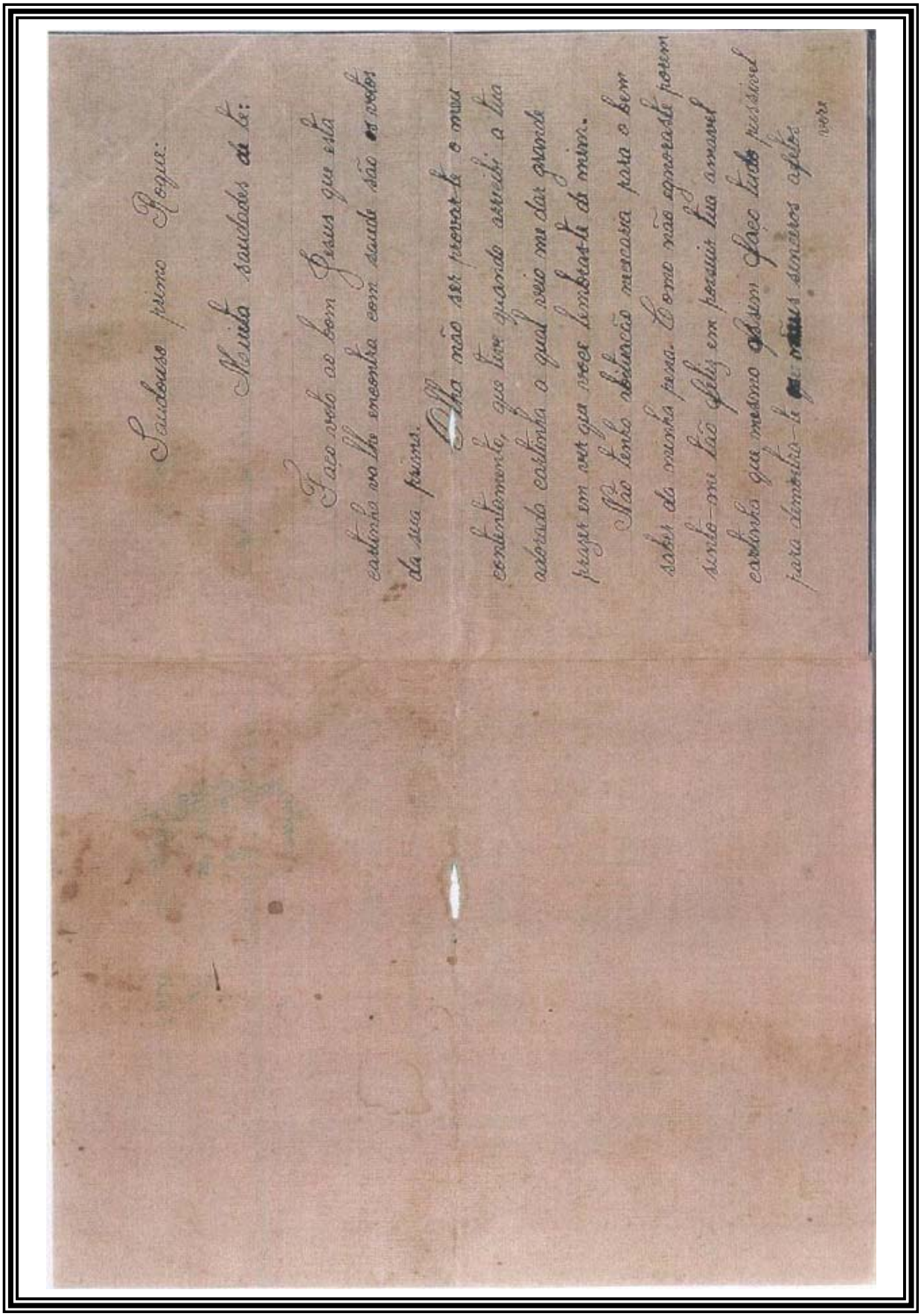
Eu ti dou meu coração
E porque mi convem
Ti amo com firmeza
Sou firmi ti quero bem.

Discullpi os erros e di quem não sabi. 27/7/1944
(Maravilha)

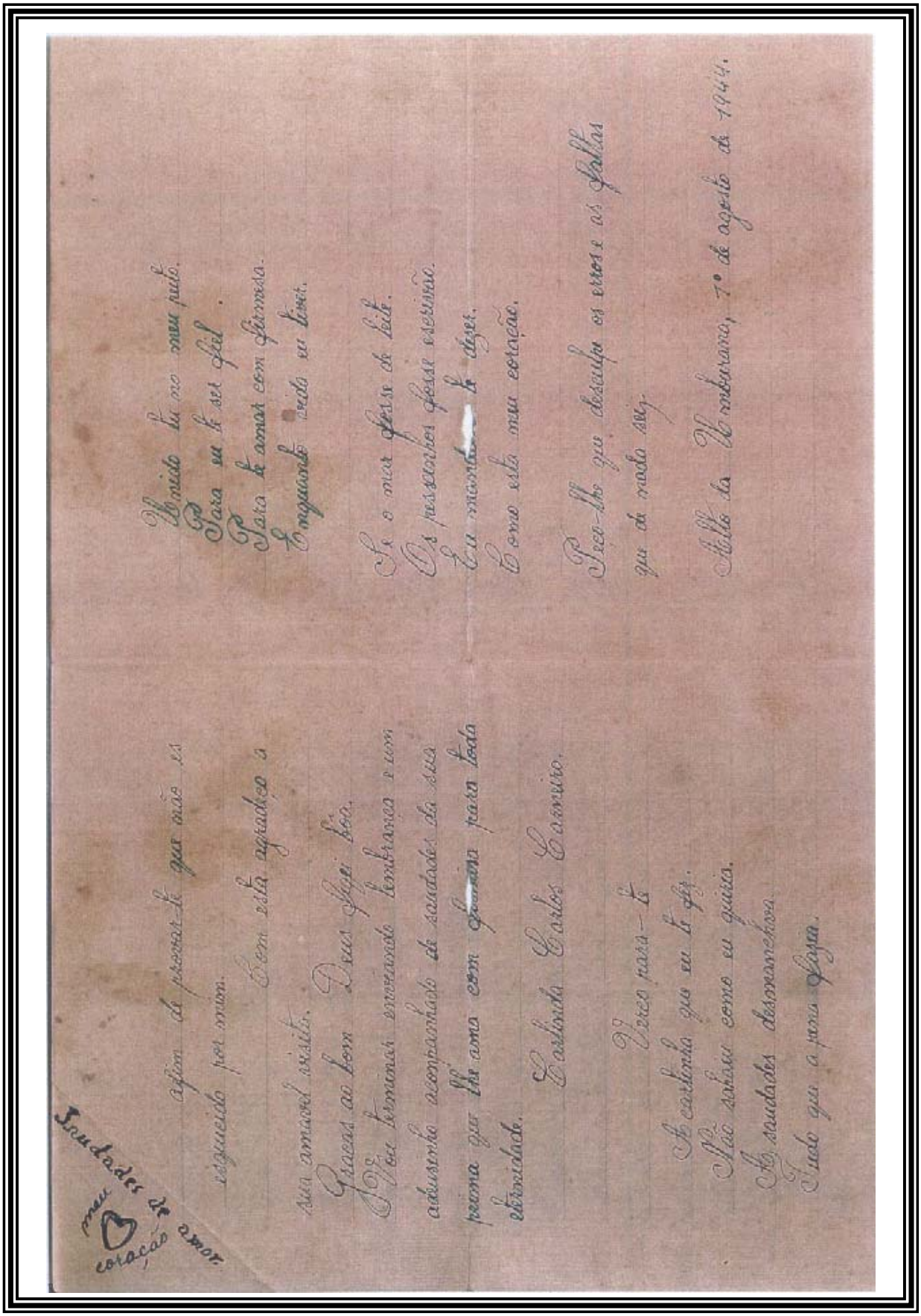
DOC 4 – CARTA



DOC 5 – CARTA - FRENTE



DOC 5 – CARTA - VERSO



DOC 5 – CARTA

Saudoso primo Roque:

Muita saudades de te:
Faço voto ao bom Jesus que esta
cartinha va lhe encontra com saúde são os votos
da sua prima.
Olha não ser provar-te o meu
contentamento, que tive quando arrecibi a tua
adorada cartinha a qual veio me dar grande
prazer em ver que voce lembras-te de mim.
Não tenho abituacão necesaria para o bem
saber da minha pena. Como não egnoraste porem
sinto-me tão feliz em possuir tua amável
cartinha que mesmo fassim faço tudo pussivel
para demostra-te os meus senceros afetos
vere
afim de provar-te que não es
esquecido por mim.
Com esta agradeço a
sua amável visita.
Graças ao bom Deus fiqei bôa
Vôu terminar enviando lembrança e um
adeusinho aconpanhado de saudades da sua
prima que lhe ama com [firmesa] para toda
eternidade.
Carlinda Carlos Carneiro

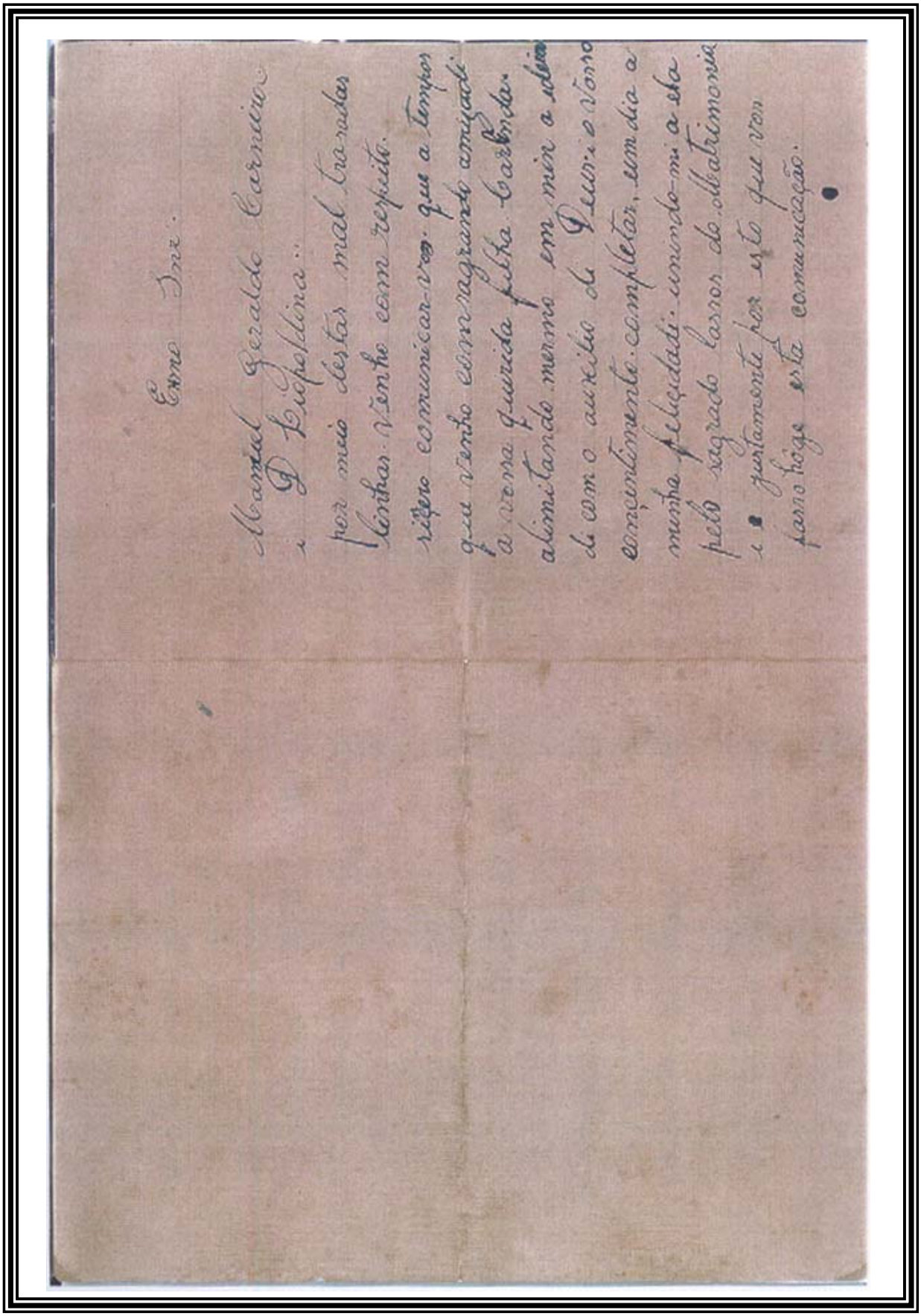
Verco para-te
A cartinha que eu te fiz.
Não sahaiu como eu quiria.
A saudades desmanchva.
Tudo que a pena fazia.
....
Unido tu no meu peito.
Para eu te ser fiel.
Para te amar com firmesa.
Enquanto vida eu tiver.

Se o mar fosse de leite.
Os pesxinhos fosse escrivão.
Eu [mandava] te dizer
Como esta meu coração.

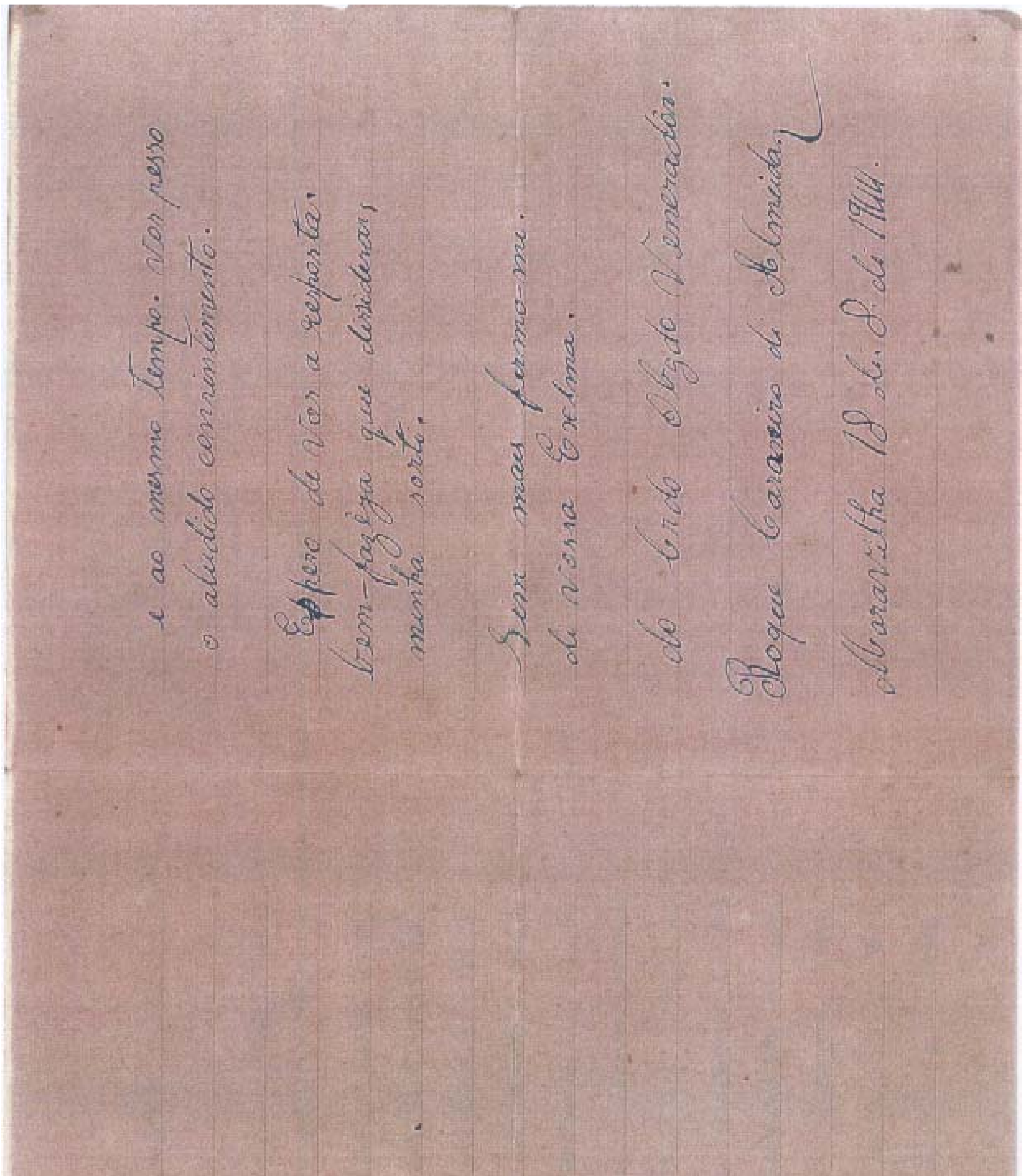
Peço-lhe que desculpe os erros e as faltas
que de nada sei.

Alto da Umburana, 1º de agosto de 1944.

DOC 6 – CARTA - FRENTE



DOC 6 – CARTA - VERSO



e ao mesmo tempo. Vos pesso
o aludido consentimento.

Espero de Vós a resposta
bem-fazêja que decidirá
minha sorte.

Sem mais firmo-me
de Vossa Exma.

do Crdo Obgdo Venerador.

Roque Carneiro de Almeida.

Maravilha 18 de 8 de 1914.

DOC 6 – CARTA

Exmo Snr.

Manuel Geraldo Carneiro
i D Liopoldina..
por meio destas mal trasadas
linhas. venho com respeito.
Sinçero comunicar-vos que a tempos
que venho comsagrando amizadi
a vossa quirida filha Carlinda.
alimitando mermo em mim a ideia
di com o auxilio di Deus i o vosso
conçentimento completar, um dia a
minha feliçidadi unindo-mi a ela
pelo sagrado lassos do Matrimonio
e e justamente por esto que vos
fasso hôge esta comunicação.
....
e ao mesmo tempo. vos pesso
o aludido consintimento.

Espero de vos a resposta,
bem-fazêja que dissiderar,
minha sorte.

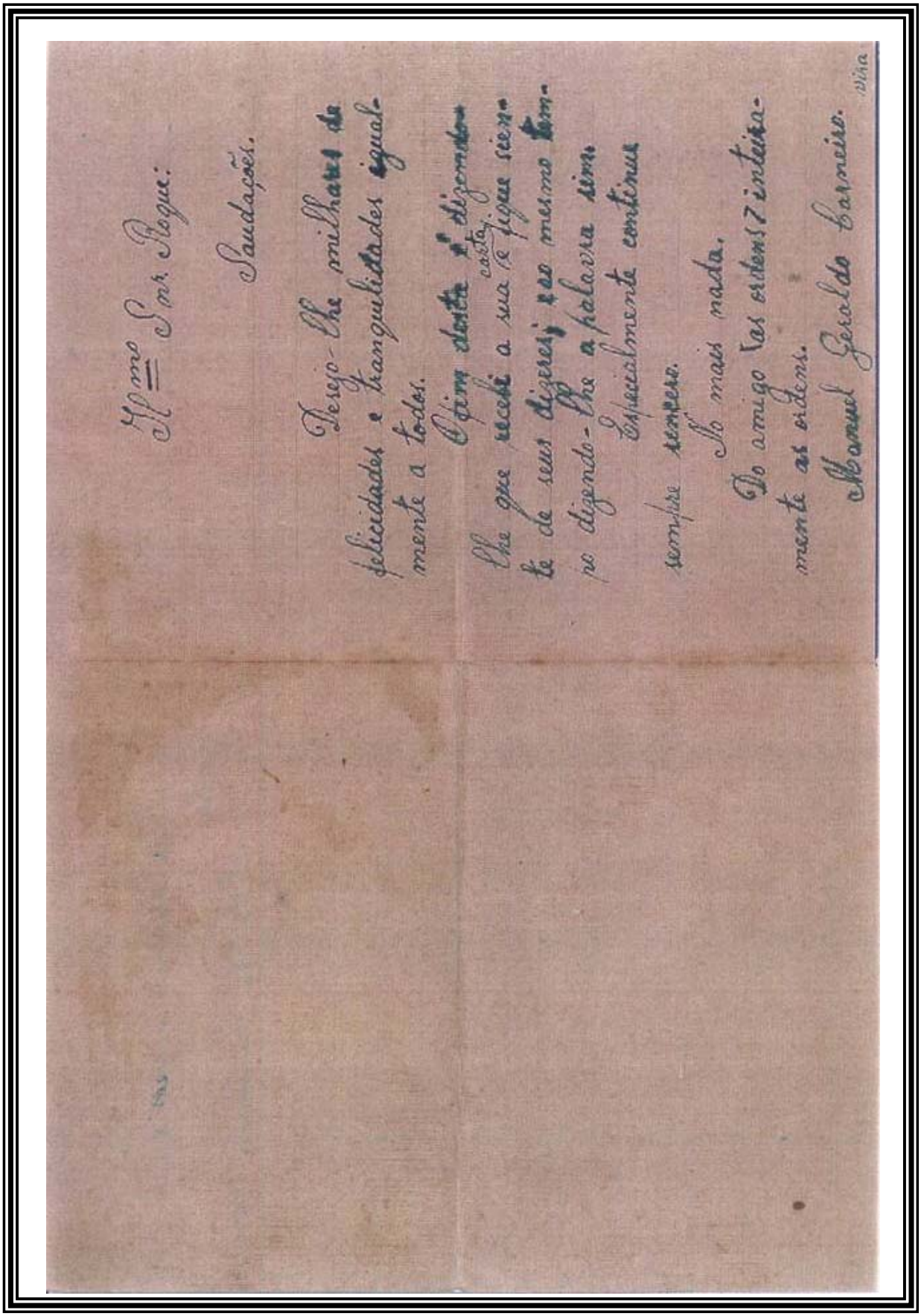
Sem mais dermo-mi.
di vossa Exlma.

do Crdo Obgdo Veneradôr

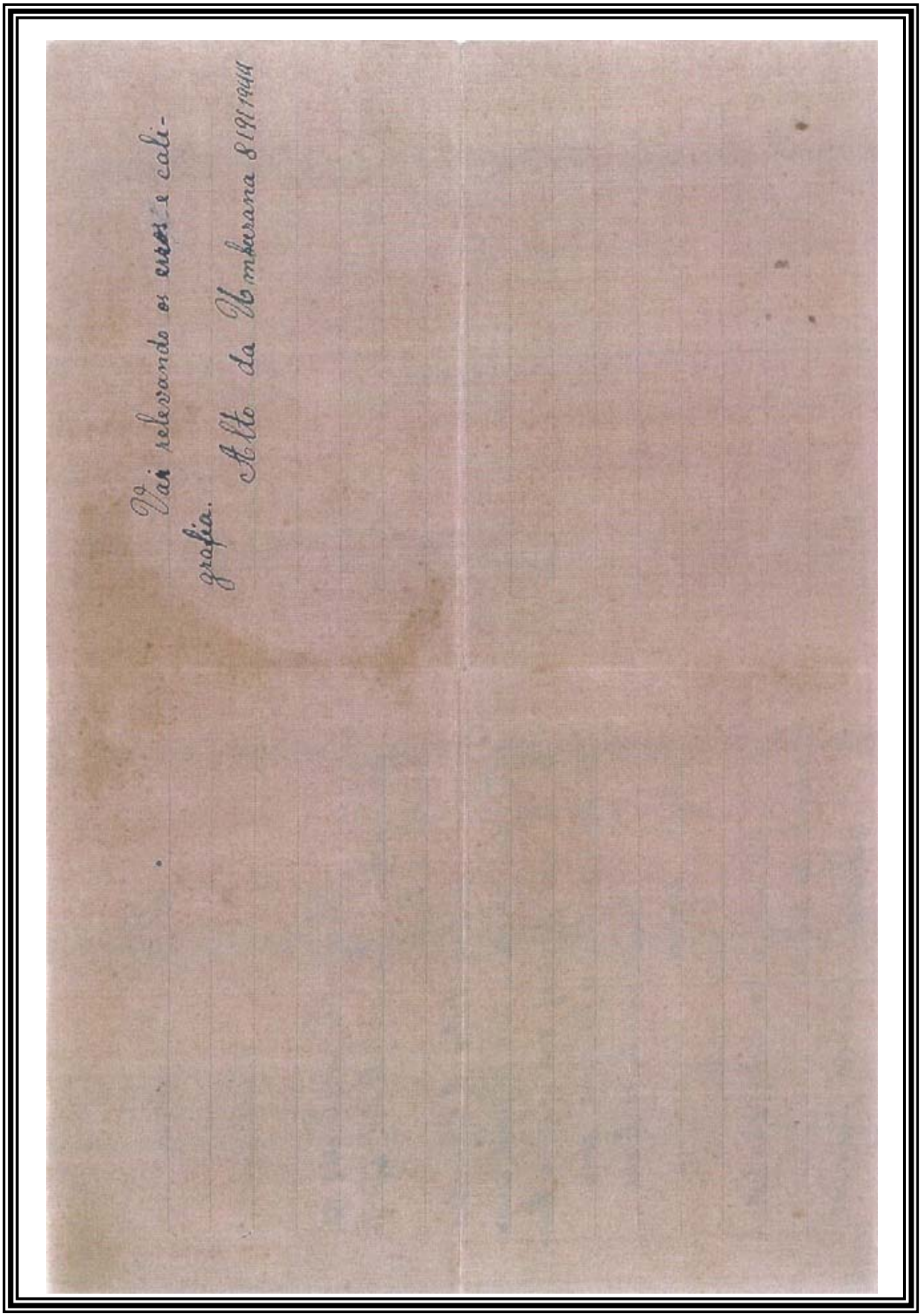
Roque Carneiro di Almeida.

Maravilha 18 di 8 di 1944.

DOC 7 – CARTA - FRENTE



DOC 7 – CARTA - VERSO



DOC 7 – CARTA

Ilmo Snr. Roque:

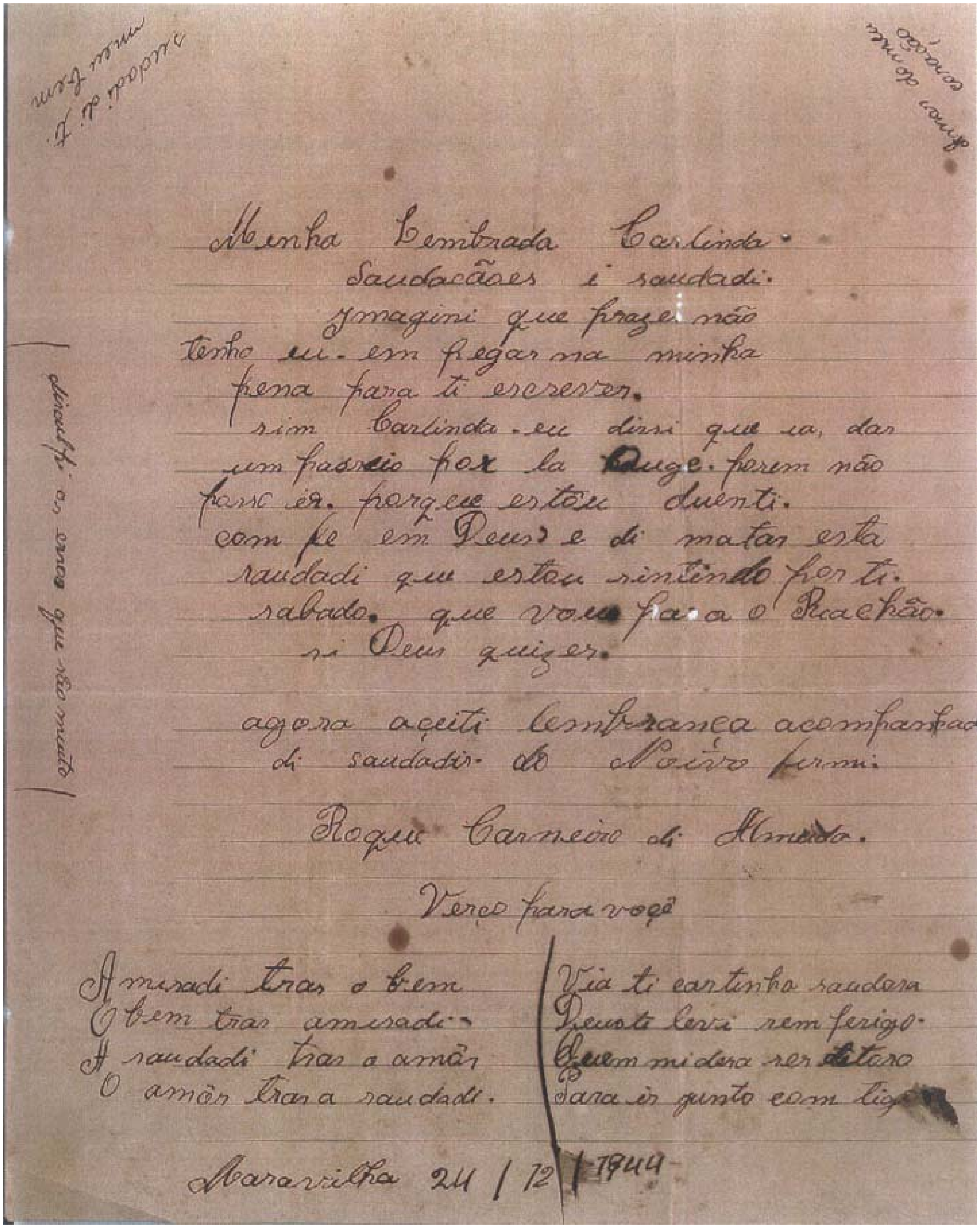
Saudações.

Desejo-lhe milhares de
felicidades e tranqüilidades igual-
mente a todos.
O fim desta é dizendo-
lhe que recebi a sua carta e fique sien-
te de seus dizeres; e ao mesmo tem-
pó dizendo-lhe a palavra sim.
Especialmente continue
sempre sincero
No mais nada.
Do amigo <as ordens> inteira-
mente as ordens.
Manuel Geraldo Carneiro.
vira

....

Vai relevando os erros e cali-
grafia.
Alto da Umburana 8/9/1944

DOC 8 – CARTA



Saudade é [illegible] meu bem

Amôr do meu coração

Minha Lembrada Carlinda.
Saudacãoes i saudadi.
Imagini que prazer não
tenho eu. em pegar na minha
pena para ti escrever.
sim Carlinda. eu dissi que ia, dar
um passeio por la Quge. porem não
posso ir. porque estou duenti.
com fe em Deus e di matar esta
saudadi que estou sintindo por ti.
sabado. que vou para o Riachão.
si Deus quizer.

agora aceiti lembrança acompanhado
di saudadis. do Noivo firmi.

Roque Carneiro di Almeida.

Verço para você

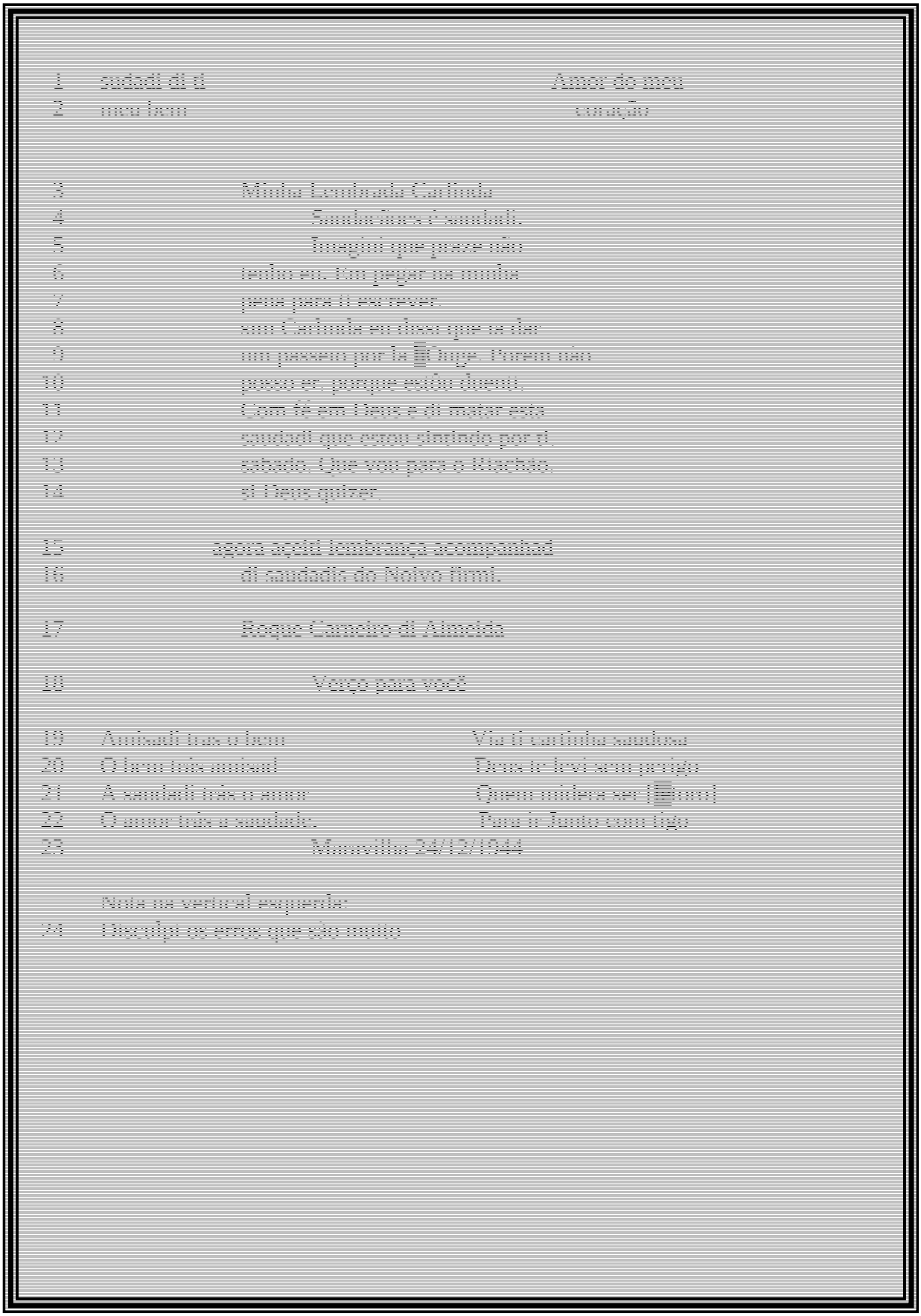
Amisadi tras o bem
O bem tras amisadi.
A saudadi tras o amôr
O amôr tras a saudadi.

Vai ti cartinha saudosa
Deus ti levi sem perigo.
Quem mi dera ser leitora
Para ir junto com tigo

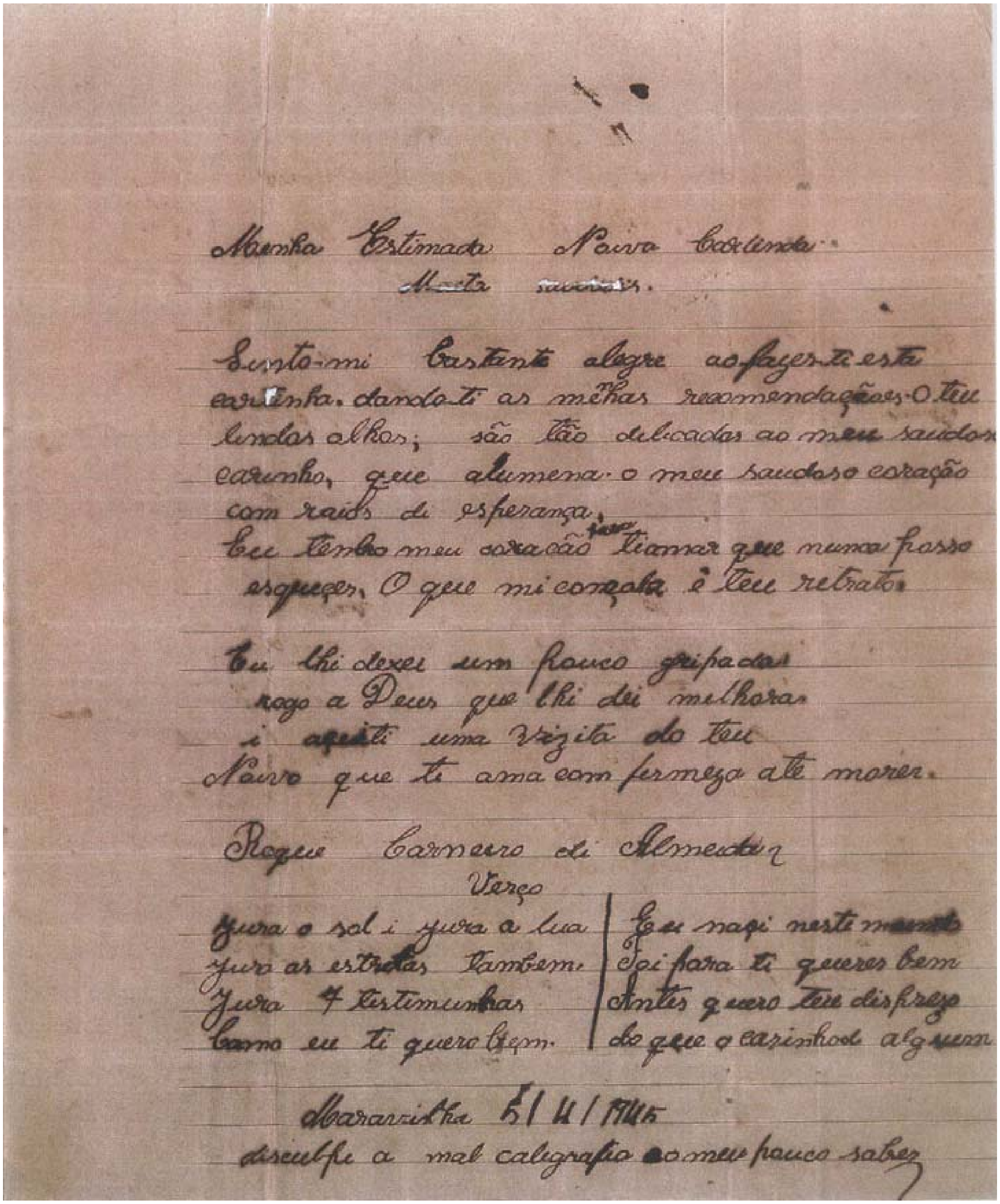
Maravilha 24 / 12 / 1944

(discurpi os erros que são muito)

DOC 8 – CARTA



DOC 9 – CARTA



Minha Estimada Noiva Carlinda·
Muita saudades.

Sinto-mi bastante alegre ao fazer-ti esta
cartinha. dando-ti as minhas recomendações. O teu
lindos olhos; são tão delicados ao meu saudoso
carinho, que alumena o meu saudoso coração
com raios di esperança.
Eu tenho meu coração para ti amar que nunca posso
esquecer. O que mi consola è teu retrato.

Eu lhi dexei um pouco gripada
rogo a Deus que lhi dei melhoras
i aceite uma vizita do teu
Noivo que ti ama com firmeza até morer.

Roque Carneiro di Almeida

Verço

Jura o sol i jura a lua	Eu nasci neste momento
Juro as estrelas tambem.	Foi para ti querer bem
Jura 4 testimunhas	Antes quero teu disprezo
Como eu ti quero bem.	do que o carinho di alguem

Mararritha 5/4/1945
discupe a mal caligrafia ao meu pouco saber

DOC 9 – CARTA

Minha Estimada Noiva Carlinda
Muita Saudadis.

Sinto-mi bastante alegre ao fazer-te esta
Cartinha. dando-ti as menhas recomendaçãoes. O teu
lindos olhos; são tão delicadas ao meu saudoso
carinho, que alumena o meu saudoso coração
com raios di esperança.
Eu tenho meu coração para tiamar que nunca posso
esquecer. O que mi conçola é teu retrato.

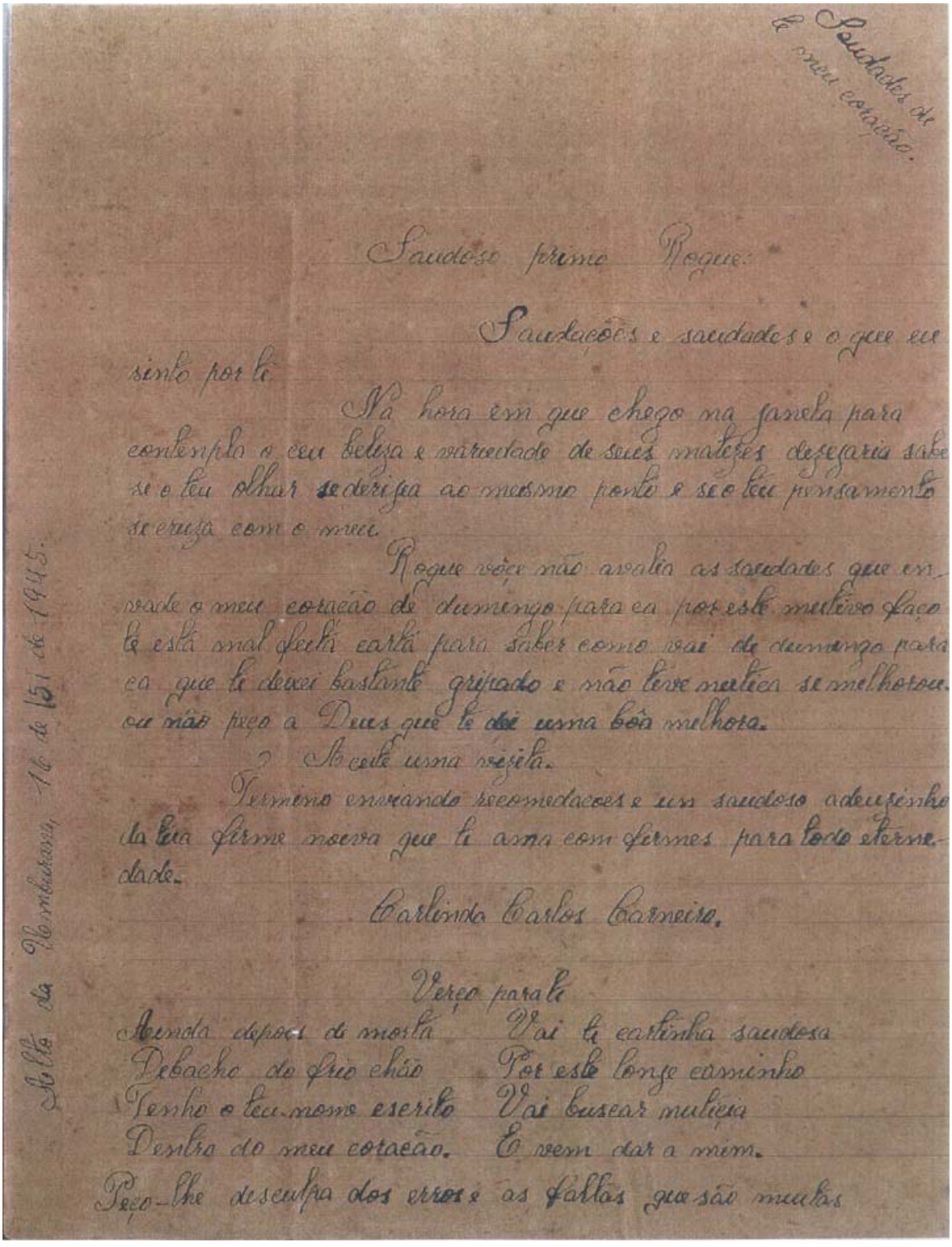
Eu lhi dexei um pouco gripada
rogo a Deus que lhi dei melhoras
i açeiti uma vizita do teu
Noivo que ti ama com fermeza ate morer.

Roque Carneiro di Almeida
Verço
Jura o sol i jura a lua
Jura as estrelas também
Jura 7 testemunhas
Como eu ti quero bem.

Eu naçi neste mundo
Foi para ti querer bem
Antes quero teu disprezo
Do que o carinho di alguém

Maravilha 5/4/1945
disculpe a mal calegrafia oo meu pouco saber

DOC 10 – CARTA



Saudades de
te meu coração.

Saudoso primo Roque:

Saudações e saudades e o que eu sinto por ti.

Na hora em que chego na janela para contempla o ceu beliza e variedade de seus matizes dezejaria sabe se o teu olhar se derijia ao mesmo ponto e se o teu pensamento se cruza com o meu.

Roque vôçe não avalia as saudades que envade o meu coração de dumingo para ca por este motivo faço te esta mal feita carta para saber como vai de dumingo para ca que te deixei bastante gripado e não tive nutica se melhorou ou não peço a Deus que te dei uma bôa melhora.

Aceite uma vizita.

Termino enviando recomedacoes e um saudoso adeuzinho da tua firme noiva que ti ama com firmes para todo eternedade.

Carlinda Carlos Carneiro.

Verço para ti

Ainda depois de morta
Debacho do frio chão
Tenho o teu nome escrito
Dentro do meu coração.

Vai ti cartinha saudosa
Por este longe caminho
Vai buscar nutiçia
E vem dar a mim.

Peço-lhe desculpa dos erros e as faltas que são muitas

Alto da Umburana, 16 de 5 de 1945.

DOC 10 - CARTA

Saudades de
te meu coração

Saudoso primo Roque:

Saudações e saudades e o que eu
sinto por ti
Na hora em que chego na janela para
contempla o céu beleza e variedade de seus matezes dezejaria sabe
se o teu olhar se derijia ao mesmo ponto e se o teu pensamento
se cruza com o meu.
Roque vôçe não avalia as saudades que em-
vade o meu coração de dumingo para ca por este mutivo faço-
te esta mal feita carta para saber como vai de dumingo para
ca que te deixei bastante gripado e não teve nutica se melhorou.
ou não peço a Deus que te dei uma boa melhora.
Aceite uma vizita.
Termino enviando recomedacoes e um saudoso adeuzinho
da tua firme noiva que ti ama com firmes para todo eterne-
dade.
Carlinda Carlos Carneiro.

Verço para ti
Ainda depões de morta
Debacho do frio chão
Tenho o teu nome escrito
Dentro do meu coração.

Vai te cartinha saudosa
Por este lonje caminho
Vai buscar nutiçia
E vem dar a mim.

Peço-lhe desculpa dos erros e as faltas que são muitas

Nota na vertical esquerda:
Alto da Umburana, 16 de /5/ de 1945.

DOC 11 – CARTA

Dois corações fiéis

Muita Saudade
Seu Bem

Minha querida noiva Carlinda

Muita Saudades.

Era uma bela manhã o sol brilha-
va no horizonte. Quando foi sur7 recebe a
sua delicada cartinha que veio me dar bastante
prazer em ver que não esquece de mim.
Sim recibe a sua visita muito
obrigado da sua delicadeza.
Carlinda eu vou bem melhor gra-
ças ao nosso bom Jesus.
Depois que recibe a tua carta
fiquei tão satisfeito, que gozei bôa melhora
Aceiti lembrança acopanhada di saudadi
do teu noivo que ti ama com firmeza

Roque Carneiro de Almeida de A.

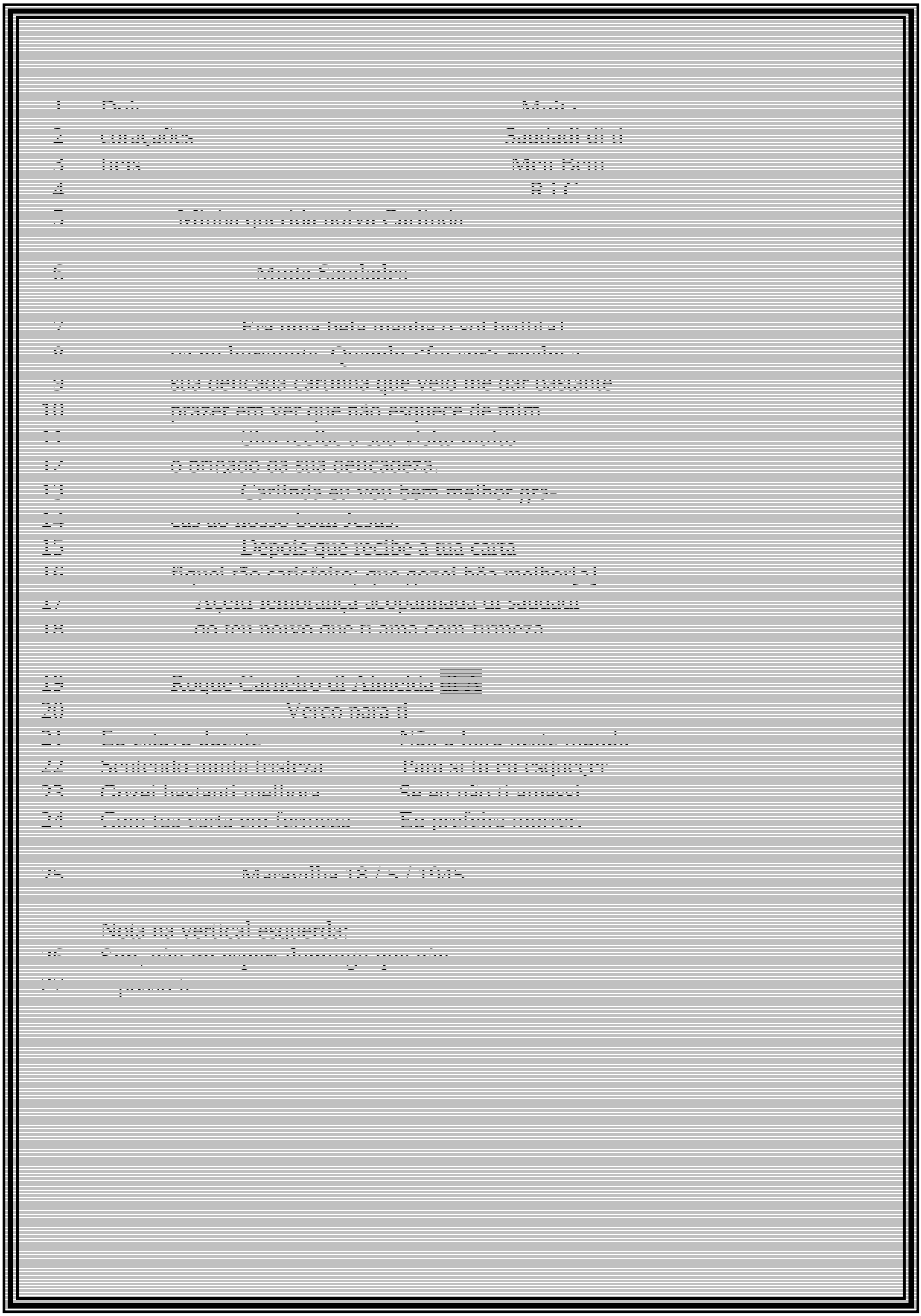
Verço para ti

Eu estava doente	Não a hora nesti mundo
Sentindo muita tristeza	Para di tu eu esqueçer
Gozei bastanti melhora	Se eu não ti amarri
Com tua carta em firmeza	Eu prefirio morrer.

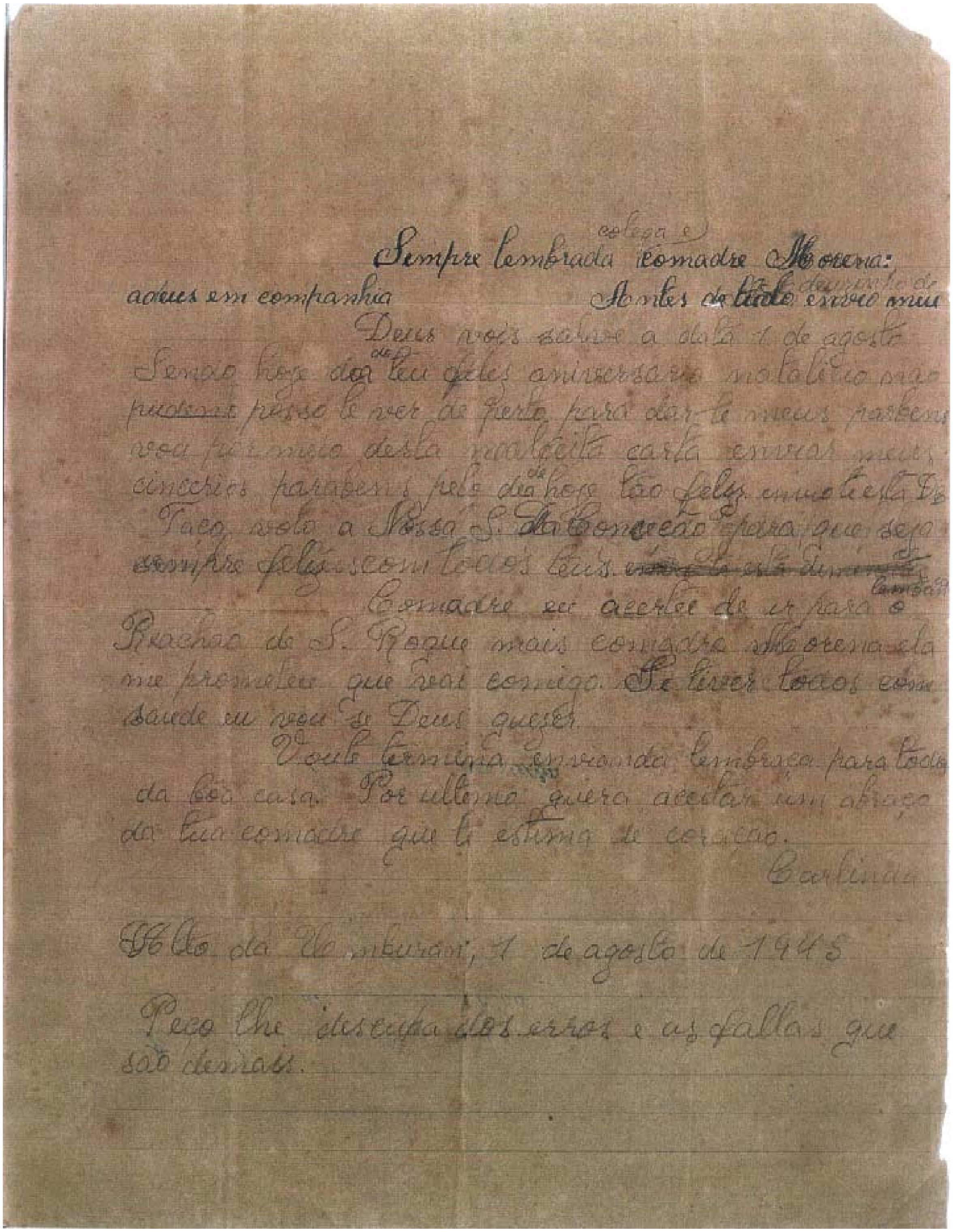
Maravilha 18 / 5 / 19

Dimi não mi esperi dumingo que não
posso ir

DOC 11 - CARTA



DOC 12 – CARTA - FRENTE



Sempre lembrada comadre Morena:

Antes de tudo envio meus adeus em companhia

Deus vos salve a data 1 de agosto sendo hoje do teu feles aniversario natalicio não pude posso te ver de perto para dar-te meus parabens vou por meio desta mal feita carta enviar meus cinceros parabens pelo dia de hoje tão feliz envolto esta Faço voto a Nossa S. da Conceição para que seja sempre feliz com todos teus.

Comadre eu acertei de ir para o Riachão de S. Roque mais comadre Morena ela me prometeu que vai comigo. Se tiver todos com saude eu vou se Deus quiser.

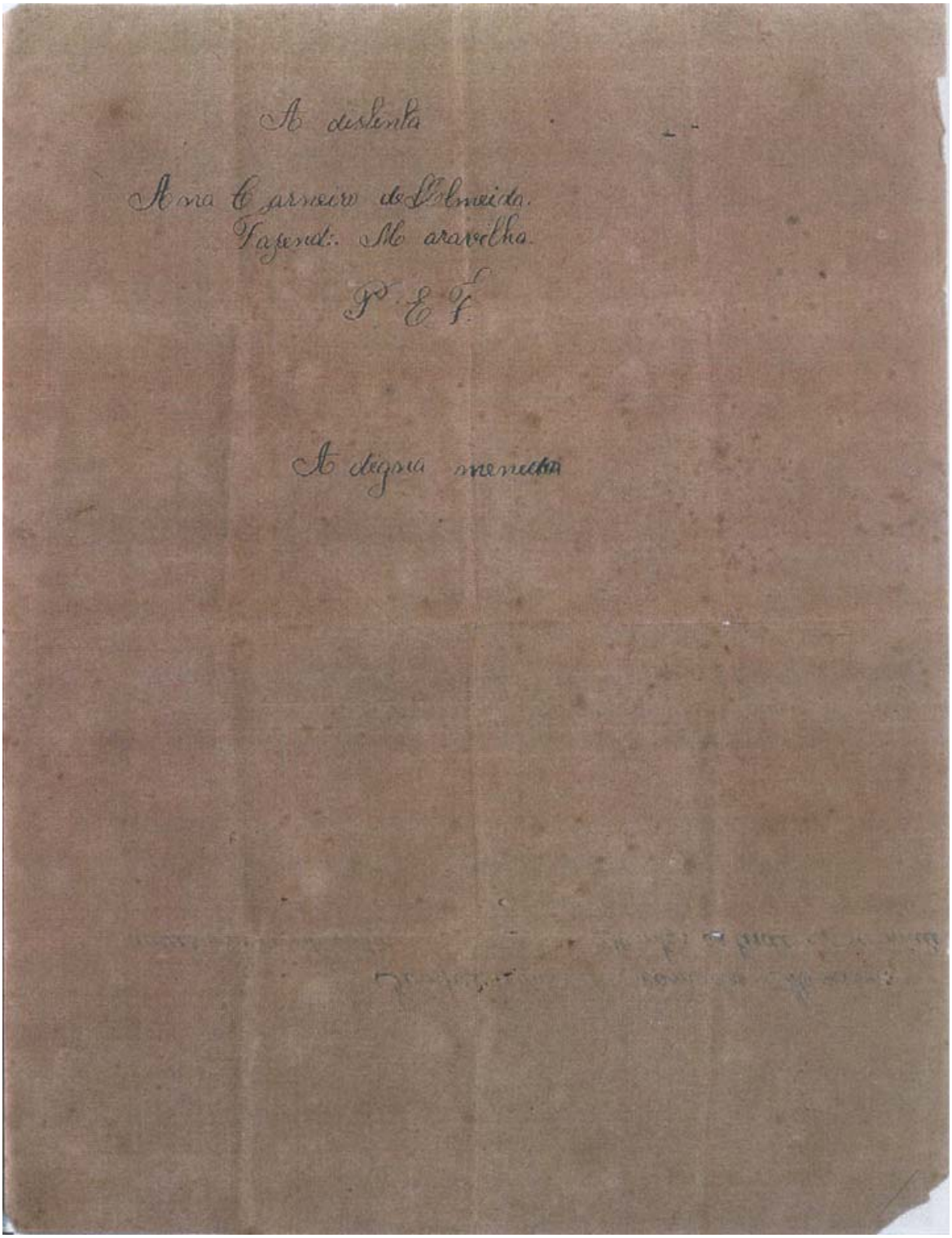
Voulo termina enviando lembraça para todos da tua casa. Por ultimo quera aceitar um abraço da tua comadre que te estima de coração.

Carlinda

Alto da Umburana, 1 de agosto de 1945

Peço lhe desculpa dos erros e as fallas que são demais.

DOC 12 – CARTA



DOC 12- CARTA

Sempre lembrada colega e comadre Morena:
adeus em companhia Antes de tudo envio meu
Deus vois salve a data 1 de agosto
Sendo hoje dia do teu felez aniversario natalício não
pudendo posso te ver de perto para dar te meus parbens
vou por meio desta malfeita carta enviar meus
cincerios parabéns pelo dia de hoje tão feliz envio te esta D??
Faço voto a Nossa S. da Conseção para que seja
Sempre feliz com todos teus envio-te esta diminuta [lembrança]
Comadre eu acertei de ir para o
Riachao de S. Roque mais comadre Morena ela
me prometeu que vai comigo. Se tiver todos com
saude eu vou se Deus quezer
Voute terminar enviando lembraça para todos
da bôa casa. Por ultimo quera aceitar um abraço
da tua comadre que te estima de coração.
Carlinda.

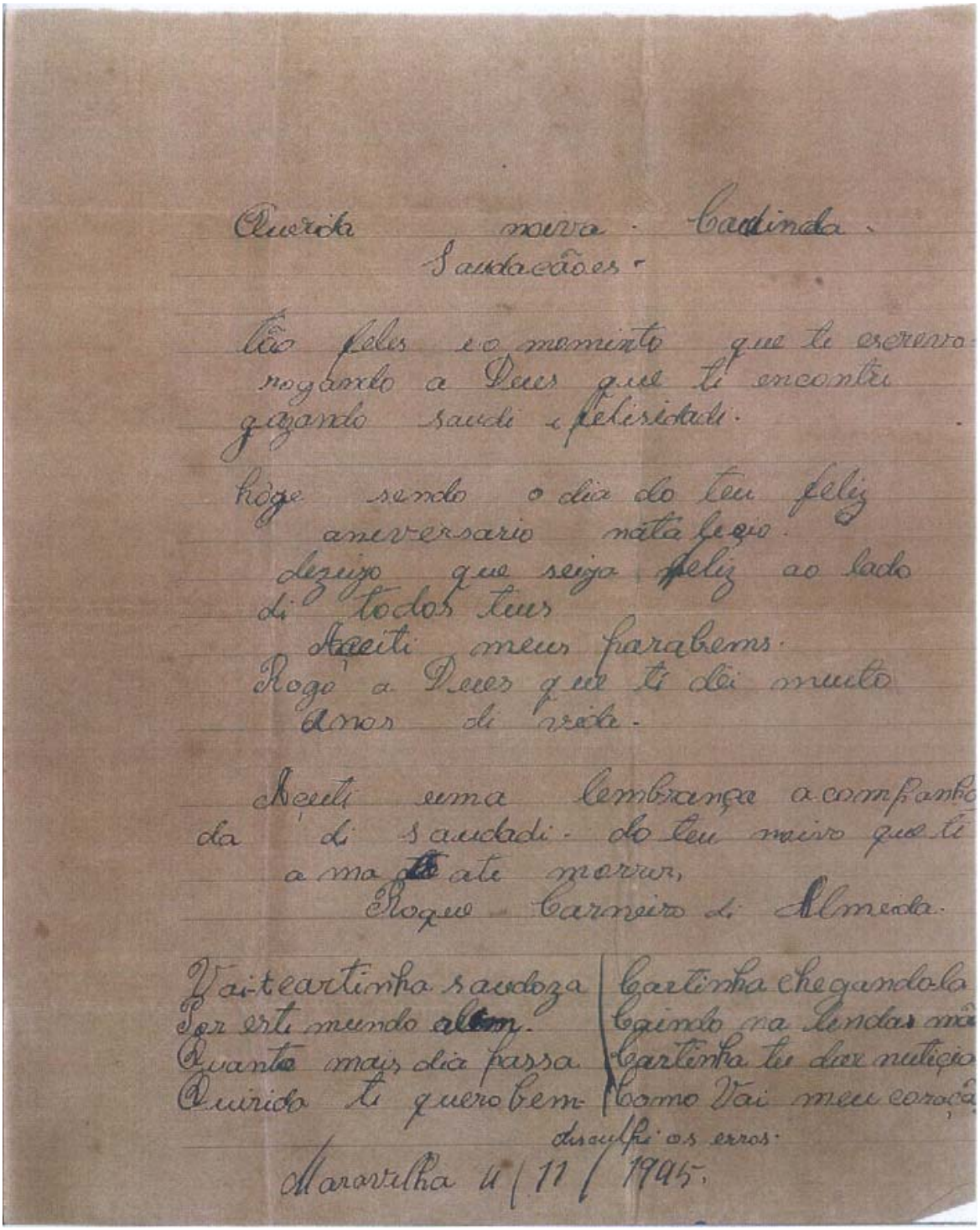
Alto da Umburana, 1 de agosto de 1945

Peço lhe desculpa dos erros e as fallas que
são demais.
....
A distinta

Ana Carneiro de Almeida
Fazenda M aravilha
P. E. F.

A digna menina

DOC 13 – CARTA



Querida noiva. Cadinda.
Saudacãoes.

tão feles e o momento que ti escrevo
rogando a Deus que ti encontri
gozando saudi e felisidadi.

hoje sendo o dia do teu feliz
aniversario natalicio.
dezejo que seja feliz ao lado
di todos tuus
Aceiti meus parabems.
Rogo a Deus que ti dei muito
anos di vida.

Aceiti uma lembrança acompanho
da di saudadi. do teu noivo que ti
a ma ate morrer,
Roque Carneiro di Almeida.

Vai-te cartinha saudoza
Por esti mundo alem.
Quanto mais dia passa
Quirido ti quero bem.

Cartinha chegando la
Caindo na lindas mã
Cartinha tu dar nutiçia
Como Vai meu coraçã

disculpi os erros.

Maravilha 4/11/1945.

DOC 13 - CARTA

Querida noiva Carlinda
Saudacãoes

tão feles e o mominto que te escrevo
rogando a Deus que ti encontri
gozando saudi i felisidadi.

hôgje sendo o dia do teu feliz
aniversario nataleçio
dezeijo que seija feliz ao lado
di todos teus
Açeiti meus parabems.
Rogo a Deus que ti dei muito
Anos di vida.

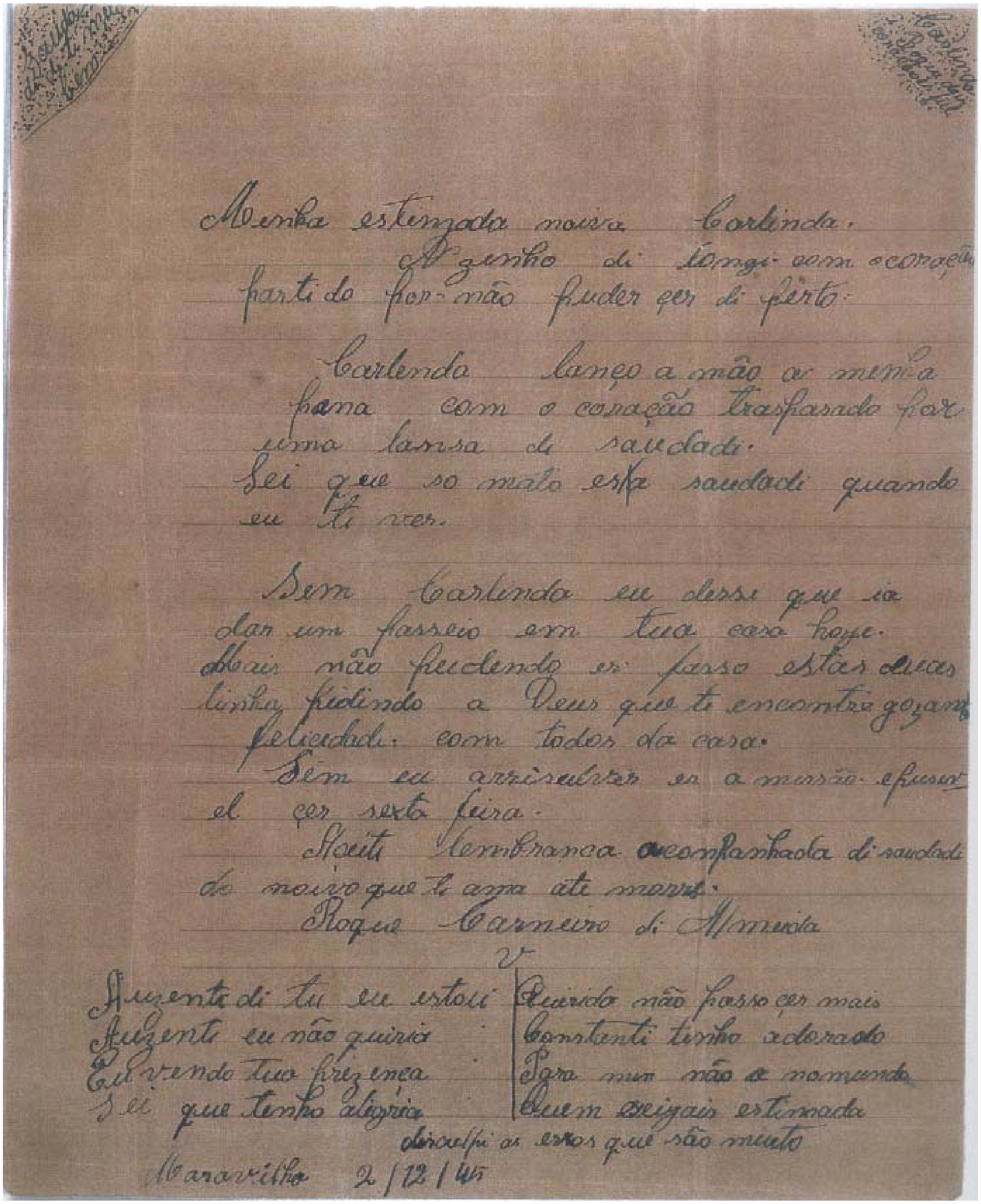
Açeiti uma lembrança acompanha
da di saudadi. do teu noivo que te
ama At ate morrer
Roque Carneiro di Almeida

Vai-te cartinha saudoza
Por este mundo alem
Quanto mais dia passa
Querida te quero bem.

Cartinha chegando-la
Caindo na lendas mã[o]
Cartinha tu dar nutiçia
Como vai meu coraçã[o]

disculpi os erros
Maravilha 4 / 11 / 1945

DOC 14 – CARTA



Menha estimada noiva Carlinda.
Ti escrevo di longi com o coração
partido por não puder cer di perto.

Carlinda lanço a mão a minha
pena com o coração traspasado por
uma lansa di saudadi.
Sei que so mato esta saudadi quando
eu ti ver.

Sem Carlinda eu dessi que ia
dar um passeio em tua casa hoje.
Mais não pudendo eu passo estas duas
linha pidindo a Deus que ti encontre gozando
felicidadi com todos da casa.
Sem eu arrisolver eu a missão e fuser
el cer sexta feira.
Aceiti lembrança acompanhada di saudadi
do noivo que ti ama até morrer.
Roque Carneiro di Almeida

Auzenti di tu eu estou
Auzenti eu não quiria
Eu vendo tua prezença
Sei que tenho alegria

Querida não posso cer mais
Constenti tenho adorado
Para mim não a namurado
Quem beijais estimada

descurpi os erros que são muito
Maravilha 2/12/45

DOC 14 - CARTA

Saúda	Carlinda
di di ti meu	Roque dois
bem	coraçaões fiel

Minha estimada noiva Carlinda.
Adeuzinho di longi com o coração
Partido por não puder çer di perto

Carlinda lanço a mão a minha
pena com o coração traspasado por
uma lansa di saudadi.
Sei que so mato esta saudadi quando
Eu ti ver.

Sim Carlinda eu dessi que ia
dar um passeio em tua casa hoje.
Mais não pudendo er fasso estas duas
linha pidindo a Deus que te encontre gozando
felicidade com todos da casa
sim eu arrisulvir er a missão e pusiv-
el çer sexta feira.
Açeite lembrança aconpanhada di saudadi
do noivo que ti ama ate morre.
Roque Carneiro di Almeida
V

Auzenti di tu eu estou	Quirida não posso çer mais
Auzenti eu não quiria	Constanti tenho adorado
Eu vendo tua prezença	Para min não a nomundo
Sei que tenho aligria	Quem seijais estimada

disculpi os erros que são muito
Maravilha 2 / 12 / 1945

DOC 15 – CARTA

Saudade de te
meu querido.

Durmi com o cintido em te.
Acordo começo pensar.
Desej quando durmi.
Sempre contigo sonhar.

Saudoso noivo Roque.

Envio um adeuzinho
em companhia de muita saudade com votos de felecidades.

Com o coração trespassado das mais
ardentes saudades de te que pego na minha pena para traço sobre esta
sequemficante linha o teu adorado nome e ao mesmo tempo respon
der a tua estimada cartinha que veio descansar mais o meu pensa
mento que sobe tuas noticia que para mim são desejadas.

Desejaria ser um passarinho para chegar
ate ai para te ve de perto para alegra o meu pobre coração
que esta tão treste de saudade de te que so eu sei com esta.

Roque sei que não tenho o prazer de te ver
daqui para sesta feira eu estou fazendo tenção ir para Reach
ão e sesta demanhan ei de te ver la se Deus quizer para
mata esta saudade que estou sentindo por te

Roque sobe que tu levou um talho Francisquinho
me desse que foi pequeno mais não me comformei com isto estari
catisfeita se eu pudesse te ver de perto não pudendo ir envio esta car
ta e fico fazendo voto a Nossa Senhora que te de saude e feli
cidade.

Roque manda tua ropa por Francisquinho terça feira
que eu passo o ferro e tu recebe no Reachão.

Vou termina enviando lembrança em companhia
de saudade da tua noiva que te ama com firmeza para toda eterni
dade.

Carlinda. C C

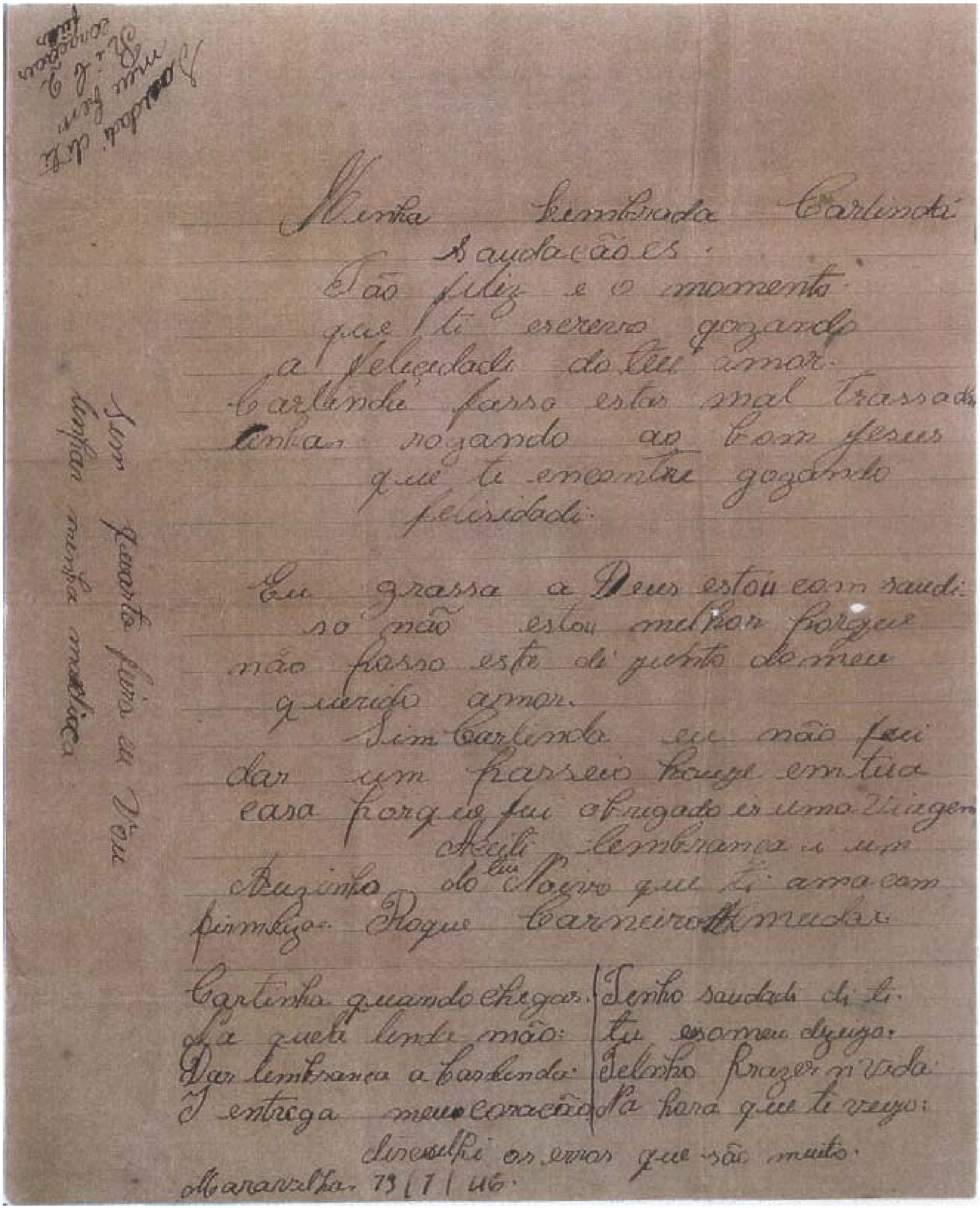
Alto da Umburana, 21/12/ de 1945. Desculpe os erros e as faltas.

DOC 15 - CARTA

Durmo com o cintido em te. Saudade
de te
Acordo começo pencar. me querido
Desej quando durmi.
Sempre contigo sanhar.
Saudoso noivo Roque.
Envio um adeuzinho
em companhia de muita saudade com votos de felicidades.
Com o coração trespassado das mais
ardentes saudades de te que pego na minha pena para traça sobre esta
seguinificante linha o teu adorado nome e ao mesmo tempo respon-
der a tua estimada cartinha que veio descancar mais o meu pensa-
mento que sobe tuas notiçia que para mim são desejadas.
Desejaria ser um passarinho para chegar
ate air para te ve de perto para alegra o meu pobre coração
que esta tão treste de saudade de te que so eu seu com esta
Roque sei que não tenho o prazer de te ver
daqui para sesta feira eu estou fazendo tenção er para Riach-
ao e sesta demanhan. Ei te ver la se Deus quizer para
mata esta saudade que estou sintindo por te
Roque sobe que tu levou em lalho Francisquinho
me desse que foi pequeno mais não me conformei com isto estari
catisfeita se eu pudesse te ver de perto não pudendo ir envio esta car-
ta e fico fazendo voto a Nossa Senhora que te dee saude e feli-
cidade.
Roque manda tua ropa por Francisquinho terça feira
que eu passo o ferro e tu recebe no Riachão.
Vou termina enviando lembrança em conpanhia[a]
de saudade da tua noiva que te ama com fermeza para toda etern[i]-
dade.
Carlinda. C C

Nota na vertical esquerda:
Alto da Umburana, 2 / 12 / de 1945. Desculpe os erros e as faltas.

DOC 16 – CARTA



Saudadi di ti
meu firm
B. e Q.
corações

Minha lembrada Carlinda
Saudações.
Tão feliz e o momento
que ti escrevo gozando
a felicidadi do teu amor.
Carlinda fasso estas mal trassada
linhas rogando ao bom Jesus
que ti encontre gozando
felisidadi.

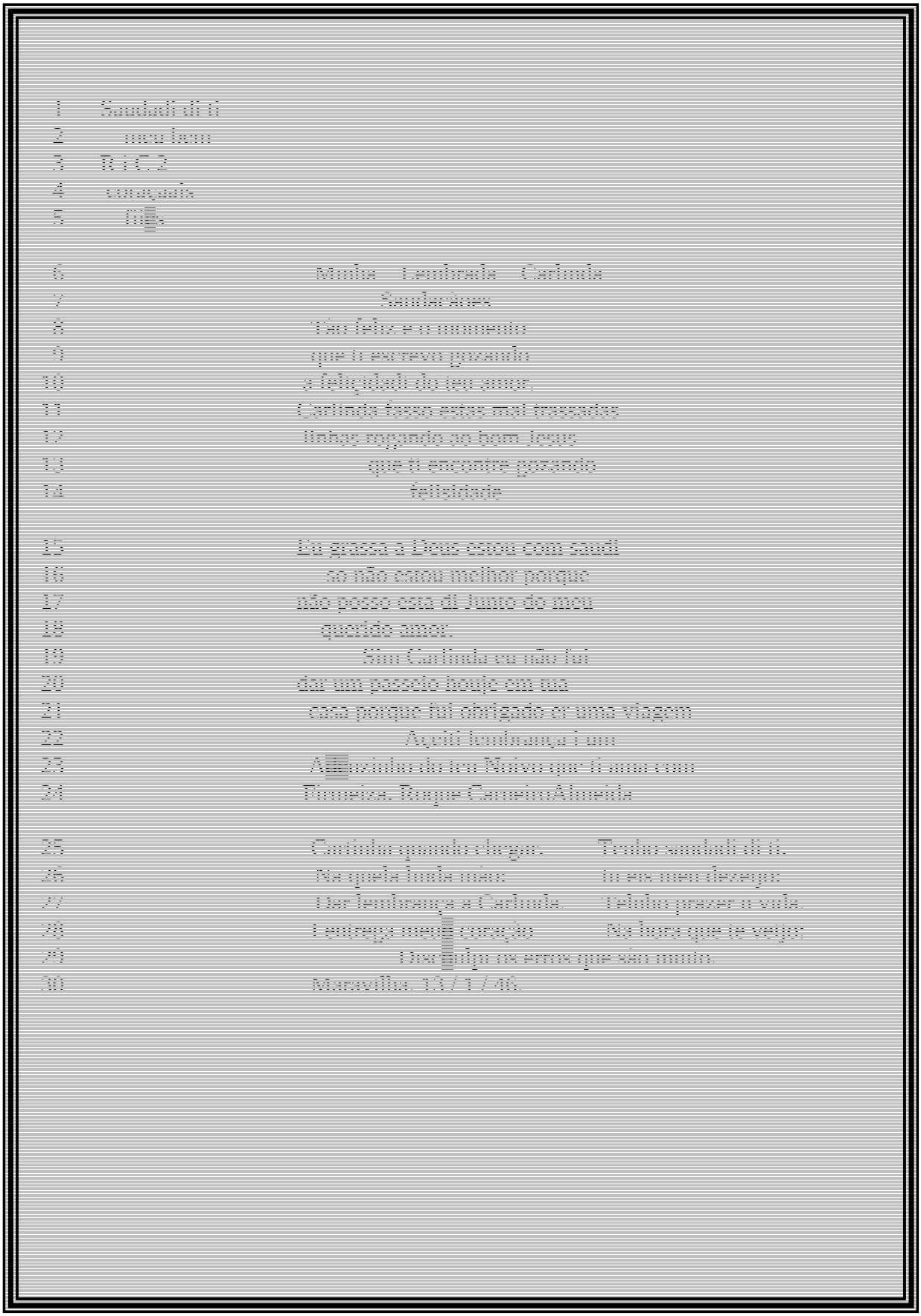
Eu grassa a Deus estou com saudi
so não estou melhor porque
não fasso este di junto do meu
querido amor.
Sim Carlinda eu não fui
dar um passeio hoje em tua
casa porque fui obrigado es uma viagem
Aceiti lembrança e um
Abrazinho do teu Noivo que ti ama com
firmeza. Roque Carneiro [illegible]

Cartinha quando chegar | Tenho saudadi di ti
Sa queti lende mão | tu es o meu dezejo
Dar lembrança a Carlinda | Belinho Prazer ni vida
I entrega meu coração | Na hora que ti vejo

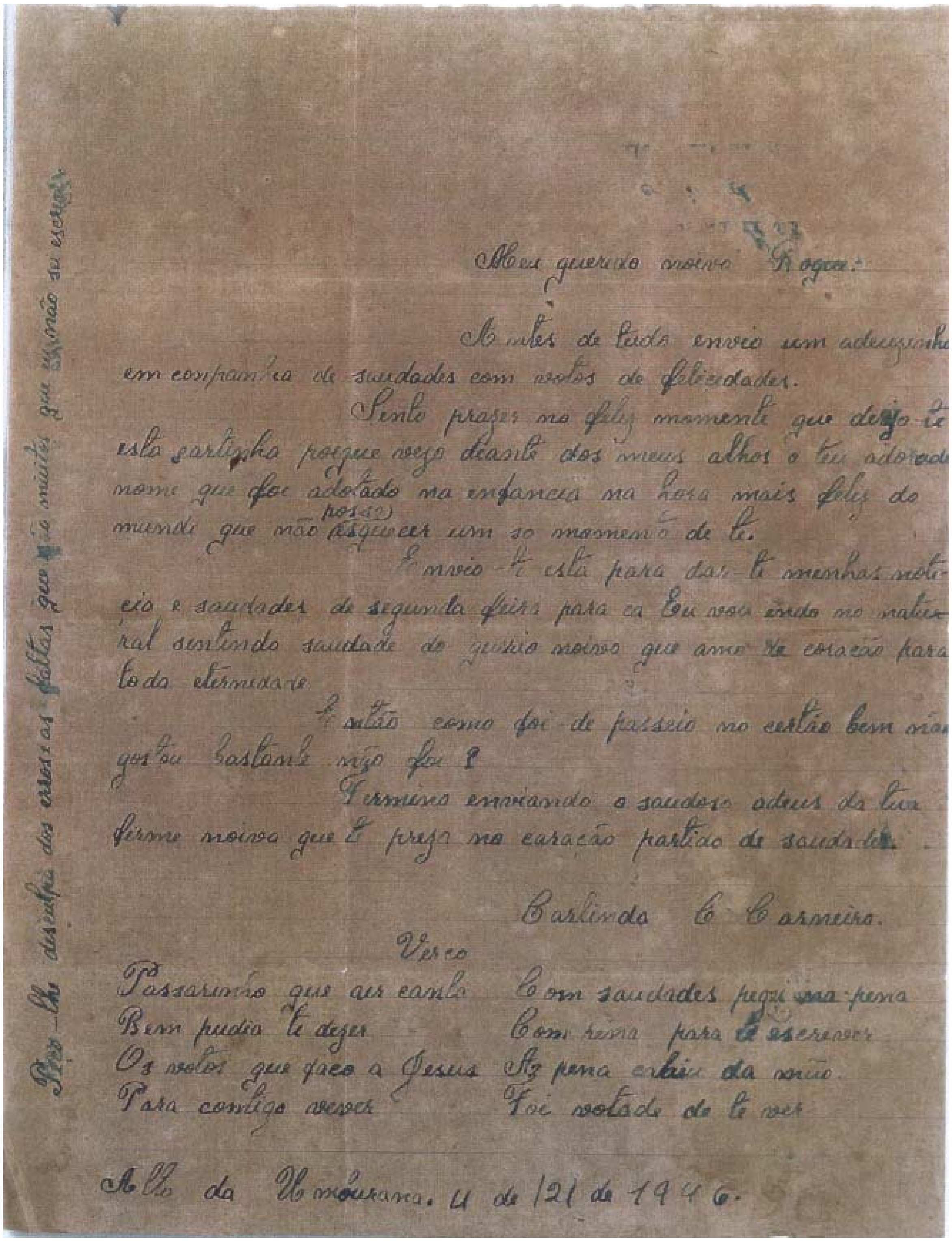
discurpi os erros que são muito.
Maravilha 13/7/46.

Sou garanto fiéis ao Deu
Lintan minha musica

DOC 16 - CARTA



DOC 17 – CARTA



Meu querido noivo Rogou:

Antes de tudo envio um adeuzinho em companhia de saudades com votos de felicidades.

Sinto prazer no feliz momento que deijo te esta cartinha porque vezo deante dos meus olhos o teu adorado nome que foi adotado na enfancia na hora mais feliz do mundo que não posso esquecer um so momento de te.

Envio-te esta para dar-te minhas noticia e saudades de segunda feira para ca Eu vou indo no natural sentindo saudade do querido noivo que amo de coração para toda eternidade.

E então como foi de passeio no certão bem não gostou bastante não foi?

Termino enviando o saudoso adeus da tua firme noiva que é preza no coração partido de saudade.

Carlinda C. Carneiro.

Verso

Passarinho que ai canta
Bem pudia te dezer
Os votos que faço a Jesus
Para comigo viver

Com saudades pegui na pena
Com pena para te escrever
A pena caiu da mão.
Foi votade de te ver

Alto da Umburana. 4 de 12 de 1946.

Peço-lhe desculpa dos erros e as faltas que são muitos que eu não sei escrever.

DOC 17 - CARTA

Meu querido noivo Roque:

Antes de tudo envio um adeuzinho
em companhia de saudades com votos de felicidades.
Sento prazer no feliz momente que desejo-te
esta cartinha porque vejo diante dos meus alhos o teu adorado
nome que foi adotado na enfancia na hora mais feliz do
mundo que não posso esquecer um so momento de te.
Envio-te esta para dar-te minhas noti-
çia e saudades de segunda feira para ca Eu vou indo no natur-
ral sentindo saudade do querio noivo que amo de coração para
toda eternidade
Então como foi de passeio no certão bem não
gostou bastante não foi ?
Termino enviando o saudoso adeus da tua
firme noiva que te preza no coração partido de saudades.

Carlinda C. Carneiro.

Verco

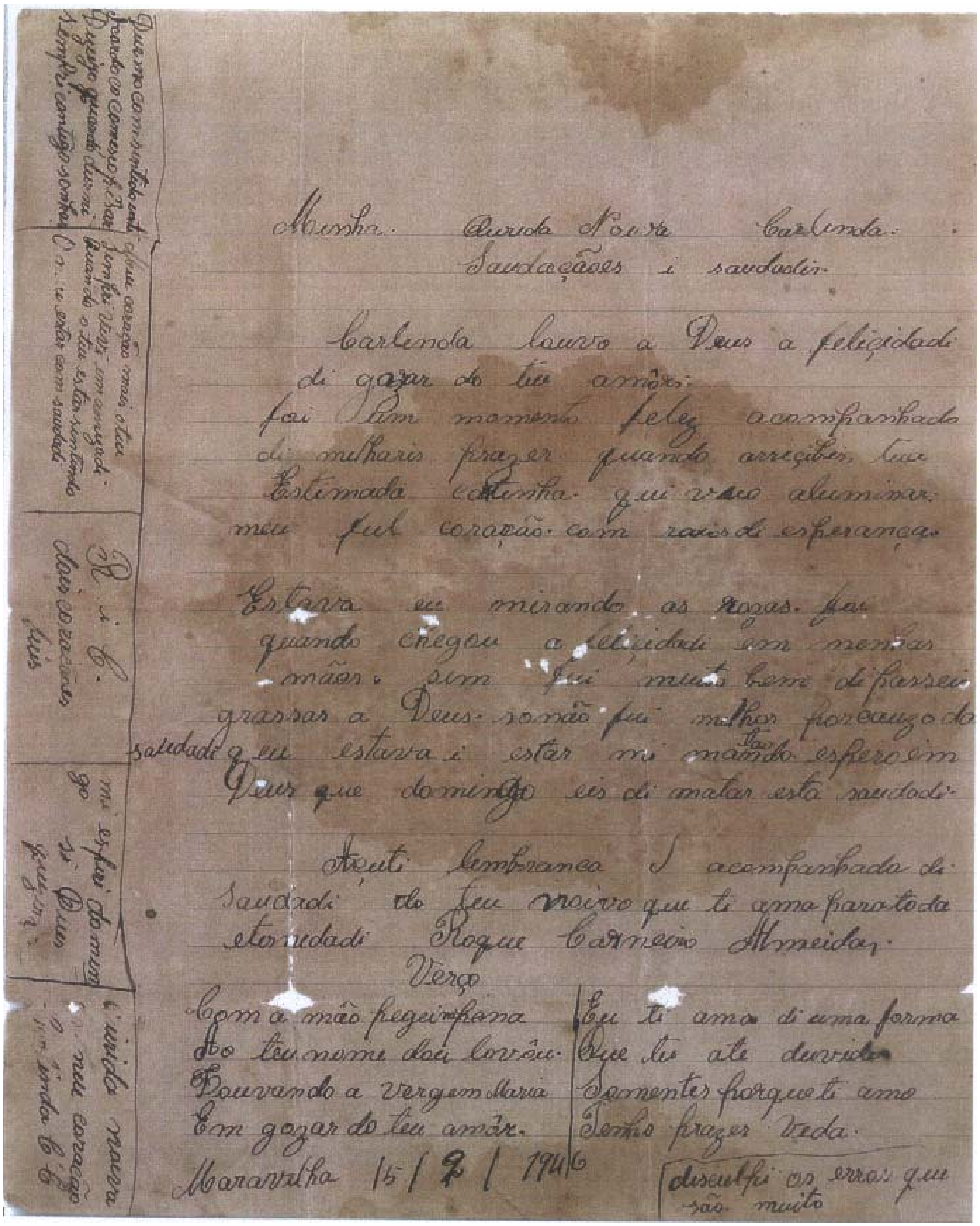
Passarinho que air canla
Bem pudia te dizer
Os votos que faço a Jesus
Para comtigo vever

Com saudades pegei na pena
Com pena para te escrever
A pena cahiu da mão.
Foi votade de te ver

Alto da Umburana. 4 de /2/ de 1946.

Nota na vertical esquerda:
Peço-lhe desculpa dos erros e as faltas que são muitos que eu nâo sei escrever.

DOC 18 – CARTA



Minha. Querida Noiva Carlenda:
Saudações i saudades.

Carlenda louvo a Deus a felicidadi
di gozar do teu amôr:
foi Sim momento feliz acompanhado
di milhares prazer quando arrecibei tua
Estimada cartinha qui veio aluminar.
meu fiel coração com raios di esperança.

Estava eu mirando as rozas. foi
quando chegou a felicidadi em menhas
mãos. sim fui muito bem di parseiu
grassas a Deus. só não fui melhor porcauza da
saudadi q eu estava i estar mi matando esfero im
Deus que domingo eis di matar esta saudadi.

Aqueti lembranca S acompanhada di
saudadi do teu noivo que ti ama para toda
eternidadi Roque Carneiro Almeida.

Verço

Com a mão pequenina
Ao teu nome dou louvôr.
Louvando a Vergem Maria
Em gozar do teu amôr.

Eu ti amo di uma forma
Que tu ate duvida
Somentes porque ti amo
Tenho prazer veda.

Maravilha 15 / 2 / 1946

disculpi os erros que
são muito

DOC 18 - CARTA

Minha Qurida Noeva   Carlinda:
Saudaçaões i saudadis

Carlenda louvo a Deus a feliçidadi
di gozar do teu amôr:
foi um momento felez acompanhado
di melharis prazer quando arriçibir tua
Estimada cartinha qui veio aluminar:
meu fiel coração com raios di esperança.

Estava eu mirando as rozas foi
quando chegou a feliçidadi em menhas
mãos. sim fui muito bem di passei[o]
grassas a Deus so não fui milhor por cauzo da
saudadi q eu estava i estar mi matando. espero em
Deus que domingo eis di matar esta saudadi.

Açeiti lembrança acompanhada di
Saudadi do teu noivo que ti ama para toda
eternidadi   Roque Carneiro Almeida.

Verço

Com a mão pegei na pena	Eu ti amo di uma forma
Ao teu nome dou lovôu.	Que tu ate duvida
Louvando a vergem Maria	Somentes porque ti amo
Em gozar do teu amôr.	Tenho prazer veda.

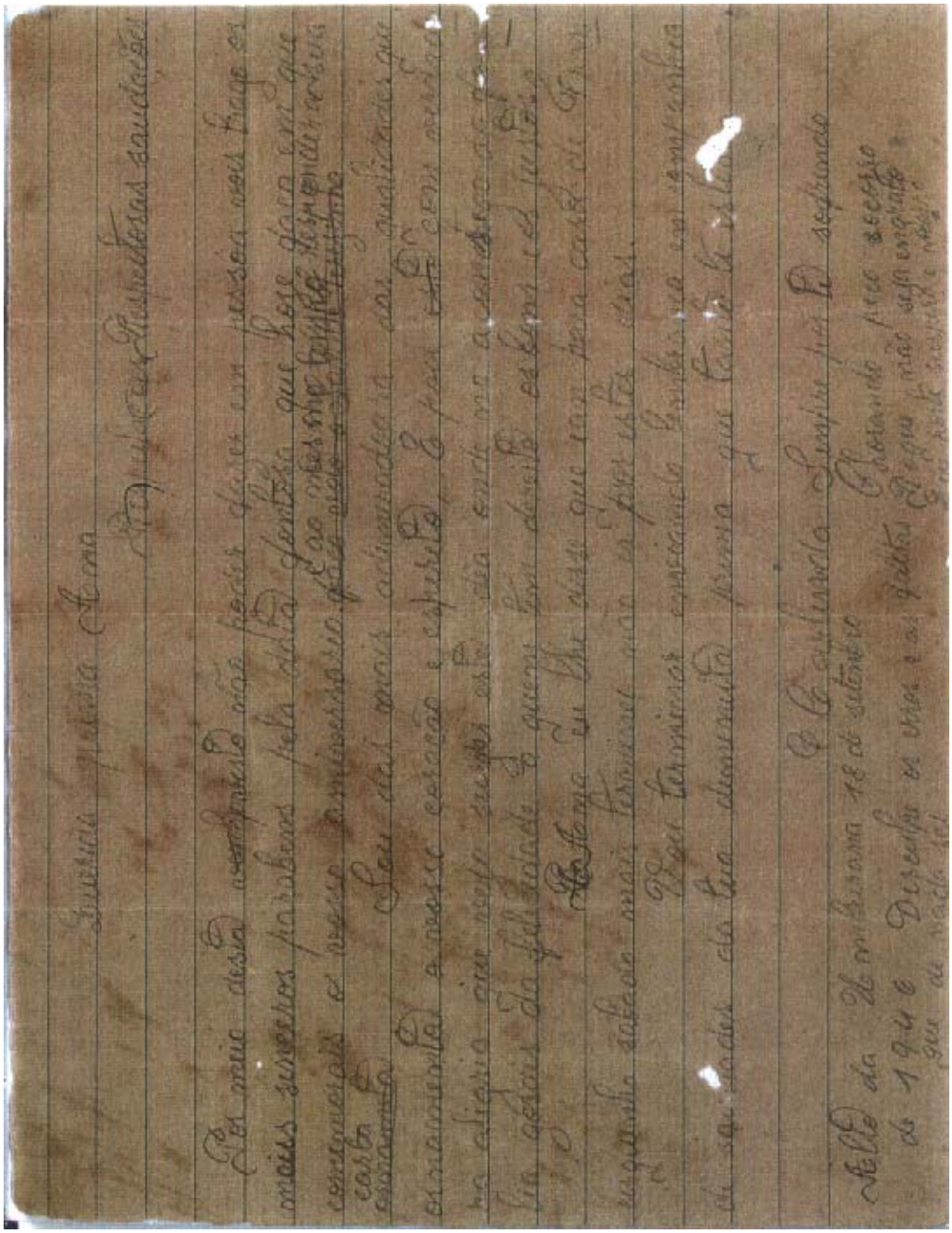
Maravilha /5 / 2 / 1946

desculpi os erros que
são muito

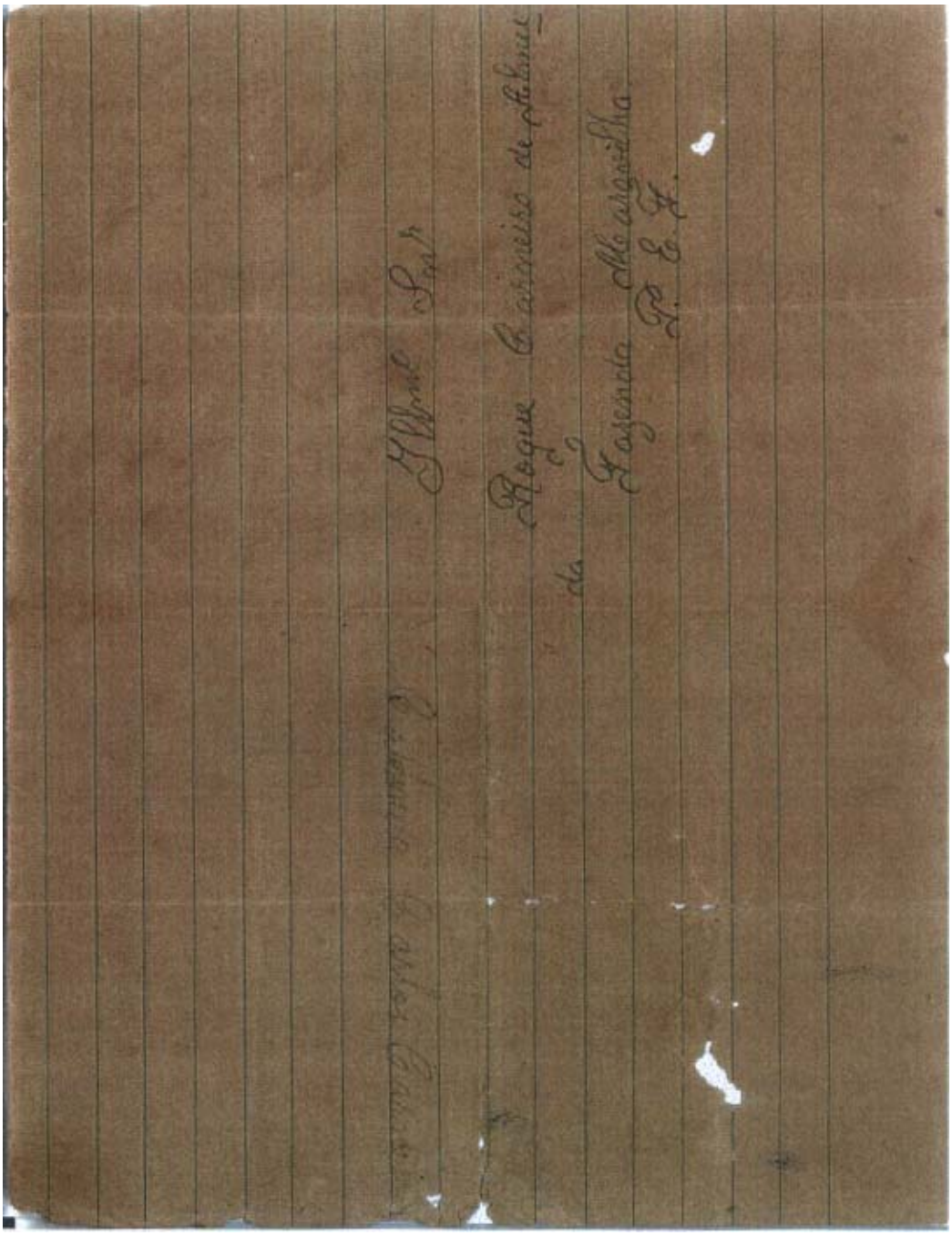
Notas na vertical esquerda:

Durmo com sentido em	Meu coração mais o teu	R i C	mi esperi	Quirida noiva
ti	Sempri vivi em amizadi		domin	[do] meu coração
Acordo co comesço	Quando o teu estar	dois	go si Deus	Carlinda C C
pensar	sintindo	coraçãoes	quizer	
DeseiJo quando durmi	O meu estar com	fieis		
Sempri contigo sonhar	saudadi			

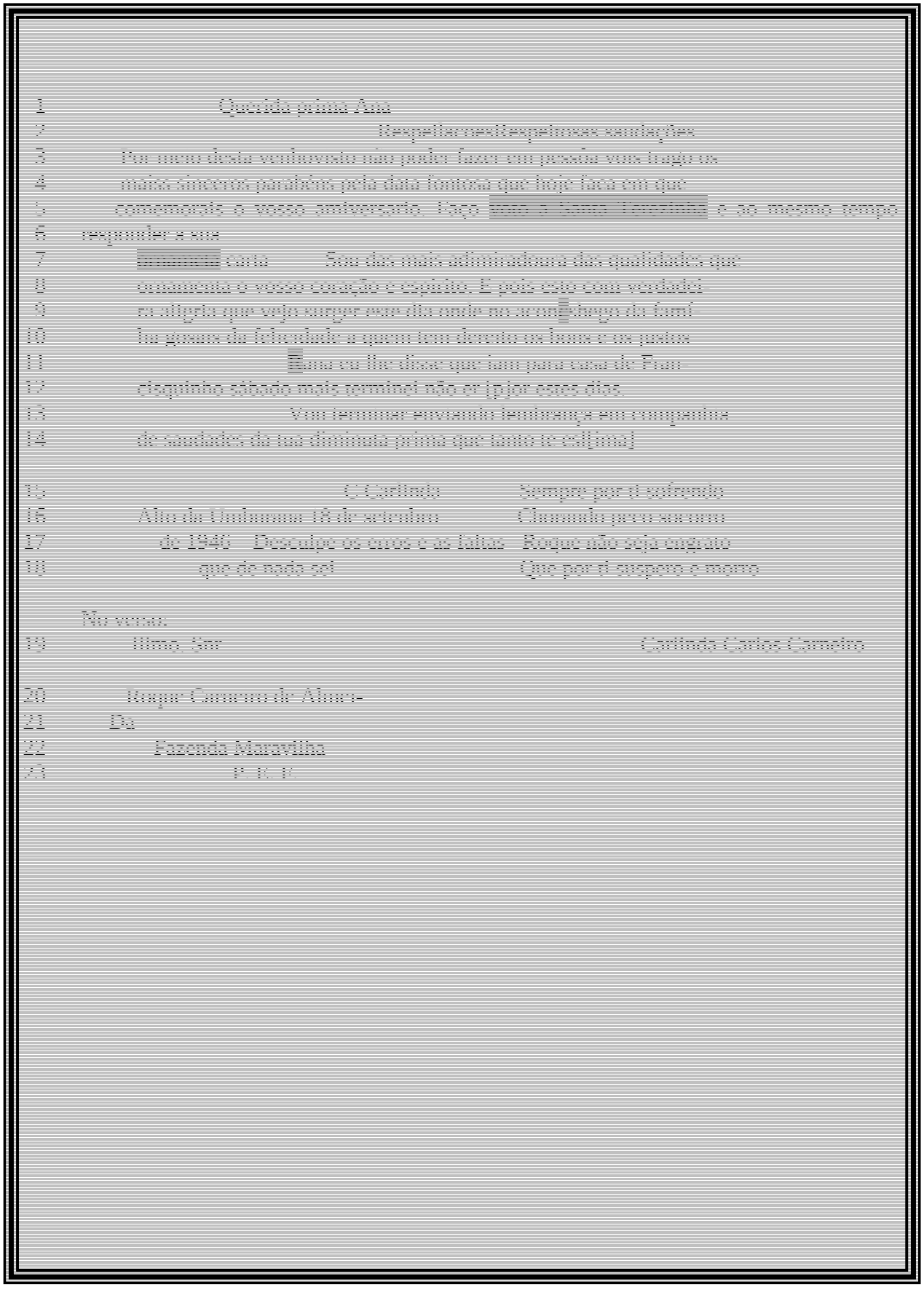
DOC 19 – CARTA - FRENTE



DOC 19 – CARTA – VERSO



DOC 19 - CARTA



DOC 20 – CARTA

Querido primo Roque

Respeitosas saudações.

Por meio destas visto não puder fazer em pessoa vos trago os meus sinceros parabens pela data pontosa que hoje faça em que comemorais o vosso aniversario natalicio. E ao mesmo tempo responder a sua carta.

Sou das mais admiradouras das qualidades que ornamenta o vosso coração e o espito. É com verdadeira alegria que vejo surgir este dia onde no aconchego da familia gosais da felecidades a quem tem dereito os bons e justos.

Aproveito a apertunidade para aprezentar os protesto da minha mais elevada estima assinar-me.

Vorsa atenciosa noiva.

Carlinda Carlos Carneiro

Verço

Sempre por te supreendo
Chorando peço socorro
Roque não seja ingrato
Que por te suspiro e morro.

Alto da Umburana, 18 de setembro de 1946.

Desculpe os erros e as letras.

Roque eu lhe disse que iam dançar na casa de Francisquinho sabado mais [illegible] a domingo aceite lembrança da sua [illegible] [illegible] noiva

DOC 20 - CARTA

Querido primo Roque:
Respeitosas saudações

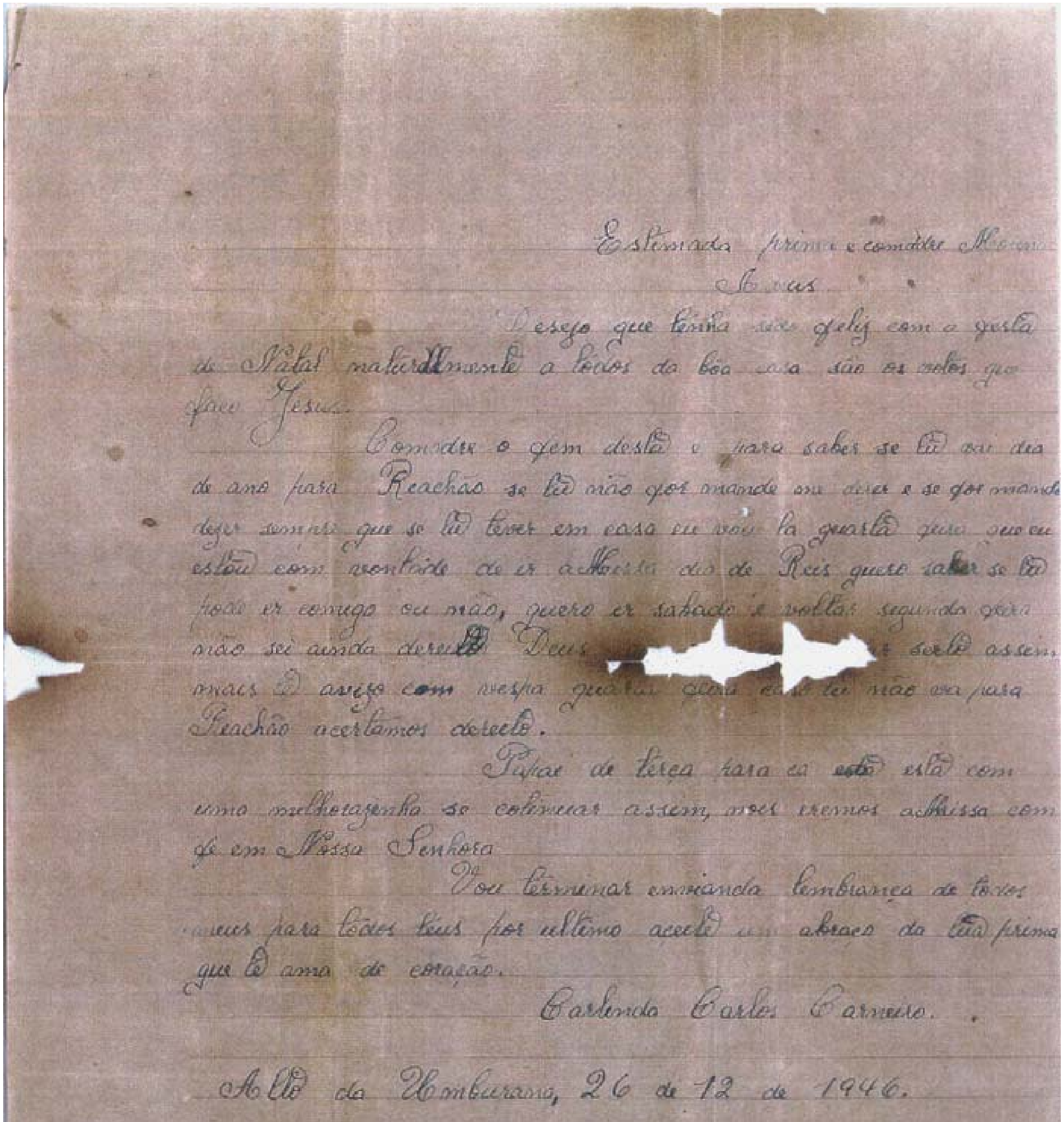
Por meio destas visto não puder fazer em
pessôa vos trago os meus senceros parabéns pela data
fontosa que hoje faça em que comemorais o vosso a-
niversario natalício. E ao mesmo tempo responder a sua
carta.
Sou das mais adimiradouras das qualidades
que ornamenta o vosso coração e o espito. E com ver-
dadeira alegria que vejo surgir este dia onde no a-
conchego da família gosais da felicidades a quem
tem dereito os bons e os justos.
Aproveito a oportunidade para aprezentar os
protesto da minha mais alevada estima assinar-
me.
Vossa atenciosa noiva.

Carlinda Carlos Carneiro.
Verço
Sempre por ti sofrendo
Chorando peço socorro
Roque não seja engrato
Que por te suspiro e morro.
Alto da Umburana, 18 de setembro de 1946.

Desculpe os erros e as leitras.

Na vertical esquerda:
Roque eu lhe disse que iam durmir na casa de
Francisquinho sabado mais resovel er dumigo
aceite lembrança da sua diminuta noiva

DOC 21 – CARTA



Estimada prima e comadre Maria [illegible]

Neus

Desejo que tenha sido feliz com a festa de Natal naturalmente a todos da boa casa são os votos que faço Jesus.

Comadre o fim desta é para saber se tu vai dia de ano para Reachão se tu não for mande me dizer e se for mande dizer somente que se tu tiver em casa eu vou la quarta feira por que eu estou com vontade de ir a Morta dos de Reis quero saber se tu pode ir comigo ou não, quero ir sabado e voltar segunda feira não sei ainda direito [illegible] Deus [illegible] e seto assim mais te aviso com vespra quarta feira caso tu não va para Reachão acertamos direito.

Papai de terça para ca esta com uma melhorazinha se continuar assim nos iremos a Missa com fé em Nossa Senhora

Vou terminar enviando lembrança de todos meus para todos teus por ultimo aceite um abraço da tua prima que te ama de coração.

Carlinda Carlos Carneiro.

Alto da Umburana, 26 de 12 de 1946.

Desculpe os erros e as faltas que são muitos.

DOC 21 - CARTA

Estimada prima e comddre Morena

Adeus

Desejo que tenha sedo feliz com a festa de Natal naturallmente a todos da bôa casa são os votos que faço Jesus.

Comadre o fim desta e para saber se tu vai dia de ano para Reachão se tu não for mande me dezer e se for mande dezer sempre que se tu tever em casa eu vou la quarta feira que eu estou com vontade de ir a Missa dia de Reis quero saber se tu pode er comigo ou não, quero er sabado e voltar segunda feira não sei ainda dereito Deus ....[5] serto assim mais te avizo com vespa quarta feira caso tu não va para Reachão acertamos dereito.

Papai de terça para ca esta esta com uma melhorazinha se cotinuar assim, nois eremos a Missa com fe em Nossa Senhora

Vou terminar enviando lembrança de todos meus para todos teus por ultimo açeete um abraço da tua prima que te ama de coração.

Carlinda Carlos Carneiro.

Alto da Umburana, 26 de 12 de 1946.

Desculpe os erros e as faltas que são muitos.

---

[5] Trecho com marcas de queimadura e obstruído

DOC 22 – CARTA

Saudade de tô

Querida prima Morena

Saudações

vontade.

Amizade é um surrizo devino que os
anjos colam nos labios de Jesus e vem colher nos cora
ção das almas escolhedas e com o coração [illegible] de sau
dades que [illegible] da minha prima [illegible] para escre
ve tô estas duas linhas dando-lhe minhas notícias e
ao mesmo tempo saber as tuas que para mim são alegria
da Então como vai de dia tô para cá bem não é verdade?
Eu vo indo como Deus é servido com esta
vida sem gosto conforme merecemos a Deus
Morena se Deus me de licença de dumin
go a 8 ou nove [illegible] um passeio em sua casa estê e se [illegible]
tiver qualquer melhora que até o fazer disto não tem melhor
nenhuma pudeza daqui para estê dia Deus ajuda que ele goze
melhora e [illegible] todos teremos descanso.
Vou terminar enviando lembranças em cam
panhia de saudades da tua [illegible] que tô ama com firmeza encu
anto vida [illegible]

[illegible] Carlos Carneiro.

Alto da Umburana 14 de 11 de 1947.

Peço-lhe que Desculpe os erros e as faltas que
são muitas

Ainda depois de morto
Debaxo do frio chão
Tenho o teu nome escrito
Dentro do meu coração

DOC 22 – CARTA

Saudade Querida prima Morena
De te vontade Saudacões
Amizade e um surrizo que os
anjos colam nos lábios de Jesus e vem colher nos cora-
cão das almas escolhedas e com o coração [treste] de sau-
dades que lraco menha pego na minha pena nos dedos para escre-
vê te estas duas linhas dando-lhe minhas noticias e
ao mesmo tempo saber as suas que para mim são deseja-
da

Então como vai do dia 6 para ca bem não e verdade?
Eu vo indo como Deus e servido com esta
vida sem gosto conforme merecemos a Deus
Morena se Deus me de licença de dumin-
go a 8 eu vou dar um passeio em sua casa esto e se papai
tiver qualquer melhora que ate o fazer desta não tem melhora
neuma pudera daqui para este dia Desus ajuda que ele goze
melhora e nuis nois todos teremos descanso.
Vou terminar enviando lembrança em can-
panhia de saudades da tua diminuta prima que te ama com ferzmez encu-
anto vida ....[6]
Carlinda Calos Carneiro

Alto da Umburana 14 de /1/ de 1947.

Peco lhe que Desculpe os erros e as faltas que
são muitas

Ainda depois de morta
Debaxo do frio chão
Tenho o teu nome escrito
Dentro do meu coração

[6] Trecho obstruído por queimadura

DOC 23 – CARTA

Dás com saudades ao
Quando nos ver.

Estimado primo Roque:

Saudações.

Amizade é um suspiro divino que os anjos colam nos labios de Jesus e vem colher nos coraçãoes das almas escolhidas e com o coração treste saudade que pego na minha pena para escrever-te estas mal linhas dando-lhe minhas notícias e ao mesmo tempo saber as suas que para mim são desejadas.

Então como vai ai do céu e para ca bem não é verdade? Eu vou indo como Deus é servido com esta vida sem gosto conforme merecemos a Deus

Roque se Deus me dé licença de Domingo o 8 eu vou dar um passeio a tua casa

Vou terminar enviando lembrança em companhia de saudade da tua dermenila noiva que te ama com firmeza enquanto vida tiver.

Carlinda Carlos Carneiro

Alto da Umburana, 16 de 11. de 1947

Desculpe os erros e as fallas que já não sei e fai pela compreça

Carneiro

DOC 23 - CARTA

Adeus com saudades ate
quando nos ver.
Estimado primo Roque:
Saudações.
Amizade e um surrizo divino que os anjos
colam nos labios de Jesus e vem colher nos coracãoes das al-
mas escolhidas e com o coração triste saudade que pego na
minha pena para escrever-te estas duas linhas dando-lhe
minhas nuticias e ao mesmo tempo saber as suas que para
mim são desejadas.
Então como vai do dia 6 para ca bem
não e verdade? Eu vou indo como Deus e servido com
esta vida sem gosto conforme merecemos a Deus
Roque se Deus me de licença de dumin-
go o 8 eu vou dar um passeio em sua casa
Vou terminar enviando lembrança em com-
Panhia de saudade da tua diminuta noiva que te ama
Com firmeza enquanto vida tever.

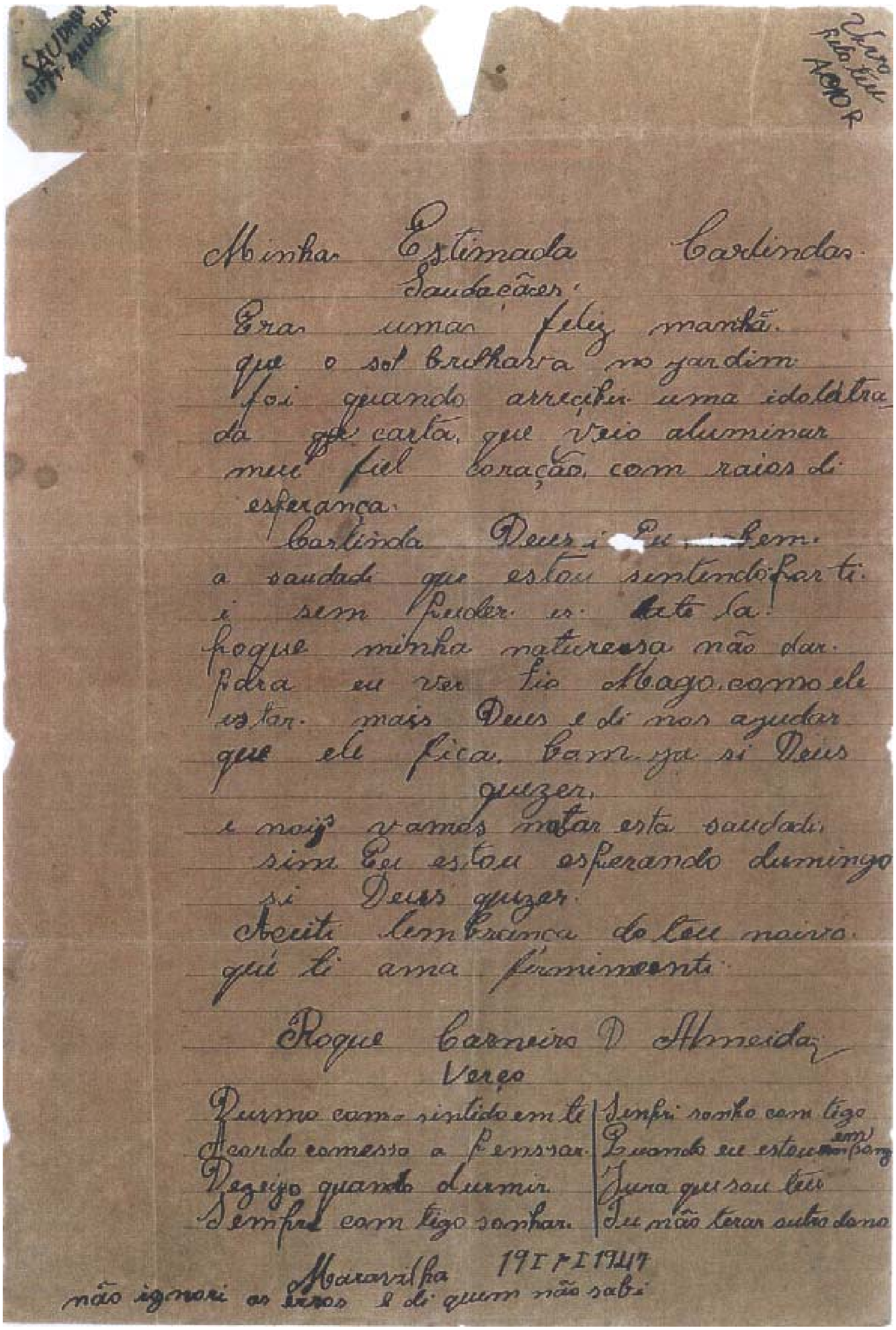
Carlinda Carlos Carneiro

Alto da Umburana, 16 de /1º./ de 1947

Desculpe os erros e as faltas que já não sei e foi feita
com preça

Na vertical esquerda:
Mandasaia

DOC 24 – CARTA



Minha Estimada Carlinda.
Saudações.
Era uma feliz manhã.
que o sol brilhava no jardim
foi quando arrecibi uma idolatra
da carta, que veio aluminar
meu fiel coração com raios di
esperança.
Carlinda Deus i Eu [illegible] sem.
a saudadi que estou sentindo par ti.
i sem puder ir ate la!
poque minha natureesa não dar.
para eu ver tio Mago como ele
estar. mais Deus é di nos ajudar
que ele fica bom ja si Deus
quizer.
i nois vamos matar esta saudadi.
sim Eu estou esperando dumingo
si Deus quizer.
Aceiti lembrança do teu noivo.
qui ti ama firmimente.

Roque Carneiro D Almeida

Verço

Durmo com o sintido em ti | Sempri sonho com tigo
Acordo comesso a pensar. | Quando eu estou em bom
Dezejo quando durmir | Jura que sou teu
Sempre com tigo sonhar. | Eu não terar outro dono

Maravilha 19-I-1947
não ignori os erros é di quem não sabi

DOC 24 - CARTA

SAUDADI
DI TI MEU BEM

Vivo
pelo teu
Ao MOR

Minha Estimada Carlindas.
Saudações
Era uma feliz manhã.
que o sol brilhava no Jardim.
foi quando arrecebir uma idolatra-
da qu carta que veio aluminar
meu fiel coração, com raios di
esperança.
Carlinda Deus i Eu , sabem.
a saudadi que estou sintindo por ti.
i sem puder er Aate la.
poque minha nature..as não dar.
para eu ver tio Mago como ele
estar mais Deus e di nos ajudar
que ele fica bom Já si Deus
quezer
e noizs vamos matar esta saudadi
sim Eu estou esperando dumingo
si Deus quizer.
Açeiti lembrança do teu noivo.
que ti ama fermimeente

Roque Carmeiro D Almeida
Verço
Durmo com o sintido em ti
Acordo comesso a penssar.
Dezeijo quando durmir.
Sempre com tigo sonhar.

Senpri sonho com tigo
Quando eu estou ins em son[ho]
Jura que sou teu
Tu não terar outro dono

Maravilha 19 I 1º. I 1947
Não ignori os erros e di quem não sabi

DOC 25 – CARTA

Prezado noivo Roque
Saudações

Adeus com amor

E do entimo da alma desejo estã segnefecantes linhas a fim de obeter as tuas que par mim são bastante desejadas

Roque eu tenho tanto prazer em te escre ver que quando pego na minha rede pena para te escre ver uma cartinha meu coração enche enda mais de saudade jubelosa felicidades e o que de coração te desejo e a todos da boa casa aquem respeitosamente regelo

Como passaste do dia que te vi para ca bem não e verdade ? desejo que sem

Roque estou com muita vontade de ir ao Riachão pela Pascoa se Deus gião mandar o contrario ver da manhãn a 15 se Deus quiser. Espero que nos encon tre la para matar tantas saudades que estou sentindo por te que 2 mezes não e 2 dias para voce parece que e egual sei que voce não está triste por passa tantos tempos sem vir aqui mas esta vida esta triste para mim.

Vou terminar enviando lembranca [illegible] forte adeus com muita saudades da tua dementuta noiva que te amo com firmeza enquanto vida tever.

Carlinda Carlos Carneiro.

Alto da Umburana, 20 de 3 de 1942.

Cotoffo que desculpe os erros e as falta que e o meu pouco saber nosso deve relevo,

DOC 25 – CARTA

Prezado noivo Roque
Saudações
Adeus com amor
E do entimo da alma desejo esta segneficantes linhas o
fim de obeter as tuas que par mim são bastante desejada
Roque eu tenho lanto prazer em te escre
ver que quando pego na minha rude pena para te escreve
ver uma cartinha meu coração enche inda mais de saudade
jubilosa felicidades e o que de coração te desejo e a todos da
boa casa aquém respeitosamente vizito
Como passaste do dia que te vi para
ca bem não e verdade? Desejo que sem.
Roque estou com muita vontade de ir ao
Reachão pela Páscoa se Deus qunão mandar o contrario
erei da manhãn a 15 se Deus qeizer. Espero que nos encon-
ter la para matar tantas saudades que estou sinlindo por
te que 2 mezes não e 2 dias para voce parece que e egual
sei que voce não esta triste por passa tantos tempos sem vir
aque não esta vida esta tristee para mim.
Vou terminar enviando lembrança eum forte adeus
com muita saudades da tua diminuta noiva que te ama
com firmeza enquanto vida tever.

Carlinda Carlos Carneiro
Alto da Umburana, 20 de 3 de 1947.
Peço-lhe que desculpe os erros e as falta que e o meu pouco saber voce
deve releva.

DOC 26 – CARTA

Minha Estimada Carlinda.
Saudações

Carlinda tanta alegria terar os
passaros no romper da aurora;
assim tambem terarei eu;
pegar em minha rudi pena
para ti fazer uma carta.
i tambem nesta arrespondo aquela
carta que viomi enxer meu coração
com raio di esperança.

Sim Carlinda eu dissi que ia
la domingo i não fui por motivo
di Bibia ter ficado do pe,
pencei que tu viesse para casa
Lela. ainda fiz o plano di ir
para la. a tardi depois perguntei
a Minga ela midissi que tu não
tinha vindo

Sim mi esperi domingo
si Deus quizer como sem falta
Aceiti lembrança do Pauro firmi
Roque C. di Almeida

Macaratiba 1 / 6 / 1947

DOC 26 - CARTA

Minha Estimada Carlinda
Saudaçãoes

Carlinda tanta alegria terar os
passaros no romper da ororia;
assim tambem terarar eu;
pegar em minha rudi pena
para ti fazer uma carta.
i também nesta arrespondo aquela
carta que veiomi enxer meu coração
com raio di esperança

Sim Carlinda eu dissi que ia
la domingo e não fui p^or mutivo
di Bihia ter piorado do pe,
pençêi que tu viesse para casa
dela. ainda fiz o plano di ir
para la. a tardi depois perguntei
a Mirga ele mi dissi que tu não
tinha vindo
Sim mi esperi domingo
si Deus quizer como sem falta
Açeiti lembrança do Noivo firmi
Roque C di Almeida
Maravilha 1º. / 6. / 1947

DOC 27 – CARTA

Simpri lembrada Carlinda

Minhinho com o coração fragmentado por uma lança di saudadi não sei quando descançarei meu p.l coração Deus é quem sabi

nois so discança nossos coraçãoes quando nois estiver guntinho para sempri si Deus quizer

Sim Carlinda arrecebi uma udelelha da cartinha tua fiquei muito satisfeito em tu ter a dilicadeiza di mi participar que ia para o Riachão estou ciente

agora ja ouvi uma levi notiçia que tu não vai mais querdizer não sobi com certeza
sim
não pence que Eu esqueçi di ir ai pinsi em falta di tempo em min

Termino enviando lembrança do Teu Abraço que ti E. fami até a morte

Roque Carneiro de Almeida

discurpi os erros i as falta
Alagoinha Km 9'12'1947'

Simi mi esperi domingo si Deus quizer

DOC 27 – CARTA

Sempri lembrada Carlinda

Adeusinho com o coração traspassado
por uma lança di saudadi não çei
quando descançarei meu fiel coração
Deus e quem sabi
nois so discança nossos coraçãoes
quando nois estiver jutinho para
sempri si Deus quizer

Sim Carlinda arreçibir uma idolatra-
da cartinha tua fiquei muito satisfeito
em tu ter a dilizadeiza de mi participar
que ia para o Riachão estou sienti

agora Já ovi uma Levi ntutiçia
que tu não vai mais querdizer não
sobi com çertesa
sim
não penci que Eu esqueci di er ai
penci em falta di tempo em mim

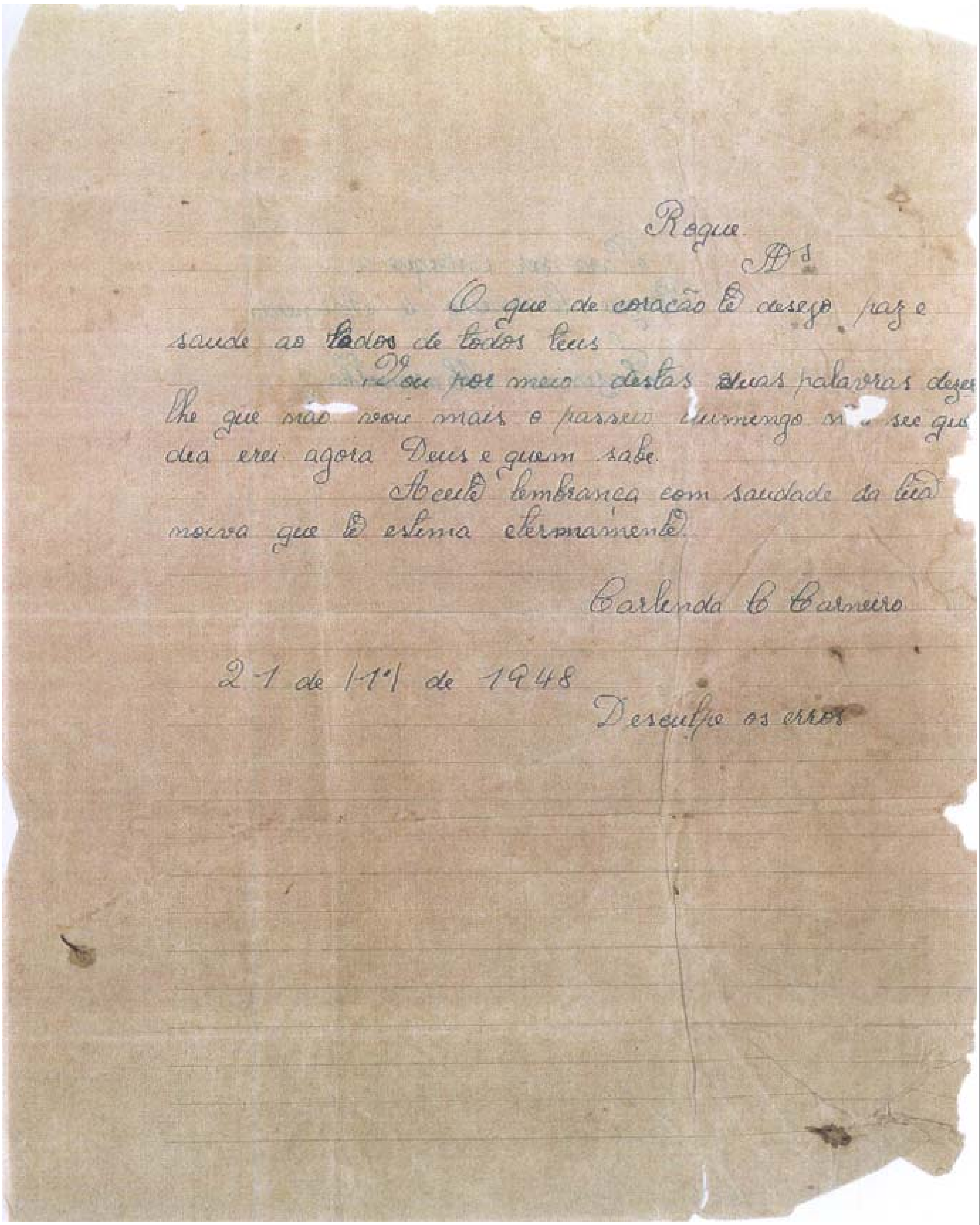
Termino eviando lembrança
do Teu Noivo que ti ? Fermi|
ate a morti

Roque Carneiro di Almeida

disculpi os erros i as falta
AltoMaravilha Um 3 / 12/ 1947

Na vertical esquerda:
Sim mi esperi domingo
si Deus quizer

DOC 28 – CARTA - FRENTE



Roque
Ds

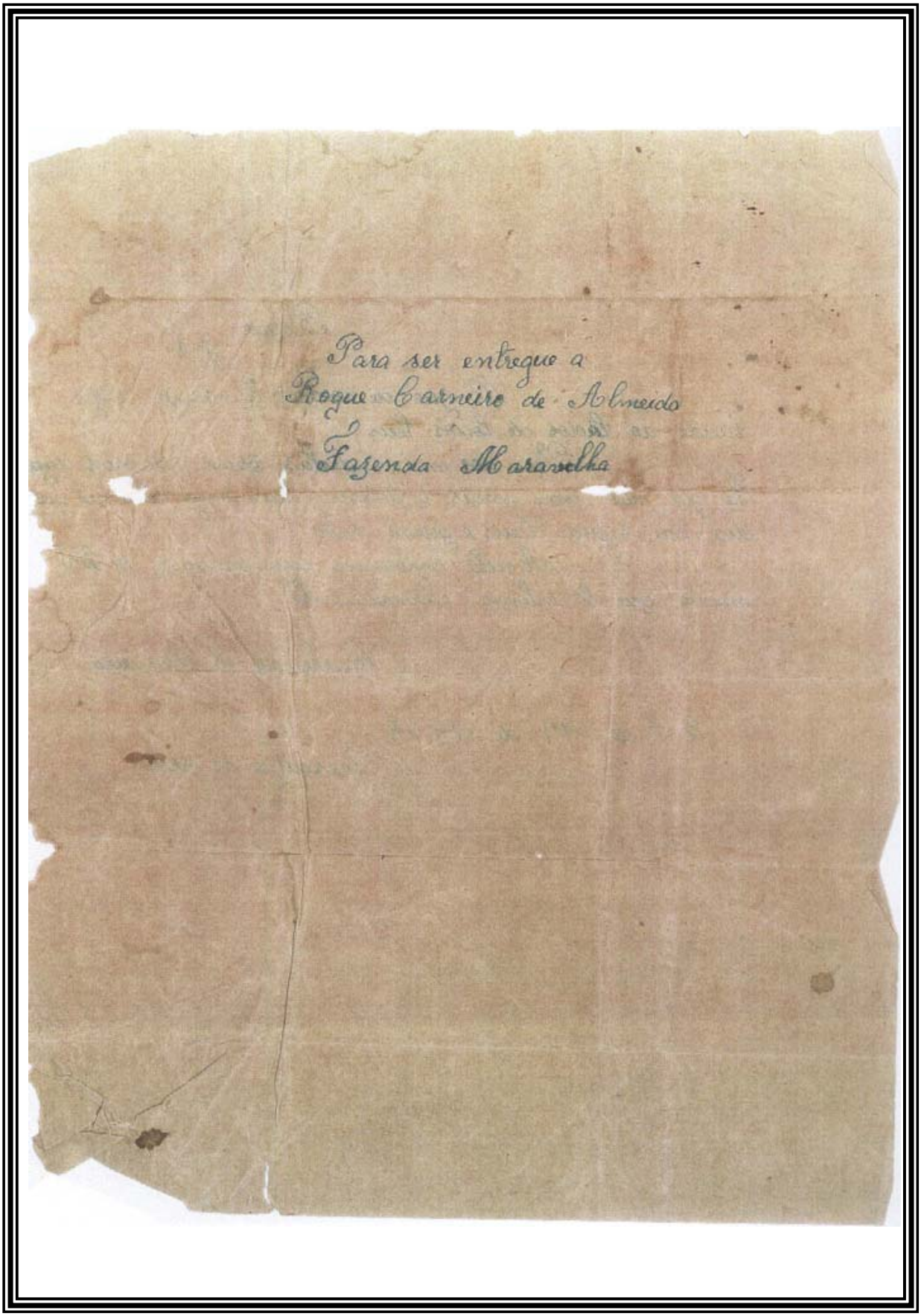
O que de coração te desejo paz e
saude ao todos de todos teus
Vou por meio destas duas palavras dizer
lhe que não vou mais o passeo dumengo [illegible] sei que
dea erei agora Deus e quem sabe.
Aceite lembrança com saudade da tua
noiva que te estima eternamente.

Carlenda C Carneiro

21 de |1°| de 1948

Desculpe os erros

DOC 28 – CARTA - VERSO



DOC 28 – CARTA

Roque:
Adeus

O que de coração te desejo paz e
saude ao tlados de todos teus
Vou por meio destas 2duas palavras dezer
lhe que não vou mais o passeio dumingo não sei que
dia erei agora Deus e quem sabe.
Aceite lembrança com saudade da tua
Noiva que te estima etermnamente.

Carlinda C Carneiro

21 de / 1º. / de 1948
Desculpe os erros

No verso:
Para ser entregue a
Roque Carneiro de Almeida

Fazenda Maravilha

DOC 29 – CARTA

Minha Estimada Carlinda
Ad.^{rmo} com o coração cheio de
Amor. felicidade que sempre é de
te amar. por todo momento.

Carlinda faço estas dicaz linha
para arresponder a quela delicada
cartinha que veio-me encher meu
coração com raios de esperança
e felicidade, não sei de continuar
para toda Eternidade. com fé
na Virgem do Socorro.

Dina fiquei diante sobre o
passeio que tu não foi.

E desculpe não ter respondido
esta carta mais tempo.

Aceite lembrança do teu
Fiel Noivo.

Roque Carneiro de Almeida,

Maracatiba 27 de Janeiro de 1948

Desculpe os erros.

DOC 29 – CARTA

Minha Estimada Carlinda

Adeuzinho com o coração cheio di Amor i feliçidadi que sempri êi di ti amar por todos momento.

Carlinda fasso estas duas linha para arresponder a quela delicada cartinha que veio-mi encher meu i feliçidadi i nos êi di continuar para toda Eternidadi com fé na Vergem do Socorro.

Sim fiquei sienti sobri o Passeio que tu não foi

C. desculpi não ter Respondido esta C carta a mais tempo.

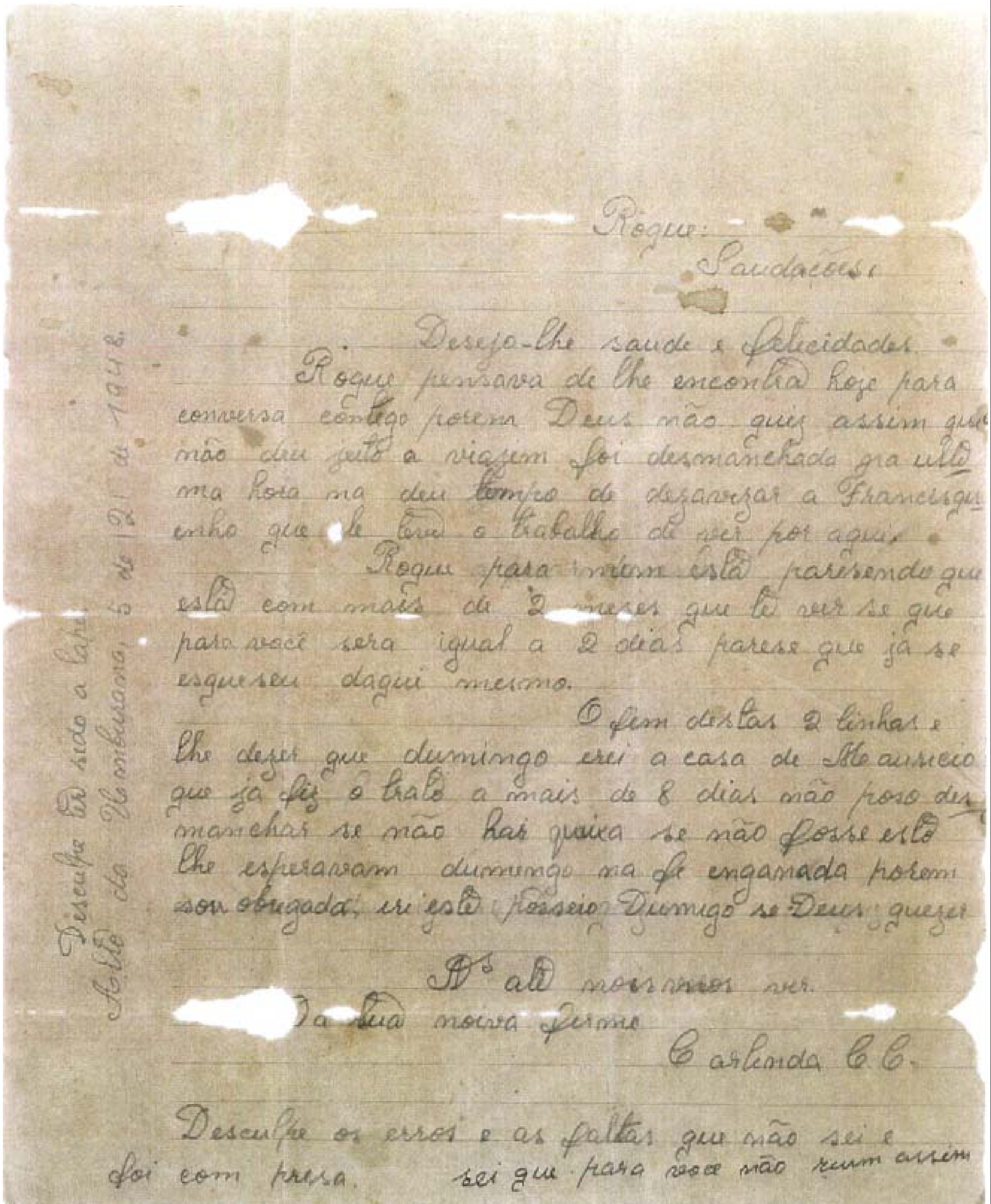
Açeiti lembrança do teu Fiel Noivo

Roque Carneiro di Almeida

Maravilha 27 di Janeiro di 1948

Disculpi os erros

DOC 30 – CARTA - FRENTE



Roque:
Saudações.

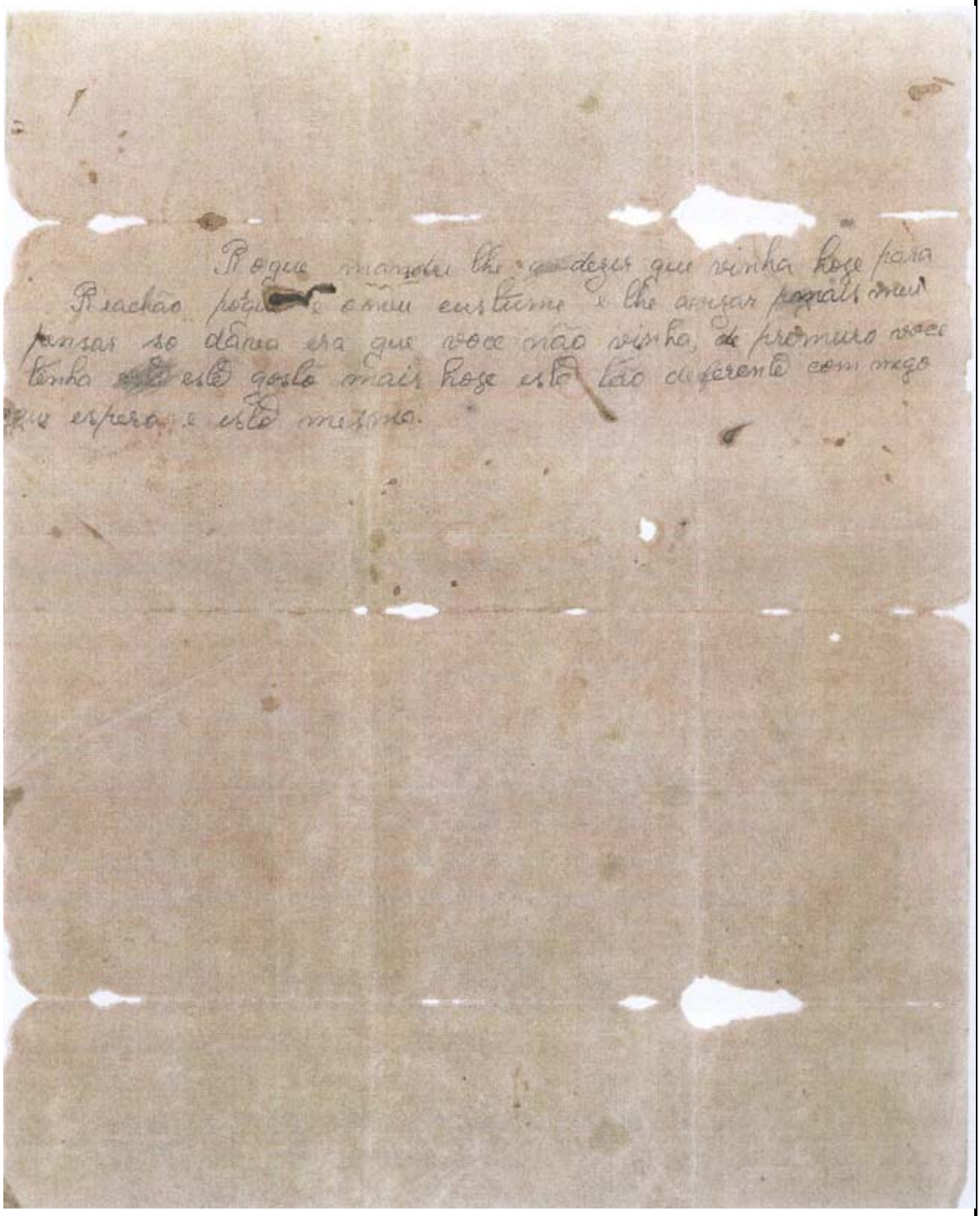
Desejo-lhe saude e felicidades.
Roque pensava de lhe encontra hoje para
conversa comtigo porem Deus não quiz assim que
não deu jeito a viagem foi desmanchada na ulti-
ma hora na deu tempo de dezaverzar a Francisqu-
inho que le teve o trabalho de ver por aqui.
Roque para mim está paresendo que
está com mais de 2 meses que te ver se que
para você sera igual a 2 dias paresse que já se
esquesen daqui mesmo.
O fim destas 2 linhas e
lhe dezer que dumingo eri a casa de Maurício
que já fiz o trato a mais de 8 dias não poso des-
manchar se não hai queixa se não fosse esto
lhe esperavam dumingo na fe engamada porem
sou obrigada, eri este passeio Dumigo se Deus quezer

Ad. até nos vermos ver.
Da sua noiva firme
Carlinda C. C.

Desculpe os erros e as faltas que não sei e
foi com presa. sei que para você não reum assim

Desculpa tir sido a lapis
Aoltô do Umbuzana, 5 de 12 de 1948.

DOC 30 – CARTA – VERSO



DOC 30 – CARTA

Roque:
Saudações

Desejo-lhe saúde e felicidades
Roque pensava de lhe encontra hoje para
conversa contigo porem Deus não quis assim que
não deu jeito a viajem foi desmanchada na ultim-
ma hora na deu tempo de dezavizar a Francisqu-
inho que ele teve o trabalho de vir por aqui.
Roque para mim esta paresendo que
está com mais de 2 meses que te vir se que
para você sera igual a 2 dias parese que já se
esqueseu daqui mesmo.
O fim destas 2 linhas e
lhe dizer que dumingo erei a casa de Mauricio
que já fiz o trato a mais de 8 dias não poso des-
manchar se não hair queixa se não fosse esto
lhe esperavam dumingo na fé enganada porem
sou obrigada iri este posseio Dumigo se Deus quezer

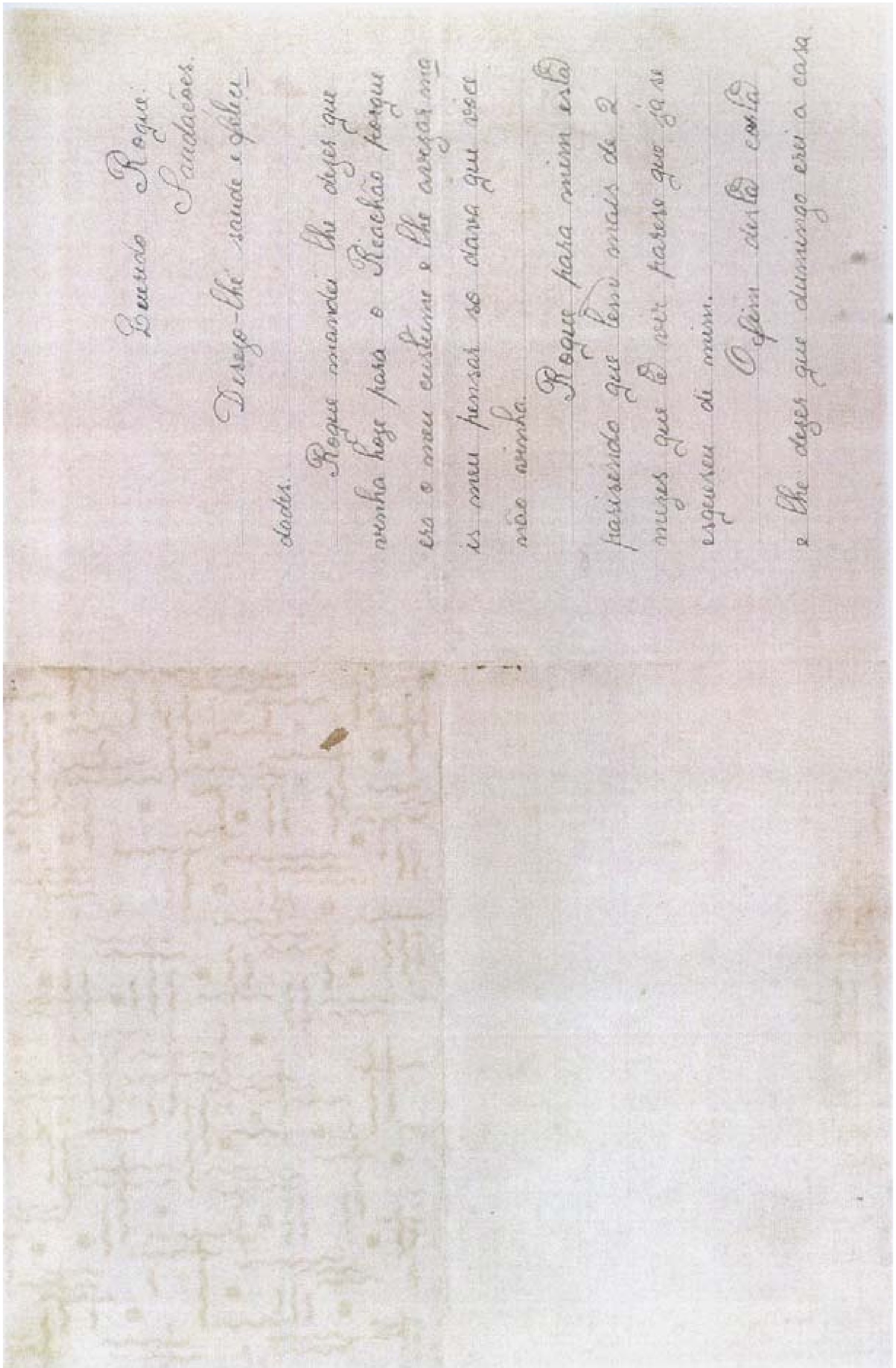
Adeus ate nois vnos ver.
Da tua noiva firme
Carlinda C C.

Desculpe os erros e as faltas que não sei e
foi com presa. Sei que para voce não ruim assim

Na vertical esquerda:
Desculpe ter sido a lapes
Alto da Umburana, 5 de / 2 / de 1948.

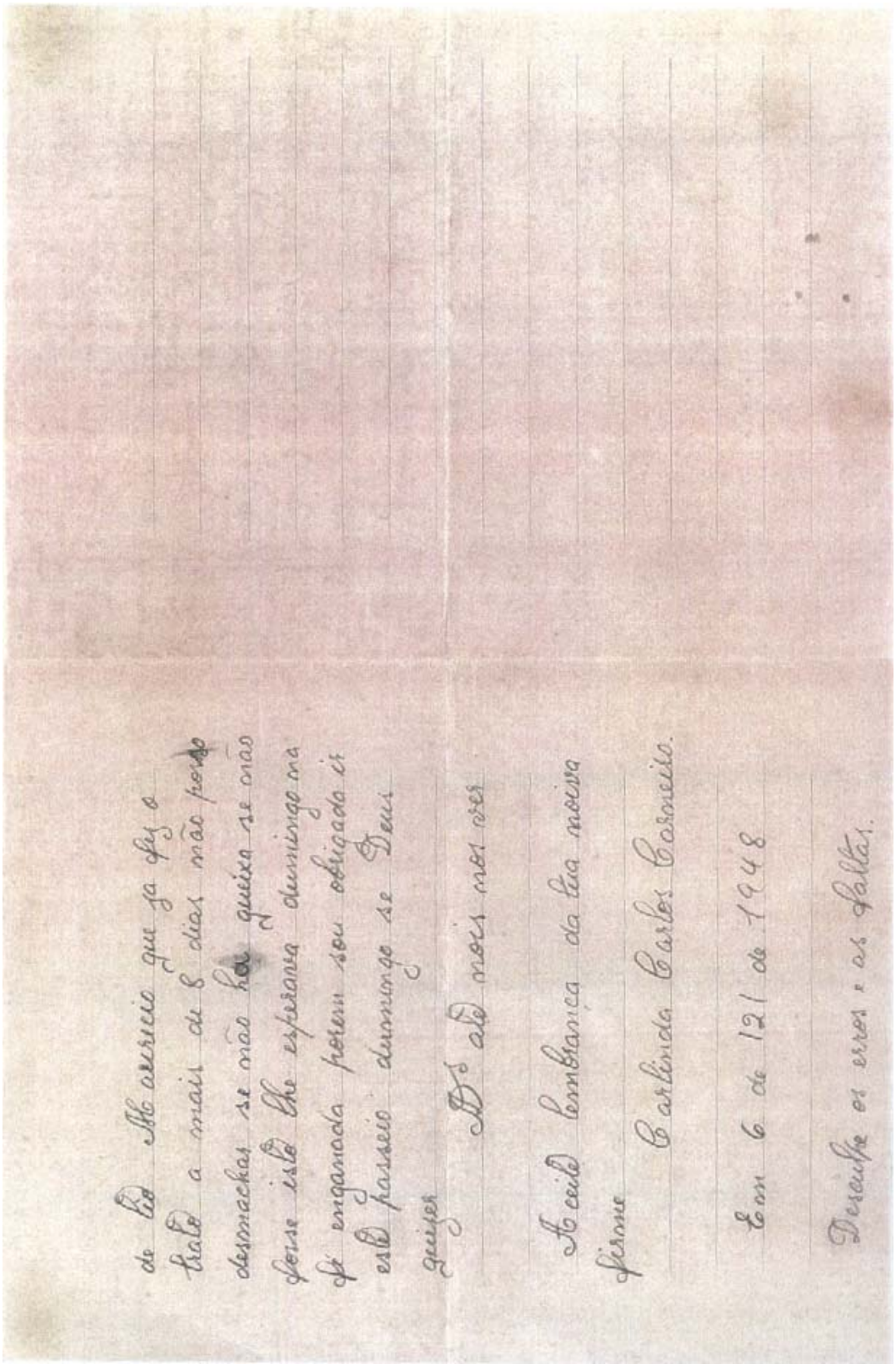
No verso:
Roque mandei lhe dezer que vinha hoje para
Riachão porque e o meu custume e lhe avizar pmais meu
pensar so dava era que voce não vinha de premeiro voce
tinha esta este gosto mais hoje esta tão deferente com migo
o que espero e isto mesmo.

DOC 31 – CARTA –FRENTE



Querido Roque.
Saudações.
Desejo-lhe saude e felici-
dades.
Roque mandei lhe dezer que
venha hoje para o Reachão porque
era o meu custume e lhe avezar ma-
is meu pensar so dava que você
não vinha.
Roque para mim esta
parisendo que tem mais de 2
mezes que te vir pareso que já se
esqueseu di mim.
O fim desta carta
e lhe dezer que dumingo erei a casa

DOC 31 – CARTA –VERSO



DOC 31 – CARTA

Querido Roque

Saudações.

Desejo-lhe saude e felicidades.

Roque mandei lhe dizer que vinha hoje para o Riachão porque era o meu custume e lhe avizar mais meu pensar so dava que voce não vinha.

Roque para mim esta parisendo que tem mais de 2 mezes que te vir parese que já se esqueseu di mim.

O fim desta carta e lhe dezer que dumingo erei a casa .... de tio Mauricio que já fez o trato a mais de 8 dias não posso desmanchar se não há queixa se não fosse isto lhe esperava dumingo na fé enganada porem sou obrigada ir este passeio dumingo se Deus quizer

Adeus ate nois nos ver

Aceite lembrança da tua noiva firme

Carlinda Carlos Carneiro

Em 6 de /2/ de 1948

Desculpe os erros e as faltas.

DOC 32 – CARTA

Sinhá Cunhada Carlinda
A di longi pelo momento
feliz não dar certo agora ser di
perto.

Carlinda como vuiz sabi quasi
estive doenti. Bem melhor não i
pensando que aceiti uma vizita
di longi assimesmo

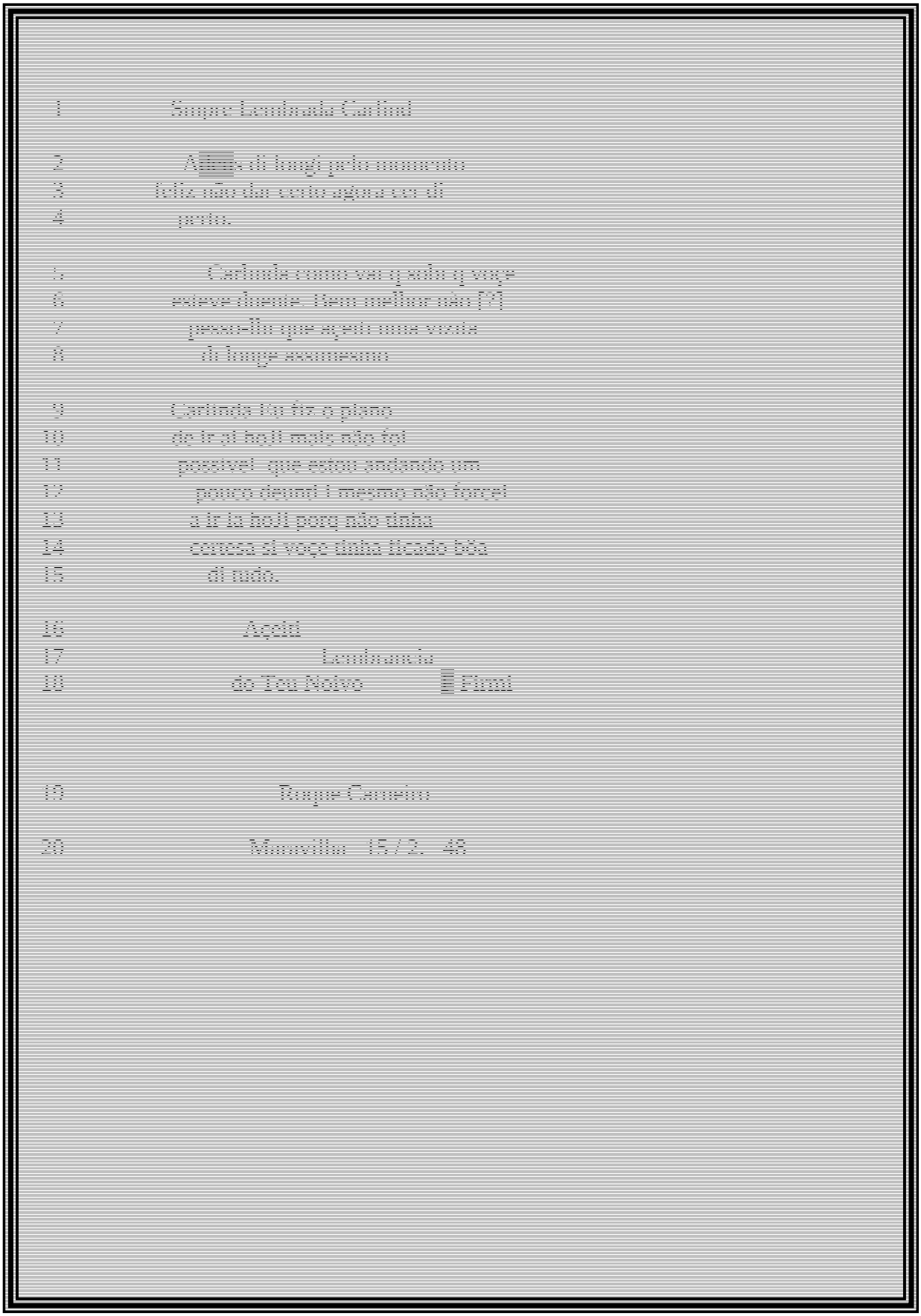
Carlinda Eu fiz o plano
di ir ai. hoji mais não foi
possível que estou andando um
pouco doenti. i mesmo não forcei
a ir la hoji poq não tenho a
certesa si você tinha ficado boa
di tudo.

Aceiti Lembrança
do Tue Noivo e Fami

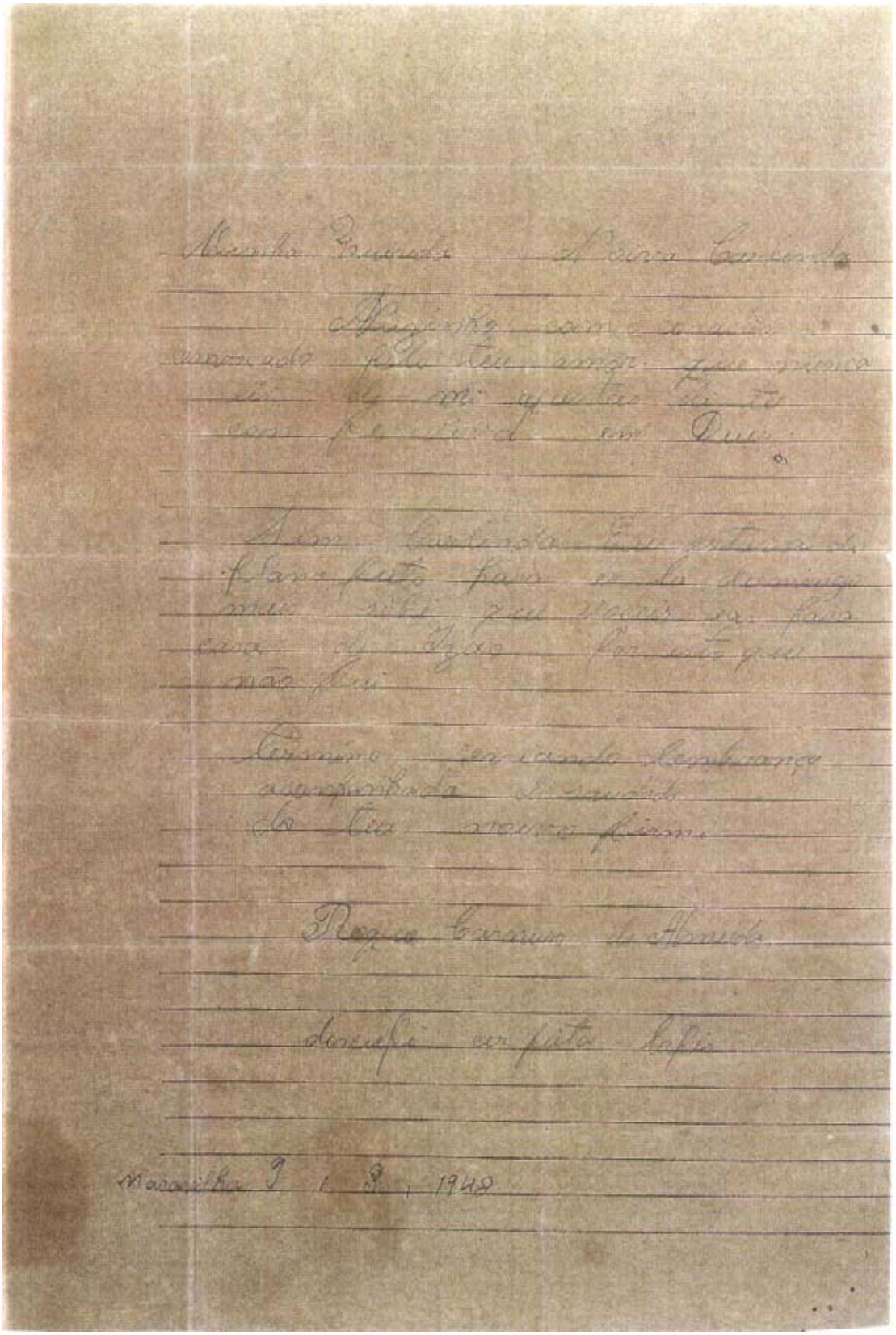
Roque Carneiro

Maravilha 15, 2, 48

DOC 32 – CARTA



DOC 33 – CARTA



DOC 33 – CARTA

Minha Quirida Noiva Carlinda

Adeuzinho com o coração emvocado pelo teu amor que nunca eis di mi afastar di tu com fe viva em Deus.

Sim Carlinda Eu estava di plano feito para er la dumingo mais sôbi que voceis ia para casa de Izac por isto que não fui

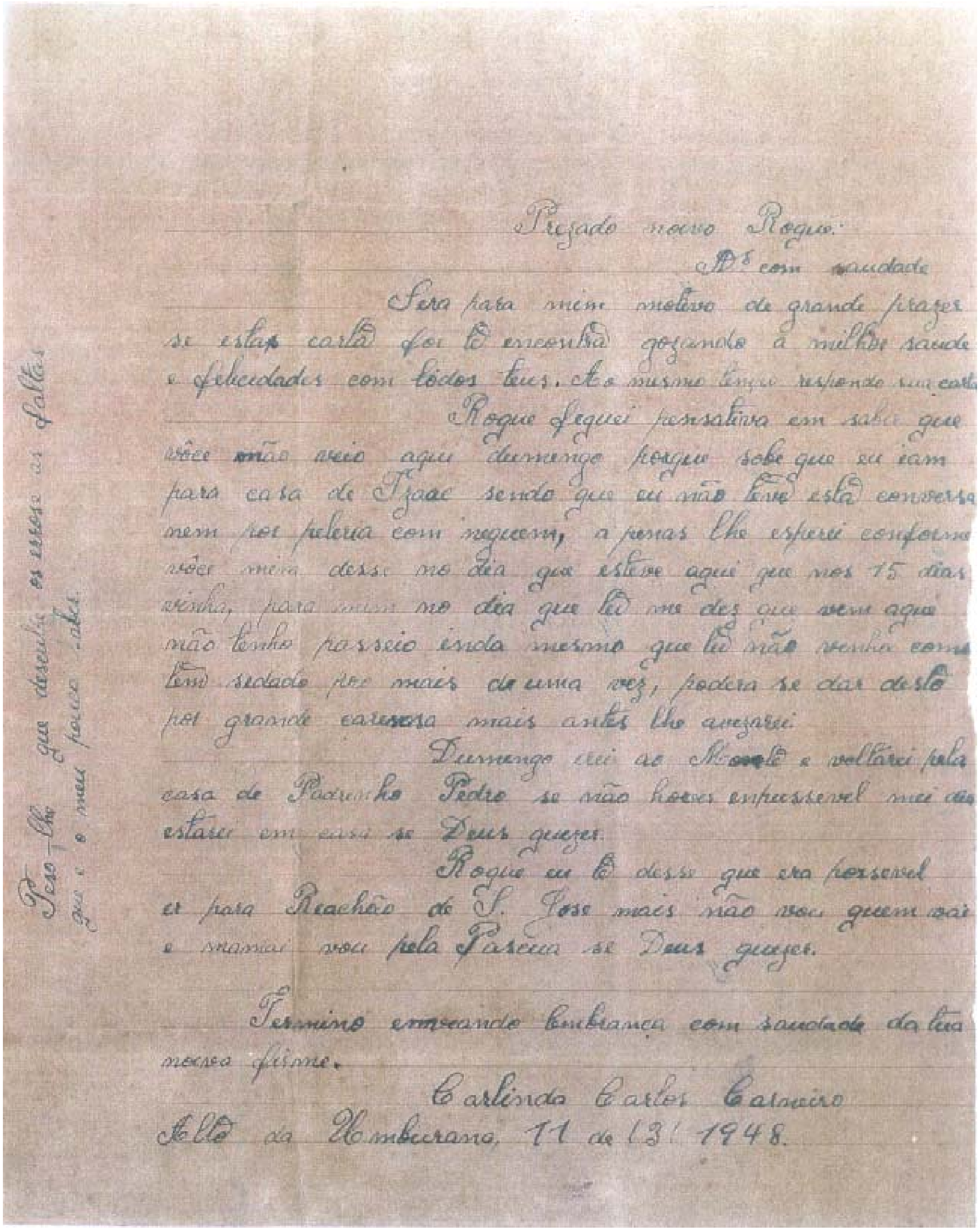
termino eviando lembrança acompanhada di saudade do teu noivo firmi

Roque Carneiro di Almeida

disculpi cer feita lápis

Maravilha 9 / 3 / 1948

DOC 34 – CARTA



Prezado noivo Roque.

Dº com saudade

Sera para mim motivo de grande prazer
se esta carta foi te encontra gozando a milhor saude
e felicidades com todos teus. Ao mesmo tempo respondo sua carta

Roque fiquei pensativa em saber que
você não veio aqui dumingo porque sobe que eu iam
para casa de Izaac sendo que eu não teve esta conversa
nem por paleria com nenguem, a penas lhe esperei conforme
você mim desse no dia que esteve aqui que nos 15 dias
vinha, para mim no dia que tu me des que vem aqui
não tenho passeio inda mesmo que tu não venha como
tem sedado por mais de uma vez, podera se dar deste
por grande careesa mais antes lhe avezarei.

Dumingo irei ao Monte e voltarei pela
casa de Padrinho Pedro se não haver enpussevel mei dia
estarei em casa se Deus quezer.

Roque eu te desse que era possevel
ir para Riachão de S. Jose mais não vou quem vai
e mamai vou pela Pascua se Deus quezer.

Termino enviando lembrança com saudade da tua
noiva firme.

Carlinda Carlos Carneiro

Alto da Umburana, 11 de (3) 1948.

Peço-lhe que desculpe os erros as faltas
que é o meu pouco saber.

DOC 34 – CARTA

Prezado noivo Roque:

Adeus com saudade

Sera para mim motivo de grande prazer se estas carta for te encontra gozando a milhor saúde e felicidades com todos teus. Ao mesmo tempo respondo sua carta.

Roque fequei pensativa em saber que vôce não veio aqui dumingo porque sobe que eu iam para casa de Izaac sendo que eu não teve esta conversa nem por peleria com neguem, a penas lhe esperei conforme vôce mim desse no dia que esteve aqui que nos 15 dias vinha, para mim no dia que tu me diz que vem aqui não tenho passeio inda mesmo que tu não venha como tem sedado pro mais de uma vez, poderá se dar desto por grande carensa mais antes lhe avezarei.

Dumingo irei ao Monte e voltarei pela Casa de Padrinho Pedro se não hover enpussevel mei dia estarei em casa se Deus quezer.

Roque eu te desse que era possevel er para Reachão de S. Jose mais não vou quem vai e mamãe vou pela Pascua se Deus quizer.

Termino enviando lembrança com saudade da tua noiva firme.

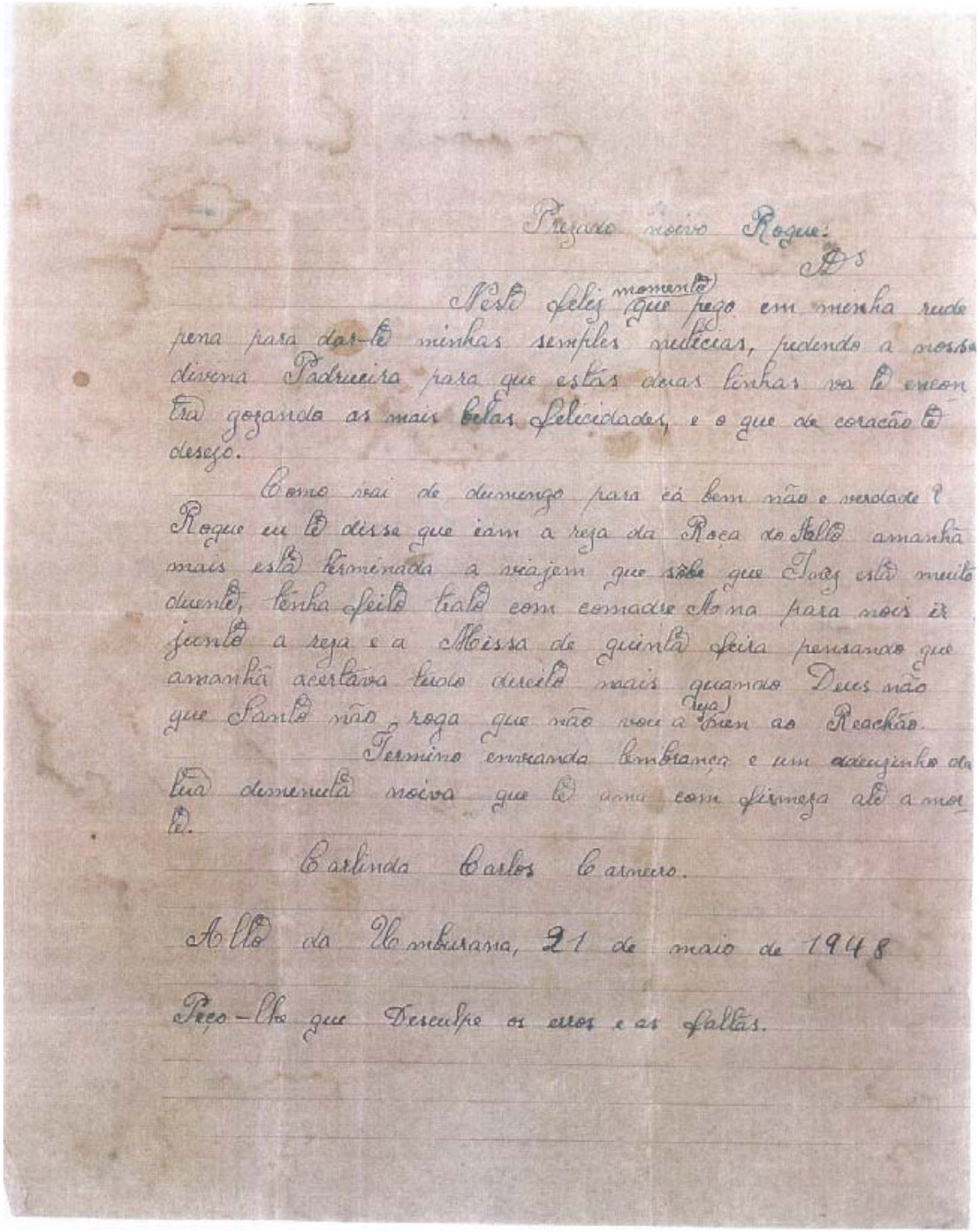
Carlinda Carlos Carneiro

Alto da Umburana, 11 de / 3 / 1948.

Na vertical esquerda:

Peso-lhe que desculpe os erros e as faltas que e o meu pouco saber.

DOC 35 – CARTA



Prezado noivo Roque:

Ds

Neste feliz momento que pego em minha rude pena para dar-lhe minhas semples notícias, pedindo a nossa divina Padroeira para que estas duas linhas va lhe encontra gozando as mais belas felicidades, e o que de coração lhe desejo.

Como vai de domingo para cá bem não é verdade? Roque eu lhe disse que iam a reza da Roça do Nello amanhã mais está terminada a viajem que sabe que Inez está muito doente, tenha feito trato com comadre Mona para nois ir junto a reza e a Missa de quinta feira pensando que amanhã acertava tudo direito mais quando Deus não que Santo não, roga que não nos vá bem ao Reachão.

Termino enviando lembranças e um adeuzinho da sua demenuda noiva que lhe ama com firmeza até a morte.

Carlinda Carlos Carneiro.

Alto da Umburana, 21 de maio de 1948

Peço-lhe que Desculpe os erros e as faltas.

DOC 35 – CARTA

Prezado noivo Roque:

Adeus

Neste feliz momento que pego em minha rude Pena para dar-te minhas semples nuticias, pedindo a nossa divina Padrueira para que estas duas linhas va te encon-tra gozando as mais belas felicidades, e o que de coração te desejo.

Como vai de dumingo para cá bem não e verdade? Roque eu te disse que iam a reza da Roça do Alto amanhã mais está terminada a viajem que sobe que Inêz esta muito duente, tenha feito trato com comadre Ana para nois ir junto a reza e a Missa de quinta feira pensando que amanhã acertava tudo direito mais quando Deus não que Santo não roga que não vou a reza nem ao Reachão.

Termino enviando lembrança e um adeuzinho da tua diminuta noiva que te ama com firmeza ate a mor-te.

Carlinda Carlos Carneiro.

Alto da Umburana, 21 de maio de 1948

Peço-lhe que Desculpe os erros e as faltas.

DOC 36 – CARTA

Presado Tio Manoel i Tia Leopoldina.

Dezejo senpri i felicidade com a Exma Familia.

Tio Manoel. o fim desta carta é participando-lhi. que si for posivel quero que seja realisado meu noivado. é transferido em ato de Matrimonio daqui para o primeiro de Novembro.

Sendo posivel espero em Deus que dê serto.

Desculpa do Cr. Respeitador

Roque Carneiro di Almeida.

Maravilha 14 di 7. 1 1948.

DOC 36 – CARTA

Presado Tio Menuel i Tia
Liopoldina:

DezeiJo senpri e feliçidadi
com a Exma Familia

Tio Manuel ofim desta carta
E participando-lhi que se for posivel
quero que seJa realisado meu
noival I transferido em ato
di Matrimonio daqui para o
primeiro di Novembro

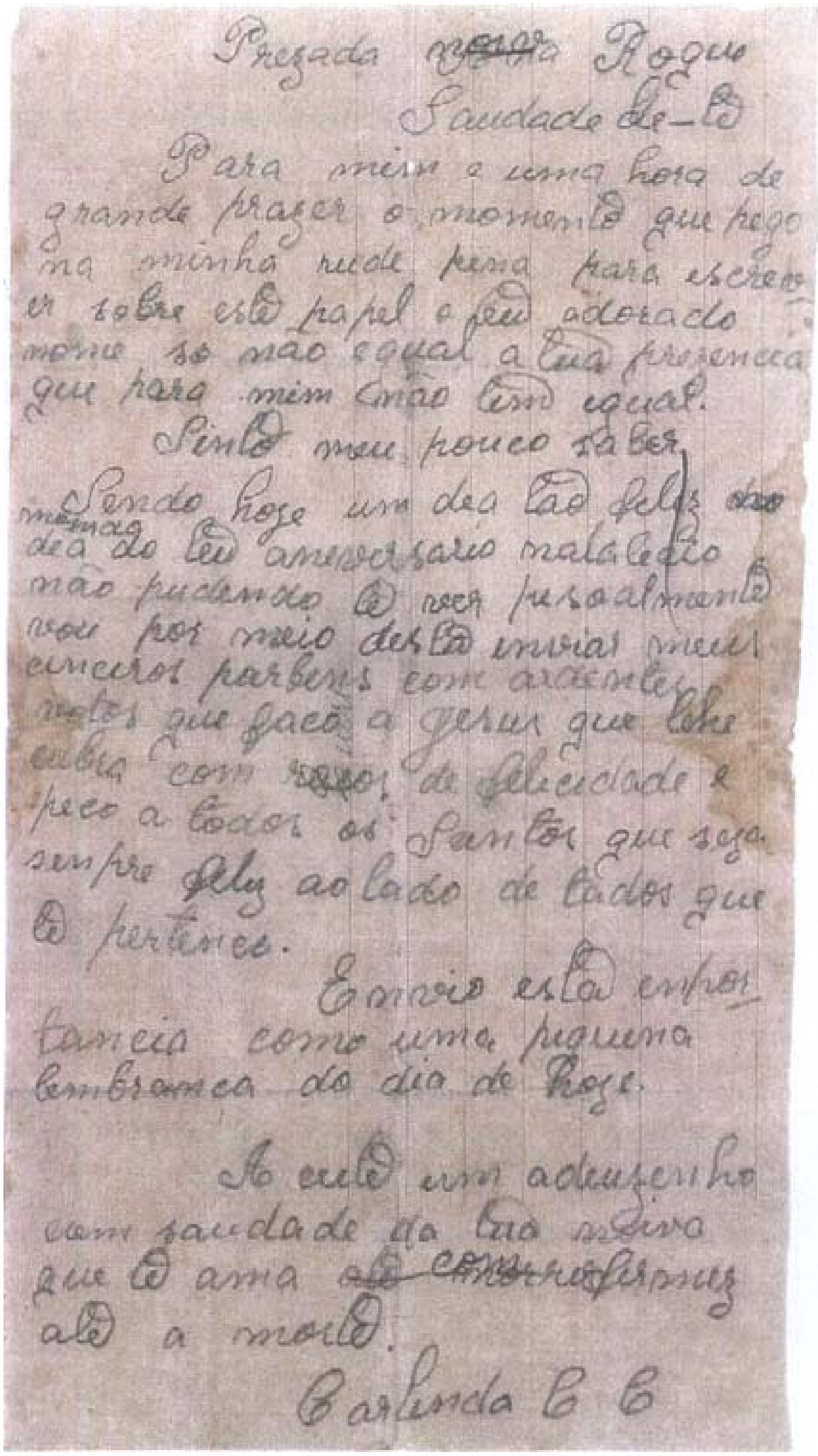
Sendo posivel espero em Deus
que dê serto

Desponha do GR. Respeitador.

Roque Carneiro di Almeida.

Maravilha 4 di 7 / 1948.

DOC 37 – CARTA



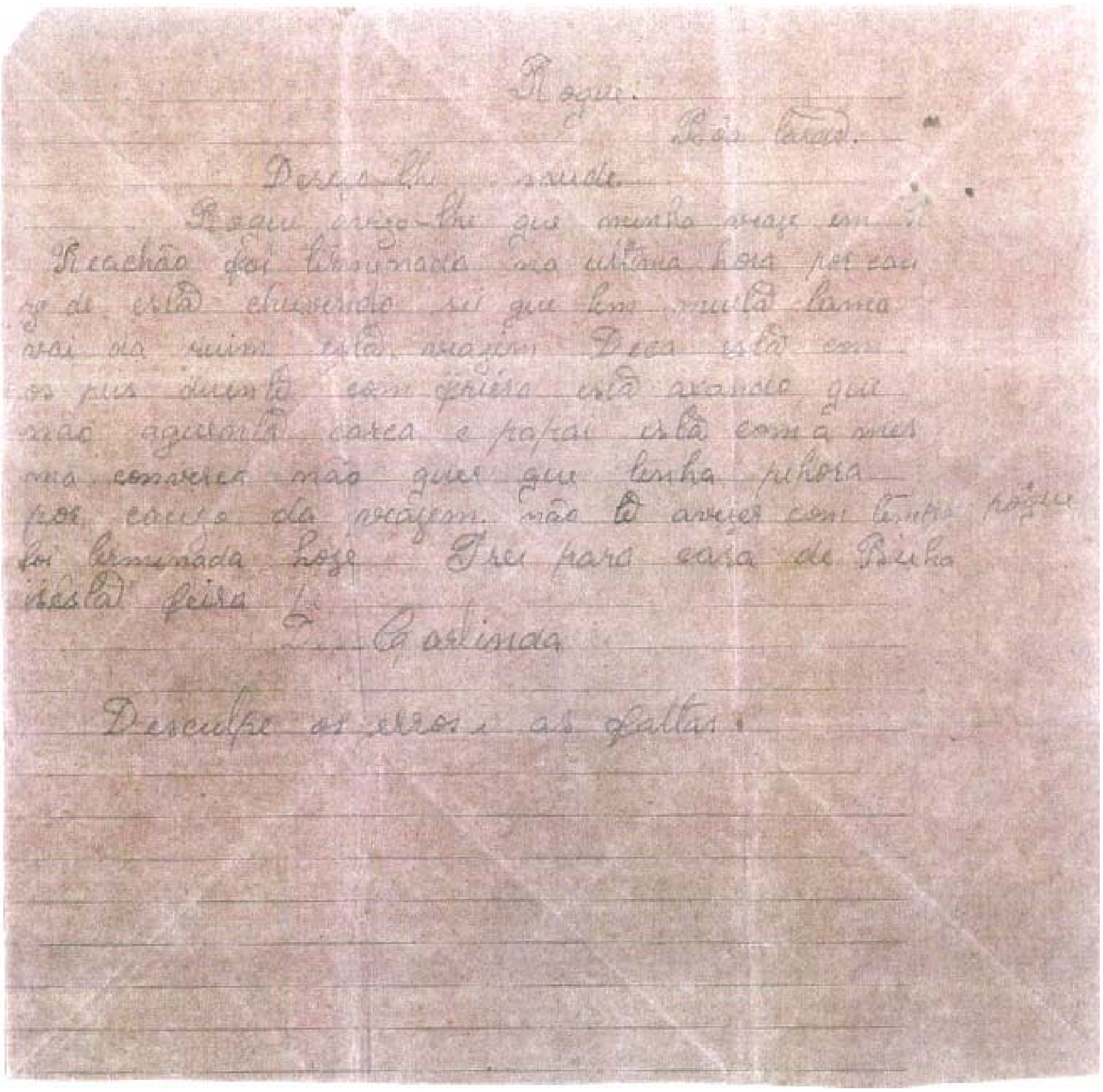
Prezada Roque
Saudade de-te
Para mim e uma hora de
grande prazer o momento que pego
na minha rude pena para escrev
er sobre este papel o teu adorado
nome so não egual a tua presença
que para mim não tem egual.
Sinto meu pouco saber
Sendo hoje um dea tão feliz
mesmo dea do teu amiversario natalecio
não pudendo te ver pessoalmente
vou por meio desta inviar meus
cinceros parabens com ardentes
votos que faço a Jesus que lhe
cubra com raios de felicidade e
peço a todos os Santos que seja
sempre feliz ao lado de todos que
te pertence.
Envio esta empor
tancia como uma pequena
lembrança do dia de hoje.
Aceite um adeuzinho
com saudade da tua noiva
que te ama com firmeza
até a morte.
Carlinda C. C

DOC 37 – CARTA

Prezada Ananoiva Roque
Saudade de-te
Para mim e uma hora de
grande prazer o momento que pego
na minha rude pena para escrev-
er sobre este papel o teu adorado
nome so não egual a tua presencia
que para mim não tem igual
Sinto meu pouco saber
Sendo hoje um dea tão feliz dno
mundo dia do teu aneversario nalalicio
não pudendo te ver pesoalmente
vou por meio desta enviar meus
cinceros parbens com ardentes
votos que faço a Jesus que l[e]he
cubra com [l]aços de felicidade e
peco a todos os Santos que seja
senpre feliz ao lado de todos que
te pertence.
Envio esta enpor-
tancia como uma pequena
lembrança do dia de hoje.

Aceite um adeuzinho
com saudade da tua noiva
que te ama ate morrer com fermez
ate a morte.
Carlinda C C

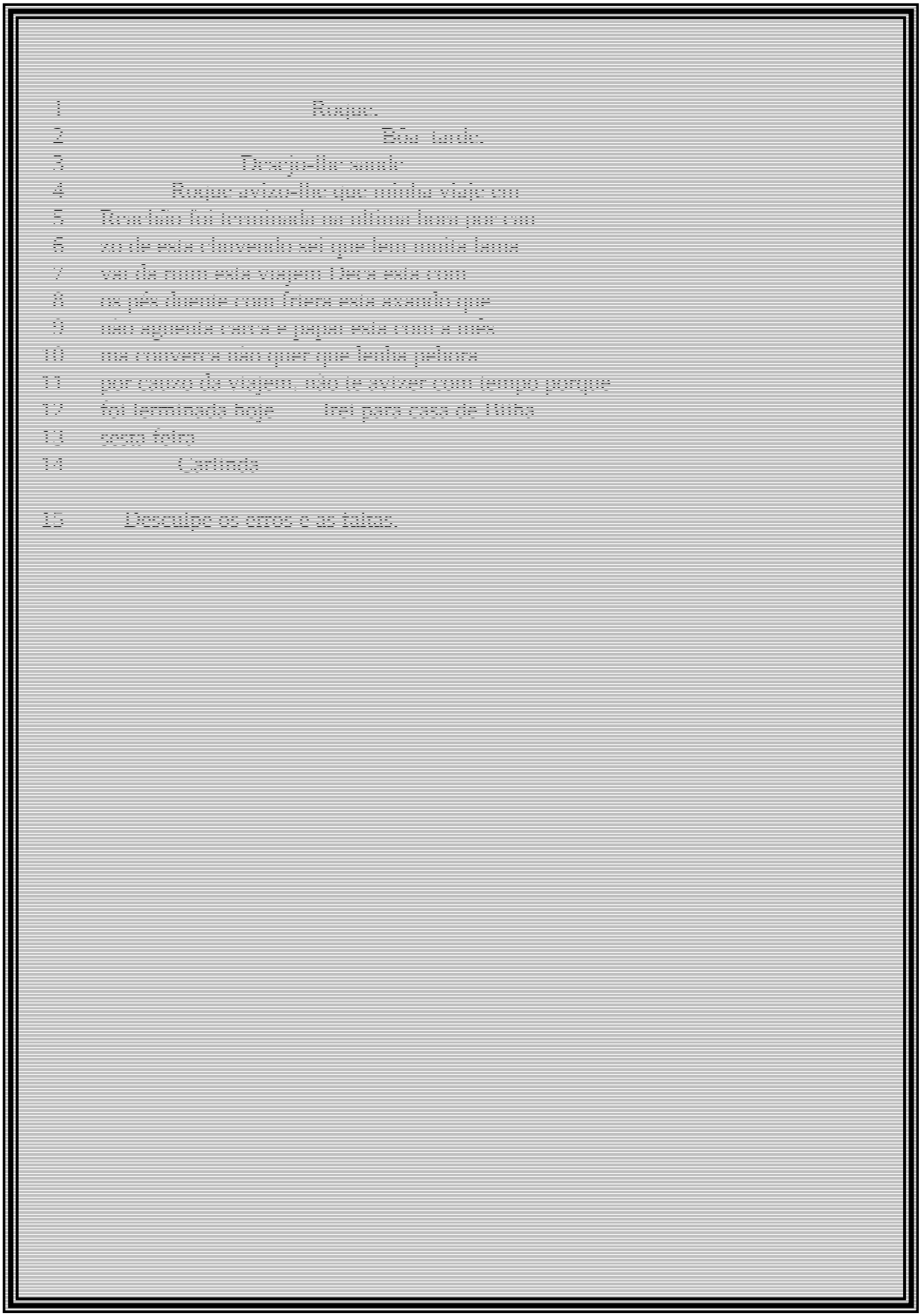
DOC 38 – BILHETE



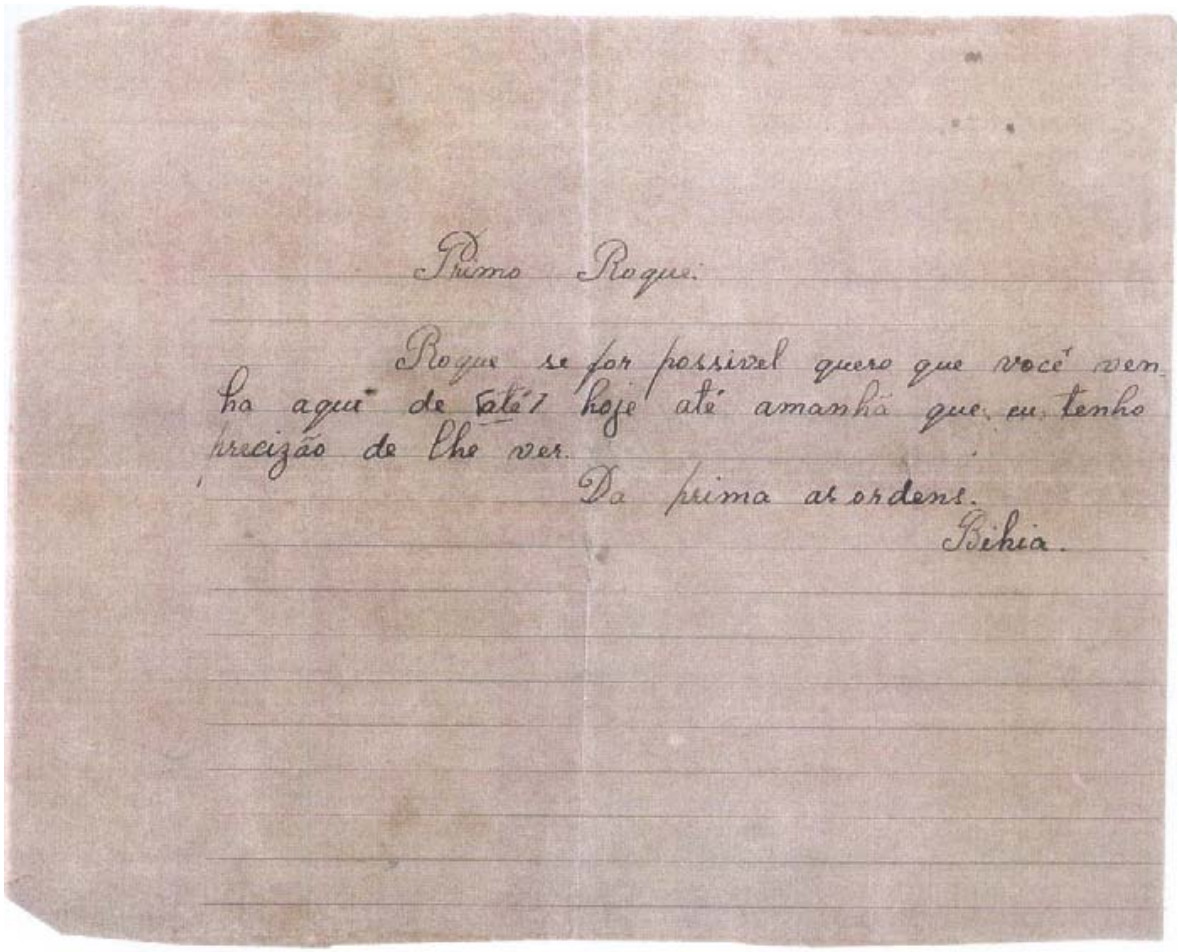
Roque.
Bôa [illegible].
Desejo-lhe saude.
Roque aviso-lhe que minha roça em
Riachão foi terminada na ultima hora por cau
zo de está chuvendo sei que tem muita lama
vai da ruim está roçagem Deca está com
os pés doente com friêra está achando que
não aguenta carea e papai está com a mes
ma converça não quer que tenha pihora
por causo da roçagem não te aviser com tempo porque
foi terminada hoje Irei para casa de Bizinha
nesta feira
Carlinda

Desculpe os erros e as faltas.

DOC 38 – BILHETE



DOC 39 – BILHETE



Prima Roque.

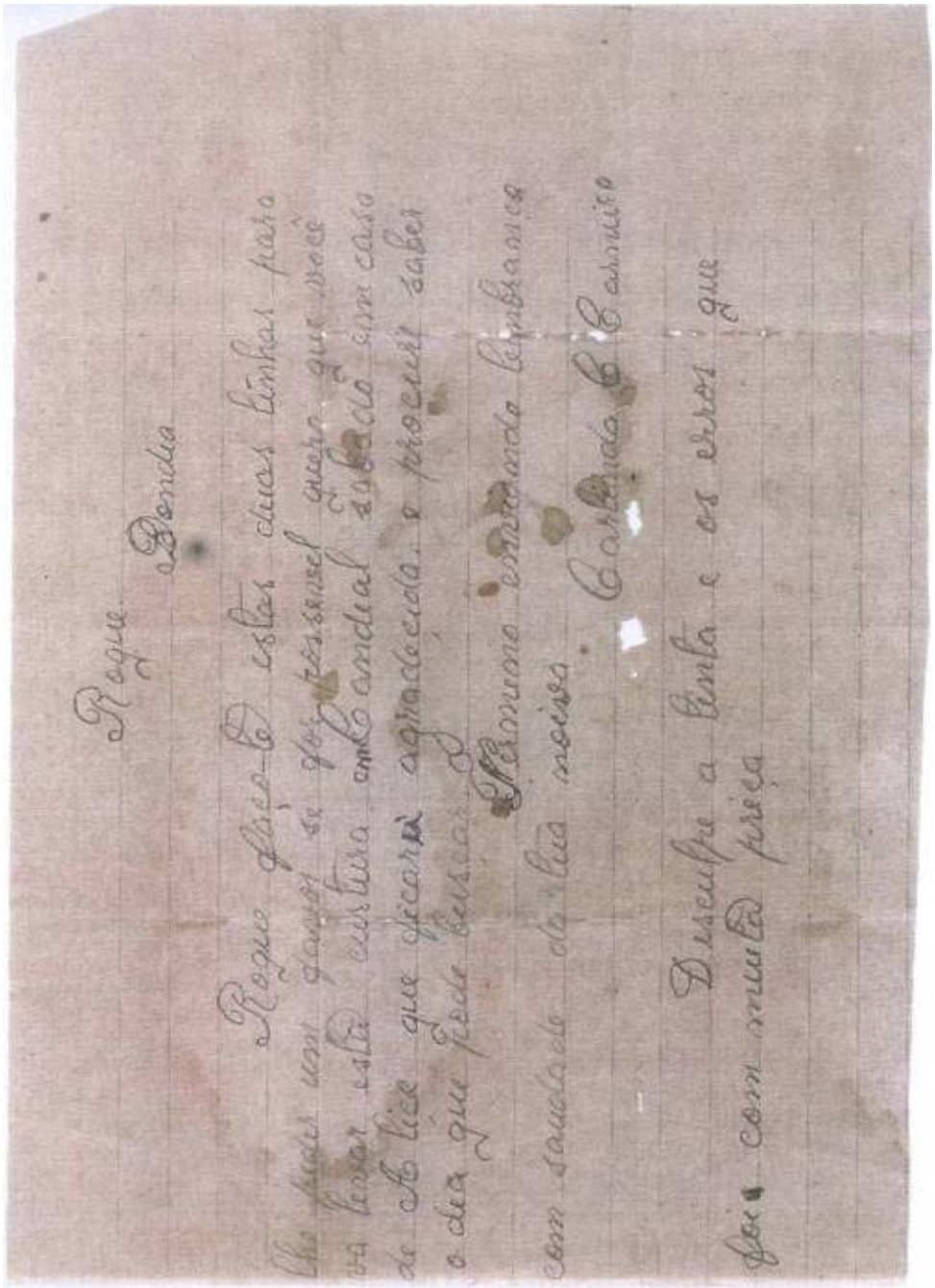
Roque se for possivel quero que você venha aqui de até hoje até amanhã que eu tenho precizão de lhe ver.

Da prima at ordens.

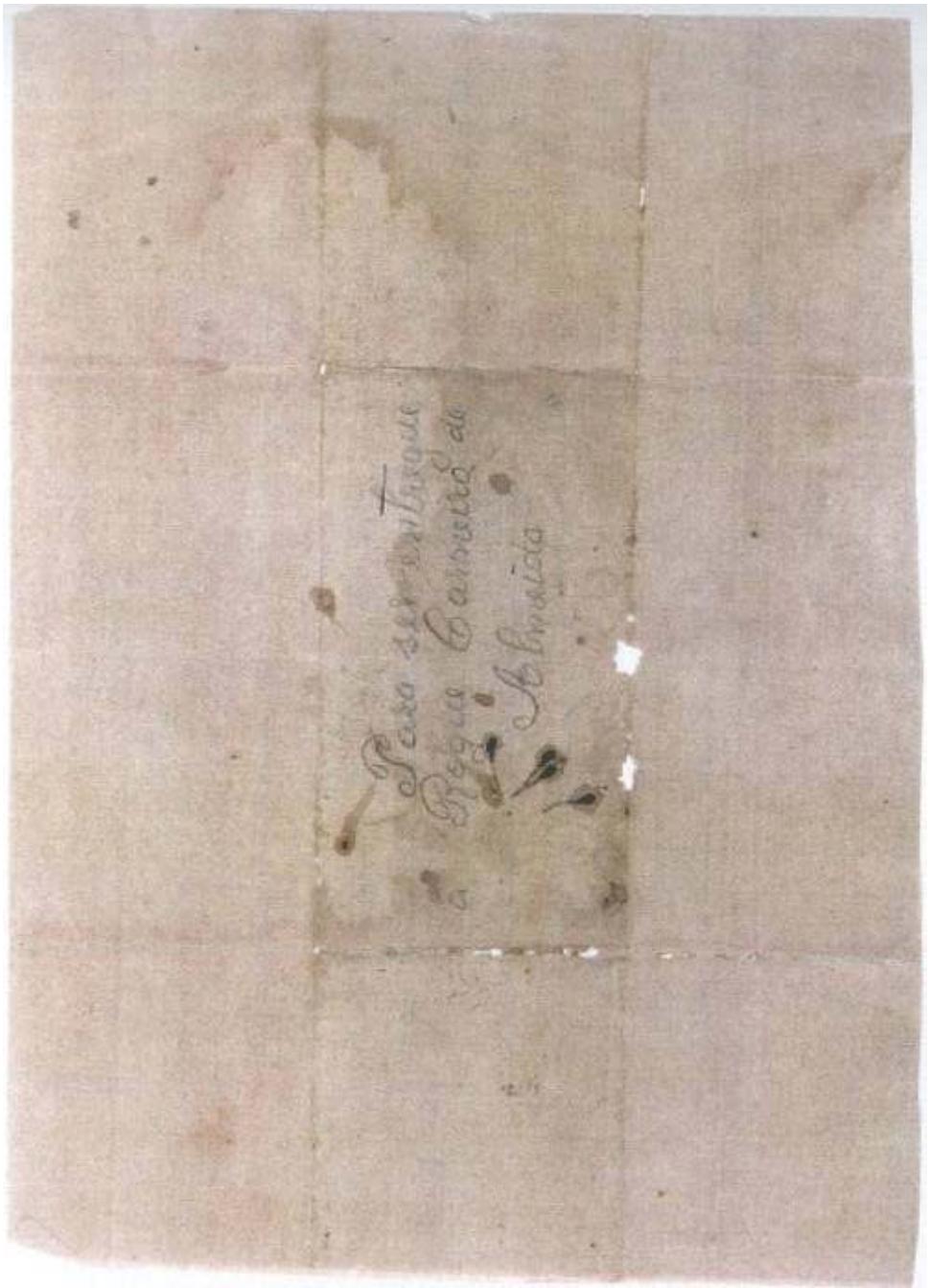
Bibia.

DOC 39 – BILHETE

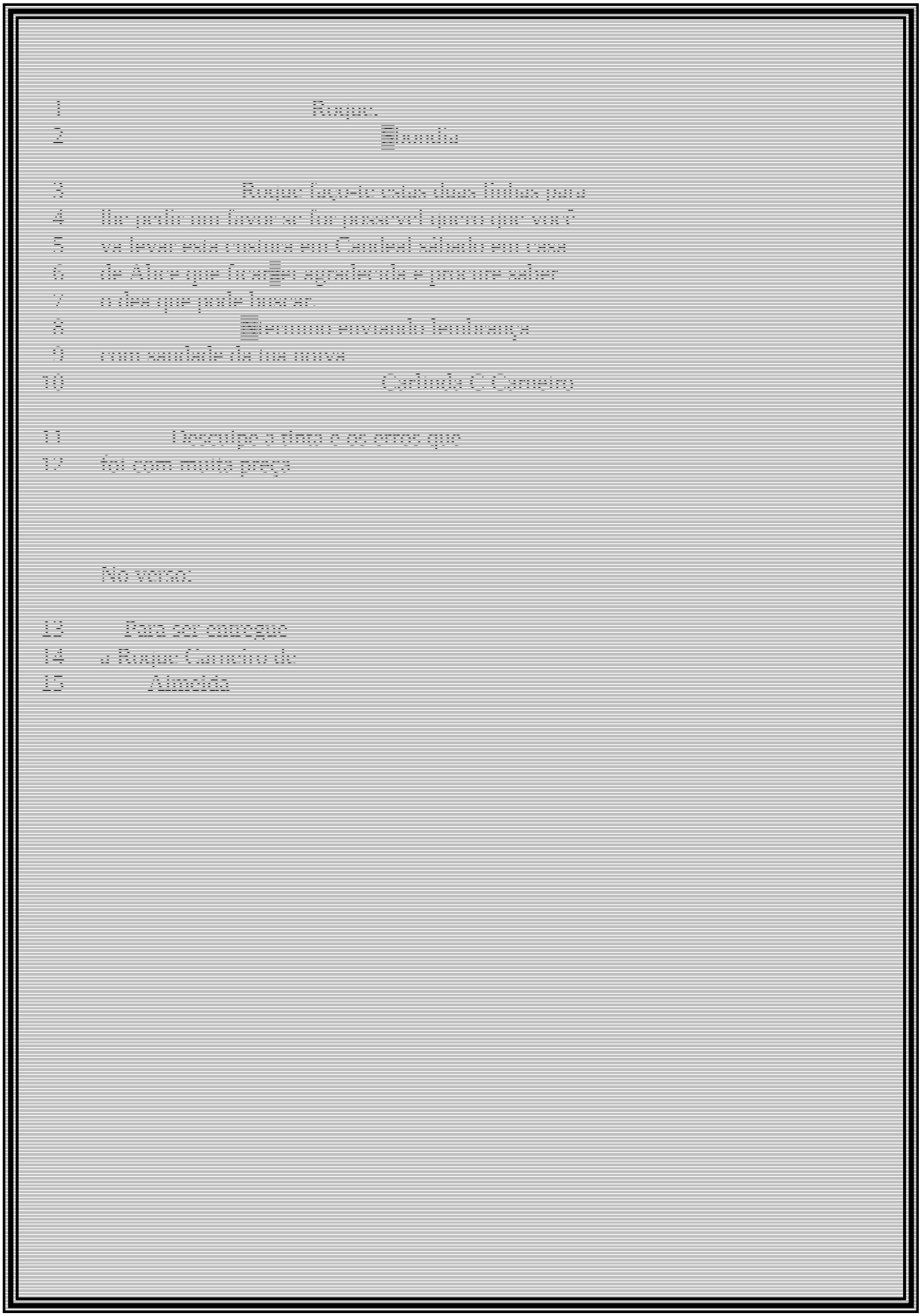
DOC 40 – BILHETE - FRENTE



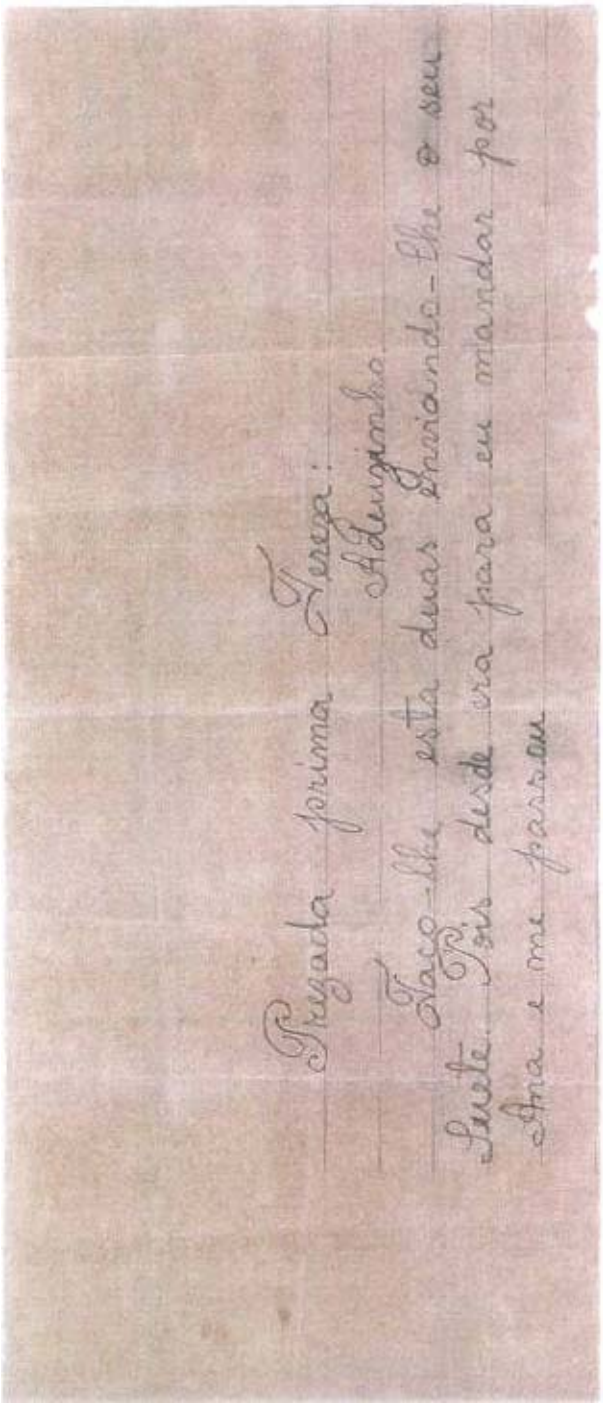
DOC 40 – BILHETE -VERSO



DOC 40 – BILHETE

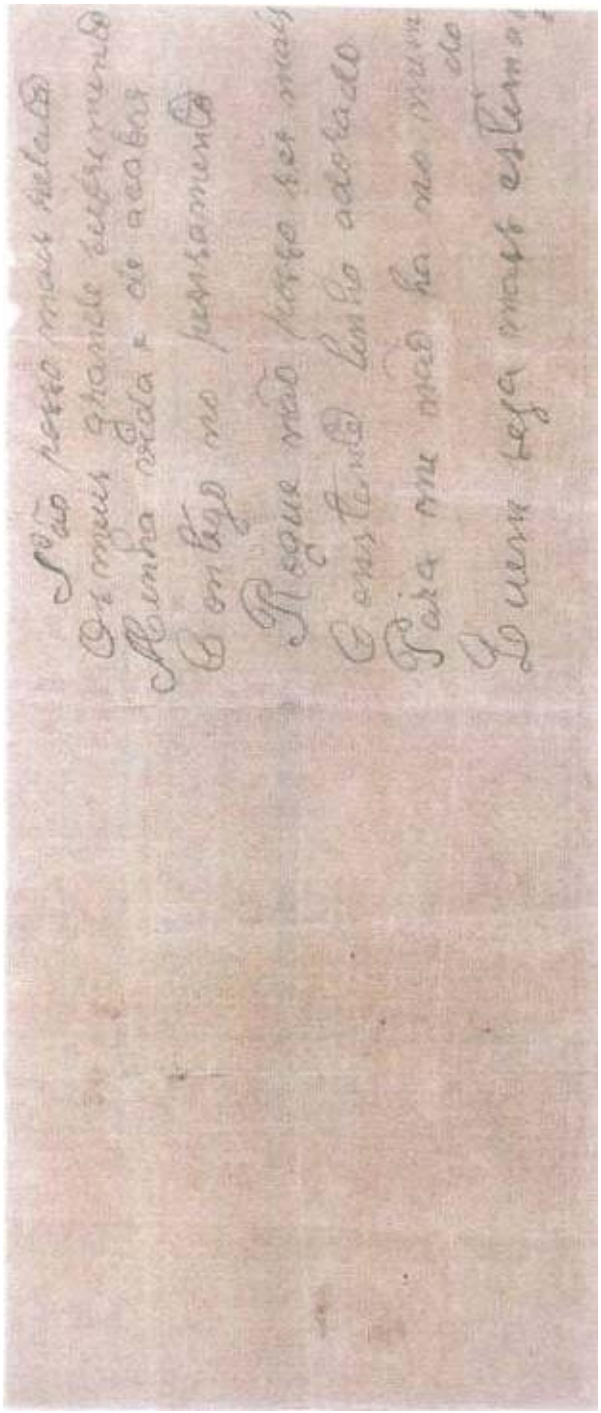


DOC 41 – BILHETE

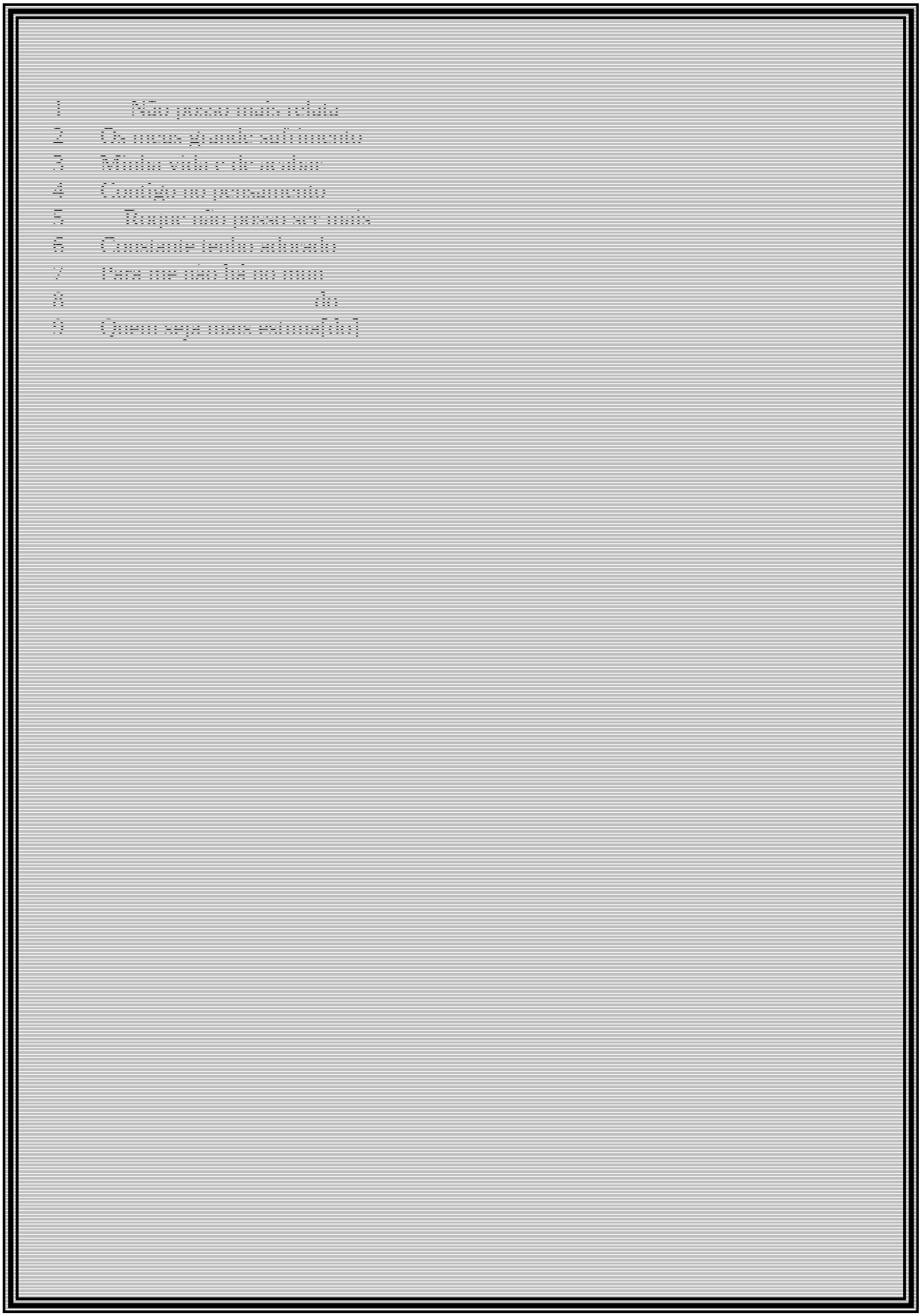


DOC 41 – BILHETE

DOC 42 – POEMA



DOC 42 - POEMA



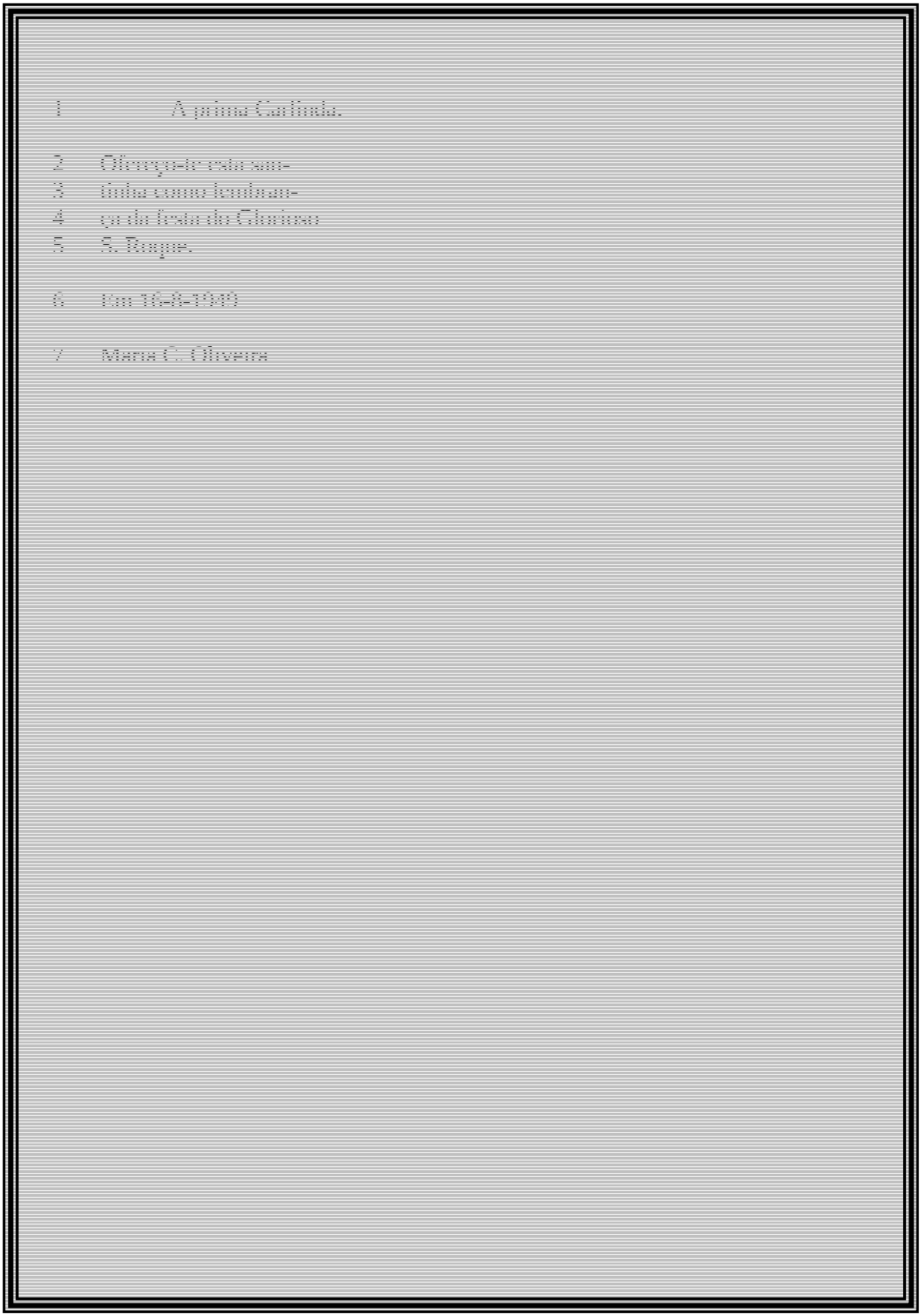
DOC 43 – DEDICATÓRIA EM SANTINHO

A prima Carlinda
Ofereço-lhe esta san-
tinha como lembran-
ça da festa do Glorioso
S. Roque.

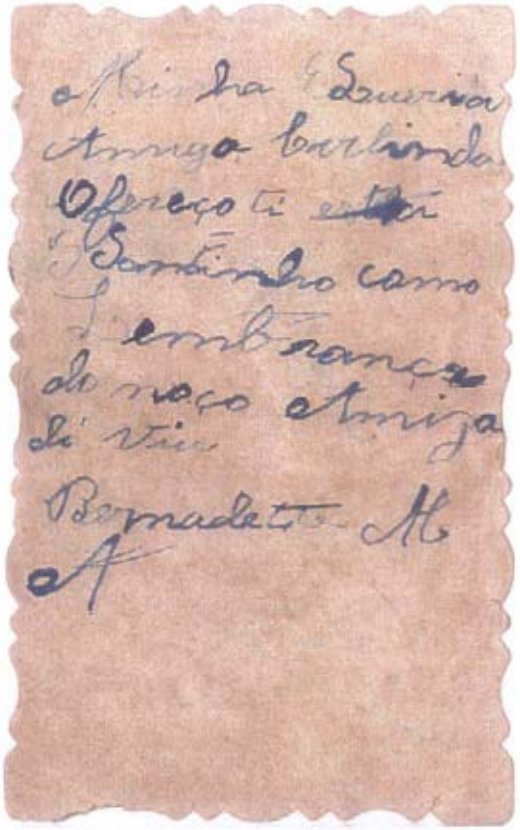
Em 16-8-1949.

Maria L. Oliveira

DOC 43 - DEDICATÓRIA EM SANTINHO

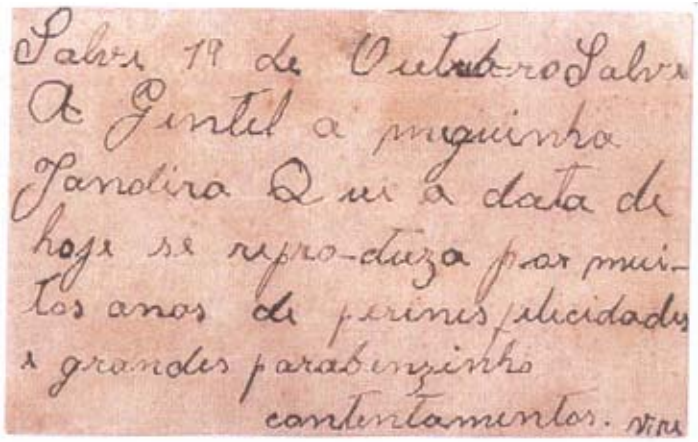


DOC 44 – DEDICATÓRIA EM SANTINHO

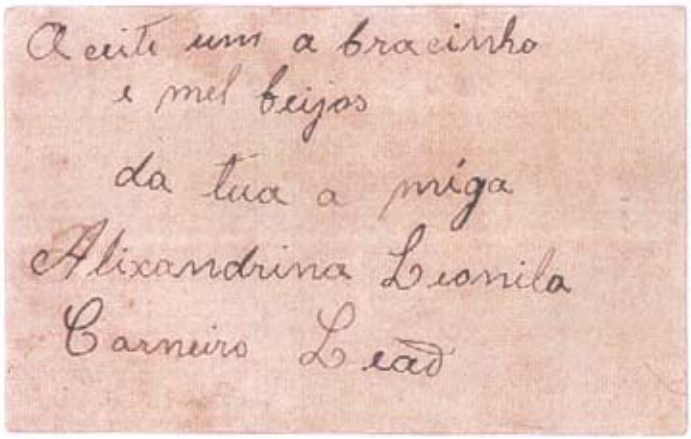


DOC 44 – DEDICATÓRIA EM SANTINHO

DOC 45 - CARTÃO DE ANIVERSÁRIO

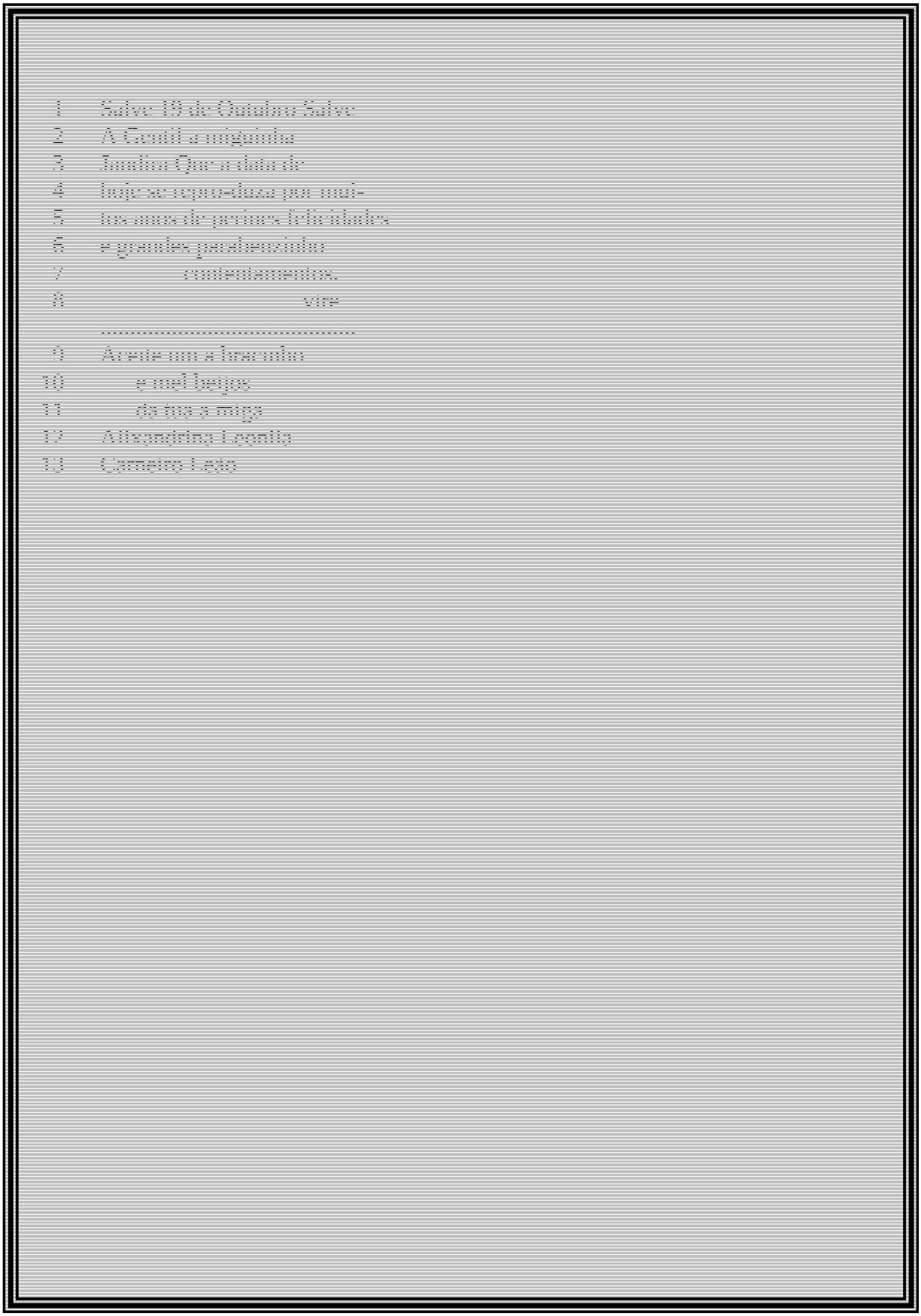


Salve 19 de Outubro Salve
A Gentil a meguinha
Jandira Que a data de
hoje se repro-duza por mui-
tos anos de perenes felicidades
e grandes parabenzinho
contentamentos. vire

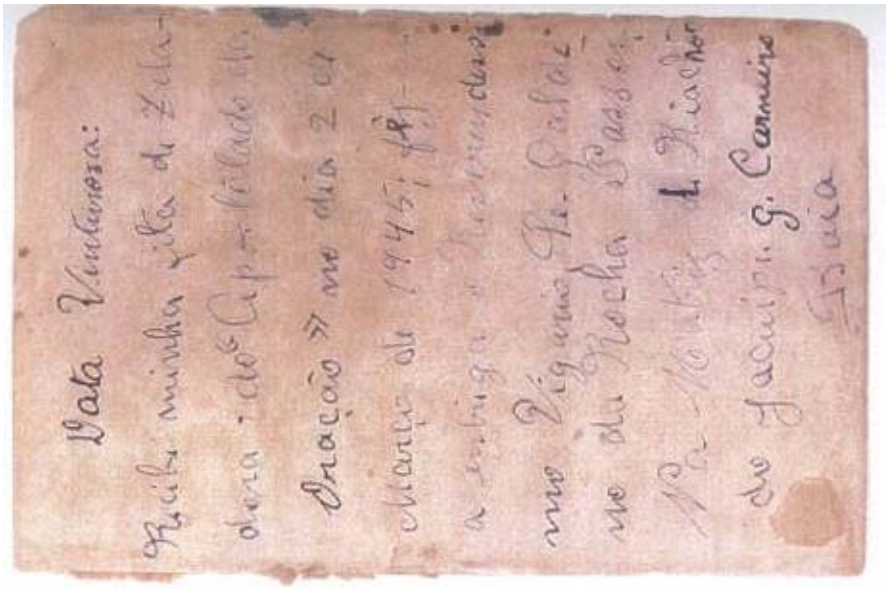


Aceite um a bracinho
e mel beijos
da tua a miga
Alixandrina Leonila
Carneiro Leão

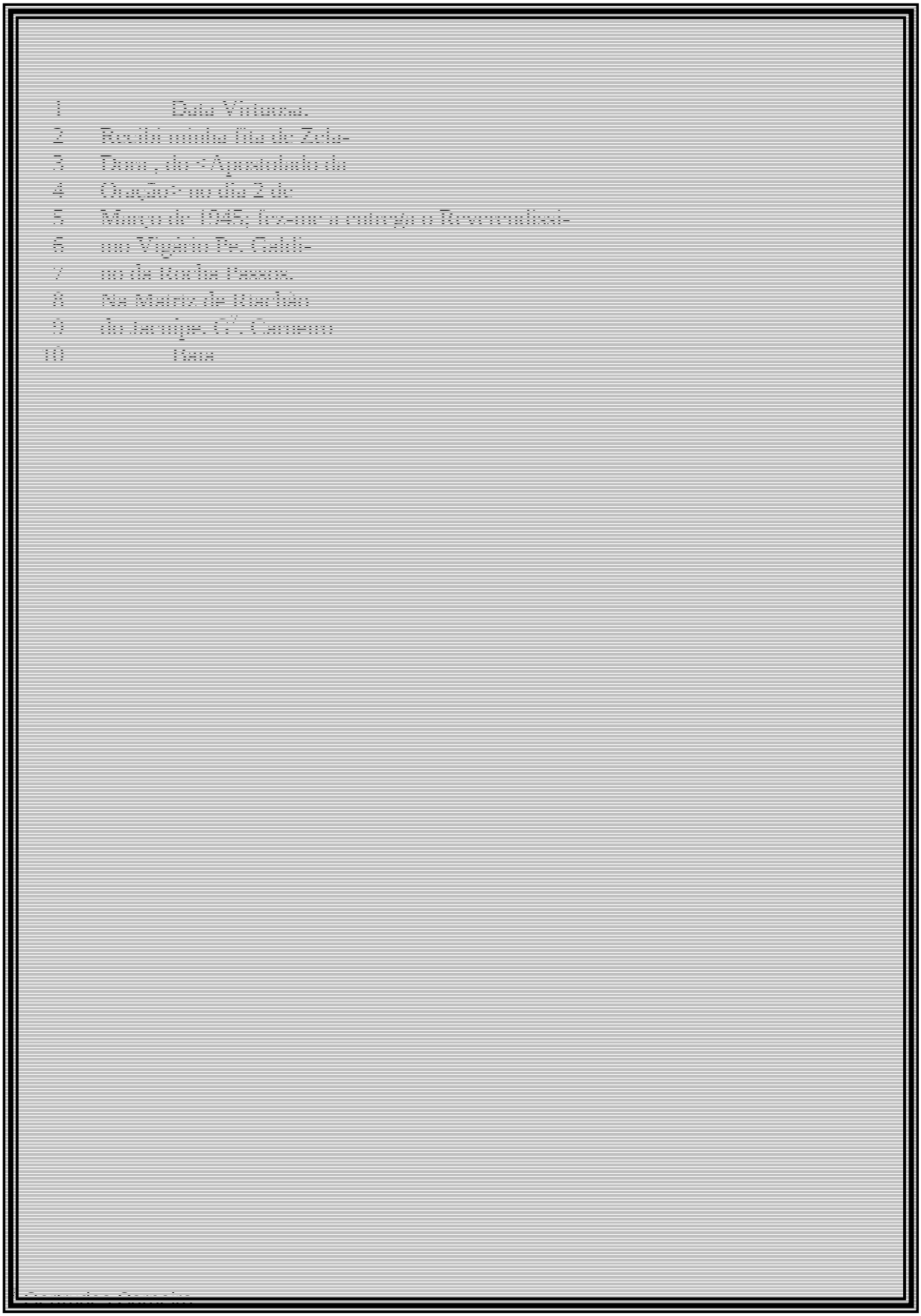
DOC 45 - CARTÃO DE ANIVERSÁRIO



DOC 46 – RELATO PESSOAL

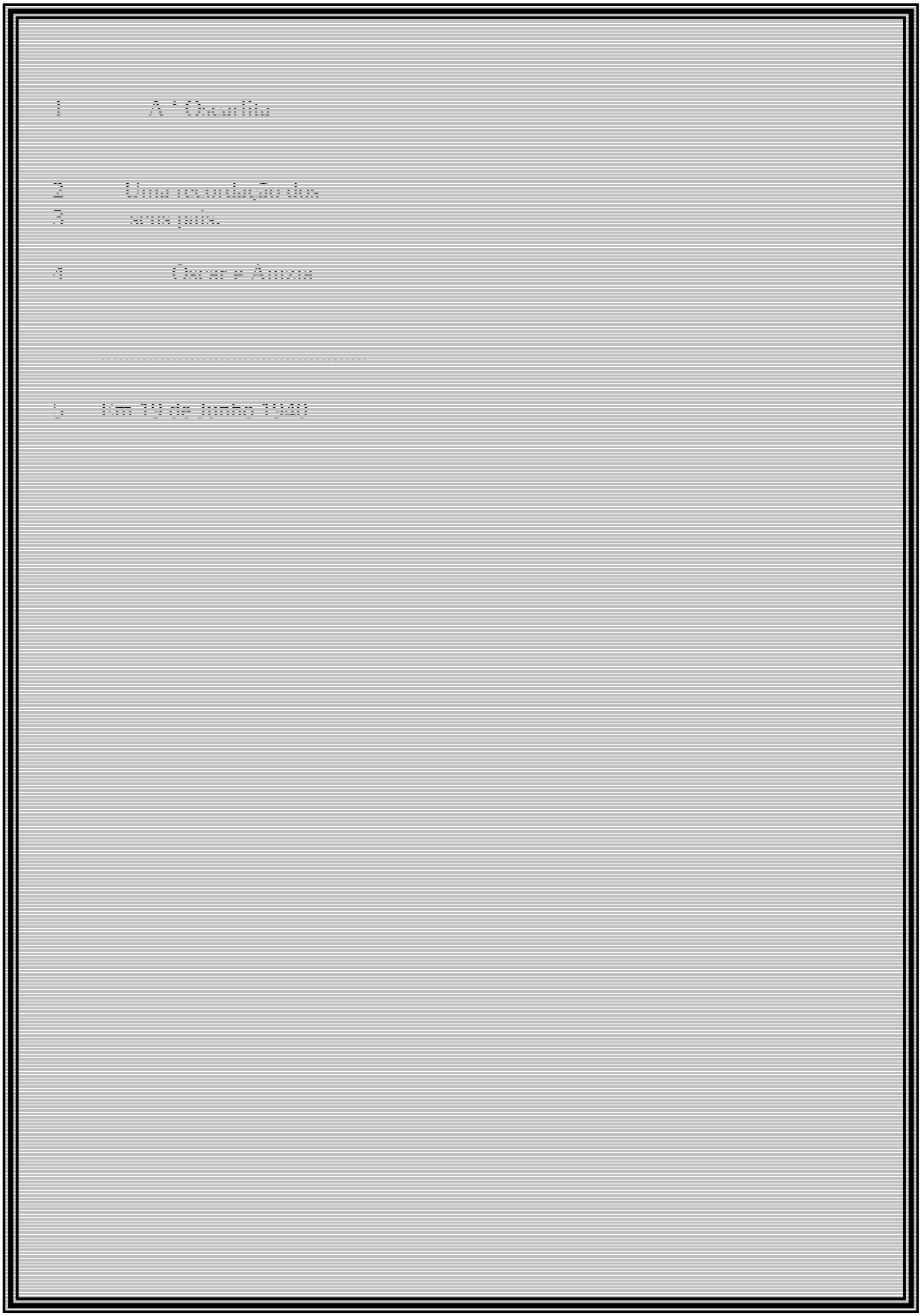


DOC 46 - RELATO PESSOAL



DOC 47 - DEDICATÓRIA EM FOTOGRAFIA

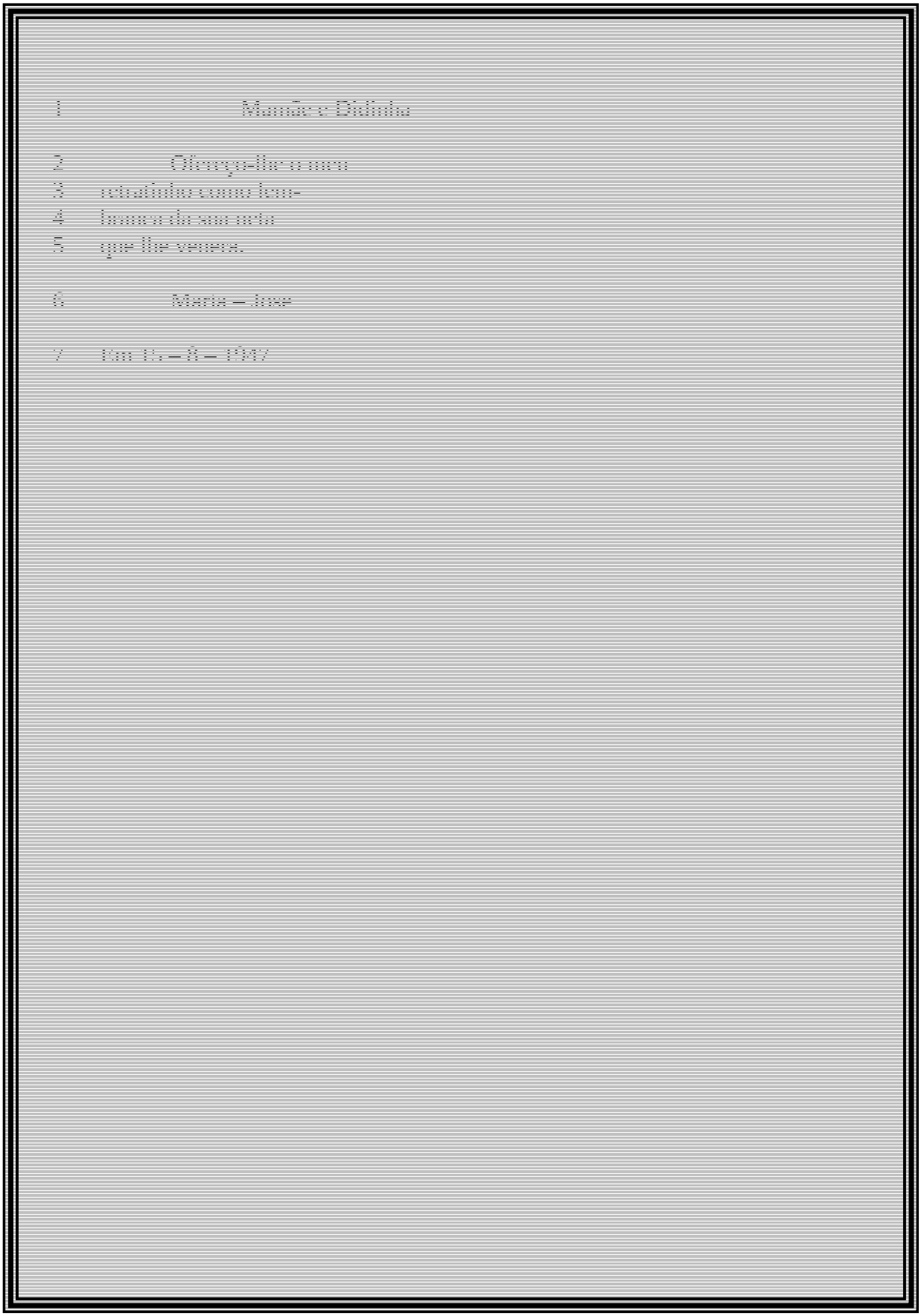
DOC 47 - DEDICATÓRIA EM FOTOGRAFIA



DOC 48 - DEDICATÓRIA EM FOTOGRAFIA

Mamãe : a Didinha
Ofereço-lhe o meu
retratinho como lem-
brança da sua neta
que lhe deseja
Maria — José
Em 15-8-1947.

DOC 48 - DEDICATÓRIA EM FOTOGRAFIA



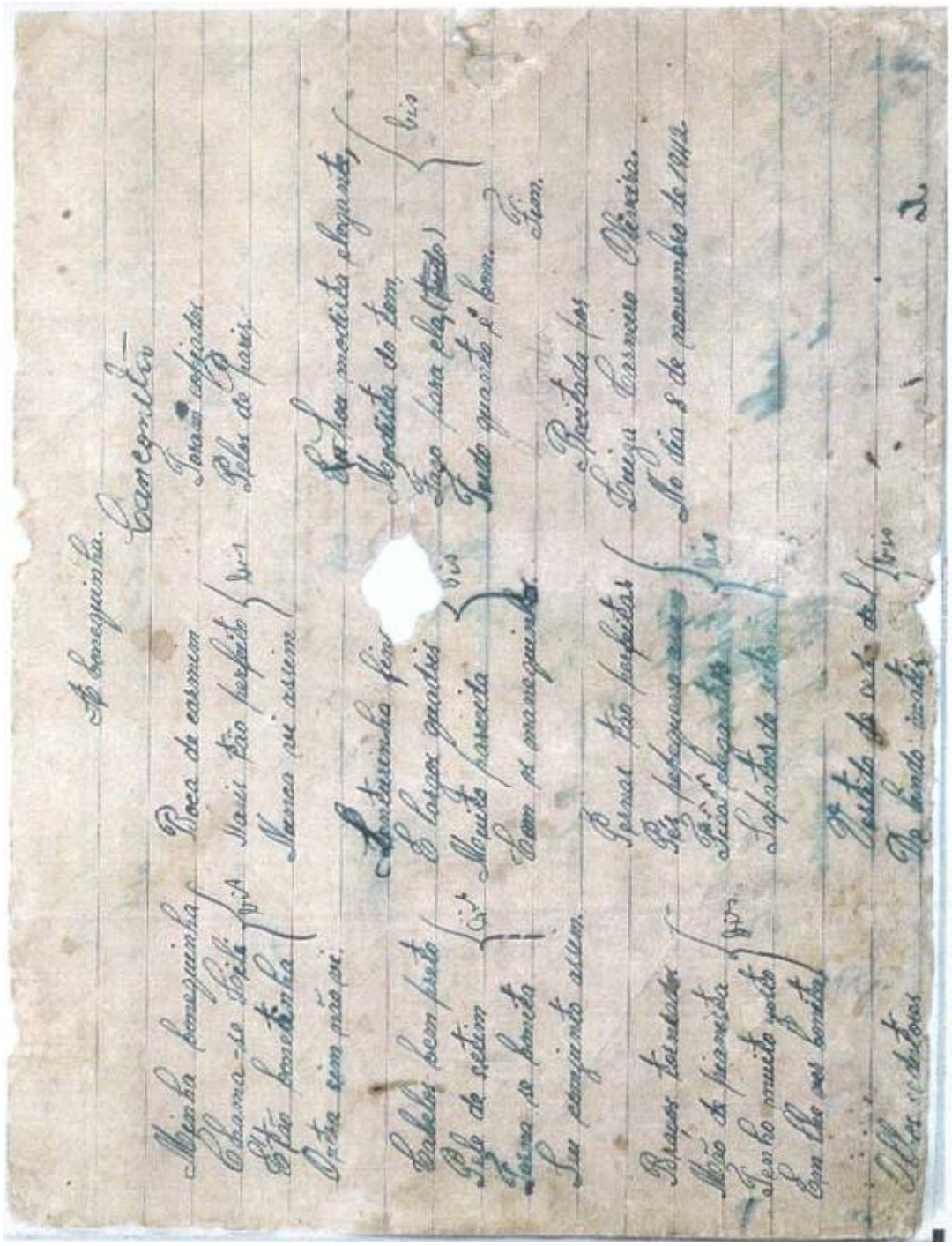
DOC 49 - DEDICATÓRIA EM FOTOGRAFIA

Lygia

Aos amigos
Oscarlito-Berto e filhinhos
Com toda estima
oferece à amiga
grata Lygia.
28-9-49.

DOC 49 - DEDICATÓRIAEM FOTOGRAFIA

DOC 50 - POEMA



DOC 50 -POEMA

A bonequinha
Canconetão

Minha bonequinha
Chama-se Lili
É tãobonetinha
Outra sim não vi.

Cabelos bem preto
Pele de setim
Torna-se bonita
Seu comjunto assim.

Braços torneados
Mão de pianista
Tenho muito gosto
Em lhe ver bonita

Olhos sedutores
Boca de carmim
Naris tão perfeito
Nunca vi assim

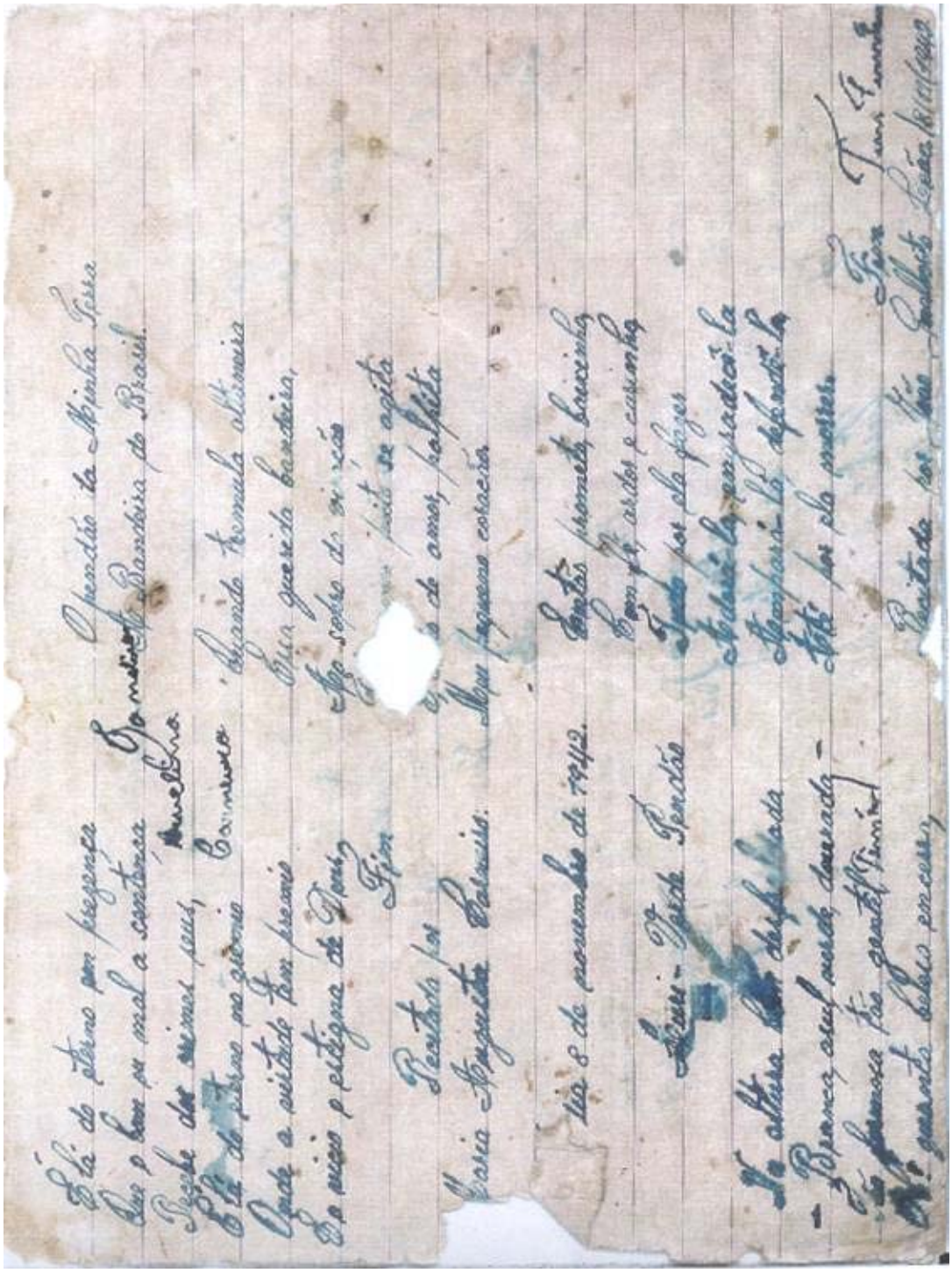
Csinturinha fina
E largos quadris
Muito parecida
Com os manequinhos.

Pernas tão perfeitas
Pés pepequeno assim
Ficam elegantes
Sapatos de setim.

Vestido de seda de-l
De lindo matiz
Foram copiados
Pelos de paris

Eu Ssou modista elegante,
Modista do tom,
Faço pra ela. (tudo)
Tudo quanto é bom.
Fim.
Recitada por
Luiza Carneiro Oliveira
No dia 8 de novembro de 1942

DOC 51 e 52 - POEMAS



DOC 51 - POEMA

É lá do eterno em prezença
Que o bem ou mal a centença
Recebe dos crimes seus,
É lá do eterno no gremio
Onde a virtude tem premio
E o vicio o estigna de Deus
Fim

Recitada por
Maria Augusta Carneiro.

dia 8 de novembro de 1942.

DOC 52 – POEMA

Auri – Verde Pendão

Na altura bem desfraldada
- Branca, asul, verde, dourada -
Tão formosa tão gentil,
Oh! Quanta belesa encerra,
O pendão da Minha Terra
A Bandeira do Brasil.

Quando tremula altaneira
Essa querida bandeira,
Ao sopro da viração
.... [8]peito se agita
E, ... [9] de amor, palpita
Meu pequeno coração

Então prometo, baixinho,
Com fé, ardor e carinho,
Tudo por ela fazer
Adorá-la, engradecê-la
Ampará-la, defendê-la
Até por ela morrer.

Fim Fim FimFim

Recitada por João Gualberto Leão / 8/11/1942

---

[8] Trecho obstruído
[9] Trecho obstruído

Anexo F: Álbum dos informantes.

Carlinda Carneiro
e
Roque C. de Almeida

Francisco Almeida
e
Mª Augusta Carneiro

Manoel Geraldo Carneiro e Leopoldina Augusta Carneiro

Jandira

Deca

Iva Maria

Maria José

Mª de Lourdes Almeida

Maria Carneiro

Bernadete Mascarenhas Carneiro

Josefa Carneiro

Luiza Carneiro

Joana Carneiro

AnaCarneiro de Almeida

Izaac Mascarenhas

Pedro Alexandrino Carneiro

João Gualberto Leão

Gertrudes Carneiro

Maurício L. Carneiro

Tereza Mascarenhas
e
Ricardo Mascarenhas

Jandira Carneiro / Pedro Alexandrino de Almeida
e
Maria Bernadete C. de Almeida

Anizia Mascarenhas
e
Oscar Cedraz

Oscarlita M.Cedraz

Lígia Cordeiro

Eventos Religiosos

Lotação partindo da Faz. Lagoa da Aroeira- R. Do Jacuípe - Ba, em romaria para Nossa Senhora das Candeias -Ba, realizada por Roque Leão Carneiro, proprietário do veículo.

Altar da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Festa realizada anualmente em 8 de dezembro, em homenagem à Padroeira da Cidade.

Hábitos e costumes populares

Turma de 1° ano primário, Professora Noélia Carneiro.Faz. Lagoa do Roçado, do Sr. Izaac Mascarenhas, vizinho à Faz. Alto da Umburana. Foram alunos dessa Professora os irmãos mais novos de Carlinda.

Sepultamento do Sr. José Carneiro, Faz. Laranjeiras, de onde partiu para cemitério de Riachão do Jacuípe - Ba. Observamos que o traje das pessoas denuncia costumes em comum.

Carro-de-boi, transporte usado no carreto de pedras, cereaise demais utilidades no trabalho do homem do campo. Na foto, Pedro Carneiro, empregado mais privilegiado da Faz. Alto da Umburana Riachão do Jacuípe - Ba.Vestia-se de paletó para acompanhar o patrão em serviços; além de portar-se assim em refeições na residência do patrão, Manoel Geraldo Carneiro.

Esta Capela foi levantada em local de sepultamento de Roque Raimundo, irmão de Carlinda. Situada na Faz. Alto da Umburana, representa a religiosidade da família. Nesta Capela, eram realizados cultos dominicais e eventuais missas solenes.

Anexo G: Registro de nascimento e casamento dos informantes

FIRMA RECONHECIDA ...

Talão n. 15

Página 82

República dos Estados Unidos do Brasil

Estado de Baia

Comarca de Feira de Santa Ana

Município de R. do Jacuipe

Distrito de R. do Jacuipe.

REGISTRO CIVIL

José Tiburcio da Silva

Escrivão de Paz e Oficial do Registro Civil

NASCIMENTO N. 102

CERTIFICO que às fls. 111 V do livro n.º 18 de registro de nascimentos, foi lavrado hoje o assento de Ina Maria Carneiro nascido aos 16 de Outubro de 1940, às 23 hora, em a fazenda Alto da Umburana, deste distrito. do sexo Feminino de côr branca, filha legitima de Manoel Geraldo Carneiro, e D. Leopoldina Augusta Carneiro, sendo avós paternos Manoel Pedro Leão e D. Placida de Jesus Carneiro, e maternos Marcilliano Carneiro Pôço, e D. Joana Fagundes Carneiro, Foi declarante Manoel Geraldo Carneiro, e serviram de testemunhas Braz Bispo dos Santos e Leonidio Albino dos Santos,

Observações:

O referido é verdade e dou fé.

Riachão, 17 de Outubro de 1940

José Tiburcio da Silva

Oficial.

Tip. Artistica A. G. & Cia. S. J. B. Vista

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

Acinete Santos Silva
Oficial
Fátima Liana Mascarenhas Dantas de Carvalho
Escrevente
Maria Helena Oliveira do Couto
Escrevente

ESTADO DA BAHIA
PODER JUDICIÁRIO

Série AA
Nº 842336

COMARCA DE Riachão do Jacuipe
Subdistrito de Sede
CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL DE PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE CASAMENTO

Eu, Acinete Santos Silva., Oficial do Registro Civil do subdistrito de Sede,
Certifico que no livro de registro de casamentos, sob o nº 07 existente em meu poder e cartório, às fls. 449, consta o termo nº 786 do casamento do Sr. Pedro Alexandrino de Almeida.
com Jandira Aquelina Carneiro.,
que passou a chamar-se Jandira Aquelina Carneiro de Almeida.
, realizado a 10 de fevereiro de 1967 perante o Bel. Galileu Lima MM. Juiz de Direito desta Comarca
, presente as testemunhas Joaquim Manoel Carneiro e Ola o Jose de Almeida, residentes nesta cidade.
, casados sob o regime Comunhão Universal de bens.

O NUBENTE:

Estado civil solteiro
Natural Riachão do Jacuipe-Ba.
Profissão lavrador
Nascido em vinte e seis de novembro de mil novecentos s e trita e dois (26.11.1932). x.xx.
Residente neste distrito.
Filho Anselmo Silvino de Almeida falecido- e doHigina Satira de Oliceira, residentes neste distrito.

A NUBENTE:

Estado civil solteira.
Natural Riachão do Jacuipe-Ba
Profissão Lavradora.
Nascida em dezoito de outubro de mil novecentos e trinta e nove xx(18.10.1939). x.xx.
Residente neste distrito.
Filha Manoel Geraldo Carneiro e de Leopoldina Augusta Carneiro, residentes neste distrito.

OBSERVAÇÕES:
Foi averbado em 09.10.95. o termo de Retificação retificando a prpfiss da Nubente para lavradora, conf. Mand. de Averb. emanando da Comarca de Capela do Alto Alegre-Ba. assinado pepo MM Juiza Dra. Regina Helena Si Marque . Extraído dos autos nº 252/95. x.xxx.

O referido é verdade e dou fé.

Riachão do Jacuipe, 09 de Outubro de 1995

OFICIAL

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

ESTADO DE Bahia

COMARCA DE R. do Jacuipe

MUNICÍPIO DE R. do Jacuipe

1º DISTRITO DE Séde

Maria do Carmo Mascarenhas Leps Oficial do Registro Civil e das Pessoas Naturais Riachão do Jacuipe - Ba.

Oficial do Registro Civil

Casamento N.o 70

CERTIFICO que, à fls. 255,v à 256 do Livro N.o 5 de Registro de Casamentos foi lavrado xxxx o assento do casamento de Gilberto Silva Lima e Oscarlita Mascarenhas Cedraz e x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x, contraido perante o Exmo. Sr. Dr. Juiz Pretor deste Têrmo, Eurico Alves Boaventura e as testemunhas Roque Gonçalves de Oliveira e Manoel Ranulfo de Mendonça Téles, Funcionários, Publicos, residentes nesta Cidade - - - - - - - - - - -

Ele, nascido em Candeal- Ba. x x x x x x x x x x x x aos 09 nove de março de 1921, profissão lavrador domiciliado em neste distrito e residente em neste distrito filho de Maria da Silva Lima x x x x x x x x x x x x x x nascido em x x x x x x x x x x x x x x domiciliado em x x x x x x x x x x x x x x e residente distrito de Candeal e de D. x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x, nascida em x x x x x x x x x x x x x x x domiciliada em x x x x x x x x x x e residente em x x x x x x x x x x x x x x

Ela nascida em R. do Jacuipe- Ba x x x x x x x x x aos 28 vinte e oito de maio de 1925, profissão doméstica domiciliada em neste distrito e residente em neste distrito filha de Oscar da Silva Cedraz d x x x x x x x x x x x x, nascido em x x x x x x x x x x x x x, domiciliado em x x x x x x x x x x x x e residente neste distrito e de D. Anizia Mascarenhas Cedraz - - - - - - -, nascida em - - - - - - - - - - - domiciliada em - - - - - - - - - - - e residente em neste distrito

A contraente passa a assinar-se Oscarlita Cedraz Lima - - - - - - - - -

Foram apresentados os documentos exigidos pelo art. 180 N.os I à IV - - - - - do Código Civil. -- Observações: Realizado em 10 de dezembro de 1943 - AVERBADO- no Livro nº 5 fls 255,v à 256 nº 70 - DISSOLUÇAO do Casamento- SENTENÇA, M. M. Juiza de Direito da Comarca de Riachão do Jacuipe, Dra. Lisia Santiago Di Credico. x x x x x x

O referido é verdade e dou fé.

Riachão do Jacuipe, 29 de julho de 1978

Maria do Carmo Mascarenhas Leps

Oficial

T. S. D. S/A - Ord. 8/3

REGISTRO DE NASCIMENTO - FORUM RIACHÃO